

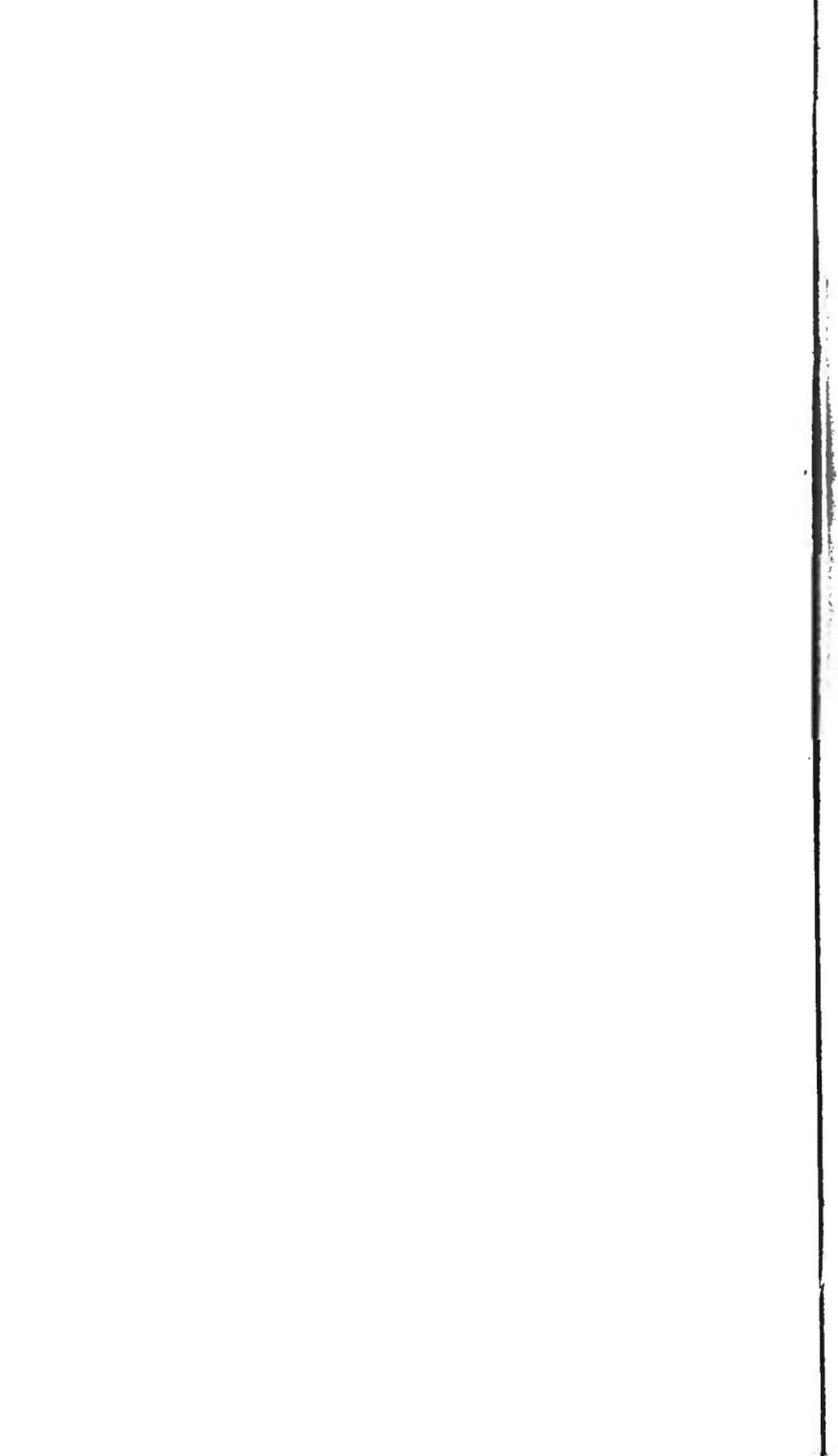


Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**







# OBRAS POETICAS

DE

**CLAUDIO MANOEL DA COSTA**

(GLAUCESTE SATURNIO)

---

**NOVA EDIÇÃO**

Contendo a reimpressão do que deixou inedito ou anda  
esparso, e um estudo sobre a sua  
vida e obras por

**JOÃO RIBEIRO**

da Academia Brasileira

**TOMO I**

**SONETOS, ECLOGAS, EPISTOLAS, FABULA E EPICEDIOS**

---

**H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR**

71, — RUA DO OUVIDOR, — 71

**RIO DE JANEIRO**

—  
1903





# OBRAS POÉTICAS

DE

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

(GLAUCESTE SATURNIO)



NOVA EDIÇÃO

Contendo a reimpressão do que deixou inedito ou anda  
esparso, e um estudo sobre a sua  
vida e obras por

JOÃO RIBEIRO

da Academia Brasileira

TOMO I

SONETOS, ECLOGAS. EPISTOLAS, FABULA E EPICEDIOS



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, — RUA DO OUVIDOR, — 71

RIO DE JANEIRO

1903



# ADVERTENCIA

---

A presente edição das obras de Claudio Manoel da Costa foi pela abundancia de materia dividida em dous volumes. Em seguida ás suas *Obras*, da edição de 1768, dispuzemos o poema *Villa Rica* e as poesias ineditas.

No que é relativo ao texto das *Obras*, impressas ainda em vida do auctor, não quizemos corrigir sem vantagem a orthographia da edição primitiva, a qual, segundo era a do tempo, mais se aproximava da pronuncia; apenas limitamo-nos a não segui-la na pontuação sempre defeituosa, e em certos archaismos que hoje fariam mau ver (*rey, ley, athé, cançoens*, etc.).

Ao juizo critico que precede o texto ajuntamos os documentos essenciaes que completam a biographia do infeliz poeta. Com isso prestamos modesto serviço ás letras patrias, reunindo o que andava esparso e offerecendo os materiaes que até hoje foram encontrados á meditação e ao estudo d'aquelle que um dia fizer a edição definitiva das obras do poeta mineiro.

---



# CLAUDIO MANOEL DA COSTA

---

*Carta ao Sr. José Verissimo sobre a Vida e as  
Obras do poeta.*

Meu prezado mestre e collega!

A falta de uma edição tão completa quanto fosse aqui possível organizar das obras poeticas de Claudio Manoel da Costa, inspirou-me a idea de tentá-la, e ousei a fazel-o, é certo, porque a V. e poucos outros que exercem entre nós o honesto e ingrato dever da critica, é que cabiam a attribuição e a auctoridade de emprehendel-a. Muito tempo escoará ainda até que se façam dos nossos auctores as edições perfectas e definitivas com a revisão completa dos textos, as concordancias, as variantes, e as interpoações: será isso a tarefa d'outra edade, quando já desattento dos nossos cuidados, possa um homem consagrar toda a vida ao estudo de outra vida.

Hoje a necessidade de fazer tudo pelo dever de não esquecer cousa alguma, produz esses inventarios appressados nos quaes outra mais severa justiça descobrirá vicios e corrupções, e o bisonho critico perderá a sem razão ou o direito só por que

disse como o ignaro romano *arbo* em vez de *vites*. Não ignoro, pois, os rigores do processo e também é um pouco para me forrar ás penas d'elle que me acolho á experiencia e á sympathy do mestre.

Na nossa *Academia de Letras* a memoria de Claudio Manoel da Costa foi honrada e lembrada por um dos nossos collegas, e um dos maiores poetas da geração presente o Sr. Alberto de Oliveira. Sem embargo d'essa escolha, que foi excellente, e de outras glorificações que o poeta tem merecido, pode-se dizer que o povo quasi perdera de vista o seu vulto e as feições que o faziam certo e comsigo mesmo parecido.

N'elle sempre estiveram promptos a lembrar o patriota e a esquecer o poeta. O seu livro principal é raro quasi como um incunabulo, e excepção feita dos curiosos e bibliomanos, só é conhecido e mal pelo que está nas anthologias e collectaneas. E é curioso verificar, só o patriotismo ou o sentimento local é que explica as duas edições da unica das suas obras, assignaladamente inferior a todas as outras.

Esta modesta edição não tem mais que o intuito todavia já de si meritorio, de vulgarizar as obras do poeta que Garrett, de tão grande fé na materia, considerava o rival de Metastasio.

Ao colligir e ao recolher os materiaes esparsos que formam as obras do poeta, impoz-se a necessidade de estudar-lhe a vida, e logo notei quam pouco se sabe d'ella. Em passos essenciaes falham os documentos, ou a auctoridade dos historiographos. Toda a sua biographia foi intencionalmente eivada de invenções e de fabulas que felizmente já se dis-

siparam, conhecida a ausencia de escrupulos dos seus inventores. De algumas das suas producções e pequenos opusculos publicados em Coimbra apenas resta a noticia bibliographica, até que o acaso ou a diligencia de pesquisadores mais felizes os tragam á publicidade. Varios periodos da vida do poeta são intensamente obscuros: o da sua infancia e adolescencia no Collegio dos Jesuitas e, maxime, o ultimo decennio de sua vida que parece de absoluta inactividade.

Com tantas falhas e tão minguada bagagem estime V. em quanto trabalho se ha de contar a minha tarefa. O estudo do meio em que se agitou a personalidade do poeta e a meditada leitura dos seus versos deram-me essa impressão que transmito tão sinceramente quanto senti.

Não esqueci, d'entre os meus deveres interinarios de critico e escoliasta, o de discutir todos os pontos duvidosos e de negar fé a quanta asserção (ainda de boa fé) não me parecesse bem estabelecida e fundada. Nos admiradores do poeta ha sempre mais pendor para os vaticinios do que para as realidades. Mas cuido que pude amal-o sem trair a conveniencia de ser verdadeiro.

Quando uma vez escreveu V. do poeta que era um *virtuose*, esta só palavra deu-me o resume e a expressão cristallina que de balde eu procurava para apurar-lhe o valor. Havia eu chegado ao mesmo resultado mas diffusamente sem tocar a definição verdadeira.

patria que lhe dictou um assumpto local, da capitania ou mesmo, do paiz onde havia nascido. Por isso mesmo, na dedicatoria do poema ao segundo Conde de Bobadella exprime-se em termos mais exactos:

» Depois de haver escripto o meu poema da fundação de *Villa Rica, Capital das Minas Geraes, minha patria...* »

E aqui já a clareza do epilogo do poema começa a annuear. Quando o poeta apostropha a *Villa Rica*, não tem em mente apenas a cidade, mas a patria e com ella o seu poema; n'essa passagem é apenas o imitador de Basilio que tambem diz:

*Seras lido, Uruguay!*

Em qualquer caso para o homem que vivia no funcionalismo, na advocacia e no fôro, ao seu espirito apresentava-se, pela natureza das questões de officio que muitas vezes devia tratar, a unidade estreita de Mariana e Villa Rica aquella localidade subordinada e até designada por esta em cousas de justiça, pois eram a mesma comarca no tempo em que só havia trez em todo o territorio das Minas. Mariana é termo de Villa Rica. e pois Villa Rica podia acaso ser chamada o berço do poeta, tanto melhor quanto o poeta não nascera propriamente no local da cidade, mas em terras d'ella.

Essas conjecturas coincidem com a verdade quando d'ellas arrazoamos todas as demais provas que o proprio poeta nos fornece. No *Auto de perguntas* da Conspiração de 89, o poeta diz ser « natural da Cidade de Mariãna », no registro de

baptismos, ahí é apresentado á pia ; e são innumeros os passos das suas obras onde a affirmação se faz de modo positivo, claro e ás vezes minuciosamente. Eis alguns d'esses trechos:

No prologo das suas *Obras* (edição *princeps* e unica) diz o poeta :

« Esta (paixão) me persuadiu a invocar muitas vezes, e a escrever a *Fabula do Riberão do Carmo*, rio o mais rico d'esta capitania que corre e dava o nome a cidade de *Mariana*, minha patria quando era villa. »

Estão na ECLOGA III os versos :

As lusitanas glorias  
Levará a meu canto  
Se o *patrio Ribeirao* me inspira tanto.

Ainda na ECLOGA XIV Alcino (que é o poeta) fala do

« Turvo e feio um ribeiro... »

e no *Ribeirão do Carmo* :

Vizinho ao berço caro  
Aonde a patria tive.

Entre as suas poesias ineditas que, prestando inestimavel serviço ás letras patrias, publicou o douto sr. Ramiz Galvão, as allusões ao berço natal são também frequentes.

Na *Ecloga, saudade de Portugal e alegria de Minas*, deparam-se referencias preciosas, e n'uma de suas *Odes* que começa *Florescentes oiteiros* ha estes trechos :

« Formosas habitantes  
Do *patrio ribeirão*...

.....  
*Venturoza Mariana*

.....  
Genios do *patrio rio*.

E assim muitos outros que omitto por já ser de mais o allegado. Ainda concorre para robustecelo, o requerimento de Claudio para habilitar-se á carreira sacerdotal o que não levou avante (1), renuncia feliz que o não arrancou ao seio culto da Europa onde em mais polido e menos desconsolado meio estava a apurar, esmerando-as, as suas grandes aptidões naturaes.

Foi entre os aspectos selvagens e quasi bravios da

(1) Não tem razão José Pedro Xavier da Veiga nas suas excellentes *Ephemeridades mineiras*, com tanto labor organisadas, para contestar com tão futeis fundamentos a natureza d'essa prova. O texto do requerimento é: « Diz Claudio Manoel da Costa filho legitimo de João Gonçalves da Costa e Tereza Ribeira de Alvatinga da Vargem do Itacolumi... etc. » Em uma inquisição *de puritate sanguinis*, só havia naturalmente a necessidade de indicar a filiação do requerente ; a este e não aos paes é que podia aproveitar para esclarecimento a indicação de naturalidade ou residencia quando uma não fosse differente da outra. Por isso não entravam outras allegações por menores e insignificantes. Xavier da Veiga, apesar de que é consciencioso e probó nas suas investigações, tomava aqui o partido (cousa muito dos costumes provincianos e locaes) de que *Ouro-preto* devia « vindicar a gloria de ter dado o berço ao seu *involvidavel cantor* »... Com esse estreito espirito de proselytismo não é possível descobrir a verdade. Não nos esqueça todavia fazer justiça ao estudioso investigador a quem devemos o esclarecimento de muitas duvidas que sem o seu zelo e intelligencia não estariam ainda dissipadas.

natureza que se lhe formaram as primeiras impressões da meninice em alma que havia de sempre ser fragil, mimosa e delicada. Ali, a terra é toda de ferro, mineral e dura, as aguas não tem nivel, nada reflectem, e o ceo não tem profundeza tanto as nevoas o toldam e apagam :

D'estes penhascos fez a natureza  
O berço em que nasci. Oh quem cuidara  
Que entre penhas tão duras se creara  
Uma alma terna, um peito sem dureza.

Claudio Manoel não é ainda o filho proprio do seu *habitat*, é o primeiro fructo, acido e mirrado, da arvore humana transplantada. Effectivamente os seus avós paternos são portuguezes e os avós maternos são immigrants paulistas (1), pertence pois á primeira geração dos mineiros, isto é, áquella que nascendo entre as suas bravias montanhas, no momento pelasgico da conquista e da paz, representava a concordia entre os *forasteiros* e os *bandeirantes*, concordia obtida a custo de monstruosos e sanguinolentos sacrificios.

Inda perduravam na memoria e deviam embalar a infancia de Claudio, as historias terriveis dos primeiros que chegaram á terra, e os tremendos episodios da guerra dos *emboabas*, consumados a vinte annos apenas de distancia do natal do poeta. Contaram-lhe sem duvida, para atemorisal-o e augmenta-

(1). São os paes do poeta João Gonçalves da Costa e Tereza Ribeiro de Alvarenga ; os seus *avos paternos* são *portugezes* Antonio Gonçalves da Costa, da freguezia da Ribeira e Antonio Fernandes, da freguezia de S. Mammede das Talhadas. Os seus *avos maternos* são *paulistas*, Francisco de Barros Freire e Isabel Rodrigues de Alvarenga, ambos da freguezia de Guarapiranga.

dos da tradição, os horrores da iniqua catastrophe. E' a mesma tradição que sabe tecer as lendas quem imagina as historias terriveis.

Não acredita V. no influxo que teriam sobre a formação do poeta as gestas dos conquistadores?

N'esse tempo, os levantes eram frequentes para saciar ambições ou para vingar iniquidades antigas que injustiças novas ainda aggravavam, porque afinal o ouro servia o premio do mais forte.

« O ouro, dizia elegantemente Rocha Pitta, tornou-se o iman das gentes do Brasil. »

Das preocupações de vil lucro e da « grossaria dos habitantes » nunca se consolará o poeta.

A natureza não é bastante risonha para desmaiar-lhe o espectaculo humano. « Não são estas, dirá ao chegar mais tarde (1), as venturosas praias da Arcadia, onde o som das aguas inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a corrente d'esses ribeiros, primeiro que arrebate as ideas de um Poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra que lhes tem pervertido as côres. »

Mas ainda que « entorpecendo o engenho dentro do seu berço », aqui é que se reavigoram as impressões indeleveis dos primeiros annos; o amor da patria prevalecerá quando a vir humilhada e por ella emfim dará em holocausto a vida.

A propria terra gretada, lastimada e corrompida pelo alvião da ganancia, geme

Não se escuta a harmonia

Da temperada avena

Nas margens minhas que a fatal porfia

(1) No prologo das suas *Obras*.

Da humana sede ordena  
Se attenda apenas o ruido horrendo  
Do tosco ferro que me vae rompendo.

Mandado pelos paes para o Rio, iniciou ahi na adolescencia o seu curso de letras. Entrou para o Collegio dos Jesuitas, onde frequentou as aulas de philosophia, rhetorica, theologia e a mathematica e o estudo das letras latinas e gregas, formando o espirito na verdadeira educação classica. Eram então esses estudos accuradamente feitos, como o provam no tempo ao menos os excellentes discipulos que de lá saíram para cursar a Universidade (1); ainda era, em verdade, propria da epoca essa diligencia de que quasi não existe mais a tradição, hoje que em nossos atrapalhados institutos sob nomes pomposos e este-reis apenas ha um vestigio de humanidades sem humanismo nem liberalismo de cultura. Ahi conquistou Claudio Manoel da Costa a laurea de *mestre em artes*.

Não sabemos quando chegou ao Rio de Janeiro, mas deveria ser aos quatorze ou quinze annos de idade (2), senão talvez um pouco antes. Em qualquer caso, o momento decisivo que é o da sua consciencia de homem e o do sentimento das primeiras responsa

(1) Dá uma lista dos mais illustres, Varnhagem, alias sempre pouco favoravel e não raro injusto para com os Jesuitas. *Florilegio*, tomo I (C. M. da Costa).

(2) Em 1743 ou 1744; não podia ser posterior a essa data, porque em primeiro lugar representa a idade propria d'esta ordem de estudos, e, em segundo lugar, tendo já a sua laurea em 1749 quando partiu para Coimbra, não é muito suppor que cursasse o Collegio por seis annos em disciplinas e estudos tão difficeis e feitos com o rigor com que era costume fazel-os.

bilidades sob este céo foi que se revelou em sua alma

Deve-se considerar este periodo da adolescencia, vivido no Rio, como o da formação primeira do espirito, o que logo devia denunciar o character, o genio e a originalidade. Na verdade, dos quatorze aos vinte annos todas as compleições algo se definem e fixam os traços da physiognomia futura. E essas revelações principalmente se determinam nas almas tenras e melancolicas, nas quaes a sensibilidade e a emoção por mais intensas são difficeis de conter.

Era bem natural, pois, que sob esse esplendido céo da Guanabara, subissem os éstos da primeira inspiração. Recato ou modestia, conteve-os o poeta occultos ou velados pela confidencia de seus amigos. Não temos, é certo, versos que possam ser fixados na epoca dos seus estudos de humanidades; todavia pôde-se dizer de Claudio, como de todos, que nenhum poeta começa a versejar depois dos vinte annos; para não poucos já essa idade inicia o limite extremo da inspiração emotiva e começa a habilidade technica do versejador; falo dos que não são verdadeiramente poetas e a custa de pura eloquencia e de imaginação sonegam a esterilidade da alma. No proprio Claudio Manoel da Costa o periodo de inspiração não vae além dos seus quarenta annos de idade (1), mas não

(1) O livro de Claudio Manoel da Costa é de 1768. Depois d'esta data devem ser collocadas muitas das composições poeticas ineditas e agora editadas pelo dr. Ramiz Galvão (*Rev. bras.*, tomo II, 1895). A muitas d'ellas deve ser anterior o *Villa Rica*, poema que já fica muito longe dos sonetos e das eclogas; já então Vergilio ou Petrarca deixam de ser os mestres do poeta; e os seus modelos serão Lucano ou Voltaire. Ainda encontram-se lampejos do antigo estro, mas sem calor, sem affecto e sem verdadeira poesia.

nos appressemos por enquanto em julgal-o na madureza da vida.

## III

Partiu Claudio Manoel da Costa para Coimbra, onde devia concluir os seus estudos.

Não ha documento da sua partida, mas devia ter sido em 1749, quando aos vinte annos de idade; por que não só essa dilatação é necessaria tendo alcançado, como o fez aqui, a laurea de mestre em artes, mas ainda tendo-se graduado em canones em 1753 e havendo deixado a patria por espaço de *cinco annos* (1), só assim se conciliam, sem repugnancia, os factos.

Mas ainda aqui as duvidas são numerosas. A data de 1753 como a da sua graduação é dada sob a fé de um bibliographo, o Conego Januario Barbosa. Temos comtudo pelo menos um documento que indica que em 1751 já vivia em Coimbra o nosso poeta : é a impressão do seu *Munusculo metrico* nas officinas de Luiz Secco Ferreira e dedicado ao Ill. e Rev. Senhor D. Francisco da Annuniação, confirmado segunda vez na dignidade de *Reitor da Universidade* (1751). Evidentemente se ainda não houvesse saído do Brasil não se explicaria a dedicatória a este personagem

(1) No prologo das suas *Obras* : « Não permittiu o céo que alguns influxos que devi ás agoas do Mondego, se prosperassem por muito tempo : e destinado a buscar a *patria que por espaço de cinco annos havia deixado...* »

pouco notorio, a quem de cá não saberia conhecer nem admirar (1).

A difficuldade poderia ser, até aqui, explicada se não chegassemos depois ao conhecimento de outros factos de importancia capital. Um documento novo da vida do poeta, publicado pelo dr. Ramiz Galvão (2), o processo *de genere* ou *de puritate sanguinis*, vem complicar todas as deducções estabelecidas.

Segundo o texto d'essa inquirição, Claudio Manoel da Costa, o requerente, é já orphão de pae e quer seguir a vida ecclesiastica, tanto para servir a Deus como « *para amparo de uma mãe viuva e de suas irmãs* ». O requerimento não tem data, mas o despacho do bispado de Mariana é de 12 de maio de 1751. Sabe-se pela publicação do *Munusculo* que a esse tempo, 1751, Claudio Manoel vivia em Coimbra e já cursava a Universidade. N'este caso, que é inillidível, é necessario admittir que mandou de lá o requerimento para ser encaminhado por seus parentes e amigos (e isso explica talvez a omissão da data) e

(1) Uma vez por todas fique aqui declarado que não perderei o tempo em desfazer as puras invenções de criticos e escriptores sem auctoridade. Assim deixamos a margem todas as affirmações de Pereira da Silva, Con. Fernandes Pinheiro e do bom Innocencio que escreveu sob a fé do primeiro d'aquelles dois, para só guiarmos-nos pelos poucos que conscienciosamente estudaram o assumpto embore deslizassem por vezes em erro ou contradição.

(2) Na *Gaz. de Noticias* de 1895 (abril). Pelas rasões em seguida expostas pensamos que o requerimento foi remettido de Coimbra. O despacho do bispado de Coimbra é de 1755, o de S. Paulo de 1757, um e outro já dados em epoca posterior ao doutoramento de Claudio e quando já o poeta no Brasil. O poeta fala de que « *tem exercitado até o presente os estudos* » naturalmente em Coimbra, pois já não estava no Collegio dos Jesuitas do Rio.

que a sua intenção fora de passar-se á faculdade de theologia, elle que « já tem exercitado os estudos com disvello e aproveitamento ». Acariciava o filho da cidade episcopal a ambição e a idéa de formado em canones, ordenar-se theologo; requeria em 1751 porque a delonga entre o requerer e o despachar nos negocios ultramarinos deve durar dous annos, e no caso, pois, o despacho chegaria ao tempo em que teria concluido (1753) o curso de direito canonico.

Veu, porém, o despacho muito tarde e já o poeta não estava mais em Coimbra; é advogado em Mina se provavelmente lhe careceria vocação sacerdotal.

Ouso ainda dizer que essa vocação nunca existiu e que a tristeza e a melancolia que lhe eram um « estado d'alma » habitual, e talvez a vontade de sua mãe viuva, poderiam induzil-o a essa resolução, dado o momento propicio. E esse momento effectivamente se deu quando pelos fins de dezembro de 1750 se fundou em Mariana o Seminario; era natural que a mãe agora viuva e desamparada quizesse ao pé de si o filho que andava em terra distante podendo ora na patria concluir os seus estudos na carreira ecclesiastica. É plausivel admittil-o, porque o despacho do bispado é de maio de 1751, quando apenas se iniciavam os trabalhos do novo Seminario para onde deviam acorrer os mais distinctos dos filhos da diocese.

Seja como fôr e para não dar vulto a simples conjectura ainda que não destituída de fundamento, convem não insistir demasiado no assumpto.

Em Coimbra viveu o poeta cinco annos, nas delicias de sociedade differente da colonial, mais polida

e cheia de outros ideaes que não o das riquezas ephemeras ou subitas. As saudades do Mondego tantas vezes denunciadas e tão grandemente sentidas, habilitam-nos a julgal-o. Não só Coimbra foi o melhor de sua vida, mas foi sua vida mesma. Não sómente foi lá que poliu o seu estro na convivencia das novas e multiplas academias que surgiam innumeras por toda a parte; mas tambem a verdade é que chegando aqui perdeu como que o equilibrio da propria personalidade e a sua readptação ao clima americano pareceu difficil e quasi impossivel. Aqui é preciso renunciar aos seus habitos; o vocabulario poetico secularmente ennobrecido desde Vergilio, os thesouros do mytho, os campos da Arcadia não se ageitam á natureza do Brasil; não póde ao seu parecer, sem ridiculo, imaginar as nymphas no *feio e turvo Ribeirão do Carmo* e nem ao menos lhe é possivel aqui *a sombra de uma faia*. Está como o soldado que de repente perdera as munições.

Em Coimbra, o ocio era grande; todas as vagabundagens, inclusive as do espirito, haviam então chegado ao seu esto. A indisciplina, a desmoralisação dos cursos universitarios em extrema decadencia, preparavam pela indignação a ferrea reforma que será realisada mais tarde.

A sociedade beata, ignorante, epicurista e dissipada de D. João V encaminhava-se pela dissolução para receber o freio das severidades de Pombal.

A Universidade de Coimbra atravessava crise quasi de morte. Ensino, já não o havia. Os alumnos por annos inteiros não iam ás aulas, e medidas governamentaes procuravam inutilmente chama-los ao de-

ver (1). As *pateiadas* ou *investidas aos novatos* tinham-se de tal modo tornado terriveis, que por vezes tocaram ao assassinato; n'este particular, em documento publico, um dos mestres não hesitara pedir em equipollencia de defeza, contra os estudantes, « *castigo rigoroso, ainda mesmo de morte* »; tal eram o escandalo e o terror.

Os estudos eram mal organizados, nem sequer organizados. Aos alumnos distribuiam-se algumas theses, de longo tempo as mesmas, poucas e futeis e insignificantes, entre as quaes figuravam tradicionalmente as *De Clerico venatore* e a *De voto*. Durante largo periodo, anterior á reforma de Pombal, muitas cadeiras estavam e permaneciam vagas; outras, nas mãos de mestres sem saber, que viviam sob o protectorado de ociosos alumnos.

O methodo adoptado no ensino era o chamado *analytico* e que consistia em receber por apostillas a exposição de alguns titulos do corpo do direito civil ou canonico. Como não estudavam principios geraes, nem as instituições, nem a legislação do paiz, nem genero algum de materias subsidiarias que desconheciam por completo, d'alli saiam os escolares para a practica da jurisprudencia, onde abandonando a interpretação das leis, coagidos pela tradição de ignorancia, guiavam-se apenas pelos casos julgados, houvesse ou não identidade da especie (2).

(1) Leia-se Th. Braga, *Hist. da Universidade*, loco; tomo III.

(2) Depois ainda da reforma de Pombal ainda não se ensinavam a legislação patria e a praxe, mas abandonou-se o pretendido methodo analytico e são criadas as cadeiras de direito natural e historia do direito. Th. Braga. *O. cit.* III.

Sem fazer injustiça ao poeta, aos nobres estímulos e a diligencia já provada em outros estudos, pôde-se talvez imaginar que esse descrédito da Universidade facilitava a expansão de outras excellencias. Sob essa atmospherá de infindos lazeres, de indolencia e de vida contemplativa medravam as sociedades litterarias e o culto da poesia com desacostumado vigor.

Ahi conheceu o poeta todos os segredos technicos da sua arte. Os seus mestres e modelos são os dos arcades : Virgilio, Ovidio, Theocrito e Moscho, Quevedo, Metastasio, e Petrarca que continua ainda como na época camoneana a ser o mestre do soneto. As Arcadias quaes nol-as descrevem os seus historiadores e melhor o testemunham as producções do tempo, sob a apparencia de templos ideaes e de divindades quasi invisiveis, eram todavia inflexiveis com os seus pastores, não lhes favoreciam o estro nem a originalidade e antes os traziam jungidos aos canones de sua esthetica alexandrina e erudita. Á largueza e simplicidade de inspiração dos tempos classicos succediam a feitura academica, correctá mas fria, o espirito estreito da technica do verso e pouco mais que a technica. Essa correccão e medida foram de certo uma reacção contra os abusos do gongorismo, ainda não de todo desaparecidos.

Os poetas da Arcadia, satellites eternos d'um phantasma, são todos seguidores de escola, são sempre criaturas e nunca creadores.

Quando um ou outro d'elles emette luz propria, como é o caso de Dirceu, já inconscientemente nos repugna classifical-o entre os arcades e damos-lhe logo um lugar entre os precursôres do romantismo.

Todavia entre os proprios e verdadeiros Arcades podemos distinguir os que tinham inspiração e quasi genio como Garção e Claudio Manoel da Costa ; n'elles, não fôra a tyrannia da moda e da epoca, encontraríamos sentimento e emoção egual a de alguns dos quinhentistas.

De Coimbra datam as primeiras publicações do poeta, o *Munusculo metrico* de 1751 ; o *Epicedio* de 1753 e o *Labyrintho de Amor* do mesmo anno, todos, pequenos poemas avulsos, themes desenvolvidos segundo as regras do tempo, de mediocre merito (a julgar pelo *Epicedio* que possuímos) e aos quaes o proprio auctor julgou indignos de serem incluídos mais tarde nas suas *Obras* (1).

No *Epicedio* ainda impéram o mau gosto gongorico, o abuso de exageradas imagens e amplificações :

Morreste ! e como esphera se limita  
Do coração ao gyro do tormento,  
A mortal ancia que o pesar fecunda  
Em ais se accende, em lagrimas se inunda.

E mais adiante :

Assim dos Orbes o Motor glorioso  
Prova o constante ardor no braço erguido  
Do velho Pai que com piedade estranha  
Victima o Filho vê, ara a Montanha.

(1) A esses opusculos deve-se junctar os *Numeros harmonicos temperados em heroica e lirica consonancia*. Coimbra 1753 V. Notas Bibliogr. pelo dr. Teixeira de Mello, *Rev. Inst.* t. LIII. É possível que estes ultimos fossem aproveitados na edição das *Obras*.

Na penultima estrophe encontra-se essa outra imagem :

Tu que ao tumulto triste da agonia  
Entregas por cadaver a alegria...

De parte o interesse que poderiam despertar nos eruditos, creio que bem fez o poeta em expurgar o seu livro de versos taes.

Entretanto se as *Obras* marcam a maxima altura do seu genio poetico, a acreditar nas proprias confissões do auctor foram na maior parte escriptas ainda em Coimbra. Foram-n'o algumas, ou talvez nenhuma; tenho que não se deve aceitar, sem reservas, a affirmativa do poeta. As *Obras* datam de 1768, quinze annos depois do seu regresso (1). É natural que antes de entregal-as ao prelo muito polisse, fizesse e refizesse com tanto maior talento quanto o provam de sobejo as composições de origem nacional como a *Fabula do Ribeirão do Carmo* que inda tem o mesmo vigor e emoção do auctor dos sonetos e das eclogas. A sua confissão de que compoz a maior parte do livro em Coimbra resulta de que deseja justificar o seu tanto falar das nymphas, das faias, dos sobereiros e de outras cousas de que no novo mundo não acha como substituir ; mas n'esse falar, percebe-se bem que é a saudade e não o bem presente que o inspira ; aqui, elle se diz *poeta desterrado*, não pode « entre a grossaria » da terra, « substabelecer aqui as delicias do Tejo e do Mon-

(1) Quinze annos (de 1754 a 1768) e não cinco como por um pequeno lapso, diz uma vez o mais bem informado e consciensoso dos eus biographos, Norberto de Sousa Silva.

dego »; como Arcade, sente que o seu vocabulario está estragado e sem sentido, e não pode ou não sabe ennobrecer os termos e as cousas indigenas que repudia; no meio da nova natureza *sente-se en torpecido*. Ao repetir, quinze annos depois do regresso, as inspirações do velho mundo, sente-se tolhido e inventa que só lá nasceram na sua alma. Mas quanto affirma, é evidentemente falso e para proval-o basta cotejar o *Epicedio* que é do anno da sua graduação em canones (1753) com qualquer das composições de suas *Obras*. Tão differente é esta e assim as outras do tempo de Coimbra que até o proprio poeta nem sequer procura a feiçoal-as para dar-lhes ao menos um lugar entre as de suas *Obras*; agora que ao poeta « não é extranho o estylo simples » como diz com enlevo no prologo d'aquelle livro, o seu gosto é já outro.

Como todo o espirito melancolico, egoistico e concentrado, elle possui o dom de conservar, quasi embalsamar *ad æternum*, as suas impressões de dôr ou de prazer o que afortunadamente aqui lhe serviu ao estro porque a natureza nova não cabe nas suas formulas academicas, na flora e fauna da Arcadia.

Não occultemos, com tudo, que as suas melhores composições embora datem da epoca do regresso, são filhas do influxo europeu sem o qual na forma em que existem seriam impossiveis. São documentos da sua saudade e por ventura de algum amôr infeliz como dizem aventurosamente alguns dos seus biographos.

## IV

Da poetica Coimbra voltou Claudio saudoso e desconsolado para o Brazil e para as margens da *feya e turva corrente*, entre rudes trabalhadores atreitos á *ambicioza fadiga de minerar a terra*. Eil-o, pois, fora das academias literarias, no exilio, aggravado ainda pelas responsabilidades e pelas duras escravidões da vida independente.

Mas a data do seu regresso não é conhecida e aproveitando essa obscuridade o mais inventivo dos seus biographos ahi collocou as suppostas viagens do poeta pela Italia onde teria sido recebido membro da *Arcadia romana* (1).

Effectivamente, Claudio se diz *Arcade romano* em algumas de suas poesias escriptas na lingua de Dante e Petrarca que conhecia a fundo, mas é toda de fantasia essa viagem, como para ser Arcade nunca fez mister visitar a Grecia (2).

O anno de regresso de Claudio pode ser fixado em 1754, o mais cedo e em 1758 o mais tarde, eis o

(1) Foi Pereira da Silva quem primeiro imaginou essas viagens do poeta, e foi o erro copiado e repetido por F. Wolf, Innocencio da Silva, Teixeira de Mello e alguns outros.

(2) O nome arcadico de Claudio é *Glauceste Saturnio* e tambem se diz *arcade* ou pastor *ultramarino* e em algumas das suas canções em lingua italiana nas suas *Obras*, *arcade romano*. Titulos equivalentes aos de *symbolista*, *romantico* ou *decadista* de hoje. Os poetas eram arcades no sentido em que ainda hoje se dizem *romanos* os catholicos da Polynesia e de todo o orbe.

que por emquanto se pode afirmar com segurança. Graduado em 1753 deveria ter voltado em seguida para o Brazil por que, elle proprio o diz, passou *cinco annos* fora da patria e foram naturalmente os dos seus estudos universitarios, de 1749 a 1753; não esteve portanto mais tempo alem d'esse em Portugal nem em viagens pela Italia.

No caso, porem, em que fossem invalidados estes fundamentos (pois que a primeira data certa da sua estada em Coimbra é a publicação do *Munusculo*, 1751, como mostrei paginas acima) o seu regresso seria pelo menos em 1756, e então não teria acertado o Conego Januario Barboza em marcar-lhe o anno de 1753 como o do seu doutoramento em canones. Não temos, porem, rasão alguma para levantar essa duvida.

Em qualquer caso é certo que em 1758 já estava no Brazil porque a essa data attinge o documento mais remoto que possuímos (1).

No Brazil, é chegando sem despacho de Coimbra, o poeta enceta a carreira da vida pela advocacia; e

(1) O dr. Ramiz Galvão publicando na *Rev. Bras.* tomo II, 1895, as poesias ineditas de Claudio Manoel da Costa, fel-as preceder de noticia onde declara ter visto uma carta autographa do poeta já advogado em Minas, de 1761. Não é todavia este o documento mais antigo; outro fora descoberto e publicado na revista do *Archivo Publico mineiro* por X. da Veiga por onde se prova que em dezembro de 1758 residia em Ouro Preto o notavel poeta. É o documento referente a uma *carta topographica*, de que falaremos depois.

É possivel que ainda se venham a descobrir outros documentos mais antigos e fique assim provada a data de 1754 ou quando muito 1755, que são as mais plausiveis do regresso de Claudio.

não era profissão somenos em terra tão rica e rixosa.

Offerecia singular character o estado de espirito e de costumes da capitania pelos meados do seculo xviii. Da psychologia moral d'esta epoca, ainda que pouco lisongeira, temos o testemunho e a palavra leal de um habil administrador, de vinte annos gastos na experiencia do governo e dos homens e das cousas do Brasil (1).

Ao dirigir-se ao seu successor, em 1752, diz o Conde de Bobadella :

« Amparar os pobres é obrigação dos governadores; mas adverti que nas minas ha d'estes muito trapaceiros insolentes e petulantes; ide com grande sentido.

Effectivamente, a lista das miserias Moraes de tanta gente que a aventura ou a ambição reunira, não é pequena. Os officiaes militares « são poucos e mal criados »; a ignorancia os torna presumidos e « não ha cabo que se não presuma alferes ». Os ouvidores andam em rixas com os juizes de fora. Assassinos poderosos não minguem, ao menos no genero d'aquelles que se cercam de malfeitores profissionaes, e « atiram a pedra e escondem a mão »; os governadores traçam por acabar com estas hordas de *condottieri*, « congregação de *pés rapados*, *caribócas* e *mulatos* que hoje são executores das insolencias ». Aqui ou alli, formam-se estranhas parcialidades, mas « é mais de ladrões que de poderosos ». É d'essa

(1) O Conde de Bobadella, na *Instrucção e norma* que deu a seu irmão para o governo de Minas, de 7 de fevereiro de 1752. Na *Rev do Inst.*, tomo XVI, pgs. 366-376.

fermentação humana que se vae gerar a vida ou a cultura; por que sobre essas tristes e cupidas energias pésa o freio da gente bem educada, do escol da sociedade, já agora apta para domar aquelles excessos, restos das antigas tradições sanguinolentas de quando outr'ora se degladiavam no deserto as ambições do ouro.

Mas ainda assim os espiritos melancolicos habitualmente retraidos e affastados das agitações da sociedade conservam limpida e tranquilla a alma onde se vem reflectir a vilania humana, que se move exteriormente e que elles aprendem a detestar. Percebem então como Claudio a *grossaria dos habitantes da terra*, e a selvageria e a fealdade da natureza, que não podem imaginar senão animada pelos seus genios e não podem abstrair da sociedade em ruina que a povoa. Todavia, sem essa decomposição, não seria possivel o germen das sociedades novas que hão de ter egualmente no seu tempo devido a flôr e a perfeição, o acabamento de cultivo que lhe será proprio.

Durante quasi a sua vida e na melhor porção d'ella, Claudio não soube senão cantar o Mondego, o Tejo, as nymphas dos rios europeos, os campos de trigo, as montanhas e o céu estrellado do outro hemispherio. A natureza do Brasil não é esthetica ou não cabe na sua esthetica.

Ao que póde de um relance abranger toda a nossa historia literaria, perguntarei, se já foi achada a esthetica da nossa natureza e se jamais foi possivel estylisal-a na arte decorativa, na poesia, no romance ou na pintura? Se o indio, a palmeira, a monarchia

ou a republica, ou o Amazonas, já lhe emprestaram um traço sequer que a ennobrecesse.

Sem duvida, Claudio como outros corrigirá esse absenteismo e escreverá um poema nacional como o *Villa Rica*; mas fica logo abaixo de si mesmo, se não é que o proprio poema é a perfida suggestão de sua decadencia.

A nossa sociedade como as sociedades coloniaes estão sempre em estado permanente de *desmoralisação*, emprestando a esse termo o sentido que lhe dão os neo-ethnologistas tedescos, ao estado em que pelo fluxo e refluxo das gentes novas não é possível um espirito consuetudinario, e por tanto não é possível a lei, não é possível a tradição, nem sequer é possível o character. Cada lustro nosso corresponde a todo o seculo de Catão quando entravam em Roma os gregos e com elles os costumes novos de arte, de luxo, de miseria e vagabundagem e atheismo. E imagine V. quaes são os hellenos que nos chegam, cada momento, de além-mar. Em vez de soldarem de geração em geração, as camadas sociaes são rapidas, momentaneas, innumeradas e sem outra adherencia que este céo commum e a terra commum, entre os quaes fervem e se destroçam. No meio d'ellas ha apenas um fio tenue que é o da vida local, fallida, com o seu fio de vida, chronica, em perpetua crise e brada agora contra o escandalo do presente e a ruina das cousas antigas.

Por isso mesmo, emquanto não se forma o equilibrio e a homogeneidade das nações, não ha nem pôde haver espirito nacional. A nossa literatura é aquelle tenue fio a que me referi, no meio d'essa bul-

burdia de interesses excentricos da gente passageira de todas as zonas do globo de um lado e d'outro lado dos ausentes nacionaes. O nosso trabalho é sempre de Sisipho, e a cada seculo que começa, nós começamos a nossa guerra dos cem annos. Sob o protectorado dos nossos senhores necessarios, fingimos uma vida nacional, soberba e independente. Relegados a essa pobre aristocracia de *bureaucratas*, dentro d'ella nos corrompemos, criamos a imprensa para adulal-os e nos calumniarmos a nós mesmos, aviltando-nos uns aos outros, quasi sempre pelo maior ou menor quinhão de servilismo que nos cabe.

E todavia a cousa unica nacional é essa gente parasitaria e semi-escrava que somos. Muito embora! podemos d'ella fiar as nossas esperanças!..

Desculpe-me V. essa digressão involuntaria que não diz nada do poeta, mas estava no meu espirito e se insinuou por esta pagina.

Desde o tempo de Coimbra, n'elle tem influxo as numerosas academias literarias que caracterizam essa epoca da historia literaria da metropole; mas não fez elle parte da *Arcadia lusitana* senão como arcade que todos os poetas podiam arrogar-se o direito de sêr, e muitos assim se disseram « dos que não foram chamados ». O Snr. Theophilo Braga colloca o nome de Claudio entre os dos socios da *Arcadia lusitana*, fundado exclusivamente, creio, em asserção do dr. Teixeira de Mello, a qual é inteiramente fabulosa (1). Quando foi fundada a *Arcadia lusitana*

(1) Fabulosa, ousa a dizer da opinião do excellente poeta, porque não tem fundamento conhecido, nem ha documento que o prove. Não basta, de certo, afirmar que Claudio fez parte da *Arcadia lu-*

em 1756, já Claudio Manoel da Costa estava no Brasil. Nada se oppõe todavia a que tivesse feito parte da sociedade literaria que precedeu a Arcadia a *Academia dos Occultos*; n'esta figuram alguns nomes que se passaram para a Arcadia, e entre os membros d'ella, n'uma lista de 1753, ha um certo João Manoel da Costa, que tem os dous appellidos de Claudio. Seria temerario com tudo, sem outros argumentos, identifiçal'o com o poeta mineiro.

Vejam-se os perigos e as insidias de uma opinião incerta! Como arcade romano, igualmente não seria necessario ao poeta ter viajado a Italia. « Para obter tal titulo, observa judiciosamente Norberto, não era precisa alli a sua presença, como não foi. Esse nome de *Glauceste Saturnio* só se lê na frente de suas *Obras* como pastor ultramarino. »

A verdade torna-se comprehensivel quando se attende a que *Arcadia* é mais um nome de guerra e nome de escola literaria do que de simples cenaculo; e a guerra era a feita ao *cattivo gusto* do marinismo e do gongorismo. A Arcadia romana, que é o primeiro nucleo de reacção contra o seiscentismo, faz nascer succursaes por toda a parte a quem e além-mar, e todas com identico programma. A Arcadia

*silana* por que usava o nome de *Glauceste Saturnio*; esse mesmo nome servirá, e serviu de facto, para que outros o dissessem membro da *Arcadia romana*. A affirmação é ainda fabulosa, por que se estriba na outra de que o poeta permaneceu doze annos depois de graduado em canones, em Portugal, e já mostrei que é impossivel sustentar essa opinião. Em 1758, Claudio vivia em Minas Geraes, e voltou ao Brasil em 1754. A *Arcadia lusitana* foi fundada em 1756, sendo que só mais tarde iniciou as suas reuniões, e do que anda publicado das sessões d'ella não apparece o nome de Claudio.

portugueza não tem outro cuidado preliminar que o de expurgar de seu seio os seiscentistas (1).

Nas poesias de Claudio não ha um só passo que faça lembrar as terras, tão cheias de poesia, de Italia, o que é certamente extranho em poeta tão prodigo em relembrar as nymphas e os genios da terra portugueza (2).

Da vida do poeta em Minas Geraes, a principio e como está visto á saciedade, tudo são saudades que parecem irremediaveis da vida européa. Mas essa mesma impressão vae pouco e pouco se desfazendo, e a sociedade que o cerca e da qual vive não deixa em breve de se lhe tornar necessaria.

Em 1758, quatro annos apenas depois do regresso, vemol-o habitante de Villa Rica e interessado pela terra; da capital da Capitania levanta o poeta uma *Carta topographica*, que deveria ser interessantissima, mas que nunca foi achada e nem constou do espolio quando sequestrados os seus bens. Revela esse trabalho aptidões até agora não imaginadas no poeta, e é certo que o executou com maestria, pois o senado da Camara do lugar premiou o autor com meia libra, ou 128 oitavas de ouro. O joven advoga-

(1) Vide Th. Braga. A *Arcadia lusitana*, edição de 1889.

(2) Em uma das suas eclogas, a XIV, Alcino, que pelas circumstancias do poema é o proprio poeta, diz falando de si :

Alli depois que a sua desventura  
Chorando esteve *em dous amargos mares*.

Poderia referir-se ao Atlantico e ao Mediterraneo ou aos dois hemispherios do Atlantico, aos mares do Brasil e de Portugal.

Foi o unico passo que pude encontrar e ainda assim assaz obscuro insignificante.

do, no meio dos deveres de officio e das questiuncula locaes, vae-se naturalmente interessando tanto pelas miserias como pelas grandezas da região natal. Essa paixão, é elle proprio que o diz, é quem lhe inspira logo nos seus primeiros annos algumas composições como a do *Ribeirão do Carmo*, prosopopea deliciosamente escripta e que é mesmo o fundamento de inspirações e paraphrases ultteriores como o poema de *Villa Rica*. (1).

É provavel que as suas *Obras*, em 1768, tiverem sido impressas em pequenissima edição; porque sendo estimadas e procuradas pelo alto valôr que possuem, não se comprehende como seja, onde os devia haver, tão extraordinariamente raro um exemplar d'ellas. Muitas das composições do livro correram e correm ainda manuscriptas.

Outra circumstancia devia contribuir para que fossem avidamente desejadas e disputadas as *Obras* de Claudio. Eram o primeiro livro de poeta nacional que chegava ao Brasil, o que lhes realçava o merito de si verdadeiro; só um anno depois virá o *Uruguay* que foi recebido com ainda mais extraordinarios applausos e mais tarde o *Caramurú*.

Apesar de seu espirito antinacional (o que não era toleima nem singularidade n'aquelle tempo) Claudio Manoel da Costa, com o poemeto do *Ribeirão do Carmo*, precede e com brilhantismo, o poema nativista de Basilio da Gama.

Em 1768 é ainda o poeta um exilado, e tal se considera; o interesse pela terra natal é ainda parcella

(1) Será de Claudio M. da Costa a carta topographica de *Villa Rica* que existe anonyma no Archivo Militar do Rio ?

insignificante em seu espirito. Vemol-o todavia mais progressivo na esthetica de suas producções. O defeito de que se condemna é o do pendôr para o sublime ou o do exaggero e da emphase. Elle proprio o diz e confessa como o poeta latino que embora conhecendo e approvando o melhor, muitas vezes segue o contrario.

... *Video meliora, proboque;*  
*Deteriora sequor.*

Ha pessimismo n'esse juizo, porque já nos *Sonetos* não se encontram os exaggeros e a inchação de estylo do autor do *Epicedio*. A sua preocupação é salutar, porque visa ao atticismo da forma e da expressão como nos grandes modelos : « Bem creio, diz elle falando ao leitor, que te não faltará que censurar nas minhas obras, principalmente nas pastoris, onde preocupado da commua opinião te não ha de agradar a elegancia de que são ornadas. Sem te apartares d'este mesmo volume, encontrarás alguns lugares que te darão a conhecer, como talvez me não é estranho o estylo simples... Pudera desculpar-me dizendo que o genio me fez propender mais para o sublime; mas temendo que ainda n'este me condemnes o muito uso das metaphoras, bastará para te satisfazer o lembrar-te que a maior parte d'estas obras foram compostas ou em Coimbra ou pouco depois nos meus primeiros annos; tempo em que Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas bellas letras. »

Por essa confissão estamos habilitados, dentro de razoaveis limites, a distinguir as novas das antigas

composições do volume, collocando na classe das primeiras as que se caracterisam pela simplicidade da forma.

Entre as mais novas está de certo o soneto LXVII, que é realmente o de um precursor e do mestre que foi de Gonzaga :

Não te cases com Gil, bella serrana,  
Que é um vil, um infame, um desestrado.  
Bem que elle tenha mais deveza e gado,  
A minha condição é mais humana.

Que mais te póde dar sua cabana  
Que eu aqui te não tenha aparelhado?  
O leite, a fructa, o queijo, o mel dourado,  
Tudo aqui acharás n'esta choupana.

Bem que elle tange o seu rabil grosseiro,  
Bem que te louve assim, bem que te adore,  
Eu sou mais extremoso e verdadeiro,

Eu tenho mais razão que te enamore :  
E senão, diga o mesmo Gil vaqueiro.  
Se é mais que elle te cante ou que eu te chore.

A forma e as expressões são inteiramente simples, como em Gonzaga ; mas a idea, tal se vê do ultimo verso, é ainda complicada e subtil.

Em quanto prepara e aperfeiçoa o livro que entregará á publicidade, a fama dos seus talentos, já notoria em toda a capitania, faz com que n'ella se eleve a altos cargos da administração. No cargo de secretario do Governo serviu o poeta de 1762 a 1765, nomeado pelo Conde de Bobadella, e ainda no tempo do

governador Luiz Diogo Lobo da Silva, em cuja companhia realisou dilatadas viagens pelo sul da capitania (1). Parece que no cargo deu provas de excellente funcionario, porque apenas alguns annos depois, no governo seguinte, que foi o do Conde de Valladares, foi chamado de novo a exercer o mesmo cargo, que occupou de 1769 a 1773. D'ahi por diante ainda que sua pessoa tenha crescido em consideração (2), não quiz mais voltar ao functionalismo, e dedicou-se exclusivamente aos seus trabalhos forenses, tantas vezes interrompidos, menos pelo culto das letras n'elle sempre vivo do que pelos rigores e trabalhos das cousas do governo.

Por esse tempo foi que Claudio Manoel da Costa traduziu e commentou o *Tratado da Riqueza das Nações*, de Adam Smith, se se deve crêr o que dizem alguns dos seus biographos. Mas deve haver n'isso algumas inexactidões. A obra de Smith é de 1776; seria conhecida no Brasil naturalmente alguns annos depois e provavelmente na edição franceza, e se se ajuntar a isso o trabalho da versão e do commentario, teriamos de collocar esse trabalho, não aqui n'este periodo, mas na ultima decada ou talvez no

(1) Affirma-o com rasão dr. Teixeira de Mello; outros biographos contestam essa excursão, mas sem fundamento algum. O poeta dil-o claramente em uma das suas notas ao poema de *Villa Rica*. A nota 66 resa: « Viagem dilatada e asperrima por mais de 400 leguas em visita da capitania sobre a Costa de S. Paulo, que acompanhou o auctor servindo de secretario do governo das Minas. »

(2) Principalmente dos governadores D. Antonio de Noronha (1775) e D. Rodrigo José de Menezes (1780). Com equal affecto lhes correspondia o poeta dedicando-lhes algumas das suas composições (que estão entre os ineditos d'esta edição).

ultimo lustro da vida do poeta (1). Não ha todavia vestigio, referencia ou prova por onde se conclua ou se presuma se quer que o poeta effectivamente se tenha preocupado de vulgarisar o systema economico de Adam Smith. É plausivel que como homem de idéas adiantadas, fosse Claudio, nos ultimos tempos de sua vida, um admirador dos economistas, como já o era dos philosophos que prepararam a grande revolução; vivia na terra do ouro, onde entretanto a população não podia pagar a derrama e debatia-se na miseria; no prologo do *Villa Rica* havia escripto com o entono de um physiocrata: « As minas derramam as riquezas por toda a Europa e em muito soccorrem com a fadiga dos seus habitantes ao commercio de todas as Nações etc. » É de certo uma phrase sem valor, para justificar a conjectura, e é quasi a unica em todos os seus escriptos, que manifesta tenuissimamente o pendôr, se o houve, de seu espirito para as questões economicas. Seria facil achal-a acaso em qualquer auctor.

A edade, os trabalhos da administração e da vida practica, e a mesma limitação do genio, transformaram de todo o poeta. Ainda e por todo o tempo conserva a aptidão technica do verzejador; mas o estro, o affecto e a inspiração não existem mais; faltam-lhe a frescura e a emoção do outro tempo; o verso, mes-

(1) Digo « provavelmente na edição franceza », porque auctores francezes como hoje, e mais os italianos, eram os que se liam. O proprio Claudio Manoel da Costa cita o Milton em francez, em a nota 81 do poema de *Villa Rica*.

Tambem o titulo da obra de A. Smith é *Investigações sobre a natureza e a causa da riqueza das nações* e não o que dão os criticos, que se referem a este assumpto.

mo, é quasi rigido e sem flexibilidade nos seus naturaes rythmos; a phrase é abstracta sem ser profunda, e o estylo é incolor sem ser facil ou ameno. Ainda se revelam por vezes algumas das qualidades antigas, mas agora amortecidas pela reflexão, que lhes tira todo o calor. Parece que o poeta escreveu o *Villa Rica* como se tivesse de fazer um thema ou exercicio poetico. Por isso imaginou o longo *Fundamento* em prosa, que é um argumento da acção, e depois reduziu-o a versos em syntheses mal formuladas e em episodios sem originalidade como o da fabula das *Tres velhas*.

Tambem parece que o *Uruguay*, sempre admirado e lido, não o deixara dormir. Vindo á luz um anno depois do seu livro, onde o poeta se lamenta da *grossaria* da terra e de não poder aqui substabelecer as nymphas d'além-mar, o *Uruguay* veio mostrar-lhe que comettia erro e injustiça ao mesmo tempo, senão lhe arguiria a falta de engenho e de força creadora.

Claudio Manoel vae emfim resgatar o erro e o peccado; é já talvez um sincero admirador da terra natal, mas não possui mais o dom de amal-a com a mesma emoção com que em outros tempos não distantes a malsinava.

*Villa Rica* é um producto do influxo originado pelo *Uruguay*. Claudio Manoel esforçou-se por parecer original, não adoptou a *oitava rima* nem o *verso solto* como os seus antecessores; talvez por admiração a Voltaire preferiu approximar-se da *Henriade* empregando rimas emparelhadas (1).

(1) O poeta cita, não só versos da *Henriade* nas notas do poema, para justificar-se de certos usos, mas tambem, no prologo, o *Essai sur la poésie épique*, que será naturalmente o seu evangelho.

Segundo os primeiros editores e algumas copias do poema, o *Villa Rica* é de 1773 (1) e foi dedicado ao segundo Conde de Bobadella. Tudo confirma a exactidão d'essa data, que temos por positiva e segura (2).

É curioso notar que a decadencia do poeta é assaz rapida. Em 1768, ao publicar as suas obras tem já 39 annos, e ao compor o *Villa Rica* não tem mais de 44 annos de idade. Suas poesias ineditas são em parte posteriores ao poema, mas resentem-se da esterilidade e da mesma algidez que toca frequentes vezes ao prosaismo.

Não é sómente a monotonia e a pobreza de inspiração que nos desinteressam no poema ; mas é o tom laudatorio, o odôr do incenso que se traem em versos, por ventura menos movidos do amor da patria que da lisonja.

Sem duvida alguma, não quiz o poeta dal-o a publicidade e tanto quanto podem attestar as varias copias que restam, não procurou limar os versos imperfeitos que o afeiam e são em não pequeno numero. Provavelmente se convenceu ou foi convencido do somenos valor da composição e guardou-a, pois,

(1) Igualmente o diz a edição (2.<sup>a</sup>) de Ouro Preto, 1897 ; offercimento do A. na folha de rosto.

(2) Na dedicatoria o A. refere-se ao primeiro Conde de Bobadella. dizendo que governou por quasi trinta annos a capitania das Minas. Logo o poema é posterior ao anno de 1763, que é o ultimo anno de governo e da vida d'aquelle governador. Além d'isto, em uma das notas : A. exprime-se : « Por estes districtos onde *hoje* por beneficio de Exm.<sup>o</sup> Conde de Valladares se acham domesticos muitos indios. » O Conde de Valladares governou de 1768 a 1773, e o poeta registra o seu governo na lista dada no *Fundamento historico*.

inedita por 16 annos, até o tempo em que desapareceu d'esta vida.

O episodio do *Itacolomi*, inspirado com pouca originalidade no Adamastor dos *Lusiados*, não tem magestade alguma e nem lembra, pelas imperfeições d'agora, a severissima musa dos Sonetos. Tudo ali é desconchavado e sem arte, sem espontaneidade, como que esculpido, se é possível, a martello. De certo, o *virtuose* que elle era não deixaria sahir á luz da publicidade tão despidos esboços.

Não creio que a tentativa em versos soltos, especie que não lhe aprazia (1), tivesse exito mais certo. Os trechos melhores de *Villa Rica* não são os do poeta epico, mas do lyrico, como este, bellissimo, do Canto II :

Era ella em seus annos tão mimosa,  
Que á vista sua desmaiava a rosa.  
Seus olhos claros, as pupillas bellas,  
O quantas vezes cri que eram estrellas.  
Não tinham nossos campos nem o prado  
Planta mais tenra, flôr de mais agrado.

Tambem no Canto VIII, falando das pedras preciosas (n'este canto narra a descoberta das esmeraldas) que a natureza apenas revela aos seus genios familiares, diz :

(1) Estou de accordo com o dr. Teixeira de Mello quanto ao juizo que em geral faz das *Obras* do poeta e do poema *Villa Rica*, excepto quando considera o poeta superior a Petrarca, exagero sem nome. Tambem deixa de ter razão quando assegura que Claudio nunca escrevera versos soltos e sim toantes. São versos *soltos* ou *brancos* todos os que começam as estrophes da Ecloga II e tambem os ha nas poesias ineditas, que, em verdade, o critico não conhecia.

..... tão ricas como bellas  
 Muitas nymphas em roda a estão cercando  
 Nas lindas mãos nevadas sustentando  
 Os thesouros que occulta e guarda a terra  
 (Tristes causas do mal, causas da guerra!)

Taes bellezas são raras; mas por esse traço, que é do seu temperamento, vê-se que o poeta não é um cantor de *gestas* do norte, mas um *troubadour* meridional como os da Provença.

O resto do poema, e é assim quasi todo, compõe-se de narrativas ou descripções de grande e insípida vulgaridade. A baixa vulgaridade mesma tem ahí o seu lugar como, para exemplo, são os ultimos versos da epopeia em que se descreve uma eleição :

Mas já lavado estava e já firmado  
 O termo que escrevera o bom Pegado,  
 Quando mais que a eleição podendo o acaso,  
 Manda o heroe que se extraia d'entre um vaso  
 Os nomes do primeiro a quem toca  
 Reger a vara que a justiça invoca.

É quasi difficil crêr que sejam de Claudio taes versos !

Como no poema de Lucano, agora um dos modelos do poeta, não se sabe qual o heroe, se Cesar ou Pompeu, aqui tambem duvida maior assoberba o critico. O descobrimento das minas, a pacificação das luctas dos forasteiros ou a apologia de Bobadella, qualquer d'esses motivos póde ser o principal do livro, que por isso mesmo não tem verdadeira unidade.

O Canto I é uma amplificação da passagem do Rubicon em Lucano.

Entretanto, sem os lugares communs da excusada lisonja aos governadores de Minas, o assumpto das *bandeiras* mais que todos os da historia patria possui materia epica, em muito superior á do *Uruguay* de Basilio da Gama. Difficilmente se encontraria outro igual nas nossas chronicas, onde a realidade e o maravilhoso quasi se confundem, e onde a grandeza das acções toca ás vezes ao sublime.

## V

D'essas considerações posso concluir. (e creio que V. não pensará muito differentemente de mim) que o livro de Claudio Manoel da Costa é o das suas *Obras*, e d'estas são principalmente os *Sonetos* a sua corôa eterna de gloria.

Por elles foi o precursor de Gonzaga que o chamava de seu mestre. Mais tarde, Garret o faz rival de Metastasio; a Academia de sciencias de Lisboa recommenda-o como classico. Camillo C. Branco acha-o sob muitos aspectos superior a Bocage, outro mestre dos sonetos; Bouterweck, não sem exagero, considera-o o primeiro que restarou o gosto, transviado pela moda e pela decadencia do seiscentismo. E se me compete opinar tambem aqui, digo com sinceridade que os sonetos de Claudio em todas as literaturas latinas só tem superiores nos de Petrarca e nos de Camões. E, como diz Silvio Romero, os nossos poetas jamais poderiam no genero disputar-lhe a palma.

Estes os olhos são da minha amada,  
 Que bellos, que gentis e que formosos!  
 Não são para os mortaes tão preciosos  
 Os doces fructos da estação dourada.

Por elles a alegria derramada  
 Tornam-se os campos de prazer gostosos.  
 Em zephiros suaves e mimosos  
 Toda esta região se vê banhada.

Vinde olhos bellos, vinde, e emfim trazendo  
 Do rosto do meu bem as prendas bellas,  
 Dae allivios ao mal que estou gemendo :

Mas ah! delirio meu que me atropellas!  
 Os olhos que eu cuidei que estava vendo  
 Eram (quem crêra tal!) duas estrellas.

.....

Onde estou! este sitio desconheço  
 Quem fez tão differente aquelle prado!  
 Tudo outra natureza tem tornado,  
 E em contempal-o timido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço  
 De estar a ella um dia reclinado.  
 Alli em valle um monte está mudado:  
 Quanto pode dos annos o progresso!

Arvores aqui vi tão florescentes  
 Que faziam perpetua a primavera:  
 Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era:  
 Mas que venho a extranhar se estão presentes

Meus males com que tudo degenera ?  
 . . . . .

Nize ? Nize ? Onde estás ? Aonde espera  
 Achar-te uma alma que por ti suspira,  
 Se quanto a vista se dilata e gyra,  
 Tanto mais de encontrar-te desespera !

Ah ! se ao menos teu nome ouvir pudera  
 Entre esta aura suave que respira !  
 Nize, cuido que diz, mas é mentira.  
 Nize, cuidei que ouvia e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espesura,  
 Se o meu bem, se a minha alma em vós se esconde  
 Mostrae, mostrae-me a sua formosura.

Nem ao menos o éco me responde !  
 Ah como é certa a minha desventura !  
 Nize ? Nize ? onde estás ? Aonde ? aonde ?  
 . . . . .

Destes penhascos fez a natureza  
 O berço em que nasci : oh ! quem cuidára  
 Que entre penhas tão duras se creára  
 Uma alma terna, um peito sem dureza !

Amor que vence os tigres, por empreza  
 Tomou logo render-me ; elle declara  
 Contra o meu coração guerra tão rara  
 Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o damno  
 A que dava occasião minha brandura,  
 Nunca pude fugir ao cego engano :

Vós que ostentaes a condição mais dura,  
Tremei, penhas, tremei ; que amor tyranno  
Onde ha mais resistencia mais se apura.

. . . . .

Nas *Eclogas* e *Romances* que são em geral de grande belleza, o discipulo de Petrarca passa a ser o de Virgilio mas com certa diminuição de brilho e da perfeição da forma.

Em quasi todas ha paraphrases, que não copias, das eclogas do poeta latino, e como Claudio, assim o faziam todos os Arcades, os quinhentistas e todos os escriptores da renascença (1).

(1) Entre outras passagens, notamos estas :

« Duas rolas cantando  
N'aquella sovereira, etc...

*Nec tamen interea raucæ, tua cura, palumbes  
Nec genere aëria cessabit turtur ab ulmo.*

E na *Ecloga II* :

» Os campos n'este dia  
Se cobrem de verdura... »

E mais adiante :

Ja torna ao nosso mundo  
Aquella edade de ouro...

*Nunc frondent silvæ...*

. . . . .

*ac toto surget gens aurea mundo.*

Estava no gosto de todas as escolas repetir os versos celebres de todas as literaturas ; na *Ecloga XV* ha por exemplo uma imitação do famoso verso da *Ulysséa* (que quando ri no ceo nos campos chora) e na mesma *Ecloga* outra reminscencia do *Nessun maggior dolore* de Dante. Essas reminscencias eram como que a erudição dos poetas e mostravam as suas leituras e predilecções. Em Claudio poder-se-iam notar as de Guarini, Metastasio, Quevedo, Camões, Petrarca, Virgilio e Ovidio.

O *Epicedio II* que é muito bello é quasi todo paraphraseado no rythmo na forma e na substancia, de Petrarca e Camões.

É curioso todavia notar que, resalvando os seus sonetos, parece que o cuidado de polir o verso não o preocupou com a mesma diligencia e esmero. Uma vez ou outra deparam-se, ainda que raros, descuidos e imperfeições e mais raramente ainda um ou outro mau verso (1).

(1) São desuidos ou lapsos, as rimas *Alcimedonte* e *destramente* na *Ecloga I*; falta de versos inteiros no *Epic. I*; alguns versos maus:

« Como injuriando o obzequio da fineza. »

ECL. XII.

« Qualquer engenho a penna, em nada atina. »

EPIC. II.

Os seus *bordões* ou *chavões* são *empenho*, *obsequio*, *desatar*, *executivo*, e ainda poucos outros, dos quaes não me animo a tirar illações psychologicas; mas não me parecem bellos esses vocabulos.

Claudio Monoel da Costa na versificação conserva de ordinario o hiato quando as vogaes occorrem no interior das palavras. Assim, escreve:

« Tem do d'um peito tambem magoadó. »

ECL. I.

« Com que chega meu peito saudoso. »

EPIC. II.

E tambem:

« Que hoje é no campo a infeliz noticia. »

ECL. VI.

O *Romance I* é a composição mais defeituosa de todas que existem do poeta e tambem a mais desagradavel pelo tom de exagerada lisonja que a perverte.

Não me refiro aqui aos numerosos versos imperfeitos de *Villa Rica* por ser este poema um manuscripto em quanto viveu o poeta.

Tambem ha incorrecções grammaticaes nas *Obras* de Claudio mas são quasi raras e sem importancia; a mais grave é de certo a simultaneidade do uso de *vos* e *tu* no *Romance I* que repetimos, é a mais imperfeita das suas composições de cuja authenticidade, se não fora impressa, haveria motivo para duvidar.

## VI

E dou aqui por terminada a minha tarefa. A morte de Claudio é assaz conhecida e anda em todas as historias da nossa terra, na lista dos martyres que se sacrificaram pela independeneia d'ella (1). É um fim glorioso sem duvida e digno de um grande poeta. Envolvido na conspiração e homem conheedor da lei e do destino que o esperava, talvez por ser o mais culpado ou por ser o mais innocente desesperou da vida e se foi embora d'ella, aos sessenta annos de idade. Suicidou-se para evitar a ignominia do carrasco, o que é um tão santo modo de morrer como o finar-se já sem amigos entre as consolações da egreja. Na Roma antiga, os vencidos abandonavam a vida já não tendo nenhum dever n'ella.

Ha quem pense que foi assassinado, hypothese inutil, por que o governo tinha então o direito de matal-o; e ainda hoje, sem esse direito já, assassina por vezes os seus inimigos.

Eis ahi o que pude dizer respeito do poeta sem o prestigio e a clarividencia que V. poria n'estas paginas.

Claudio Manoel da Costa não tinha propriamente genio, e nada creou, que se podesse dizer, de si proprio; foi um producto do tempo sem ser um creador ou educador do seu tempo. É um arcade e academico quando todos da sua epoca e antes d'elle

(1) No lugar proprio inserimos n'esta edição os documentos que se referem á vida e á morte do poeta.

tambem eram academicos e arcades. Em raras cousas é o mestre dos vindouros, em tudo é o discipulo dos que passaram e, mais estreitamente ainda, é o discipulo da sua escola. Não tem o sentimento da natureza porque uma vez acabada a paisagem academica que era a do Mondego, não sabe inspirar-se no grande scenario em que agora vive. É um taciturno e melancolico ; n'elle virtudes ou vicios sem desabafo, se accumulam, se multiplicam e se extremam ; na amisade, toca á lisonja ; no desgosto da terra toca ao absenteismo ; no horror da morte, toca ao suicidio. A poesia foi n'elle como a *beauté du diable* das raparigas ; morta a mocidade, continuou a fazer versos, sem a poesia viva.

Sem duvida alguma, é digna do respeito e da dôr universal a sua perda ; mas já havia muito que ao patriota precedera na morte o poeta.

Outubro 1901.

JOÃO RIBEIRO.

---

## BIBLIOGRAPHIA

---

*Munusculo metrico* consagrado ao Ill. e Rev. Sr. D. Francisco da Anunciação. sendo segunda vez confirmado na dignidade de Reitor da Universidade de Coimbra. Romance heroico. — Coimbra, Luiz Secco Ferreira. — 1751, in-4º.

*Epicedio* consagrado á saudosa memoria do Rev. Sr. Fr. Gaspar da Encarnação, Reformador dos Conegos Regulares de Sancto Agostinho da Congregação de Sancta Cruz de Coimbra. — Coimbra, no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus. — 1753, in-4º.

*Labyrintho de Amor*, poema. — Coimbra, Antonio Simões, 1753, in-8º.

*Numeros armonicos temperados em heroica e lyrica consonancia.* — *Ibi*, idem. — 1753, in-8º.

*Obras de Claudio Manoel da Costa*, Arcade Ultramarino, chamado *Glauceste Saturnio*. — Coimbra, na officina de Luiz Secco Ferreira. — 1768, in-8º.

*Villa Rica*, poema. Dado a luz em obsequio ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro por um de seus Socios Correspondentes. — Ouro Preto, typ. do *Universal*. — In-4º de 8 pp. inn-XIX-80 pp. num. (1839-1841).

*O mesmo* (2.ª edição). — Ouro Preto, Typ. do *Estado de Minas*. — 1897, in-8º.

Além d'estas obras, as ineditas e até algumas das primeiras, já separadamente, appareceram em pequeno numero em publicações geraes como a *Collecção de poesias ineditas* (Lisboa, 1809-11), no *Parnaso* (de Januario Barbosa), no *Florilegio* (de Varnaghen), na *Rev. do Inst. Hist.* (t. 53) e na *Revista Brasileira*, as ultimas publicadas pelo dr. Ramiz Galvão (1895). Todas são reimpressas n'esta edição. O *Fundamento historico* que acompanha as edições do poema *Villa Rica* appareceu pela primeira vez em 1813, no *Patriota* do Rio de Janeiro. A empreza do *Estado de Minas*, que publicou em 1897 a 2.<sup>a</sup> edição do *Villa Rica*, tambem editou separadamente os *Sonetos*, extraidos das *Obras* do poeta.

---

## CHRONOLOGIA

---

*Datas quantas foi possível apurar acerca da vida e das obras do poeta.*

(Os primeiros numeros de dous algarismos indicam a idade do poeta).

- 1729.... — Nascimento de Claudio (6 de junho?)  
 — Foi baptizado na Vargem do Itacolomy, villa do Ribeirão do Carmo.
- 10-15 1740-45. — Tempo provavel da partida para o Rio e entrada no Collegio dos Jesuitas.
- 20 1749.... — Partida para Coimbra.
- 22 1751.... — Publica o *Munusculo poetico* em Coimbra.
- 24 1753.... — Publica o *Epicedio*.  
 — Publica o *Labyrintho de amor*.  
 — Publica os *Numeros harmonicos*.  
 — É graduado em canones.
- 25 1754.... — Data provavel do regresso ao Brasil.
- 29 1758.... — Levanta a *Carta topographica* de Villa Rica, pela qual recebe um premio doado pela camara da mesma villa.
- 32 1761.... — Primeira data em que se tem noticia de que exerce a advocacia.

- 33 1762.... — É secretario do Governo da Capitania, nomeado pelo Conde de Bobadella e tendo servido nas administrações do Conde de Cunha e Lobo da Silva.
- 36 1765.... — Deixa o cargo de secretario.
- 39 1768.... — Publica as suas *Obras*, impressas em Coimbra.
- 40 1769.... — Volta a occupar o cargo de secretario do Governo com o Conde de Valladares, e n'elle permanece cinco annos.
- 44 1773.... — Deixa o cargo de secretario. Por esse tempo conclue o seu poema de *Villa Rica*.
- 46-51 1775-80. — Compõe varias das *poesias ineditas* offerecidas aos governadores ou sobre successos d'este periodo.
- 60 1789. — É preso como envolvido na *Inconfidencia*.
- (4 de julho). Suicida-se na prisão. Tres annos depois de sua morte foi condemnado e foi a sua memoria infamada (1792).
-

## DOCUMENTOS E PEÇAS HISTORICAS

---

- I. — *Traslado dos sequestros* feitos ao dr. Claudio Manoel da Costa.
- II. — *Auto de perguntas* feitas ao mesmo.
- III. — *Auto de corpo de delicto* no seu cadaver.
- IV. — *Defeza do advogado* José de Oliveira Fagundes.
- V. — *Sentença da Alçada*.
- VI. — *Dous documentos novos*.

Estes documentos foram copiados dos do Archivo Publico do Rio de Janeiro e publicados na forma em que estão pela *Revista do Instituto Historico* no tomo LIII, 1.<sup>a</sup> parte; Rio, 1890.

O ultimo que encerra o registro de baptismo e a inquisição *de puritate sanguinis*, foi mais tarde publicado na *Gazeta de Noticias*, abril de 1895, pelo dr. B. F. Ramiz Galvão.

CÓPIA.

### **Traslado dos sequestros feitos ao doutor Claudio Manoel da Costa.**

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e oitenta e nove, aos vinte e cinco dias do mez de Junho do dito anno, nesta Villa

Rica de nossa senhora do Pilar do ouro preto em caza donde morava o Doutor Claudio Manoel da Costa onde veio o Doutor Dezembargador Ouvidor Geral, e Corregedor atual desta villa e sua comarca junto com o Douõtor Jozé Caetano Cezar Manique Ouvidor Geral, e Corregedor atual da Villa do Sabará commigo tabelleão ao diante nomeado e o escrivão da ouvedoria desta comarca Jozé Viricimo da Fonseca, e logo pellos dittos menistros asima nomeados me foi dito que por ordem que tinham do Illustrisimo e Excelentissimo Senhor Visconde de Barbacena Governador e Capitam general desta capitania me determinaram a mim tabaleam e dito escrivam da ouvedoria sequestracemos todos os bem que se achar nas ditas cazas e pertecentes ao dito sequestrado Doutor Claudio Manoel da Costa os quaes são os seguintes :

LIVROS. — Ordenaçoens do Reino em folha e seus reportorios que são seis tomos. Ordenação filipina hum tomo. Extraca de negocio hum tomo. Menoquio de habetis hum tomo. Decionario de Moreri dez tomos. Calepinno dois tomos. Mateus de cauza crime hum tomo. Vanesper sinco tomos. Pedro de marie hum tomo. Quis instituta hum tomo. Gomes Variarum dois tomos. Ailonau dito hum tomo. Olea desiçoens hum tomo. Sancha Li observaçoens hum tomo. Oliveira Eccleziastico hum tomo. Leitam de jure Luzitano hum tomo. Vallasco elevaçoens hum tomo, hum reportorio antigo das ordenaçoens hum tomo. Zonega hum tomo. Silva as ordenaçoens quatro tomos, Cortuzo hum tomo. Neto hum tomo. Flores de Espanha hum tomo. Prosodia de Bento Pereira hum tomo. Moraes das execuçoens tres tomos. Tarinocio

dezaceis tomos. Manual pratico hum tomo. Dom Manoel Thezauro canonizari aristotes hum tomo. Lourenço gracianno dois tomos. Acioma jures hum tomo. Paiva e ponna hum tomo. Dom Francisco de quevedo quatro tomos. Luiz Voltoline hum tomo. Sollano de Vale hum tomo. Concordancia de todo o direito de Sebastiam Ximenes toletano hum tomo. Martins alcosta hum tomo. Constituição do arcebis-pado da Bahya hum tomo. Observaçoes do Reino hum tomo. Pratica Criminal de Fereira hum tomo. Velasco de jure enfiteutico hum tomo. O mesmo nas Consultas hum tomo. Monarquia Portugueza seis tomos. Vanguerbe hum tomo. Macedo de Elecoens hum tomo. Epilogo juridico hum tomo. Univercio juridico do direito hum tomo. Misticidade de Deos sinco tomos. Ideya de hum principe politico dois tomos. Ideya da agudeza hum tomo. Caldas pereira hum tomo. Surdo dois tomos. Miguel de Caldero hum tomo. Sivoline dois tomos. Cistemas dos regimentos dois tomos. Gonçalo Telis sinco tomos. Dicionario estorico quatro tomos. Manoel Rodrigues questoens Regulares dois tomos. Silveira aos textos evangelicos hum tomo. Merlino de pinhoes hum tomo. Corrado hum tomo. Caracioli de foro competente hum tomo. Vozino hum tomo. Julio Claro hum tomo. Alcratito ou abedario de lango, João Clericato dois tomos. Gama hum tomo. Sevalino Siencia Canonica dois tomos. Bering quatro tomos. Anceletta direito canonico seis tomos. tiraquelo sinco tomos. Barboza de direito Canonico eclesiastico vinte tomos. Vinio a instituta dois tomos. Gabriel Pereira hum tomo. Obras de Camoens hum tomo. Menoquio

hum tomo. Observaçoens do Reino hum tomo. Jeografia estorica dois tomos. Pegas forences sete tomos. Sebo decizoens hum tomo. Remiçoens de Barbosa hum tomo. Mendes e Castro hum tomo. historia de Solis hum tomo. Brito de Esterca de Sister hum tomo. Guerreiro quatro tomos. Pinheiro tres tomos. Coleção das Leis Jozefinas dois tomos. Cordeiro hum tomo. Decionario novo da Lingoa espanhola e franzeza dois tomos. Mencigeri a instituta. Na quarta colluna da instante da parte direita quarenta tomos de livros; na quinta da mesma quarenta e quatro tomos de livros, quarta colluna da instante da parte esquerda quarenta e nove livros na mesma instante na quinta colluna quarenta e seis. Ozorio de padruádo Real e Secular hum tomo. Anacrior Safue hum tomo. Meditação de Jezus Cristo hum tomo. Sonho poema e erotico hum tomo. Lubas de Francisco Manoel Gomes hum tomo. Traduçam do doutor Francisco de quivedo inmanoescrita savelo dois tomos. Pereira de Mano Regio hum tomo. Pedro Barboza hum tomo. Primeira parte da istoria de Santo antão hum tomo. hum livro de Santo Ignacio de Loyóla em manuscrita. jornal da Legação hum tomo. tratado de Univerçoens escrito em manuescrita.

ROUPA DE CÔR. — Um vestido cramezim de panno forrado de amarelo e caziado de oiro, com vestia e calção do mesmo, hum vestido inteiro de seda de cabaya verde, com vestia e calçam tambem verde de chuva de prata huma cazaca de veludo cor de sereja huma vestia branca de matizes, huma de setim com seu calção cramezim de dados hum calçam de cabaya verde hum manto de cavalleiro, metido em

huma bolça de damasco cramezim huma cabelleira nova em uma bocêta, huma burraxa com seu bucal de prata, com secenta e huma oitava e meia de oiro em pó, hum livro derrozão que está junto na mesma gaveta aonde está a burraxa com o dito oiro, tres livros de traduçoens de tragedias, e mais *outro dos mesmos relatados e poemas*, hum espadim de prata hum bastam de abade com castam de prata, huma cazaca e vestia de belbute amarello hum habito de christo de pedras brancas e encarnadas que se acha pregado no mesmo vestido huma cazaca de ganga com sua vestia e calção do mesmo bordado de preto, e calçoens de panno verde, hum chapéo cuberto de setim preto, huma cazaca vestia de sarga pretta de seda e hum calçam de belbute preto, huma cazaca de druguete castor preto e huma vestia de seda bordadura larga, outra de setim cor de roza derramos de oiro e matizes, huma cazaca e vestia de xita abrihantada, hum vestido de seda preta inteiro huma capa de seda huma saraça de xita seis colherinhas de xá de latão.

ROUPA BRANCA. — Trez camizas de bertanha huma dellas com babados de renda trez pares de meias de seda branca dois pescocinhos e huma volta, huma tualha de meza de algodam e doze guardanapos do mesmo huma Toalha de bertanha de amburgo comrenda, quatro lancois de panno de linho, gum pcutiador de bertanha com sua renda, oito camizas de bertanha com seus babados e duas siroullas de panno de linho, mais uma recortada por baixo, oito fronhas com suas rendas sinco pares de meias de linho duas duzias e meia de pratos finos

azues de guardanapo tres pratos grandes de macau quatro mais piquenos do mesmo sinco pratos traveços sinco pratos traveços mais piquenos duas terrinas piquenas da mesma fabrica azues huma terrina grande com seu prato da fabrica do porto, huma mostardeira com o seu prato da nossa fabrica um prato de meia cuzinha da india um salleiro e huma pimenteira da india tres copos de vidro de agua e dois callis de vinho.

PRATA. — Humas esporas de prata com suas five-linhas hum par de fivelas de Pexisbece de sapatos, hum habito de christo grande de crus cumprida com seu broxe em sima de pedras brancas com sua fita encarnada hum par de castiças de casquinha uzados.

LIVROS. — Quinze livros de oitavo, e hum de quarto que é amarante hum enxergão e hum traviceiro e hũa fronha dois lençois de panno de linho traviceiro e fronha de panno de linho huma colxa velha hum cubertor de damasco de lam cramezim com cercadura amarela huma vestia de xita outra de xita verde, hum xambre de xita uzado hum sobretudo de barrigana alvadija hum leito com armação branca de algudam com cercadura de xita, seis facas de cabo de prata.

LOUÇA DA INDIA. — Oito pires e oito xicaras da india hum bule dito tres pratos compridos ditos oito pratos da india exmaltados hum terno de pratos ridondos da india exmaltados de azul doze pratos brancos de inglaterra, seis copos piquenos hum talher de azeite e vinagre e pimenta e sal hum moinho de fazer café hum bule piqueno pardo huma

caneca de louça com a sua tampa azul hum copo de louça pintado duas pipas piquenas de vidro, huma azul e outra branca duas garrafas brancas de vidro branco e hum frasco do mesmo tres supieras da india com suas tampas tres copozinhos piquenos de louça pintados com quatro pires e seis xicaras piquininas ou tampos de xicaras sinco frascos tres de boca larga e dois dos ordinarios oito garrafas grandes e huma piquena.

ESCRAVOS. — Hum escravo por nome Lourenço criullo, outro por nome Joze angola outro Manoel angolla, outro Matias e outro Pedro ambos angolla, dois pratos grandes pintados de varios cores tres mais piquenos da mesma cor dois candieiros de arame hum taxo piqueno e uma bacia de arame hum caldeiram de cobre grande duas cortinas de serafina com seus babados azues com suas varetas de ferro tres sellas duas comjareis e huma sem elles tres bancos grandes de dobradice e outro que se axa no escritorio hum espriguiceiro hum leito de pau branco com uma colxa de algudam de Sam Paulo huma duzia de cadeiras mais quatro ditas com encosto de pau huma poltrona des moxos de couro, e um forrado de carneira com enximento por dentro duas comudas que estão na caza debaixo com suas gavetas doze cadeiras com assentos de damasco, duas mezas cobertas de xita sem gavetas uma meza redonda huma meza grande com sua gaveta huma marmota hum sacrino grande de pau duas retabulas grandes redondas, quinze laminas rredondas de varias qualidades duas imagens com suas redomas grandes de vidro huma papeleira huma meza re-

donda hum catre nove moxos hum bahu hum leito  
hum pau de cabeça de cabilleira duas estantes huma  
maior outra mais piquena dois pares de botas qua-  
torze laminas piquenas com seus vidros na каза de  
baixo quatro mapas com guarnição de pau com  
suas cabeças torneadas postos na parede já uzados  
huma rrede branca de algodão anilada duas cazacas  
de pagens com duas vestias e dois calcoens a saber  
de panno escuro forrado de amarelo as cazacas e as  
vestias e calcoens amarelos hum xapeu piquenino  
uzado com seu galam de oiro uzado huma camiza  
de panno de linho de page hum ballandrau de seda  
roxa uzado de irmandade do Senhor dos Passos tres  
livros de meias folhas e quatro de quarto e oito de  
piquenos que estavam cozidos dentro em hum saco  
de aniage entre os quaes livros piquenos erão humas  
Oras Latinas com suas chapinhas de prata hum  
xairol da pontas grande de baetam branco com seus  
quadrados com guarniçamde esfolhado ou babado de  
durante carmizim huma xiculateria de cobre e duas  
trempes de ferro hum tear de tecer algudam já te-  
cer algudam de madeira branca com um pouco de  
algudam já tecido e outro por tecer dois moxos de  
madeira branca cobertos de couro, huma morada de  
cazas de sobrado cuberta de telha que partem de  
sima com cazas de Joze Viricimo da Fonseca e pella  
de baixo com a Capela da Sinhora das Dores com  
o seu quintal cercado de pedra e dentro do mesmo  
com suas arvores de espinhos uma catana velha com  
guarniçõens piquenas punho cuberto de cabelo já  
roto sem bainha, tres caixoens de botar mantimento  
dois sem tampa e hum delles piquenos, huma meza

sem gaveta, de pau branco hum espeto de ferro grande e outro piqueno do mesmo huma colher de ferro.

E por ora senão achou mais bens alguns mais dos que aqui descrito e declarados e sendo presente Francisco Xavier de Andrade depositario dos presentes bens sequestrados dois quais se deu por entregue deles se sujeitou as leis de fiel depositario para dos mesmos dar conta de tudo menos da buraxa com bucal de prata com secenta e huma oitavas e meia de ouro em pó por esta se entregar neste ato ao Sixtente do cumer do prezo o doutor Claudio Manuel da Costa para gastos a Adam Cardoso na fórma que foi ordenada pelo doutor dezembargador ouvidor geral e corregedor desta comarca Pedro Jozé Araujo de Saldanha em virtude das ordens do Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Visconde General desta capitania; e menos tãobem hum candieiro de latam que se acha na prizão do dito prezo e com dois colxoens dos aqui declarados e de como o mesmo depozitario se deu por entregue dos referidos bens e se sujeitou as Leis de fiel depozitario aqui asigna commigo escrivão dito do ouvedoria e ministros, e eu Antonio Joaquim de Macedo tabeliam que escrivi *Saldanha. Franciseo Xavier de Andrade Ferreira. José Viricimo da Fonseca. Maniti.*

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil e setecentos e oitenta e nove annos aos catorze dias do mez de Julho do dito anno nesta fazenda xamada do fundam que he esta na diviza da freguezia da Sé da cidade de Marianna do termo de Villa Rica donde foi vindo o coronel Jozé Pereira

Lima de Velasco e Molina, juiz ordinario este presente anno na fórma da lei por mandato do Doutor Dezembargador juiz dos feitos da corôa e real fazenda Ouvidor Geral e Corregedor desta comarca Pedro Jozé Araujo de Saldanha em obcervancia das ordens do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde de Barbacena Governador e Capitam General desta capitania commigo tabeliam de seu cargo ao deente nomeado, junto com o meirinho das execuçoens Francisco José Rego e sendo ahi pelo dito coronel juiz ordinario foi mandado ao dito meirinho fizece suquestro em todos os bens que facem do *prezo* doutor Claudio Manoel da Costa e logo o dito meirinho fes suquestro em a metade da Rossa que se compoem de cazas de vivenda asobradadas de hum lado e do outro terrias com suas senzalas paiol muinho engenho de fazer farinha com seu oratorio de dizer missa com uma imagem de nossa senhora dos remedios com calix com o copo sômente de prata e o mais de estanho misal ornamento branco de Durante com seus ramos encarnados e um frontal de damasco branco e vermelho muito velho com sua toalha de altar com sua renda, cuja a metade da fazenda se compoem de mattos capoeiras e terras de minerar que de huma parte confronta com o guardamór Manoel da Mota de Andrade de outra com Manoel Durais e de outra com Manoel Rodrigues Mendes, e com Izidoria da Rocha. E tambem fez o dito meirinhosuquestro em oito escravos a saber: *Antonio* crioulo, *Miguel* angola, *Antonio* e outro *Antonio* ambos congo, *Domingos* congo, *Jozé* banguela, *Jozé* crioulo, *Caetano* rebolo, e mais huma negra por

nome *Jozefa* de nasção mina muito velha e doente e um cavallo lazão calzado do pé direito e mão esquerda hum silva na testa, hum dito castanho outro dito castanho com a frente aberta com a mão direita e os pés calçados sinco bestas muares de carga arreadas seis cabeças de porcos sinco cabeças de gado vacuum miudos coatro catres de madeira branca velhos uma duzia de pratos de estanhos razos pequenos dois de meia cozinha seis colheres e sinco gafos de metal seis moxos coatro mezas de madeira branca duas com suas gavetas e hum com sua xave dois taxos hum grande outro mais piqueno dois almarios de madeira branca velhos duas canastras cubertas de couro cru e hum caixta piquena sinco machados des fouces em bom uzo onze euxadas muito velhas sómente os olhos hum alabanca boa hum almocofre dois bancos hum roزاریo de ferage derroda de minerar muito uzado hum serra braçal hum sella com seus estrivos e freio com muito uzo, e o millo e feijão que se achava no paiol o qual se vai gastando não só no sustento dos escravos aqui suquestrados e cavalos e porcos além do que vai para o sustento dos escravos que se acham na lavra da Taquara queimada e para os mais que se acham na villa e das bestas que costumam conduzir o dito mantimento para as ditas paragens da Villa e Lavra e por esta forma ouve ele dito Coronel Juiz Ordinario este suquestro por bem feito e depozitou os referidos bens em mão e puder de Manoel José da Silva morador e socio da mesma fazenda pesoa leiga cham e abonada a quem o dito Coronel Juiz Ordinario mandou entregar os referidos bens o

qual os recebeu e deles tomou entrega de que dou fé e se sujeitou as leis de fiel depositario e assignou com dito Coronel Juiz Ordinario meirinho e testemunhas presentes os abaixo assignados e eu Antonio de Oliveira e Sá tabeliam que o escrevi e assignei. *Velasco. Antonio de Oliveira Sá. Manoel Jozé da Silva. Francisco Jozé Rego. Manoel da Mota de Andrade. Ponciano Jozé Lopes.*

ADIÇAODOSUQUESTRO. — Aos trinta e hum dias do mes de Julho de mil setecentos e oitenta nove annos nesta Villa Rica de nossa senhora do pillar do ouro preto em cazas de morada do suquestrado o doutor Claudio Manoel da Costa onde eu escrivão ao diante nomeado fui vindo e ahi sendo presentes o Doutor Dezembargador e Ouvidor geral e corregedor atual desta comarca Pedro Jozé Araujo de Saldanha e o Doutor Jozé Caetano Cezar manite Ouvidor geral e Corregedor da comarca e villa do Sabará ahi por mandado dos ditos ministros e ordem que para isso tinham do Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Visconde de Barbacena Governador e Capitan general desta capitania foi por mim escrivão e o meirinho geral João Xavier feito suquestre em mais bens que apparecerão pertencentes ao suquestrado o Doutor Claudio Manoel da Costa e são os seguintes huma fivella de piscocinho de ouro com ou pezo de nove oitavas e dois vintens dois pares de botoens de punhos com pedras encarnadas que pezão tres oitavas e coatro vintens huma medalha de habito de Christo muito piquinina coziãa em um pedacinho de fita encarnada já uzada dois pares de fivella de ligas

de calcam de metal amarelo dois oculos piquenos de nariz com sua caixa hum calçam de seda preta roto huma cazaca e vestia de panno verde caziada de prata já uzada humas calças e vestia de secescia encarnado já uzado hum calzam de xitta amarella uzado hum cazacam de baetam acamurçado pintado já velho hum capote de baetam de riscos pintado já uzado hum xapeu finno velho dois lençois velhos um velho e outro em bom uzo, com babados de panno linho aberto, duas camizas de bertanha com seus babados dois pares de seroullas de panno de linho huma toalha de bertanha rota duas fronhas huma grandê e outra piquena huma toalha de panno de linho rota e velha, dois pares de meias de linho velhas e rotas dois lenços azues de tabaco hum branco roto com sua cercadura hum par de meias prettas de laa dois pares de meias de seda prettas belhas hum par de zapattos pretos velhos, com suas fivelhas de luto huma cabelleira com sua bolça humas oras latinas uma coroa de Jeruzalem hum pescocinho de cambraia velho hum copo de vidro grande huma garra'a hum cobertor de papa novo branco, outro dito encarnado uzado hum colxam de lam acolxado, com seu traviceiro e fronha de panno de linho huma mezinha de pau piquénina já velha e hum tamborete roto.

Cujos bens asim suquestrados forão entregues a Francisco Xavier de Andrade que os recebeu e deles se deu por entregue e se sugitou as leis de fiel depositario a quem eu escrivão notifiquei para que dos ditos bens não depuzece sem expreça ordem de justiça debaixo da penna da lei e para constar do refe-

rido me mandaram os ditos ministros fazer este termo em que nelle assignarão com o dito depositario meirinho geral e eu Francisco Xavier da Fonseca escrivão da ouvedoria o escrevi. *Saldanha. Maniti. Francisco Xavier de Andrade Ferreira. João Xavier.*

Anno do nascimento de nosso senhor Jezus christo de mil setecentos e oitenta e nove annos ao primeiro d'a do mes de Agosto do dito anno, neste citio e lavra chamado o *Canelas* do thermo da cidade Mariana donde foi vindo o coronel Joze Pereira de Lima de Velasco e Mollina Juiz Ordinario do termo de Villa Rica com Francisco Dias Ribeiro official de justiça e commigo tabaleão ao diante nomeado por mandado do Doutor Dezembargador Pedro Jose Araujo de Saldanha Ouvidor geral e Corregedor actual desta comarca em observancia das ordens do Illustricimo e Excellenticimo Senhor Bisconde de barbacena goveruador e capitam general desta Capitania, e sendo ahi fes o dito meirinho suquestro em todos os bens escravos e lavras pertencentes ao doutor Claudio Manoel da Costa em cuja lavra são socios Antonio Domingues do Cabo Pinto e Domingos Pires e logo o dito Meirinho fes suquestro na pate da lavra que o dito sequestrado tinha com os ditos socios e mais terras capoeiras e matos virgems campos e seus logradouros e em humas cazas cubertas de telha com se quintal e bananal e na parte do muinho que he da suciedade e nos escravos seguintes — *Joao* de nação angola — *Manoel* da mesma nação — *Estevao* crioulo — *Felipe* crioulo — *Pio* crioulo — *Domingos* angolla — *Joaquin* crioulo — *Manoel* crioulo — *Antonio* de nação

angolla e *Pedro* da mesma nação — *Manoel* da mesma nação — *Francisco* angola — *Januario* angola — *Manoel* de nação angola — *Francisco* angola — *Antonio* angola — que declarou estar na Villa — hum maxo velho de carga castanho escuro asim mais fes suquestro nas ferramentas seguintes dezacate almucafres uzados huma enxada velha sinco alabancas com bastante uzo dois marrois com bastante uzo — cujos bens asima suquestrados depozitei em mam e puder de Antonio Domingues do Cabo Pinto o qual he admenistrador e socio da mesma lavra o qual de todos se deu por entregue e se sujeitou as Leis de fiel depozitario como tambem de dar conta de todo o oiro que se extrahir da dita lavra da parte que tocar e pertencer ao dito Doutor Claudio Manoel da Costa suquestrado e em tudo se obrigou as Leis de fiel depozitario e eu tabeliam o notifiquei para que dos ditos bens não despuzeze sem ordem de justiça digo deste juizo penna da mesma Lei o que asim prometeu fazer e de como asim o dice aqui assignou com o dito Coronel Juiz Ordinario, Meirinho, e eu Antonio de Oliveira e Sá tabelião o que escrevi. *Vellasco. Antonio de Oliveira e Sá. Antonio Domingues de Cabo Pinto. Francisco Dias Ribeiro.*

E nada mais continham os suquestros ffeitos ao suquestrado Doutor Claudio Manoel da Costa que tudo em puder e cartorio de mim escrevão ao diante nomeado se achava com cujo theor bem effielmente fis tresladar pois este confferi com outro official de justiça commigo adiante assignado por ordem bocal do Doutor Dezembargador geral e Corregedor ac-

tual desta comarca Pedro Jose Araujo de Saldanha por me dizer que assim lho havia determinado o Illustricimo e Excellenticimo Senhor Visconde de Barbacena Governador e Capitam General desta capitania e este o sobescrevi confferi e asignei, nesta Villa Rica de nossa senhora do Pillar do oiro preto aos dezoitto dias do mes de Agosto de mil e sette centos e oitenta e nove annos e eu Francisco Xavier da Fonseca escrivão da Ouvedoria o sobescrevi asignei e conferi. *Francico Xavier da Fonseca* e conferido commigo inquiridor *Manoel Tgomé de Sousa Coutinho*.

Extrahida dos livros da incofidencia de Minas-Geraes (vol. 7 — sequestros). Archivo Publico do Imperio.

Confere. O official *Francisco de Salles de Macedo*.

### **Auto de perguntas feitas ao bacharel Claudio Manoel da Costa.**

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de mil setecentos e oitenta e nove annos, aos dois dias do mez de Julho do dito anno, nesta Villa-Rica de Nossa Senhora do Pilar do Ouro-Preto, e casas do Real Contracto das Entradas, onde foi vindo o doutor desembargador Pedro José Araujo de Saldanha, do desembargo de S. M. Fidelissima, ouvidor geral e corregedor de esta comarca, junto comigo o bacharel José Caetano Cezar Manitte, do desembargo de S. Magestade, ouvidor e corregedor da do Sabará, escrivão nomeado para esta diligencia pelo Ill. e Exm. Senhor visconde de Barbacena, go-

vernador e capitão general desta capitania, para effeito de se fazerem perguntas ao bacharel Claudio Manoel da Costa, que se acha preso em um dos segredos que se mandaram praticar nas referidas casas ; e sendo ahi conduzido a sua presença o dito preso, pelo mesmo ministro lhe foram feitas as perguntas seguintes :

Foi perguntado como se chamava, donde é natural, de que vivia, onde residia e a sua idade. Respondeu que se chamava Claudio Manoel da Costa, que era natural da cidade da Marianna, que vivia da sua advocacia, que era residente nesta Villa-Rica, de idade de sessenta annos.

Foi mais perguntado de sabe ou suspeita a causa da sua prisão. Respondeu que, desde o dia que foi preso o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, espalhando-se o rumor de que era preso por uma especie de levantamento com idéas de republica, logo na mesma occasião receou elle respondente ser preso, a titulo de socio consentidor ou approvador de semelhantes idéas, e com effeito se encheu de grande terror e entrou a deprecar os santos por muitas orações, para se vêr livre deste ataque, de que o não puderam salvar os seus pecados.

Foi mais perguntado, se, tendo este conhecimento de que poderia ser tambem preso, sabe quem foram os confederados de semelhante desordem, e que razão tinha para conceber este temor. Respondeu, que elle respondente era amigo particular do dito doutor Gonzaga, e que sempre estavam, familiarmente, um em casa do outro, communicando-se com a lição dos seus versos e do mais que occorria, e como o dito

dezebargador Gonzaga tinha alguns inimigos bastante poderosos, e estes o eram tambem d'elle respondente, por consequencia da amizade, era infallivelmente certo tentarem para logo comprehendel-o por socio, approvador ou consentidor daquelle attentado, em que o imaginavam comprehendido.

Foi mas perguntado se houve na realidade designado o dito attentado, e se sabia quem eram os confederados para elle, e socios. Respondeu que por effeito da dita prisão, e das mais de que logo se teve noticia pela do doutor Alvarenga e do padre Carlos, vigário de S. José, como tambem do contractador Abreu, se fez logo publico, que se meditava entre elles alguma especie de sublevação contra o estado, sem embargo de que nada disto se manifestava por algum signal exterior ou preparativo, e somente pelo rumor que já havia excitado um alferes, por alcunha o Tira-Dentes, andando por casa de varias pessoas a fallar-lhes nessa materia.

Foi mais perguntado se elle respondente não ouviu fallar aos referidos, de cujas prisões está certo, em semelhante materia algumas vezes. Respondeu que não ha duvida que, em casa do doutor Gonzaga, ouviu por varias vezes conversar sobre a dita materia, formando o mesmo doutor hypotheticamente uma idéa do seu estabelecimento, que facilmente abraçavam os outros dois, Alvarenga e Carlos; mas elle respondente foi sempre do contrario parecer á sua criação por causa de que faltando-lhe forças não poderia subsistir.

Foi mais perguntado se, além destes dois assistentes, haviam mais socios naquellas conferencias, e

quem eram. Respondeu, que os dois assistentes eram o coronel Ignacio José de Alvarenga e o vigario de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, e como estes ditos dois homens pouco tempo se demoravam em casa do dito doutor Gonzaga, e passavam as tardes e as vezes as noites em differentes casas da villa, presume elle respondente, pela facilidade com que fallavam, que o mesmo divulgaram por outras casas, onde iam ter, como era a de Domingos de Abreu, onde consta se achava o dito Tira-Dentes e o padre José da Silva, do Serro, que tambem se diz indiciado neste crime; declara mais, que, pelo que varias vezes observou em conversas com o doutor Gonzaga, no quintal delle respondente, não deixavam os denunciados de fallar com extensão nesta materia com o tenente-coronel Francisco de Paula, e seu cunhado José Alvarés Maciel, que foi o primeiro que suscitou esta especie com a lembrança de Inglaterra, dizendo em uma occasião que elle faria a polvora, e que a primeira cousa era tomar-se a caixa real, bem que isso era tambem hypotheticamente, e não em acto deliberativo e acção; e desta especie presume elle respondente se foram reforçando as tentativas entre os tres acima nomeados, Gonzaga, Alvarenga e vigario Carlos; que elle respondente presume serem os que puzeram algum interesse na esperança desta acção, que jamais teria effeito, por faltarem todos os meios de se verificar.

Foi mais perguntado se soube ou teve noticia de alguns capitulos, ou plano, para o referido levante. Respondeu, que já tinha dito que não viu disposição, nem preparativo algum, pelo qual se deliberasse

a conhecer a intenção e animo que tinham, de fazer a execução do projecto, porquanto nunca assistiu elle respondente ás conversas dos ditos nas referidas casas de Abreu, e dito tenente-coronel Francisco de Paulo, e só se resolve a tirar esta illação, perdões e outros factos de que está lembrado.

Foi mais perguntado que declarasse, que factos eram os de que fazia menção. Respondeu, que o primeiro foi dito do padre Carlos, quando se ausentou de casa do Gonzaga para o rio das Mortes; porque, entrando em caza delle respondente a despedirse, lhe disse, que logo voltava feito um homem grande, porque tinha disposto os seus negocios e a senha dada para o dia em que o avisasse o dito tenente-coronel Francisco de Paula, era a seguinte: tal dia faço o meu baptisado: — o segundo dito foi em outra occasião entrar em casa delle respondente o doutor José Alvares Maciel, e dizer: — S. Ex. disse hoje, que o Alvarenga lhe fallara assustado; — e vendo elle respondente ao dito Alvarenga, lhe contou esta especie sem maior penetração do que havia, por nada ter presenciado nem sabido, ao que respondeu o dito Alvarenga: — Queira Deus não ande por aqui Francisco de Paula. — Declara elle respondente, que quando o padre Carlos lhe disse o que acima fica referido, lhe tornou elle respondente — que não fosse lesado, porque isso não tinha pés nem cabeça; — e tão longe estava de que aquellas conversações produzissem algum effeito, que, quando se rompeu, que S. Ex. se tinha munido, por medo de algum levantamento, disse elle respondente, que nada se podia temer, porque as musas não eram capazes de o terem

no estado em que se achava, e então lhe perguntou se aquelles dois loucos teriam feito algum movimento, que produzisse essa desconfiança, ao que respondeu o doutor Gonzaga, a quem elle respondente ouviu o referido, que quanto ao Alvarenga presumia, que não, mas que o padre Carlos escrevera uma carta ao dito tenente-coronel Francisco de Paula, como este mesmo lhe dissera.

Foi mais perguntado pelo terceiro dito, como havia referido. Respondeu, que não estava por otro lembrado.

Foi mais perguntado se sabe, que os confederados tinham para esta acção corrompido a tropa. Respondeu, que elle não póde saber especificadamente o que se passou na tropa, porque não communicava com algum destes, mas que de um dito seu contra a dita tropa lhe tem resultado toda a sua infelicidade, porque dizendo-se que o Tira-Dentes fallava a uns e a outros da tropa, respondeu elle respondente, que a tropa era a culpada em o não ter preso logo, e daqui veio conspirar contra elle respondente, e não communicarem-se testemunhas para o seguirem no crime com o Tira-Dentes, homem com quem só fallou uma ou duas vezes, no seu escriptorio, vindo tomar conselho em companhia de outros, e pessoa de tão fraco talento, que nunca serviria para se tentar com elle facção alguma, sendo mais verosimil que, a não ser o odio que conceberam a elle respondente, o quizessem comprehender com o doutor Gonzaga, de quem era amigo.

Foi mais perguntado se em algumas vezes em que o doutor Gonzaga se achava em sua casa, delle res-

põndente, o tinha ahi ido procurar aquelle alferes Tira-Dentes. Respondeu, que algumas vezes, em casa d'elle Gonzaga lhe dava o seu mulato recado, de que o mesmo alferes o procurava, e este dizia que o mandasse embora, que lhe não queria fallar, que era homem que lhe aborrecia, e que um homem daquelles podia fazer muito mal a gente, pelo seu fanatismo, no que conveio elle respondente dizendo-lhe que daquella natureza eram os Havalhaquis, os Jacques e os Amicus.

Foi mais perguntado se ouviu a algum destes chefes dizer a falla, que se havia de fazer ao povo no dia da sublevação. Respondeu que nessa occasião, que já tem referido, em que escutou ao dito vigario Carlos, lhe disse este que o tenente-coronel Francisco de Paula havia de fallar á tropa, e o Tira-Dentes estar ao seu lado para a convencer; o que tudo parecia a elle respondente fabula e redicularia, por aquelle tempo, e jámais receou, que merecesse maior conceito, por cuja razão deixou de delatar o que ouvira sobre esta materia em que agora o fazem innocentemente ter parte, sendo certo que não deu ajuda, falla ou conselho para semelhante procedimento, pois se não mostrará, que fallasse ou convocasse pessoa alguma, que desse artigos, que formasse planos ou ministrasse idéa alguma para semelhante factó e esta é a pura verdade.

Foi mais perguntado se se lembra das palavras ou substancia da dita falla, e quem a fez. Respondeu, que o dito Carlos, continuando na dita exposição, que acima se menciona, dissera, que o tenente-coronel Francisco de Paula se dispunha a fazer á tropa

uma falla de missionario, mas que Tira-Dentes dizia que não devia ser assim, e accrescentava estas palavras : — Meus amigos, ou seguir-me ou morrer; — e elle já prompto a cortar cabeças, ao que se rio o respondente, dizendo-lhe : Tudo isto mostra que vocês são uns loucos; e neste conceito viveu sempre elle respondente, parecendo-lhe tudo aquillo uma comedia; mas a sua desgraça lhe faz hoje delicto das causas mais insignificantes.

Foi mais perguntado que destino se tinha determinado ao Exm. Sr. visconde general. Respondeu, que, como já disse, não viu plano algum nem artigos, e sempre suppoz que não passava de brinco de palavras tudo o que diziam aquelles homens, se bem que em certa occasião ouviu dizer ao doutor Gonzaga, segundo sua lembrança, que o general o Exm. Sr. Visconde sempre dizia ter o primeiro lugar no caso de sublevação, e que elle respondente continuando na mesma graça, disse, que fizera bem trazer mulher e filho em tal caso.

Foi mais perguntado se sabe, ou ouviu dizer, que haviam já leis para a nova republica, que se pretendia erigir. Respondeu, que persuade-se, que não, porque não se tendo tentado a acção, mal poderia cuidar-se nisso.

Foi mais perguntado se os confederados tinham já tratado de levantar armas ou bandeira. Respondeu, que não havia duvida dizer o coronel Alvarenga, em certa occasião, que se poria uma letra que dissesse *Libertas quæ sera tamen*.

Perguntado mais se elle respondente quer declarar a verdade, pois não é natural que, suppostos os

seus talentos, deixasse de ser instado para ter grande parte na facção, que se propunha. Respondeu, que já tinha declarado o tom ridiculo e de mofa que deve a todas estas couzas, pois jámais pensou, que ellas houvessem de sahir a luz produzir tão escandalosos effeitos; do que elle, infeliz, vem a padecer a maior parte, com injuria de sua innocente familia e de seus irmãos, em tudo innocentes e sustentados com honra; mas conhece bem por beneficio de Deus, que a sua libertinagem, os seus maos costumes, a sua perversa maledicencia, o conduzem finalmente a este evidentissimo castigo de justiça divina, e apezar das immensas intrigas e calumnias, com que se acha denegrido na presença do Exm. Sr. Visconde, protesta, que nunca em seu animo procurou ou desejou levissimamente offender a sua respeitavel pessoa, e que só pelo genio gracejador que tinha poderia deslisarse em algum dito menos decoroso, não desconfiando daquelles mesmos que teriam já dito, em igual occasião, outras iguaes gravidades; pelo que lhe pede o perdão de tanto escandalo, e lhe roga que sendo elle mau, como confessa, nem por isso reputa virtude nos denunciantes destes ditos, e que talvez sejam mais temiveis estes que os mesmos denunciados.

E por ora lhe não fez o dito ministro mais perguntas, as quaes elle respondente leu todas e achou estarem todas bem e fielmente escriptas, como elle respondente as tinha dito, de que tudo mandou elle dito ministro fazer este termo de encerramento, em que assignou com elle respondente. Eu o bacharel *José Caetano Cezar Manite*. — *Claudio Manoel da Costa*. — *Saldanha*.

### **Auto de corpo de delicto e exame feito no corpo do doutor Claudio Manoel da Costa.**

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentes e oitenta e nove, aos quatro dias do mez de Julho do dito anno, nesta Villa Rica de Nossa Senhora do Pilar do Ouro-Preto e casa do Real Contrato das Entradas, onde foram vindos o doutor desembargador Pedro José Araujo de Saldanha, ouvidor geral e corregedor desta comarca, e o doutor José Caetano Cezar Manite, ouvidor e corregedor da do Sabará, comigo tabellião adiante nomeado e o escrivão desta ouvidoria José Verissimo da Fonseca, com os cirurgiões approvados Caetano José Cardoso e Manoel Fernandes de São Thiago, logo ahi e pelo dito ministro doutor desembargador lhes foi deferido o juramento dos Santos Evangelhos, em um livro delles, em que cada um de per si, pôz sua mão direita, *sub cargo*, do qual lhe encarregou, que vissem bem e examinassem o corpo do doutor Claudio Manoel da Costa, que se achava dentro de um dos segredos, que nas sobreditas casas se tinham mandado praticar por ordem do Exm. Sr. Visconde de Barbacena, do conselho de S. M. Fidelissima, governador e capitão-general desta capitania de Minas-Geraes declarando o estado em que o mesmo corpo existisse. — E recebido por elles ditos cirurgiões o referido juramento, debaixo d'elle assim o prometteram cumprir.

E logo, na presença dos ditos ministros e de mim

tabellião, e mencionado escrivão desta ouvidoria e cirurgiões, foi por Joaquim José Ferreira, alferes pago do esquadrão de cavallaria da guarda do Illm. e Exm. Sr. vice-rei do estado do Brazil, que se achava nas mesmas casas de quartel com a sua companhia, que faz guarda aos presos, que existem nos sobreditos segredos, aberto com a chave que o mesmo alferes em seu poder tinha, e em que se achava o dito doutor Claudio Manoel da Costa, e entrando nelle os ditos ministros, e officiaes, e cirurgiões, estes examinaram o cadaver do mesmo doutor, o qual todos bem conheceram pelo proprio, e disseram achar-se o mesmo, como de facto se achou, de pé, encostado a uma prateleira, com um joelho firme em uma taboa della, com o braço direito fazendo força em outra taboa, na qual se achava passada em torno uma liga de cadarço encarnado, atada á dita taboa e a outra ponta com uma laçada, e no correção deitado o pescoço do dito cadaver, que o tinha esganado e suffocado, por lhe haver inteiramente impedido a respiração, por effeito do grande aperto que le fez com a força e gravidade do corpo na parte superior do larynge, onde se divisava do lado direito uma pequena contusão, que mostrava ser feita com o mesmo laço quando correu ; e examinado mais todo o corpo pelos referidos cirurgiões, em todo elle não se achou ferida, nodoa ou contusão alguma, assentando uniformemente que a morte do referido doutor Claudio Manoel da Costa só fôra procedida daquelle mesmo laço e suffocação, enforcando-se voluntariamente por suas mãos, como denotava a figura e posição em que o dito cadaver se achava ; e

de como assim o disseram e examinaram, eu tabelião e dito escrivão damos nossas fés, e para constar, de todo o referido mandou elle dito doutor desembargador e ouvidor geral lavrar logo este auto, que depois de ser lido, o assignaram os ditos ministros e escrivão desta ouvidaria e cirurgiões, comigo Antonio Joaquim de Macedo, tabellião publico do judicial e notas, que o escrevi e assignei.

*Antonio Joaquim de Macedo. Caetano José Cardoso. Manoel Fernandes São Thiago. José Verissimo da Fonseca. Saldanha. Manite.*

Confere.

O official, *Francisco de Salles de Macedo.*

## DEFEZA

**apresentada pelo advogado  
da casa da misericórdia, nomeado defensor  
e curador dos tres reos falecidos,  
José de Oliveira Fagundes, em 31 de Outubro  
de 1791.**

.....  
Quanto ao réo fallecido Claudio Manoel da Costa:  
P. que a causa da prisão, e morte deste réo foi o grande desprezo com que sempre tratou as loucuras do réo Xavier, como este confessou á fl. 14 do 1º appenso desta cidade, onde declarou responder-lhe este réo Claudio Manoel da Costa, quando lhe fallou na idea do levante, que elle Joaquim José da Silva

Xavier andava procurando perder alguém; e igual resposta a esta foi a que o mesmo réo Claudio Manoel da Costa deu ao vigario Carlos Corrêa de Toledo, dizendo que todos eram uns loucos; sendo esta a razão porque não denunciou o que tinha ouvido a ambos, não se podendo presumir outra razão, pois que este miseravel réo não assistio ás loucas praticas, que houverão, não prestou o seu consentimento e conselho, e a lastimosa protestaçoão, que fez á fl. 7 do appenso 4º de Villa-Rica, prova bem os seus sinceros e leaes sentimentos; lamentando vêr-se infamado com a sua innocente familia e irmãos, pedindo perdão ao seu Exm. general daquelle publico escandalo, para o qual não havia concorrido, e que nunca pensava, que semelhantes leviandades e loucuras sahissesem á luz, e com esta intensa dôr se recolheu ao segredo, e se matou na fórma que foi achado, é consta do corpo de delicto fls... do mesmo appenso 7º, devendo por isso merecer a piedade de Sua Magestade, e mandar-se relaxar o sequestro, que se fez no seu tenue patrimonio.

. . . . .

### Sentença da Alçada (1).

Vistos estes autos, que em observancia das ordens da rainha nossa senhora se fizeram summarios aos vinte e nove réos pronunciados conteúdos na relação a fl. 14 v., devassas, perguntas appensas e defesa allegada pelo procurador que lhes foi nomeado, etc.

Mostra-se, que na capitania de Minas alguns vas-

(1) Acha-se na sua integra impressa na *Rev. trim. do Inst. Hist.* t. VIII, pag. 311.

sallos da rainha, nossa senhora, animados do espirito da perfida ambição, formaram um infame plano para se subtrahirem da sujeição e obediencia devida á mesma senhora, pretendendo desmembrar e separar do estado aquella capitania para formarem uma republica independente por meio de uma formal rebelião, da qual se eregiram em chefes e cabeças, seduzindo a uns para ajudarem e concorrerem para aquella perfida acção e communicando a outros os seus atrozes e abominaveis intentos, em que todos guardavam maliciosamente o mais inviolavel silencio, para que a conjuração pudesse produzir o effeito que todos mostravam desejar, pelo segredo e cautela com que se reservavam de que chegasse á noticia do governo e ministros, porque esse era o meio de levarem avante aquelle honrendo attentado, urdido pela infidelidade e perfidia. Pelo que não só os chefes cabeças da conjuração e os ajudadores da rebelião se constituiram réos do crime de leza magestade da primeira cabeça, mas tambem os sabedores e consentidores della pelo silencio, sendo tal a maldade e prevaricação desses réos, que sem remorso faltaram á mais recommendada obrigação de vasallos e de catholicos, e sem horror contrahiram a infamia de traidores sempre inherente e annexa a tão enorme e detestavel delicto.

. . . . .  
Mostra-se quanto ao réo Claudio Manoel da Costa, que supposto nem assistisse nem figurasse nos conventiculos, que se fizessem em casa do réo Francisco de Paula, e em casa do réo Domingos de Abreu, comtudo soube e teve individual noticia e certeza de

que estava ajustado entre os chefes da conjuração fazer-se o motim e levante, estabelecer-se uma republica independente na capitania de Minas, proferindo o seu voto nesta materia nas torpes e execrandas conferencias que teve com o réo Alvarenga e o padre Carlos Corrêa de Toledo, tanto na sua propria casa como na casa de Thomaz Antonio Gonzaga : consta a fl. 7 Ap. n. 5 e fl. 11 Ap. n. 4 da devassa desta cidade, e confessa o réo no Ap. n. 4 de Minas, em cujas conferencias se tratava do modo de executar a sedição e levante, e dos meios do estabelecimento da republica, chegando a ponto do réo votar sobre a bandeira e armas de que se devia usar, como consta do Ap. n. 4 a fl. 11 Ap. n. 5 a fl. 7 da devassa de Minas, constituindo-se pelas ditas infames conferencias tambem chefe da conjuração, para quem os mais chefes conjurados destinavam a factura das leis para a nova republica, o que consta a fl. 2 do Ap. n. 23 e testemunhas a fl. 98 v., da devassa de Minas, e tanto se conheceu este réo criminoso de leza magestade da primeira cabeça, que horrorisado com o temor do castigo que merecia pela qualidade do delicto, que, logo depois das primeiras perguntas que lhe foram feitas, foi achado morto no carcere, em que estava, afogado com uma liga ; consta do Ap. n. 4 da devassa de Minas.

.....

Ao réo Claudio Manoel da Costa, que se matou no carcere, declaram infame a sua memoria e infames seus filhos e netos, tendo-os e os seus bens confiscados para o fisco e camara real.

.....

Rio de Janeiro de 18 de Abril de 1792. — N'este acordão estavam as rubricas do *Conde de Rezende*, vice-rei. *Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho*, conselheiro chanceller. *Jozé Antonio da Veiga*, desembargador. *Antonio Gomes Ribeiro*, desembargador aggravista. *Antonio Diniz da Cruz Silva*, desembargador. Dr. *João de Figueiredo*, desembargador. *José Feliciano da Rocha Guerreiro*, desembargador. *Tristão Jozé Monteiro da Fonseca*, desembargador. *Antonio Rodrigues Gayoso*, desembargador.

---

Pelo decreto de 24 de Outubro de 1832, art. 97 mandou a Assembléa Geral, Legislativa do Imperio, que o governo entregasse, desde logo a quem pertencesse, os bens confiscados na provincia de Minas-Geraes por occasião da rebelião de 1790, e que ainda existissem encorporados aos proprios nacionaes.

---

## DOUS NOVOS DOCUMENTOS

SOBRE

## CLAUDIO MANOEL DA COSTA

*(Artigo do Dr. B. F. Ramiz Galvão)*

---

« Dos papeis velhos, que dormem nos archivos, ha sempre alguma lição a receber.

O cartorio ecclesiastico da Mariana, á cuja frente se acha um sacerdote eximio por talentos e virtudes, monsenhor Julio Bicalho, secretario do bispado, acaba de revelarnos um documento biographico de valor :

O processo de genere ou de *puritate sanguinis* do celebre poeta Claudio Manuel da Costa, a cujos biographos não constara até hoje que o cantor de Nize pretendesse algum dia fazer-se ministro do Senhor.

Por sua parte, o Revd. padre Tobias José da Silva, caridoso e infatigavel cura da Sé de Mariana, ministrou-nos com summa gentileza o registro authentic do baptismo do mesmo poeta mineiro.

São esses dous documentos, que hoje offerecemos em parte aos cultores da nossa historia litteraria. A reproducção integral do processo de genere não só

seria impropria d'este logar, como sem proveito real para o nosso intuito, que é tão sómente accrescentar um pequeno dado biographico ás noticias que correm mundo sobre o Dr. Claudio Manuel da Costa.

1.º Dando de mão á descripção technica do manuscrito, baste-nos dizer que elle consta de 28 fls. innumeradas de papel almaço e contem de mais importante o seguinte :

**a) Requerimento.**

Ex<sup>mo</sup> e R<sup>mo</sup> Sn<sup>r</sup>

Diz Claudio Manuel da Costa filho legitimo de João Gonçalves da Costa e de Thereza Ribeyra de Alvarenga da Vargem do Stacolomi freguezia da S<sup>a</sup> Se de Marianna e do mesmo Bispado, que elle tem exercitado os estudos com disvello e aproveitamento athe o presente com procedimento p<sup>a</sup> sacerdote, que sempre desejou ser, assim p<sup>a</sup> agradar a D. e servir a Ygreja, como p<sup>a</sup> amparo de huma may v.<sup>a</sup> e suas irmans orphans p<sup>lo</sup> que P. a V. Exc<sup>a</sup> R<sup>ma</sup> seja servido admitir o Supp<sup>e</sup> a fazer as deligencias necessarias para sacerdote e rogará a D. pela vida, e saude de V. Ex. R<sup>ma</sup>.

E. R. Mc<sup>e</sup>

(Não traz data, mas o despacho que se lê no alto reza assim :

Admitt.<sup>o</sup> e Remett.<sup>o</sup> ao nosso R Dr Prov<sup>or</sup> Mn<sup>a</sup>., de Mayo 12 de 1751)

**b) Instrumentos de genere.**

Vem primeiro o remettido de Coimbra pelo Dr. Manuel Rodrigues Teixeira, alli Provisor do Bispado, com data de 13 de novembro de 1755. — e depois o remettido de S. Paulo pelo Dr. Manuel José Vaz, vigario geral d'aquella diocese, com data de 13 de dezembro de 1757, — ambos em resposta á carta Requisitoria mandada de Mariana.

Comprehende se facilmente o processo. Tratando-se de indagar da pureza de sangue dos avós do supplicante, fez-se requisição de taes informações para Coimbra, porque os avós paternos de Claudio eram portuguezes, e mais tarde para S. Paulo, porque os seus ascendentes pelo lado materno d'alli procediam.

Da longa Requisitoria remettida para a visinha diocese brasileira extractamos o trecho final, que nos dá idéa clara das exigencias feitas n'aquella época para semelhantes habilitações :

Requisitoria do Dr. Amaro Gomes de Oliveira, provisor do bispado de Marianna, ao Dr. Provisor e Juiz das justificações de genere do bispado de S. Paulo, etc.

• • • • •  
 « Será V. Mce. servido mandar passar ordem secreta ao reverendo Parocho da dita freguezia da cidade de S. Paulo, para que por si, *ex-officio*, com todo o segredo, sem a parte n'isso interior, nem outrem que por ella o faça no que gravemente lhe encarregará sua consciencia, se informe em sua Parochia e fora d'ella, sendo necessario, pelas pessoas mais antigas, fidedignas, desinteressadas, e Chris-

ans velhas que n'ella houver e que bem possam e que razão de saber tenham, acerca da naturalidade, qualidade, limpeza ou impureza do sangue e geração do habilitando Claudio Manoel da Costa, e do que achar e souber de propria sciencia enviará a vossa mercê sua particular informação por carta fechada, e jurada *in verbo sacerdotis*, dentro da qual nomeará a Vossa mercê oito ou dez testemunhas que sejam da qualidade referida, que do sobredito possam testemunhar, e que bem bastem para prova legitima do que dito he; e sendo assim nomeadas, será vossa mercê servido mandar venham a sua presença, e as inquirirá com o Escrivão de seu cargo, ex-officio secretamente; e dando a cada uma de per si o juramento dos Santos Evangelhos, sob cargo do qual lhe encarregará diga verdade do que souber, lhe perguntará : como se chamava, que officio é o seu, donde he natural e morador, e de que idade he; e depois de dizer ao costume e cousas delle, lhe fará vossa mercê as perguntas pelos interrogatorios seguintes :

1.º — se lhe fallou alguma pessoa ou pessoas, para que vindo a este juramento, nelle dissesse mais ou menos da verdade que soubesse, ou lhe fosse perguntado, e que pessoas foram ;

2.º — se conhece, ou conheceo ao habilitando Claudio Manoel da Costa, de quem he filho, donde he natural, baptisado e morador, que trato ou officio tem, que annos ha que o conhesse, ou conheceu, com que occupação, e que razão tem de seu conhecimento e noticia ;

3.º — se conhesse ou conheceu a João Gonçalves

da Costa e Thereza Ribeyro de Alvarenga, Paes do dito, d'onde he natural, baptisado e morador, e que annos ha que os conhesse, com que trato ou occupação, e que razão tem de seu conhecimento e noticia ;

4.º — se conhesse ou conheceu, e por quantos annos a Antonio Gonçalves da Costa e Antonia Fernandes, Avós Paternos do habilitando, que trato ou officio tem ou teve, e que qualidade, e que razão tem de seu conhecimento e noticia ;

5.º — se conhesse ou conheceu e por quantos annos a Francisco de Barros Freyre e Ysabel Rodrigues de Alvarenga, que trato ou officio tem ou teve e que qualidade e que razão do seu conhecimento e noticia ;

6.º — se o dito habilitando he filho legitimo e neto das mesmas pessôas acima declaradas, e se per tal está tido, havido e reputado e que razão tem de o saber ;

7.º — se tem alguma razão particular de amizade, odio ou parentesco com o dito habilitando, ou com seus progenitores, e se tem cousa que declarar ao costume e cousas delles ;

8.º — se o dito habilitando pela parte dos ditos seus pays e avós Paternos e Maternos, e por si he legitimo e inteyro Christão velho, sem raça alguma de Judeo, Mouro, Mourisco, Mulato, Christão novo, Herege ou de outra infecta nação das reprovadas em direyto contra nossa Santa fé Catholica, ou descendente de pessôas a ella novamente convertidas ; e se por inteyro e legitimo Christão velho, limpo e de limpo sangue e geração está tido, havido, e reputado, sem

haver fama, rumor ou suspeita em contrario, e que razão tem de o saber ;

9.º — se o dito habilitando, ou algum de seus progenitores, foram prezos, punidos, ou penitenciados pelo Santo Officio, ou se incorreram em pena vil, infamia publica de facto, ou de direito, ou que pagassem finta dançada a gente de nasção Hebreá, ou disso foram infamados, e que razão tem de o saber ;

10.º — se tudo o que tem deposto he e foy sempre publica voz, e fausa, e sendo assim perguntadas as testemunhas, assignarão com vossamercê, e no caso que se ache impedido para por si fazer esta deligencia de genere, será vossamercê servido commeter suas vezes a pessoa Ecclesiastica, e de confiança que lhe parecer, a qual em tudo guardará a forma desta requisitoria e remeterá a vossamercê os proprios autos, que se processarem, com sua extrajudicial informação, assim acerca de fé, e credito que se deve dar as testemunhas, como sobre a limpeza do sangue das pessoas referidas, com o theor dos quaes, desta, e juntando certidões de Baptismos e Casamentos, será vossamercê servido mandar passar um instrumento autentico, em modo que faça fé ; o qual em maço fechado, cozido e lacrado na forma do estillo fará vossamercê remetter a esta Cidade, onde será entregue ao Reverendo Escrivão da Camara que esta sob escreveo. E em vossa merce assim a mandar cumprir e guardar, fará a Justiça que costuma ; e eu farei o mesmo por suas semelhantes, sendo-me da sua parte deprecadas.

Dada nesta cidade de Mariana sob o sello das Armas de Sua Excellencia Reverendissima, e meu

sinal, aos vinte e cinco de Mayo de mil sette centos sincoenta e sette.

E eu Antonio Monteyro de Noronha, Escrivão ajudante da Camara Episcopal que a subscrevy. — *Amaro Gomes de Oliveyra.*

Seria longo e fastidioso transcrever algum ou alguns dos depoimentos das testemunhas que em uma e outra parte foram chamadas a prestar informação.

Apuremos simplesmente o que serve :

Das duas justificações conclue-se que Claudio Manuel da Costa, filho de João Goçvalves da Costa e Thereza Ribeira de Alvarenga, teve por avós paternos :

Antonio Gonçalves da Costa, natural de Souto-Mayor, freguezia de Ribeiradio (bispado de Vizeu), alfaiate, depois lavrador e commerciante de azeite ; e Antonia Fernandes, natural do logar das Arcas, freguezia de S. Mamede das Talhadas (bispado de Coimbra), a qual falleceu primeiro que seu marido, deixando trez filhos, dos quaes o de nome João veio para o Brasil na idade de 20 annos, e foi o progenitor do nosso poeta.

Por avós maternos teve o mesmo Claudio :

Francisco de Barros Freire e Ysabel Rodrigues de Alvarenga, naturaes ambos da cidade de S. Paulo, e moradores no Pissarrão, freguezia da Conceição do Guarapiranga (bispado de Minas).

Conclue-se mais da informação do cura da Sé de S. Paulo, que o avô materno Francisco de Barros Freire era irmão legitimo de Antonio de Barros, pai do padre Manuel de Barros, — todos naturaes de S.

Paulo e « christãos velhos e de limpo sangue, sem rumor em contrario ».

Por sua parte, Isabel Rodrigues de Alvarenga era irmã de uma certa Anna de Chaves, vulgarmente chamada « a freira ».

### c) Conclusão.

A fl. final occorre a conclusão dos Autos aos 22 de maio de 1758, com a seguinte nota :

« Falta inquirição por parte do avô paterno Antonio Gonçalves da Costa, que he natural do lugar de Souto-Mayor de Ribeiradio do Bispado de Vizeu, e não do lugar das Arcas, freguezia de S. Mamede das Talhadas do Bispado de Coimbra como erradamente se diz na petição do habilitando, e faltam tambem inquirições da naturalidade da mãe e do mesmo habilitando com todas as certidões que são necessarias. — (Assignado : ) *Oliv.<sup>a</sup>* »

2.º O segundo documento biographico é o seguinte registro, que se encontra a fls. 110 do « 2.º Livro dos assentos dos Baptisados d'esta Freguezia do Ribeirão do Carmo » :

« A vinte e nove de Junho de mil e setecentos e vinte e nove, na Capella de N Sña da Conceição do Sitio da Varge de Ytacolomy d'esta frga de N Sña da Conceição Matriz da Villa do Carmo, de licença minha baptisou o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> da Silva Lemos Capelão da Capella do Morro de Matacavallos desta frga a Clau-

dio filho de João Gonçalves da Costa, e de sua mulher Tereza Ribra desta frga : foram padrinhos João Frz' de Oliveyra e Anna Ribra da Luz mulher de Victorino de Barros da frga de Guarapiranga, de q' fl's o assento.

(Assignados : )

O Vigrº *Joseph Simoens.*

*Manoel da Sylva Leemos. »*

### Conclusões.

Claudio Manuel da Costa não nasceu nas « pittorescas margens do Ribeirão do Carmo », como diz Fernandes Pinheiro, nem propriamente na cidade de Mariana, como 'asseveram quasi todos os seus biographos, e entre elles Joaquim Norberto, que foi quem com mais cuidado investigou as circumstancias relativas á vida d'este illustre mineiro.

Elle proprio disse no requerimento inicial da habilitação, e o registo do baptisado o confirma : nasceu no Sitio da Vargem de Ytacolomy, freguezia de Mariana sim, mas a uns 12 kilometros da cidade : bem longe portanto das margens do Ribeirão do Carmo, lá no meio de uma natureza alpestre, a que elle proprio alludiu n'aquelle bello soneto :

D'estes penhascos fez a natureza  
O berço em que nasci : oh ! quem cuidára  
Que entre penhas tão duras se creára  
Uma alma terna. um peito sem dureza !

Filho de João Gonçalves da Costa e de Thereza Ribeira de Alvarenga, teve por avós paternos Antonio Gonçalves da Costa e Antonia Fernandes, lavradores portuguezes, — e por avós maternos Francisco de Barros Freire e Isabel Rodrigues de Alvarenga, paulistanos e moradores no Pissarrão de Guarapiranga, em Minas Geraes.

Quando cursava as aulas da universidade de Coimbra, com o intuito de formar-se em canones em 1751, e portanto aos 22 annos de idade, teve idéa de abraçar o estado ecclesiastico e chegou a iniciar o respectivo processo : circumstancia até aqui não referida pelos biographos.

É licito suppor á vista das obras do poeta do amor inditoso, como acertadamente o chama alguem, que nenhuma vocação legitima convidasse o apaixonado cantor de Nize a apartar-se do mundo e a procurar as aras do Senhor.

Foi talvez a dôr dessa mesma ferida, com que lhe sangrou sempre o coração, e que o fez pedir ás brandas ribeiras do patrio ninho :

Recebei eu vos peço um desgraçado  
Que andou té agora por incerto gyro  
Correndo sempre atraz do seu cuidado.

(*Son.* VI.)

Foi talvez o amor infeliz, que cobria de profunda melancolia todos os seus carmes, e que inspirou aquelles conhecidos versos :

Este é o rio, a montanha é esta ;  
Estes os trôncos, estes os rochedos ;

São estes indos os mesmos arvoredos,  
Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,  
Rio, montanha, troncos e penedos:  
Que de a por nos suavissimos enredos  
Foi scena alegre e urna é já funesta.

(*Son.* VII.)

O que parece induvitavel é que o intento manifestado em 1751 não persistiu.

O processo correu como á revelia, e parou por deficiencia de informações e documentos, que Claudio Manuel pudéra aliás facilmente exhibir, se quizesse de facto alistar-se no exercito evangelico da cruz.

O inditoso amante de Nize, que escreveu este adeus de magua profundissima e terna :

Adeus, idolo bello, adeus querido,  
Ingrato bem ; adeus ! em paz te fica,  
E essa victoria misera publica  
Que tens barbaramente conseguido.

Eu parto, eu sigo o norte aborrecido  
De meu fado infeliz ; agora rica  
De despojos a teu desdem applica  
O rouco accento de um mortal gemido.

E se acaso alguma hora menos dura,  
Lembrando-te de um triste, consultares  
A serie vil da sua desventura,

Na immensa confusão de seus pezares  
Acharás que ardeu simples, ardeu pura  
A victima de uma alma em teus altares.

o infeliz amante de Nize cedeu então talvez a um impulso passageiro de despeito mundano ; não era um eleito de Deus para seus altares. De regresso ás suas Minas tão amadas em 1754 (se é que partira em 1749 para Coimbra), abriu a banca da advocacia, em que trabalhou com pequena interrupção até o calamitoso anno de 1789, que assistiu á barbara repressão da Inconfidencia.

É conhecido o triste incidente, com que na prisão poz termo aos seus dias, para escapar á ignominia da força em que expirou glorioso o Tiradentes, ou ás penas do degredo em que gereram Gonzaga e tantos outros benemeritos sonhadores de Villa Rica.

Por ultimo só resta dizer que, além dos argumentos produzidos habilmente por Joaquin Norberto (Notas biographicas, 1889) para provar que Claudio Manuel não voltara ao Brasil em 1765, como assevera o Sr. conselheiro Pereira da Silva, podemos offerecer mais este: existe no cartorio ecclesiastico de Marianna uma carta autographa do poeta, escripta em Minas e datada de 1761.

Taes são as notas que por hoje é licito accrescentar á biographia do dr. Claudio Manuel da Costa, o suavissimo « poeta da raça dos Lamartines », um dos fundadores do lyrismo brasileiro, e talvez no soneto « o primeiro escriptor da nossa lingua », como affirma o Sr. Silvio Romero ».

---

# OBRAS

DE

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

*Primus ego in patriam mecum, modo vita supersit,  
Aonio rediens deducam vertice Musas.*

VIRG. GEORG.

1768



# CARTA

## DEDICATORIA

*Ao Exm.º Snr.*

*D. José Luiz de Menezes Abranches Castello  
Branco.*

Não é a vaidade de honrar os meus escritos, o que me obriga a escrever na frente d'elles o grande nome de V. Excellencia; nem é o empenho de prevenir a mordacidade dos criticos, o que me anima a buscar tão superior Mecenas. Persuado-me, com o parecer do Sulmonense, que, se a causa por sua natureza não é boa se faz peor com o patrocínio: e pouco me devem as produções inuteis da minha ociosidade, na qual perdi apenas as breves horas que pude respirar de uma vida seria. A obrigação, Senhor, e o affecto são os dous fortissimos, e unicos estimulos, que promovem á presença de V. Excellencia o meu esteril obzequio. Produzir ao publico esta confissão é toda a minha gloria.

Não se engane o mundo, se para formar o elogio de V. Excellencia, espera que eu entre a desenvolver a dilatada serie da sua Genealogia. Eu sei, que largo campo me pudera offerecer uma Ascendencia, que honrando a duas Monarquias, interessou no seu sangue os Senhores Reis, D. Fernando em Por-

tugal, e D. Henrique Segundo em Castella. Depois desta ponderação pouco importara o dizer se, que ella se tem enlaçado com as primeiras casas do Reino Pouco importara o contar na sua Varonia os Titulos, e Brazões de Noronha, Cascaes, Villa Real, Linhares, Bragança, Monsanto, Portalegre, Caminha, Alvito, Povolide, Abranches, Ilha do Principe, Obidos, Angeja e Alegrete. Baçaria apontar que a memoria de tão esclarecidos Progenitores foi condecorada, em dous de Junho de mil setecentos e dous, na Pessoa do Senhor D. Miguel Luiz de Menezes, com o Titulo de Conde de Valladares ; Titulo, de que V. Excellencia, para honra de Portugal, é o quinto, felicissimo e legitimo successor.

Eu rendo uma profunda veneração a tão illustre Familia: mas deixo esta lembrança: porque V. Excellencia tão bem a deixa. Estimando por casualidade a fortuna do berço, nós o vemos fundar a maior nobreza nas vantagens do seu espirito. Virtuoso, liberal, sabio, e magnifico, maior pelos merecimentos pessoaes, do que pelos Titulos, que tem, nós vemos que os Pobres o amam, como seu Pai; os Politicos o attendem, como seu Mestre, e os Grandes o respeitam como seu Modelo. Lisboa, em fim, e todo o Portugal publicão as suas virtudes.

Quem não admira o perfeito zelo, com que V. Excellencia busca em todas as cousas a honra de Deos, a gloria do Rei, e o bem dos vassallos! Quem não louva aquella generosa piedade, com que edifica os Povos, aquella prudencia illustrada, com que regula as acções, e aquella bondade natural, com que se faz universalmente amavel! A quem não arrebatá

o genio vasto que brilha em V. Excellencia, a penetração viva, e delicada, com que tudo comprehende, e a sciencia dilatada, com que profundou os systemas da moral mais sã, e da melhor politica! Estas são as qualidades que formão o character de uma alma grande; e estas são as que distinguem um Heróe do resto dos mais homens.

O SENHOR D. JOSÉ, O PRIMEIRO, digno deste nome, e digno de reinar pelos seculos, querendo mostrar a estimação que faz de um Vassallo tão distincto, confiou de V. Excellencia o governo das Minas Geraes, da minha patria, da Capitania mais importante: pois em fim é a mais rica.

Oh! E quantas lagrimas não atropellou V. Excellencia na occasião de deixar a Europa! Que suspiros não custou a Lisboa a inveja nobre de ver transportar-se para o Brazil o objecto maior das suas esperanças! O espaço breve de vinte e dous annos, que V. Excellencia apenas contava, tinha enchido as gentes de tanta expectação, como pudera fazer recommendaveis os ultimos dias de qualquer Grande. A benevolencia, a piedade, e a inteireza qualificavam a preciosa indole de V. Excellencia, não menos no serviço do Rei, que no zelo da Religião.

Ainda, Senhor, ainda se ouvem os suspiros do Hospital, onde V. Excellencia, com o emprego de Mordomo-Mór, eternizou a sua virtude. As provas da caridade, que acabou alli de exercitar, foram tão dignas de admiração, quanto maiores de todo o credito, e proprias só do seu grandioso animo. Eu mesmo, eu mesmo estou vendo ainda o desordenado tropel de pobres, de doentes e de afflictos, que for-

cejavam por demorar os passos ao seu Bemfeitor. Qual se desfazia em prantos! Qual com os ais embaraçava a despedida! Qual mostrando as chagas a aquella mão, que as costumava curar, queria com esta lembrança attrair a compaixão! E V. Excellencia cheio de bondade, e cheio de espirito, consolando a uns, beneficiando a outros, abraçando a todos, com amor, com zelo, com piedade, despedindo-se, partindo, voltando... Que é o que faço! Insensivelmente cheguei a enternecer o coração do meu Heróe. Bastou uma leve imagem de ternura, para abalar as suas entranhas. Eu cedo já, Senhor, eu cedo. Reserve-se á posteridade o estender o nome de V. Excellencia, e o eco das suas acções. Eu teria uma grande satisfação de ajuntar a minha penna a esta fama.

Felizes os habitadores das Minas! Felizes os vassallos d'El-Rey Fidelissimo! Feliz a minha patria, e feliz eu, que da prudente conducta de um tão grande General devemos auspiciar a nós mesmos um governo suavissimo! Feliz eu mil vezes, que devendo a V. Excellencia a honra de consentir, que passem as minhas obras debaixo da sua protecção, tenho a gloria de confessar com o mais profundo respeito, que sou

De V. Excellencia

Subdito obrigadissimo

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

## PROLOGO AO LEITOR

---

Senão for muita a tua maldade, sempre has de confessar, que algum agradecimento se deve a um Engenho, que desde os sertões da Capitania das Minas Geraes aspira a brindar-te com o pequeno obsequio destas Obras. Conheço, que só entre as delicias do Pindo se pódem nutrir aquelles espiritos, que desde o berço se destinaram a tratar as Musas : e talvez nesta certeza imaginou o Poeta desterrado, que as Cycladas do mar Egeio se tinham admirado de que elle pudesse compor entre os horrores das embravescidas ondas.

Não permittio o Ceo, que alguns influxos, que devi ás agoas do Mondego, se prosperassem por muito tempo : e destinado a buscar a Patria, que por espaço de cinco annos havia deixado, aqui entre a grossaria dos seus genios, que menos pudera eu fazer, que entregarme ao ocio, e sepultar-me na ignorancia ! Que menos, do que abandonar as fingidas Ninfas destes rios ; e no centro delles adorar a preciozidade daquelles metaes, que tem attractado a este clima os corações de toda a Europa ! Não são estas as venturozas praias da Arcadia ; onde o som das agoas inspirava a harmonia dos versos. Turva, e feia a corrente destes ribeiros pri-

meiro que arrebate as idéas de um Poeta, deixa ponderar a ambicioza fadiga de minerar a terra que lhes tem pervertido as côres.

A desconsoiação de não poder substabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço : mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão. Esta me persuadiu a invocar muitas vezes, e a escrever a Fabula do Ribeirão do' Carmo, rio o mais rico desta Capitania que corre, e dava o nome á Cidade Mariana, minha Patria, quando era Villa.

Bem creio, que te não faltará que censurar nas minhas Obras, principalmente nas Pastoris; onde preocupado da commua opinião te não ha de agrada a elegancia de que são ornadas. Sem te apartares deste mesmo volume, encontrarás alguns lugares que te darão a conhecer ; como talvez me não é estranho o estilo simples ; e que sei avaliar as melhores passagens de Theocrito, Virgilio, Sanazaro, e dos nossos Miranda, Bernardes, Lobo, Camoens, etc. Pudera desculpar-me, dizendo que o genio me fez propender mais para o sublime : mas temendo, que ainda neste me condemnes o muito uso das metáforas, bastará, para te satisfazer, o lembrar-te, que a maior parte destas Obras forão compostas ou em Coimbra, ou pouco depois, nos meus [primeiros annos; tempo em que Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas bellas letras. A lição dos Gregos, Francezes e Italianos, sim, me fizeram conhecer a differença sensível dos nossos estudos, e dos primeiros Mestres da Poesia. É infelicidade,

que haja de confessar; que vejo, e approvo o melhor; mas sigo o contrario na execução

Contra esta obstinação não ha argumento: e sendo empreza difficultosa accommodar semelhante genero de iguaria ao paladar de todos (porque uns o tem muito entorpecido, e outros demasiadamente delicado) contentarme-hei, com que nestas Obras haja alguma couza, que te agrade; ainda que uma grande parte te desgoste. A experiencia do contrario me fará condemnar o teu genio, ou de indiscreto, se tudo approvas, ou de invejoso, se nada louvas.

---

## AD LECTOREM

---

### EPIGR.

Ipse sibi plaudat Naso, plaudique peroptet ;  
Dum videt in formas corpora versa novas :  
Exige, fronde virens cingat tua tempora laurus,  
Dum blandis resonas, culte Tibulle, modis :  
Mæonides longum, sibi spondeat ævum,  
Qui cecinit segetes, Arma, virumque, Maro :  
Non eadem nobis repetuntur munera, Lector ;  
Cum tibi sim gratus, præmia digna feram.

---

# SONETOS

## I

Para cantar de Amor tenros cuidados,  
Tomo entre vos, ó montes, o instrumento,  
Ouvi pois o meu funebre lamento ;  
Se é, que de compaixão sois animados :

Já vós vistes, que aos eccos magoados  
Do Thracio Orfêo parava o mesmo vento ;  
Da lira de Anfião ao doce accento  
Se viram os rochedos abalados.

Bem sei, que de outros Genios o destino,  
Para cingir de Apollo a verde rama,  
Lhes influio na lira estro divino ;

O canto, pois, que a minha voz derrama,  
Porque ao menos o entôa um Peregrino,  
Se faz digno entre vós tambem de fama.

## II

Leia a posteridade, ó patrio Rio,  
Em meus versos teu nome celebrado,  
Porque vejas uma hora despertado  
O somno vil do esquecimento frio :

Não vês nas tuas margens o sombrio,  
Fresco assento de um álamo copado ;  
Não vês Ninfa cantar, pastar o gado  
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pallidas arêas  
Nas porções do riquissimo thezouro  
O vasto campo da ambição recréas.

Que de seus raios o Planeta louro,  
Enriquecendo o influxo em tuas vêas,  
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

## III

Pastores, que levais ao monte o gado,  
Vêde la como andais por essa serra ;  
Que para dar contagio a toda a terra,  
Basta ver-se o meu rosto magoado :

Eu ando (vós me vedes) tão pezado ;  
É a Pastora infiel, que me faz guerra,  
E' a mesma, que em seu semblante encerra  
A causa de um martirio tão cansado.

Se a quereis conhecer, vinde commigo,  
Vereis a formozura, que eu adoro ;  
Mas não ; tanto não sou vosso inimigo :

Deixai, não a vejais ; eu volo imploro ;  
Que se seguir quizerdes o que eu sigo,  
Chorareis, ó Pastores, o que eu choro.

## IV

Sou Pastor ; não te nego ; os meus montados  
São esses, que ahi vês ; vivo contente  
Ao trazer entre a relva florescente  
A doce companhia dos meus gados ;

Alli me ouvem os troncos namorados,  
Em que se transformou a antiga gente ;  
Qualquer delles o seu estrago sente ;  
Como eu sinto tambem os meus cuidados.

Vós, ó troncos (lhes digo), que algum dia  
Firmes vos contemplastes, e seguros  
Nos braços de uma bella companhia ;

Consolai-vos comigo, ó troncos duros ;

Que eu alegre algum tempo assim me via ;  
E hoje os tratos de Amor choro perjuros.

## V

Se sou pobre Pastor, se não governo  
Reinos, nações, provincias, mundo, e gentes ;  
Se em frio, calma, e chuvas inclementes  
Passo o verão, outono, estio, inverno ;

Nem por isso trocará o abrigo terno  
Desta chossa, em que vivo, co' as enchentes  
Dessa grande fortuna : assaz presentes  
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,  
Ouvir dos lastimosos o gemido,  
Passar afflicto o dia, o mez, e o anno ;

Seja embora prazer ; que a meu ouvido  
Sõa melhor a voz do desengano,  
Que da torpe lisonja o infame ruido.

## VI

Brandas ribeiras, quanto estou contente  
De ver-vos outra vez, se isto é verdade  
Quanto me alegre ouvir a suavidade,  
Com que Filis entõa a voz cadente !

Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,  
Tudo me está causando novidade :  
Oh como é certo, que a cruel saudade  
Faz tudo, do que foi, mui diferente !

Recebei (eu vos peço) um desgraçado,  
Que andou té agora por incerto giro  
Correndo sempre atrás do seu cuidado :

Este pranto, estes ais, com que respiro,  
Podendo commover o vosso agrado,

Façam digno de vós o meu suspiro.

## VII

Onde estou ! Este sitio desconhêço :  
 Quem fez tão differente aquelle prado !  
 Tudo outra natureza tem tomado ;  
 E em contemplal-o tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve ; eu não me esqueço  
 De estar a ella um dia reclinado :  
 Alli em valle um monte está mudado :  
 Quanto póde dos annos o progresso !

Arvores aqui vi tão florescentes,  
 Que fazião perpetua a primavera :  
 Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano : a região esta não era :  
 Mas que venho a estranhar, se estão presentes,  
 Meus males, com que tudo degenera !

## VIII

Este é o río, a montanha é esta,  
 Estes os troncos, estes os rochedos ;  
 São estes inda os mesmos arvoredos ;  
 Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,  
 Rio, montanha, troncos, e penedos ;  
 Que de amor nos suavissimos enredos  
 Foi scena alegre, e urna é já funesta.

Oh quam lembrado estou de haver subido  
 Aquelle monte, e as vezes, que baixando  
 Deixei do pranto o valle humedecido !

Tudo me está a memoria retratando ;  
 Que da mesma saudade o infame ruido  
 Vem as mortas especies despertando.

## IX

Pouco importa, formosa Daliana,  
Que fugindo de ouvir-me, o fuizo tomes,  
Se quanto mais me affliges, e consomes,  
Tanto te adoro mais, bella serrana.

Ou já fujas do abrigo da cabana,  
Ou sobre os altos montes mais te assomes,  
Faremos immortaes os nossos nomes,  
Eu por ser firme, tu por ser tiranna.

Um obzequio, que foi de amor rendido,  
Bem pôde ser, Pastora, desprezado ;  
Mas nunca se verá desvanescido :

Sim, que para lizonja do cuidado,  
Testemunhas serão de meu gemido  
Este monte, este valle, aquelle prado.

## X

Eu ponho esta sanfona, tu, Palemo,  
Porás a ovelha branca, e o cajado ;  
E ambos ao som da flauta magoado  
Podemos competir de extremo a extremo.

Principia, Pastor ; que eu te não temo ;  
Inda que sejas tão avantejado  
No cantico Amabêo : para louvado  
Escolhamos embora o velho Alcemo.

Que esperas ? toma a flauta, principia ;  
Eu quero acompanhar-te ; os orizontes  
Já se enchem de prazer, e de alegria :

Parece, que estes prados, e estas fontes  
Já sabem, que é o assumpto da porfia  
Nize, a melhor Pastora destes montes.

## XI

Formosa é Daliana ; o seu cabello,  
A testa, a sobrançella é peregrina ;  
Mas nada tem, que ver co' a bella Eulina,  
Que é todo o meu amor, o meu desvelo :

Parece escura a neve em parallelo  
Da sua branca face ; onde a bonina  
As cores misturou na còr mais fina,  
Que faz sobresahir seu rosto bello.

Tanto os seus lindos olhos enamoram,  
Que arrebatados, como em doce encanto,  
Os que a chegão a ver, todos a adoram.

Se alguém disser, que a engrandeço tanto  
Veja, para desculpa dos que choram,  
Veja á Eulina ; e então suspenda o pranto.

## XII

Fatigado da calma se acolhia  
Junto o rebanho á sombra dos salgueiros :  
E o Sol, queimando os asperos oiteiros,  
Com violencia maior no campo ardia.

Suffocava-se o vento, que gemia  
Entre o verde matiz dos soveiros ;  
E tanto ao gado, como aos Pegureiros  
Desmaiava o calor do intenso dia.

Nesta ardente estação, de fino amante  
Dando mostras Dalizo atravessava  
O campo todo em busca de Violante.

Seu descuido em seu fogo desculpava ;  
Que mal feria o Sol tão penetrante,  
Onde maior incendio a alma abrazava.

## XIII

Nize ? Nize ? onde estás ? Aonde espera  
Achar-te uma alma, que por ti suspira ;  
Se quanto a vista se dilata, e gira,  
Tanto mais de encontrar-te desespera !

Ah se ao menos teu nome ouvir pudéra  
Entre esta aura suave, que respira !  
Nize, cuidado, que diz ; mas é mentira.  
Nize, cuidei que ouvia ; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,  
Se o meu bem, se a minha alma em vós se esconde,  
Mostrai, mostrai-me a sua formozura.

Nem ao menos o ecco me responde !  
Ah como é certa a minha desventura !  
Nize ? Nize ? onde estás ? aonde ? aonde ?

## XIV

Quem deixa o trato pastoril, amado  
Pela ingrata, civil correspondencia,  
Ou desconhece o rosto da violencia,  
Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos trasladado  
No genio do Pastor, o da innocencia !  
E que mal é no trato, e na apparencia  
Ver sempre o cortezão dissimulado !

Alli respira Amor sinceridade ;  
Aqui sempre a traição seu rosto encobre ;  
Um só trata a mentira, outro a verdade.

Alli não ha fortuna, que soçobre ;  
Aqui quanto se observa, é variedade :  
Oh ventura do rico ! Oh bem do pobre !

## XV

Formozo, e manso gado, que pascendo  
A relva andais por entre o verde prado,  
Venturozo rebanho, feliz gado,  
Que á bella Antandra estais obedecendo;

Já de Corino os eccos percebendo  
A frente levantais, ouvis parado ;  
Ou já de Alcino ao canto levantado  
Pouco, e pouco vos ides recolhendo ;

Eu o misero Alfêo, que em meu destino  
Lamento as semrazões da desventura,  
A seguir-vos tambem hoje me inclino :

Medi meu rosto : ouvi minha ternura ;  
Porque o aspecto, e voz de um Peregrino  
Sempre faz novidade na espessura.

## XVI

Toda a mortal fadiga adormecia  
No silencio, que a noite convidava ;  
Nada o somno suavissimo alterava  
Na muda confusão da sombra fria :

Só Fido, que de Amor por Lize ardia,  
No socego maior não repouzava ;  
Sentindo o mal, com lagrimas culpava  
A sorte ; porque della se partia.

Vê Fido, que o seu bem lhe nega a sorte ;  
Querer enternecer-a é inutil arte ;  
Fazer o que ella quer, é rigor forte :

Mas de modo entre as penas se reparte ;  
Que á Lize rende a alma, a vida á morte :  
Porque uma parte alente a outra parte.

## XVII

Deixa, que por um pouco aquelle monte  
Escute a gloria, que a meu peito assiste :  
Porque nem sempre lastimozo e triste  
Hei de chorar á margem desta fonte.

Agora, que nem sombra há no horizonte,  
Nem o alamo ao Zefiro resiste,  
Aquella hora ditoza, em que me viste  
Na posse de meu bem, deixa, que conte.

Mas que modo, que accento, que harmonia  
Bastante pôde ser, gentil Pastora,  
Para explicar affectos de alegria !

Que hei de dizer, se esta alma, que te adora,  
Só costumada ás vozes da agonia,  
A fraze do prazer ainda ignora !

## XVIII

Aquella cinta azul, que o Ceo estende  
A' nossa mão esquerda, aquelle grito,  
Com que está toda a noite o corvo afflicto  
Dizendo um não sei que, que não se entende ;

Levantar-me de um sonho, quando attende  
O meu ouvido um misero conflicto,  
A tempo, que o voraz, lôbo maldito  
A minha ovelha mais mimoza offende ;

Encontrar á dormir tão preguiçozo  
Melampo, o meu fiel, que na manada  
Sempre desperto está, sempre anciozo ;

Ah ! queira Deos, que minta a sorte irada :  
Mas de tão triste agouro cuidadozo  
Só me lembro de Nize, e de mais nada.

## XIX

Corino, vai buscar aquella ovelha,  
 Que grita lá no campo, e dormiu fóra ;  
 Anda ; acorda, Pastor ; que sae a Aurora ;  
 Como vem tão rizonha, e tão vermelha !

Já perdi n'outro tempo uma parelha  
 Por teu respeito ; queira Deos, que agora  
 Não se me vá tambem est'outra embora ;  
 Pois não queres ouvir, quem te aconselha.

Que somno será este tão pezado !  
 Nada responde, nada diz Corino :  
 Ora em que mãos está meu pobre gado !

Mas ai de mim ! que cego desatino.  
 Como te hei de accusar de descuidado  
 Se toda a culpa tua é meu destino !

## XX

Ai de mim ! como estou tão descuidado !  
 Como do meu rebanho assim me esqueço,  
 Que vendo-o trasmalhar no mato espesso,  
 Em lugar de o tornar, fico pasmado !

Ouço o rumor, que faz desaforado  
 O lobo nos redis ; ouço o successo  
 Da ovelha, do Pastor ; e desconheço  
 Não menos, do que ao dono, o mesmo gado ;

Da fonte dos meus olhos nunca enxuta  
 A corrente fatal, fico indecizo,  
 Ao ver, quanto em meu damno se executa.

Um pouco apenas meu pezar suavizo,  
 Quando nas serras o meu mal se escuta  
 Que triste allivio ! ah infeliz Dalizo !

## XXI

De um ramo desta faia pendurado  
Vejo o instrumento estar do Pastor Fido;  
D'aquelle, que entre os mais era applaudido,  
Se alguma vez nas selvas escutado.

Ser-lhe-há eternamente consagrado  
Um ai saudozo, um funebre gemido;  
Em quanto for no monte repetido  
O seu nome, o seu canto levantado.

Se chegas a este sitio, e te persuade  
A' algum pezar a sua desventura,  
Corresponde em affectos de piedade;

Lembra-te, caminhantê, da ternura  
De seu canto suave; e uma saudade  
Por obzequio dedica á sepultura.

## XXII

Neste álamo sombrio, aonde a escura  
Noite produz a imagem do segredo;  
Em que apenas distingue o proprio medo  
Do feio assombro a horrida figura;

Aqui, onde não geme, nem murmura  
Zefiro brando em funebre arvoredos,  
Sentado sobre o tosco de um penedo  
Chorava Fido a sua desventura.

A's lagrimas a penha enternecida  
Um rio fecundou, donde manava  
D'ancia mortal a copia derretida:

A natureza em ambos se mudava;  
Abalava-se a penha commovida;  
Fido estatua da dor, se congejava.

## XXIII

Tu sonora corrente, fonte pura,  
Testemunha fiel da minha pena,  
Sabe, que a sempre dura e ingrata Almena  
Contra o meu rendimento se conjura :

Aqui me manda estar nesta espessura,  
Ouvindo a triste voz da Filomena,  
E bem que este martirio hoje me ordena,  
Já mais espero ter melhor ventura.

Veio a dar-me sómente uma esperança  
Nova idéa do odio ; pois sabia,  
Que o rigor não me assusta, nem me cansa :

Vendo a tanto crescer minha porfia,  
Quiz mudar de tormento ; e por vingança  
Foi buscar no favor a tirannia.

## XXIV

Sonha em torrentes d'agoa, o que abrazado  
Na sede ardente está ; sonha em riqueza  
Aquelle, que no horror de uma pobreza  
Anda sempre infeliz, sempre vexado :

Assim na agitação de meu cuidado  
De um continuo delirio esta alma preza,  
Quando é tudo rigor, tudo aspereza,  
Me finjo no prazer de um doce estado.

Ao despertar a louca fantazia  
Do enfermo, do mendigo, se descobre  
Do torpe engano seu a imagem fria :

Que importa pois, que a idea allivios cobre,  
Se a pezar desta ingrata aleivozia,  
Quanto mais rico estou, estou mais pobre.

## XXV

Não de Tigres as testas descarnadas,  
Não de Hircanos leões a pelle dura,  
Por sacrificio á tua formozura,  
Aqui te deixo, ó Lize, penduradas :

ancias ardentes, lagrimas cansadas,  
Com que meu rosto em fim se desfigura,  
São, bella Ninfa, a victima mais pura,  
Que as tuas aras guardarão sagradas.

Outro as flores, e fructos, que te envia,  
Corte nos montes, corte nas florestas ;  
Que eu rendo as magoas, que por ti sentia.

Mas entre flores, fructos, pelles, testas,  
Para adornar o altar da tirannia,  
Que outra victima queres mais, do que estas ?

## XXVI

Não ves, Nize, este vento desabrido,  
Que arranca os duros troncos ? Não ves esta,  
Que vem cobrindo o Ceo, sombra funesta,  
Entre o horror de um relampago incendido.

Não ves a cada instante o ar partido  
Dessas linhas de fogo ? Tudo cresta,  
Tudo consome, tudo arraza, e infesta  
O raio a cada instante despedido.

Ah ! não temas o estrago, que ameaça  
A tormenta fatal ; que o Ceo destina  
Vejas mais fêa, mais cruel desgraça :

Rasga o meu peito, já que és tão ferina ;  
Verás a tempestade, que em mim passa ;  
Conhecerás então, o que é ruina.

## XXVII

Appressa-se a tocar o caminhante  
O pouzo, que lhe marca a luz do dia ;  
E da sua esperança se confia,  
Que chegue a entrar no porto o navegante ;

Nem aquelle sem termo passa avante  
Na longa, duvidosa, e incerta via ;  
Nem este atravessando a região fria  
Vae levando sem rumo o curso errante :

Depois que um breve tempo houver passado,  
Um se verá sobre a segura arêa,  
Chegará o outro ao sitio desejado :

Eu só, tendo de penas a alma chêa,  
Não tenho que esperar ; que o meu cuidado  
Faz, que gire sem norte a minha idéa.

## XXVIII

Faz a imaginação de um bem amado,  
Que nelle se transforme o peito amante ;  
Daqui vem, que a minha alma delirante  
Se não distingue já do meu cuidado.

Nesta doce loucura arrebatado  
Anarda cuidio ver bem que distante ;  
Mas ao passo, que a busco, neste instante  
Me vejo no meu mal desenganado.

Pois se Anarda em mim vive, e eu nella vivo,  
E por força da idea me converto  
Na bella cauza de meu fogo activo ;

Como nas tristes lagrimas que verto,  
Ao querer contrastar seu genio esquivo,  
Tão longe della estou, e estou tão perto.

## XXIX

Ai Nize amada! se este meu tormento,  
Se estes meus sentidissimos gemidos  
Lá no teu peito, lá nos teus ouvidos  
Achar pudessem brando acolbimento ;

Como alegre em servir-te, como attento  
Meus votos tributára agradecidos!  
Por seculos de males bem soffridos  
Trocára todo o meu contentamento.

Mas se na incontrastavel pedra dura  
De teu rigor não há correspondencia  
Para os doces affectos de ternura ;

Cesse de meus suspiros a vehemencia ;  
Que é fazer mais soberba a formozura  
Adorar o rigor da resistencia.

## XXX

Não se passa, meu bem, na noite, e dia  
Uma hora só, que a mizera lembrança  
Te não tenha presente na mudança,  
Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa a fantasia,  
Com que mais me atormenta e mais me cansa :  
Pois se tão longe estou de ûa esperanza,  
Que allivio póde dar-me esta porfia !

Tiranno foi commigo o fado ingrato ;  
Que crendo, em te roubar, pouca victoria,  
Me deixou para sempre o teu retrato :

Eu me alegrara da passada gloria,  
Se quando me faltou teu doce trato,  
Me faltára tambem delle a memoria.

## XXXI

Estes os olhos são da minha amada :  
Que bellos, que gentis, e que formozos !  
Não tão para os mortaes tão preciozos  
Os doces fructos da estação dourada.

Por elles a alegria derramada,  
Tornão-se os campos de prazer gostozos,  
Em Zefiros suaves, e mimosos  
Toda esta região se vê banhada ;

Vinde, olhos bellos, vinde ; e em fim trazendo  
Do rosto de meu bem as prendas bellas,  
Dai allivios ao mal, que estou gemendo :

Mas ah delirio meu, que me atropellas !  
Os olhos, que eu cuidei, que estava vendo,  
Erão (quem crêra tal !) duas estrellas.

## XXXII

Se os poucos dias, que vivi contente,  
Forão bastantes para o meu cuidado,  
Que póde vir a um pobre desgraçado,  
Que a idéa de seu mal não accrescente !

Aquelle mesmo bem, que me consente,  
Tal vez propicio, meu tiranno fado,  
Esse mesmo me diz, que o meu estado  
Se ha de mudar em outro differente

Leve pois a fortuna os seus favores ;  
Eu os desprezo já ; porque é loucura  
Comprar a tanto preço as minhas dores :

Se quer, que me não queixe, a sorte escura,  
Ou saiba ser mais firme nos rigores,  
Ou saiba ser constante na brandura.

## XXXIII

Aqui sobre esta pedra, aspera, e dura,  
Teu nome heide estampar, ó Franceliza,  
A vêr, se o bruto marmore eterniza  
A tua, mais que ingrata, formozura.

Já scintillão teus olhos : a figura  
Avultando já vai ; quanto indeciza  
Pasmou na effigie a idéa, se diviza  
No engraçado relêvo da escultura.

Teu rosto aqui se mostra ; eu não duvido  
Accuzes meu delirio, quando trato  
De deixar nesta pedra o vulto erguido ;

E' tosca a prata, o ouro é menos grato ;  
Contemplo o teu rigor : oh que advertido !  
Só me dá esta penha o teu retrato !

## XXXIV

Que feliz fôra o mundo, se perdida  
A lembrança de Amor, de Amor a gloria,  
Igualmente dos gostos a memoria  
Ficasse para sempre consumida !

Mas a pena mais triste, e mais crescida  
He vêr, que em nenhum tempo é transitoria  
Esta de Amor fantastica victoria,  
Que sempre na lembrança é repetida.

Amantes, os que ardeis nesse cuidado,  
Fugi de Amor ao venenozo intento,  
Que lá para o depois vos tem guardado.

Não vos engane o infiel contentamento ;  
Que esse presente bem, quando passado,  
Sobrará para idéa do tormento.

## XXXV

Aquelle, que enfermou de desgraçado,  
Não espere encontrar ventura alguma :  
Que o Ceo ninguem consente, que presuma,  
Que possa dominar seu duro fado.

Por mais, que gire o espirito cansado  
A traz de algum prazer, por mais em samama  
Que porfie, trabalhe, e se consuma,  
Mudança não verá do triste estado.

Não basta algum valor, arte, ou engenho  
A suspender o ardor, com que se move  
A infausta roda do fatal despenho :

E bem que o peito humano as forças prove,  
Que hade fazer o temerario empenho,  
Onde o raio é do Ceo, a mão de Jove.

## XXXVI

Estes braços, Amor, com quanta gloria  
Forão throno feliz da formozura !  
Mas este coração com que ternura  
Hoje chora infeliz esta memoria !

Quanto vês, é trofeo de uma victoria,  
Que o destino em seu templo dependura :  
De uma dor esta estampa é só figura,  
Na fé occulta, no pezar notoria.

Saiba o mundo de teu funesto enredo ;  
Porque desde hoje um coração amante  
De adorar teus altares tenha medo :

Mas que emprendo, se ao passo, que constante  
Vou a romper a fé do meu segredo,  
Não há, quem acredite um delirante !

## XXXVII

Continuamente estou imaginando,  
Se esta vida, que logro, tão pezada  
Hade ser sempre afflicta, e magoada,  
Se com o tempo em fim se hade ir mudando :

Em golfos de esperança fluctuando  
Mil vezes busco a praia desejada ;  
E a tormenta outra vez não esperada  
Ao pelago infeliz me vai levando.

Tenho já o meu mal tão descoberto,  
Que eu mesmo busco a minha desventura ;  
Pois não póde ser mais seu desconcerto.

Que me póde fazer a sorte dura,  
Se para não sentir seu golpe incerto,  
Tudo o que foi paixão, é já loucura !

## XXXVIII

Quando, formoza Nize, dividido  
De teus olhos estou nesta distancia,  
Pinta a saudade, á força de minha ancía,  
Toda a memoria do prazer perdido.

Lamenta o pensamento amortecido  
A tua ingrata, perfida inconstancia ;  
E quanto observa, é só a vil jactancia  
Do fado, que os troféos tem conseguido.

Aonde a dita está ? aonde o gosto ?  
Onde o contentamento ? onde a alegria,  
Que fecundava esse teu lindo rosto ?

Tudo deixei, ó Nize, aquelle dia,  
Em que deixando tudo, o meu desgosto  
Sómente me seguio por companhia.

## XXXIX

Breves horas, Amor, há, que eu gozava  
 A gloria, que minha alma appetecia;  
 E sem desconfiar da aleivozia,  
 Teu lizonjeiro obzequio acreditava.

Eu só á minha dita me igualava;  
 Pois assim avultava, assim crescia,  
 Que nas scenas, que então me offerecia,  
 O maior gosto, o maior bem lograva;

Fugio, faltou-me o bem : já descomposta  
 Da vaidade a brilhante architectura,  
 Vê-se a ruina ao desengano exposta :

Que ligeira acabou, que mal segura !  
 Mas que venho a estranhar, se estava posta  
 Minha esperança em mãos da formozura !

## XL

Quem chora auzente aquella formozura,  
 Em que seu maior gosto depozita,  
 Que bem póde gozar, que sorte, ou dita,  
 Que não seja funesta, triste, e escura !

A apagar os incendios da loucura  
 Nos braços da esperança Amor me incita :  
 Mas se era a que perdi, gloria infinita,  
 Outra igual que esperança me assegra !

Já de tanto delirio me despeço ;  
 Porque o meu precipicio encaminhado  
 Pela mão deste engano reconheço.

Triste ! A quanto chegou meu duro fado !  
 Se de um fingido bem não faço apreço,  
 Que allivio posso dar a meu cuidado !

## XLI

Injusto Amor, se de teu jugo izento  
Eu vira respirar a liberdade,  
Se eu pudesse da tua Divindade  
Cantar um dia alegre o vencimento ;

Não logrâras, Amor, que o meu tormento,  
Victima ardesse a tanta crueldade ;  
Nem se cobrira o campo da vaidade  
Desses troféos, que paga o rendimento :

Mas se fugir não pude ao golpe activo,  
Buscando por meu gosto tanto estrago,  
Porque te encontro, Amor, tão vingativo ?

Se um tal despojo a teus altares trago,  
Siga a quem te despreza, o rayo esquivo ;  
Alente a quem te busca, o doce affago.

## XLII

Morfeo doces cadêas estendia,  
Com que os cançados membros me enlaçava ;  
E quanto mal o coração passava,  
Em sonhos me debuxa a fantazia.

Lize presente vi, Lize, que um dia  
Todo o meu pensamento arrebatava,  
Lize, que na minha alma impressa estava,  
Bem a pesar da sua tirannia.

Corro a prendêl-a em amorozos laços  
Buscando a sombra, que apertar intento ;  
Nada vejo (ai de mim !) perco os meus passos.

Então mais acredito o fingimento :  
Que ao vêr, que Lize foge de meus braços,  
A crê pelo costume o pensamento.

## XLIII

Quem es tu? (ai de mim!) eu reclinado  
 No seio de uma vibora! Ah tiranna!  
 Como entre as garras de uma tigre hircana  
 Me encontro de repente suffocado!

Não era essa, que eu tinha posto ao lado,  
 Da minha Nize a imagem soberana?  
 Não era...? mas que digo! ella me engana:  
 Sim, que eu a vejo inda no mesmo estado;

Pois como no letargo a fantazia  
 Tão cruel ma pintou, tão inconstante,  
 Que a vi...? mas nada vi; que eu nada cria.

Foi sonho; foi quimera; a um peito amante  
 Amor não deo favores um só dia,  
 Que a sombra de um tormento os não quebrante.

## XLIV

Há quem confie, Amor, na segurança  
 De um falsissimo bem, com que dourando  
 O veneno mortal, vais enganando  
 Os tristes corações n'uma esperança!

Há quem ponha inda cego a confiança  
 Em teu fingido obzequio, que tomando  
 Lições do desengano, não vá dando  
 Pelo mundo certeza da mudança!

Há quem crêa, que póde haver firmeza  
 Em peito feminil, quem advertido  
 Os cultos não profane da belcza!

Há inda, e hade haver, eu não duvido,  
 Em quanto não mudar a Natureza  
 Em Nize a formozura, o amor em Fido.

## II

Claudio Manoel da Costa nasceu nas cercanias da villa do Ribeirão do Carmo, hoje e desde 1745 cidade episcopal de Mariana.

Nasceu em 1729 como o provam as suas proprias palavras sessenta annos depois no *Auto de perguntas* que lhe foram feitas no processo da conspiração e prova-o de qualquer modo o registro de baptismos do lugar pois foi ao certo baptizado no dia de são Pedro 29 de junho d'aquelle anno.

O seu dia natalicio, porem, não é estremadamente sabido. É verdade que seus biographos, n'este ponto todos ajustam em dar o dia 6 de junho como o do nascimento do poeta, movidos uns, ao que penso, pelo prestigio dos outros ou pela carencia de provas. A certidão de baptismo, que a possuímos, nada esclarece a respeito e é provavel que aquella data seja de pura fantasia (1).

Não é esta, porem, a unica duvida que lhe cerca o berço. Não se pode com extrema precisão determinar o lugar em que nasceu, dentro de rigorosos limites ; porque, palavras aqui ou alli apanhadas, entre os seus versos, parecem indicar lugares contradictorios , mas é tal vez a insufficiencia dos criticos

(1) Em outro lugar *in fine* com os documentos da biographia do poeta daremos o texto do registro baptismal. Foi este publicado na *Gazeta de Noticias* (abril 1893) pelo dr. Ramiz Galvão, e tambem se acha nas *Ephemerides Mineiras* de J. P. Xavier da Veiga, Vol. III, pg. 30.

e a irreflexão dos commentadores a causa precípua d'essas obscuridades e hesitações. Por aquelle tempo nas terras da mineração não havia propriamente cidades (1) eram sitios, acampamentos ou arraiaes como então e ainda hoje se dizem, e o Ribeirão do Carmo, terra de mineração, compunha-se de varios nucleos semelhantes. N'um d'esses sitios a *Vargea de Itacolomi*, não longe do arraial que havia de senhorear os outros, nasceu o poeta; mas a freguezia era a mesma e devia ser a de N. S. do Carmo « *por ser a mais capaz* » diz um documento do tempo quando se tratou de escolher o local da villa (2).

Agora examinemos os germens de vacillação dos criticos.

O proprio poeta diz-nos nos ultimos versos do seu poema de *Villa Rica* :

Em fim serás cantada, *Villa Rica*,  
 Teu nome impresso nas memorias fica,  
*Terás a gloria de ter dado o berço*  
*A quem te faz girar pelo Universo.*

Na verdade, este passo nada tem de obscuro ; mas não se ha de deferil-o como decisorio. Podia o poeta querer significar que foi o sentimento de amor da

(1) A primeira e unica cidade data de 1745 e é a mesma de Mariana (Ribeirão do Carmo) e é cidade simplesmente por uma distincção imprescindivel por ser, e desde que é, a sede episcopal. A propria capital da capitania, Villa Rica, nunca foi elevada a cidade no periodo colonial. É D. Pedro I que vae fazel-a « cidade imperial de Ouro Preto » em 1823.

(2) O termo de uma junta que erigiu o arraial em villa (8 de abril de 1711) e está no Archivo publico mineiro.

## XLV

A cada instante, Amor, a cada instante  
No duvidozo mar de meu cuidado  
Sinto de novo um mal, e desmaiado  
Entrego aos ventos a esperança errante,

Por entre a sombra funebre, e distante  
Rompe o vulto do allivio mal formado;  
Ora mais claramente debuxado,  
Ora mais fragil, ora mais constante.

Corre o desejo ao vèllo descuberto;  
Logo aos olhos mais longe se affigura,  
O que se imaginava muito perto.

Faz-se parcial da dita a desventura;  
Porque nem permanece o damno certo,  
Nem a gloria tão pouco está segura.

## XLVI

Não vês, Lize, brincar esse menino  
Com aquella avezinha? Estende o braço;  
Deixa a fugir; mas apertando o laço,  
A condemna outra vez ao seu destino?

Nessa mesma figura, eu imagino,  
Tens minha liberdade; pois ao passo,  
Que cuido, que estou livre do embaraço,  
Então me prende mais meu desatino.

Em um continuo giro o pensamento  
Tanto a precipitar-me se encaminha,  
Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fôra menos mal esta ancia minha,  
Se me faltasse a mim o entendimento,  
Como falta a razão a esta avezinha.

## XLVII

Que inflexível se mostra, que constante  
 Se vê este penhasco ! já ferido  
 Do procellozo vento, e já batido  
 Do mar, que nelle quebra a cada instante !

Não vi ; nem heide vêr mais semelhante  
 Retrato dessa ingrata, a que o gemido  
 Já mais pôde fazer, que enternecido  
 Seu peito attenda ás queixas de um amante.

Tal es, ingrata Nize : a rebeldia,  
 Que vês nesse penhasco, essa dureza  
 Hade ceder aos golpes algum dia :

Mas que diversa é tua natureza !  
 Dos continuos excessos da porfia,  
 Recobras novo estímulo á fereza.

## XLVIII

Traidoras horas do enganozo gosto,  
 Que nunca imaginei, que o possuia,  
 Que ligeiras passastes ! mal podia  
 Deixar aquelle bem de ser supposto.

Já de parte o tormento estava posto ;  
 E meu peito saudozo, que isto via,  
 As imagens da pena desmentia,  
 Pintando da ventura alegre o rosto.

Desanda então a fabrica elevada,  
 Que o placido Morfêo tinha erigido,  
 Das especies do somno fabricada ;

Então é, que desperta o meu sentido,  
 Para observar na pompa destrocada,  
 Verdadeira a ruina, o bem fingido.

## XLIX

Os olhos tendo posto, e o pensamento  
No rumo, que demanda, mais distante ;  
As ondas bate o Grego navegante,  
Entregue o leme ao mar, a vela ao vento :

Em vão se esforça o harmoniozo accento  
Da Serêa, que habita o golfo errante ;  
Que resistindo o espirito constante  
Vence as lizonjas do enganozo intento.

Se pois, Ninfas gentis, rompe a Cupido  
O arco, a flexa, o dardo, a chama acceza  
De um peito entre os Heróes esclarecido ;

Que vem buscar commigo a nescia empreza,  
Se inda mais, do que Ulisses atrevido,  
Sei vencer os encantos da belleza !

## L

Memorias do presente, e do passado  
Fazem guerra cruel dentro em meu peito ;  
É bem que ao sofrimento ando já feito,  
Mais que nunca desperta hoje o cuidado.

Que differente, que diverso estado  
E' este, em que sómente o triste effeito  
Da pena, a que meu mal me tem sujeito,  
Me acompanha entre afflicto, e magoado !

Tristes lembranças ! e que em vão componho  
A memoria da vossa sombra escura !  
Que nescio em vós a ponderar me ponho !

Ide-vos ; que em tão misera loucura  
Todo o passado bem tenho por sonho ;  
Só é certa a presente desventura.

## LI

Adeos, Idolo bello, adeos, querido,  
Ingrato bem ; adeos : em paz te fica ;  
E essa victoria misera publica,  
Que tens barbaramente conseguido.

Eu parto, eu sigo o norte aborrecido  
De meu fado infeliz : agora rica  
De despojos, a teu desdem applica  
O rouco accento de um mortal gemido.

E se acazo alguma hora menos dura  
Lembrando-te de um triste, consultares  
A serie vil da sua desventura ;

Na immensa confusão de seus pezares  
Acharás, que ardeu simpleu, ardeu pura  
A victima de uma alma em teus altares.

## LII

Que molesta lembrança, que cançada  
Fadiga é esta ! vejo-me opprimido,  
Medindo pela magoa do perdido  
A grandeza da gloria já passada.

Foi grande a dita, sim ; porém lembrada,  
Lnda a pena é maior de a haver perdido ;  
Quem não fôra feliz, se o haver sido  
Faz, que seja a paixão mais avultada !

Propicio imaginei (é bem verdade)  
O malevolo fado : oh quem pudéra  
Conhecer logo a hypocrita piedade !

Mas que em vão esta dôr me desespera,  
Se já entorpecida a enfermidade,  
Lnda agora o remedio se pondéra !

## LIII

Ou já sobre o cajado te reelines,  
 Venturozo Pastor, ou já tomando  
 Para a serra, onde as cabras vais chamando,  
 A fugir os meus ais te determines.

Lá te quero seguir, onde examines  
 Mais vivamente um coração tão brando ;  
 Que gosta só de ouvir-te, ainda quando  
 Mais sem razão me accuzes, mais crimines.

Que te fiz eu, Pastor? em que condemnas  
 Minha sincera fé, meu amor puro?  
 As provas, que te dei, serão pequenas?

Queres vêr, que esse monte aspero, e duro  
 Sabe, que és cauza tu das minhas penas?  
 Pergunta-lhe; ouvirás, o que te juro.

## LIV

Ninfas gentis, eu sou, o que abrazado  
 Nos incendios de Amor, pude alguma hora,  
 Ao som da minha cithara sonora,  
 Deixar o vosso imperio acreditado.

Se vós, glorias de Amor, de Amor cuidado,  
 Ninfas gentis, a quem o mundo adora,  
 Não ouvis os suspiros, de quem chora,  
 Ficai-vos; eu me vou; sigo o meu fado.

Ficai-vos; e sabei, que o pensamento  
 Vai tão livre de vós, que da saudade  
 Não recêa abraçar-se no tormento.

Sim; que sôlta dos laços a vontade,  
 Pelo rio heide ter do esquecimento  
 Este, aonde já mais achei piedade.

## LV

Em profundo silencio já descança  
Todo o mortal; e a minha triste idéa  
Se estende, se dilata, se recrêa  
Pelo espaçozo campo da lembrança.

Fatiga-se, prosegue, em vão se cança;  
E neste vario giro, em que se enlêa,  
Ao duvidozo passo já recêa,  
Que lhe possa faltar a segurança.

Que differente tudo está notando!  
Que perplexo as imagens do perdido  
N'um, e n'outro despôjo vem achando!

Este não é o templo (eu o duvido)  
Assim o affirma, assim o está mostrando:  
Ou morreo Nize, ou este não é Fido.

## LVI

Tu, Ninfa, quando eu menos penetrado  
Das violencias de Amor vivia izento,  
Propondo-te então bella a meu tormento,  
Foste doce occasião de meu cuidado.

Roubaste o meu focêgo, um doce agrado,  
Um gesto lindo, um brando acolhimento  
Forão sómente o unico instrumento,  
Com que deixaste o triumpho assegurado.

Já não espero ter felicidade,  
Salvo se for aquella, que confio,  
Por amar-te, a pezar dessa impiedade.

Em premio dos suspiros, que te envio,  
Ou modêra o rigor da crueldade,  
Ou torna-me outra vez meu aivedrio.

## LVII

Bella imagem, emprêgo idolatrado,  
Que sempre na memoria repetido,  
Estás, doce occazião de meu gemido.  
Assegurando a fé de meu cuidado.

Tem-te a minha saudade retratado ;  
Não para dar allivio a meu sentido ;  
Antes cuido ; que a magoa do perdido  
Quer augmentar co' a pena de lembrado.

Não julgues, que me alento com trazer-te  
Sempre viva na idéa ; que a vingança  
De minha sorte todo o bem perverte.

Que allivio em te lembrar minha alma alcança ;  
Se do mesmo tormento de não vêr-te,  
Se fórma o desafogo da lembrança ?

## LVIII

Altas serras, que ao Ceo estais servindo  
De muralhas, que o tempo não profana,  
Se Gigantes não sois, que a fórma humana  
Em duras penhas forão confundindo ;

Já sobre o vosso cume se está rindo  
O Monarca da luz, que esta alma engana :  
Pois na face, que ostenta, soberana,  
O rosto de meu bem me vai fingindo.

Que alegre, que mimozo, que brilhante  
Elle se me affigura ! Ah qual affeito  
Em minha alma se sente neste instante !

Mas ai ! a que delirios me sujeito !  
Se quando no Sol vejo o seu semblante,  
Em vós descubro ó penhas o seu peito ?

## LIX

Lembrado estou, ó penhas, que algum dia,  
Na muda solidão deste arvoredó,  
Communiquei com vosco o meu segredo,  
E apenas brando o Zefiro me ouvia.

Com lagrimas meu peito enternecia  
A dureza fatal deste rochedo,  
E sobre elle uma tarde triste, e quedo  
A cauza de meu mal eu escrevia.

Agora torno a vêr, se a pedra dura  
Conserva ainda intacta essa memoria,  
Que debuxou então minha escultura.

Que vejo ! esta é a cifra : triste gloria  
Para ser mais cruel a desventura,  
Se fará immortal a minha historia.

## LX

Valha-te Deos, cançada fantazia !  
Que mais queres de mim ? que mais pertendes ?  
Se quando na esperanza mais te accendes,  
Se desengana mais tua porfia !

Vagando regiões de dia em dia,  
Novas conquistas, e troféos emprendes :  
Ah que conheces mal, que mal entendes,  
Onde chega do fado a tirannia !

Trata de accomodar-te ao movimento  
Dessa roda voluvel, e descança  
Sobre tão fatigado pensamento.

E se inda crês no rosto da esperanza,  
Examina por dentro o fingimento ;  
E verás tempestade o que é bonança.

## LXI

Deixemos-nos, Alcano, de porfia ;  
Que eu sei o que tu es, contra a verdade  
Sempre hasde sustentar, que a Divindade  
Destes campos é Brites, não Maria :

Ora eu te mostrarei inda algum dia,  
Em que está teu engano : a novidade,  
Que agora te direi, é, que a Cidade  
Por melhor, do que todas a avalia.

Há pouco, que encontrei lá junto ao monte  
Dous Pastores, que estavam conversando,  
Quando paffarão ambas para a fonte ;

Nem falarão em Brites : mas tomando  
Para um cedro, que fica bem defronte,  
O nome de Maria vão gravando.

## LXII

Torno a ver-vos, ó montes ; o destino  
Aqui me torna a por nestes oiteiros ;  
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros  
Pelo trage da Côrte rico, e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,  
Os meus fieis, meus doces companheiros,  
Vendo correr os miseros vaqueiros  
Atraz de seu cançado desatino.

Se o bem desta choupana póde tanto,  
Que chega a ter mais preço, e mais valia,  
Que da cidade o lisongeiro encanto ;

Aqui descance a louca fantazia ;  
E o que té agora se tornava em pranto,  
Se converta em affectos de alegria.

## LXIII

Já me enfado de ouvir este alarido,  
Com que se engana o mundo em seu cuidado ;  
Quero vêr entre as pelles, e o cajado,  
Se melhora a fortuna de partido.

Cance embora a lisonja ao que ferido  
Da enganoza esperança anda magoado ;  
Que eu tenho de acolher-me sempre ao lado  
Do velho desengano apercebido.

Aquelle adore as roupas de alto preço,  
Um siga a ostentação, outro a vaidade ;  
Todos se enganão com igual excesso.

Não chamo a isto já felicidade :  
Ao campo me recolho, e reconheço,  
Que não há maior bem, que a soledade.

## LXIV

Que tarde nasce o Sol, que vagarozo !  
Parece, que se cança, de que a um triste  
Haja de apparecer : quanto resiste  
A seu rayo este sitio tenebrozo !

Não póde ser, que o giro luminoso  
Tanto tempo detenha : se persiste  
Acazo o meu delirio ! se me assiste  
Ainda aquelle humor tão venenozo !

Aquella porta alli se está cerrando ;  
Della sahe um Pastor : outro assobia,  
E o gado para o monte vai chamando.

Ora não ha mais louca fantazia !  
Mas quem anda, como eu, assim penando,  
Não sabe quando é noite, ou quando é dia.

## LVX

Ingrata foste, Eliza ; eu te condemno  
A injusta semrazão ; foste tyranna,  
Em renderes, bellissima Serrana,  
A tua liberdade ao nescio Almeno.

Que achaste no seu rosto de sereno,  
De bello, ou de gentil, para inhumana  
Trocares pela delle esta choupana,  
Em que tinhas o abrigo mais ameno ?

Que canto em teu louvor entoaria ?  
Que te podia dar o Pastor pobre ?  
Que extremos, mais do que eu, por ti faria ?

O meu rebanho estas montanhas cobre :  
Eu os excedo a todos na harmonia ;  
Mas ah que elle é feliz ! Isto lhe sóbre.

## LXVI

Não te assuste o prodigio : eu, Caminhante,  
Sou uma voz, que nesta selva habito ;  
Chamei-me o Pastor Fido ; de um delicto  
Me veio o meu estrago ; eu fui amante.

Uma Ninfa perjura, uma inconstante  
Neste estado me poz : do peito afflicto,  
Por eterno castigo, arranco um grito ;  
Que dezengane o peregrino errante.

Se em ti se dá piedade, ó passageiro,  
(Que assim o pede a minha sorte escura)  
Attende ao meu avizo derradeiro :

Lgrimas não te peço, nem ternura :  
Por voto um desengano, te requieiro,  
Que consagres á minha sepultura.

## LXVII

Não te cazes com Gil, bella Serranna,  
 Que é um vil, um infame, um desestrado ;  
 Bem que elle tenha mais devêza, e gado,  
 A minha condição é mais humana.

Que mais te pôde dar sua cabana,  
 Que eu aqui te não tenha aparelhado ?  
 O leite, a fructa, o queijo, o mel dourado ;  
 Tudo aqui acharás nesta choupana.

Bem que elle tange o seu rabil grosseiro,  
 Bem que te louve assim, bem que te adore,  
 Eu sou mais extremo, e verdadeiro.

Eu tenho mais razão, que te enamore :  
 E se não, diga o mesmo Gil vaqueiro :  
 Se é mais, que elle te cante, ou que eu te chore.

## LXVIII

Apenas rebentava no Oriente  
 A clara luz da Aurora, quando Fido,  
 O repouso deixando aborrecido,  
 Se punha a contemplar no mal, que sente.

Vê a nuvem, que foge ao transparente  
 Annuncio do crepusculo luzido ;  
 E vê de todo em rizo convertido  
 O horror, que dissipara o raio ardente.

Porque (diz) esta sorte, que se alcança  
 Entre a sombra, e a luz, não sinto agora  
 No mal, que me atormenta, e que me cança !

Aqui toda a tristeza se melhora :  
 Mas eu sem o prazer de uma esperança  
 Passo o anno, e o mez, o dia, a hora.

## LXIX

Se á memoria trouxeres algum dia,  
Bellissima tiranna, Idolo amado,  
Os ternos ais, o pranto magoado,  
Com que por ti de amor Alfêo gemia.

Confunda-te a soberba tirannia,  
O odio injusto, o violento desagrado,  
Com que atraz de teus olhos arrastado  
Teu ingrato rigor o conduzia.

E já que em fim tão misero o fizeste,  
Vêl-o-has, cruel, em premio de adorar-te,  
Vêl-o-has, cruel, morrer ; que assim quizeste.

Dirás, lizongecendo a dôr em parte :  
Fui-te ingrata, Pastor ; por mim morreste ;  
Triste remedio a quem não pôde amar-te !

## LXX

Breves horas, que em rapida porfia  
Ides seguindo o infausto movimento,  
Oh como o vosso curso foi violento,  
Quando soubestes, que eu vos possuia !

Já credito vos dava ; porque via  
Avultar meu feliz contentamento :  
Que é mui facil n'um triste estar attento  
Aos enganos, que pinta a fantazia.

Logrou-se o vosso fim ; que foi levar-me  
Da falsa gloria, do fingido gosto  
Ao cume, donde venho a despenhar-me :

Assim a lei do fado tem disposto,  
Que haja o instantaneo bem de lizongear-me ;  
Porque o estrago, me diga, que é supposto.

## LXXI

Eu cantei, não o nego, eu algum dia  
Cantei do injusto Amor o vencimento ;  
Sem saber, que o veneno mais violento  
Nas doces expressões falso encobria.

Que Amor era benigno, eu persuadia  
A qualquer coração de Amor izento ;  
Inda agora de Amor cantara attento,  
Se lhe não conhecera a aleivozia.

Ninguem de Amor se fie : agora canto  
Sómente os seus enganos ; porque sinto,  
Que me tem destinado estrago tanto.

De seu favor hoje as quimeras pinto :  
Amor de uma alma é pezarozo encanto ;  
Amor de um coração é labirinto.

## LXXII

Já rompe, Nize, a matutina Aurora  
O negro manto, com que a noite escura,  
Suffocando do Sol a face pura,  
Tinha escondido a chama brilhadora.

Que alegre, que suave, que sonora,  
Aquella fontezinha aqui murmura !  
E nestes campos cheios de verdura  
Que avultado o prazer tanto melhora ?

Só minha alma em fatal melancolia,  
Por te não poder vêr, Nize adorada,  
Não sabe inda, que coiza é alegria ;

E a suavidade do prazer trocada,  
Tanto mais aborrece a luz do dia,  
Quanto a sombra da noite mais lhe agrada.

## LXXIII

Quem se fia de Amor, quem se assegura  
Na fantastica fé de uma belleza,  
Mostra bem, que não sabe, o que é firmeza,  
Que protesta de amante a formozura.

Anexa a qualidade de perjura  
Ao brilhante esplendor da gentileza,  
Mudavel é por lei da natureza,  
A que por lei de Amor é menos dura.

Deste, ó Fabio, que vês, desordenado,  
Ingrato proceder se é que examinas  
A razão, eu a tenho decifrado :

São as settas de Amor tão peregrinas,  
Que esconde no gentil o golpe irado ;  
Para lograr pacifico as ruinas.

## LXXIV

Sombrio bosque, sitio destinado  
A' habitação de um infeliz amante,  
Onde chorando a magoa penetrante  
Possa desafogar o seu cuidado ;

Tudo quieto está, tudo calado ;  
Não ha fêra, que grite, ave, que cante ;  
Se acazo saberás, que tens diante  
Fido, aquelle Pastor desesperado !

Escuta o cazo seu : mas não se atreve  
A erguer a voz ; aqui te deixa escrito  
No tronco desta faia em cifra breve :

Mudou-se aquelle bem : hoje é delito  
Lembrar-me de Masirza : era mui leve :  
Não ha mais, que attender ; tudo está dito.

## LXXV

Clara fonte, teu passo lisongeiro  
Pára, e ouve-me agora um breve instante;  
Que em paga de piedade o peito amante  
Te será no teu curso companheiro.

Eu o primeiro fui, fui o primeiro,  
Que nos braços da Ninfa mais constante  
Pude vêr da fortuna a face errante

Jazer por gloria de um triunfo inteiro.  
Dura mão, inflexivel crueldade  
Divide o laço, com que a gloria, a dita  
Atara o gosto ao carro da vaidade :

E para sempre a dôr ter n'alma escrita,  
De um breve bem nasce immortal saudade,  
De um caduco prazer magoa infinita.

## LXXVI

Em fim te hei-de deixar, doce corrente  
Do claro, do suavissimo Mondego ;  
Hei-de deixar-te em fim ; e um novo pego  
Formará de meu pranto a copia ardente.

De ti me apartarei ; mas bem que auzente,  
Desta lira serás eterno emprego ;  
E quanto influxo hoje a dever-te chego,  
Pagará de meu peito a voz cadente.

Das Ninfas, que na fresca, amena estancia  
Das tuas margens humidas ouvia,  
Eu terei sempre n'alma a consonancia ;

Desde o prazo funesto deste dia  
Serão fiscaes eternos da minha ancia  
As memorias da tua companhia.

## LXXVII

Não há no mundo fé, não ha lealdade ;  
Tudo é, ó Fabio, torpe hypocrizia ;  
Fingido trato, infame aleivozia  
Rodêão sempre a candida amizade.

Veste o engano o aspécto da verdade ;  
Porque melhor o vicio se avalia :  
Porém do tempo a misera porfia,  
Duro fiscal, lhe mostra a falsidade.

Se talvez descobrir-se se procura  
Esta de Amor fantastica apparencia,  
E como á luz do Sol a sombra escura :

Mas que muito, se mostra a experiencia,  
Que da amizade a torre mais segura  
Tem a baze maior na dependencia !

## LXXVIII

Campos, que ao respirar meu triste peito  
Murcha, e sêcca tornais vossa verdura,  
Não vos assuste a pallida figura,  
Com que o meu rosto vedes tão desfeito.

Vós me vistes um dia o doce effeito  
Cantar do Deos de Amor, e da ventura ;  
Isso já se acabou ; nada já dura ;  
Que tudo á vil desgraça está sujeito.

Tudo se muda em fim : nada ha, que seja  
De tão nobre, tão firme segurança,  
Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.

Esta ordem natural a tudo alcança ;  
E se alguem um prodigio vêr deseja,  
Veja meu mal, que só não tem mudança.

## LXXIX

Entre este álamo, ó Lize, e essa corrente,  
Que agora estão meus olhos contemplando,  
Parece, que hoje o Ceo me vem pintando  
A magoa triste, que meu peito sente.

Firmeza a nenhum delles se consente  
Ao doce respirar do vento brando ;  
O tronco a cada instante meneando,  
A fonte nunca firme, ou permanente.

Na liquida porção, na vegetante  
Copia daquellas ramas se figura  
Outro rosto, outra imagem semelhante :

Quem não sabe, que a tua formozura  
Sempre immovel está, sempre inconstante,  
Nunca fixa se vio, nunca segura ?

## LXXX

Quando cheios de gosto, e de alegria  
Estes campos diviso florentes,  
Então me vem as lagrimas ardentes  
Com mais ancia, mais dôr, mais agonia.

Aquelle mesmo objecto, que desvia  
Do humano peito as magoas inclementes.  
Esse mesmo em imagens differentes  
Toda a minha tristeza desafia.

Se das flores a bella contextura  
Esmalta o campo na melhor fragancia,  
Para dar uma idéa da ventura ;

Como, ó Ceos, para os ver terei constancia,  
Se cada flor me lembra a formozura .  
Da bella causadora de minha ancia ?

## LXXXI

Junto desta corrente contemplando  
Na triste falta estou de um bem, que adoro ;  
Aqui entre estas lagrimas, que choro,  
Vou a minha saudade alimentando.

Do fundo para ouvir-me vem chegando  
Das claras Hamadriades o còro ;  
E desta fonte ao murmurar sonoro,  
Parece, que o meu mal estão chorando.

Mas que peito hade haver tão desabrido,  
Que fuja á minha dôr ! que serra, ou monte  
Deixará de abalar-se a meu gemido !

Igual cazo não temo que se conte ;  
Se até deste penhasco endurecido  
O meu pranto brotar fez uma fonte.

## LXXXII

Piedozos troncos, que a meu terno pranto  
Commovidos estais, uma inimiga  
E' quem fere o meu peito, é quem me obriga  
A tanto suspirar, a gemer tanto.

Amei a Lize ; é Lize o doce encanto,  
A bella occasião desta fadiga ;  
Deixou-me ; que quereis, troncos, que eu diga  
Em um tormento, em um fatal quebranto ?

Deixou-me a ingrata Lize : se alguma hora  
Vós a vedes talvez, dizei, que eu cego  
Vos contei... mas calai, calai embora.

Se tanto a minha dôr a elevar chego,  
Em fé de um peito, que tão fino adora,  
Ao meu silencio o meu martirio entrego.

## LXXXIII

Polir na guerra o barbaro Gentio,  
Que as leis quazi ignorou da natureza,  
Romper de altos penhascos a rudeza,  
Desentranhar o monte, abrir o rio ;

Esta a virtude, a gloria, o esforço, o brio  
Do russo Heróe, esta a grandeza,  
Que igualou de Alexandre a fortaleza,  
Que venceu as desgraças de Dario :

Mas se a lei do heroismo se procura,  
Se da virtude o espirito se attende,  
Outra idéa, outra maxima o segura :

Lá vive, onde no ferro não se accende ;  
Vive na paz dos povos, na brandura :  
Vós a ensinai, ó Rei ; em vós se aprende.

## LXXXIV

Apri il gran Tempio ; orrido, e nero,  
- Tutto scomposto 'l crin, Marte s' adira ;  
Ecco l' armi, l' infegne ; ecco s' aggira  
Con torbidi rugitti 'l Leon Ibero :

Lascia i freddi Trioni 'l Duce altero ;  
Viene sopra di noi la strage, e l' ira ;  
Altro, fuor che vendetta, non respira  
l Ebro audace, il Rhodano guerriero :

Par, che già d'Acheronte in sulla spuma,  
Del Dio feroce lampeggiando il volto,  
Vaghe schiere d' Eroi varcano il fiume ;

Oh Dei ! tutto é in terrore il mondo accolto :  
Ma che auspizio é mai questo ! contro il Nume,  
D' Andrada sol, d' Andrada il nome ascolto.

## LXXXV

Sposi felici, per la vostra face  
 Splenda di Portugal provido il Nume.  
 Portando a noi la sospirata pace,  
 Della Madre d' Amor fra l' auree piume.

Fatte, che a pró di noi la Diva audace  
 L' empia ruota suspenda : entro il suo fiume  
 Spirar non vegga il vostro amor verace  
 Il Domator delle Tartaree spume.

Vivete in dolce nodo : altre faville  
 Il ciel non fecondó cosi giocondo ;  
 Amor, che l' inspiró, Amor nutrille.

Sorger vegg' io dal thalamo fecondo  
 Fra mille gioje, fra trionfi mille  
 E gloria a Portugal, e gloria al mondo.

## LXXXVI

De cosi degno Eróe la Regia fronte  
 Cinga d'eterno allor, chi virtude ama :  
 Che il ciel la gloria sua per altro chiama :  
 Sentier, che guida a piú sicuro monte.

Non di Parnaso, non d' audace fonte  
 I fiori, ed i cristalli alla sua fama  
 Omaggio esser potran ; ciascun, che brama  
 I suoi merti lodar, lodi á piú pronte.

Voto faccia di voglia assai sincera,  
 Dell' anima tributa sia la fede ;  
 Questa victima ei solo ama, ei la spera.

Non piú l' Eróe, mortali, da voi chiede ;  
 Il non sprezzar la vostra fé si vera,  
 E' de tributi vostri ampia mercede.

## LXXXVII

Sorprezo de cosi sonori accenti,  
 Non ho ragion, che basti, ó Vate degno,  
 A consecrare al tuo discreto ingegno  
 Questi voti, non só, se assai cadenti.

Udir credei a intempestivi eventi  
 Tutto il Pindo sonar, si che á tal segno  
 Forse non dubitai del crudo regno  
 Frenasse. Orphea gli spiriti inclementi.

Questa dal mondo poi giammai probata  
 Beltá da labri tuoi abbia l' ardore  
 D' en si rozzo paese essere amata.

Ed io pur non avró culto maggiore,  
 Che render vada a la tua Musa grata,  
 Fuor di quel del silenzio fido onore.

## LXXXVIII

Non ho valor, che basti ; io corro in vano  
 A ricoprirmi del pesante scudo ;  
 Senza armi'l sen, senza armi'l cor ignudo  
 S'abbandona al tuo strale, Amor insano.

L'idolo mio, che m'offre in volto umano  
 Beltá quasi divina, al petto rudo  
 Si suave gli porge il velen crudo,  
 Che orror non ho nel venerar la mano.

Reggi'l colpo ; la strage io non pavento ;  
 Ti daranno, crudel, poca victoria  
 La mia ruina, il mio duol, il mio tormento.

Saremmo entrambi esempi a grata istoria,  
 Tu mostrando il tuo tardo pentimento,  
 Iheuo martir trovando la mia gloria.

## LXXXIX

Misera rimembranza, che mai tenti !  
Perché venirmi tormentando ancora !  
Non m' accordar, ti chiedo, la dolce ora  
De' primi miei suavissimi contenti.

Fuorono brevi ; e sono così lenti  
I passi tuoi, che nella grata Aurora  
Del mio piacer, io ritrovai allora,  
In sembianza di gioja i miei tormenti.

Ah non lasciassi mai la spiaggia aprica,  
Per girne in grembo al procelloso flutto,  
Allor che si mostró la sorte amica.

Non sarebbe il mio ben per lei distrutto ;  
Nè havrei nel alma una crudel fatica,  
Che tutto afflige, e che scónsola tutto.

## XC

Esci d'ingano, ó Nice ; io non t'adoro ;  
Chi ti parla così, parla sincero ;  
Mi piace'l volto tuo ; mi piace, é vero ;  
Ma non mi punse Amor col' strale d'óro.

Piangon gl' amanti ovunque ; i voti loro  
Sono tributi d'immortal pensiero :  
Or vedi ; io son tranquillo, io sono altero,  
Io non sento fatica, ed ho ristoro.

O non é amore, o pur, s' amor si chiama,  
D' ogni d'amor martiro l'ordin muta,  
Ch' in tanti cuori 'l suo trionfo acclama ;

Ma che mai vanta l' alma d' assoluta !  
Ricanteró : Questa alma altro non brama,  
Che nel incendio tuo restar perduta.

## XCI

Non parlarmi d' amor, ingrata Nice ;  
 Ch'io non ho già per te questi pensieri :  
 Credulo a tanti affetti lusinghieri  
 T'adorai, non te 'l nego ; era infelice :

Il vecchio disinganno or odo ; ei dice :  
 Folle che sei ! come adorar gl'alteri  
 Transporti puoi d'affanni così fieri ?  
 Ei parla ; ed i suoi detti ascoltar liee.

Saggio dunque 'l rimprovero del cuore  
 Nel più vivo lo stampo, ed il consiglio  
 Per seguir, ó Nice, ho gran valore :

Augel saró, che fuor del cauto artiglio  
 Per fuggire a tuoi laeei andró, Amore,  
 Portando in fronte il volto del periglio.

## XCII

Dolci compagni miei, dolee mia cura,  
 Consolate 'l mio duol ; se pur vi piace  
 Rendermi quella sospirata pace,  
 Che mi toglie crudel la mia sventura.

Senza la vostra compagnia oscura  
 Parmi del Sol la scintillante faee ;  
 Sul' orme vostre'l mio pensier seguace  
 Tutto ciò, ch'è diletto, odia, e seongiura.

Altro ciel, altre genti astri infelici  
 Mi sforzano á veder : mi fu ribelle  
 La mia sorte ; e son tutti miei nemiei.

Ma se vedervi piú negan le stelle,  
 Vi priego almen pe' suoi bei lumi, Amici,  
 Curate la mia Nice, e le sue agnelle.

## XCIII

Dolci parole, or piú non siete quelle :  
 Nice, a cui piacqui un giorno, or me deride ;  
 E le pupille sue, un tempo fide,  
 Or sono a danni miei barbare stelle.

Piú costante, che incontro alle procelle  
 Scoglio, che urtano i venti, e le onde infide,  
 Quanto piú col rigor crudel m' uccide,  
 Tanto ardo piú per le sue luci belle.

Quell' ira sua, cred' io, del amor mio  
 Alimento é tal volta, e dell' imparo,  
 Per strugermi a suoi rai, nov' arti anch' io.

Pur non veggo 'l Destin, con mé si avaro,  
 Se del suo sdegno a stimol cosi rio  
 Sento l' incendio, Amor, esser piú chiaro.

## XCIV

Non lasciarmi, crudel ; quella, ch' io réndo,  
 Vittima volontaria dal mio cuore  
 E ben degna di te, se pur l' amore,  
 Se pur il premio tuo non ti contendo.

Io senza speme a la tua luce attendo,  
 Come Clicie tallor : se del maggiore  
 Pianeta ogn' un' adora lo splendore,  
 Senza ch' il raggio l' urte, 'l va sieguendo.

Ma tu fuggi, crudel ! Ah ! non son io  
 Inteso a divorarti, ó mostro, ó fiera ;  
 Placarti voglio con il pianto mio.

Se pur muoverti ancor l' alma non spera,  
 Questo, barbara, (oime !) questo desio  
 Pera, ma innanzi a tuoi bell' ochi pera.

## XCV

Del tuo Fileno alla incerata avena  
 Ferma, Nice crudel, ferma le piante ;  
 Mentre in tua lode 'l Pastorello amante  
 Dolce fa risona la selva amena.

Vedi, come di gioja in questa arena  
 Tutto par ch' innamorè 'l tuo semblante,  
 Il feroce Leon, la Tigre errante,  
 Il mar, che freme, il ciel, che ne balena.

Di sopra questo sasso ah ben vegg' io  
 Giungersi intorno a me del tuo bel nome  
 Al ecco amato di Protheo la gregge :

Tutto vien' ad udirmi ; é pieno il rio  
 De gl' umidi abitanti ; e (non so come)  
 Altra legge non han, che la tua legge.

## XCVI

Erra d' intorno a me l' ombra onorata  
 Di quella dolce, incantatrice Donna,  
 Che cinta or de piú lucida corona  
 Splende fra gl' Astri alla mia fede ingrata.

Io la riveggo in torvo aspetto irata ;  
 Or m' accusa, or mi siegue, or mi abbandona ;  
 L'orribil voce mi spaventa, e sona,  
 Comme fiamma di Giove in ciel vibrata.

Qual misero destin (oh Dei ! qual forte  
 Amor mi dié ! veggo la face mia,  
 Fuggo, tremo, m' aghiaccio, e non son forte :

M' accordo allor, che al fianco in ogni via  
 La seguitai : oh quanto, Amor, la morte  
 Quanto fá, quanto mutta, quanto oblia !

## XCVII

Questo, che la mia Musa oggi a te rende,  
 Indegno omaggio di beltà si rara,  
 Non lo sdegnar, ti chiedo, ó Nice cara,  
 Nice, di ch' il bel volto il cor m' accende.

Di meriti tuoi quel, ch' il mio canto prende,  
 Onorato argomento (ó legge amara !)  
 D' umili voci alla cadenza avara

Non si concede, fugge, e se difende :  
 Desti nel alme poi la meraviglia  
 Del nome tuo quel dissonante accento,  
 Che preziasi i mei voti mi consiglia :

A cosí dolce indulto andró contento,  
 Se tu di Citherea, di Giove figlia,  
 Non disapprovi, ó Nice, 'l mio concento.

## XCVIII

Destes penhascos fez a natureza  
 O berço, em que nasci : oh quem cuidara,  
 Que entre penhas tão duras se creara  
 Uma alma terna, um peito sem dureza !

Amor, que vence os Tigres, por empraza  
 Tomou logo render-me ; elle declara  
 Contra o meu coração guerra tão rara,  
 Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o damno,  
 A que dava occasião minha brandura,  
 Nunca pude fugir ao cego engano :

Vós, que ostentais a condição ma's dura,  
 Temei, penhas, temei ; que Amor t'ranno,  
 Onde há mais rezistencia, mais seapura.

## XCIX

Parece, ou eu me engano, que esta fonte  
De repente o licor deixou turvado ;  
O Ceo, que estava limpo, e azulado,  
Se vai escurecendo no Orizante :

Porque não haja horror, que não aponte  
O agouro funestissimo, e pezado,  
Até de susto já não pasta o gado ;  
Nem uma voz se escuta em todo o monte.

Um raio de improvizo na celeste  
Região rebentou : um branco lirio  
Da còr das violetas se reveste ;

Será delirio ! não, não é dclirio.  
Que é isto, Pastor meu ? que anuncio é este ?  
Morreo Nize (ai de mim !) tudo he martirio.

## C

Musas, canoras Musas, este canto  
Vós me inspirastes, vós meu tenro alento  
Erguestes brandamente áquelle assento,  
Que tanto, ó Musas, prézo, adoro tanto.

Lgrimas tristes são, magoas, e pranto,  
Tudo o que entôa o muzico instrumento ;  
Mas se o favor me dais, ao mundo attento  
Em assumpto maior farei espanto.

Se em campos não pizados algum dia  
Entra a Ninfa, o Pastor, a ovelha, o touro,  
Efeitos são da vossa melodia ;

Que muito, ó Musas, pois, que em fausto agouro  
Cresção do patrio rio á margem fria  
A immarcescivel hera, o verde louro !

## EPICEDIOS

## EPICEDIO I

*A morte do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
Gomes Freire de Andrada, Conde da Bobadella,  
Governador e Capitão General do  
Rio de Janeiro e Minas,  
Etc. Etc. Etc.*

A ti me chego, ó Mauzoléo sagrado,  
De um alto Heróe depozito adorado ;  
Permitte, que aos impulsos do gemido,  
Das lagrimas, dos ais, corra advertido  
A venerar as cinzas, que sepultas.  
Sei, que ambiciozo uma reliquia occultas  
Do mais raro Varão, que aponta a historia  
Nos eternos volumes da memoria.  
Daquelle, que proposto, como espelho  
De huma inteira virtude, no conselho,  
Na execução mostrou, que unir sabia  
As leis de temperança, e da valia,  
Sustentando por modo estranho, e raro  
Do Monarca o amor, do povo o amparo.

Sei, que guardas (eu digo) nas entranhas  
O generozo braço, que ás campanhas  
Deu assombro, e terror ; sei (porque tudo  
Explique de uma vez) que no horror mudo  
Desse cofre soberbo a estranha dita  
De um Andrada immortal se depozita ;  
Que no busto fatal a estampa grata  
Do mais distincto Freire se retrata ;

Que se guarda, e se adora a imagem bella  
Desse Conde feliz de Bobadella.

Ao romper o clamor das tristes vozes,  
Ao soltar estas clauzulas velozes,  
Oh qual ecco de dôr, de pena, e pranto  
Se vá corresponder a impulso tanto !  
Em lagrimas se rompe o peito afflicto :  
De sombras veste o Ceo ; ao triste grito  
Soluça o ar, os elementos gemem ;  
Todos da terra os fundamentos tremem ;  
E parece, que a funebre saudade  
Não encontra na vasta immensidade  
De um mundo, que comprehende, aquella esfera,  
Que para o dezafoço achar quizera.

Mas que muito, que ao lugubre gemido  
Se altere, e cresça o universal ruido,  
Se perde Portugal, se o mundo perde  
Aquella sempre firme, sempre verde  
Rama da heroicidade Transtagana !  
Se em fim de toda a gloria Luzitana  
Um só Herôe, que encheira o fasto inteiro,  
Hoje vêm a jazer por derradeiro  
Deste calado horror no abrigo triste !  
Aqui todo o valor de Marte assiste ;  
Aqui jaz todo o alento da piedade ;  
Aqui o desempenho da lealdade,  
O magnifico, o sabio, o recto, o activo,  
O liberal, constante, discursivo,  
Prudente, valerozo : ah que a tal brado  
Confunde-se a razão, pasma o cuidado !

Amplificar a esplendida figura  
De seus dotes quizera : abra a escultura  
Dos porticos a Fama : os olhos entrem ;  
Registem as estampas ; reconcentrem

A longa admiração : desde a corrente  
Do cristalino Tejo oh que valente  
Neste quadro respira ! Aqui tingindo  
Do sangue Ibero as preciosas vêas,  
Rôxas tornando as pallidas arêas,  
Une de Portugal ao sceptro egregio  
Tantos novos trofeos ; o privilegio  
De seu braço immortal quanto se acclama,  
Quando em Campo Maior o cinge a rama ;  
Por triunfar co' as Luzitanas Quinas !  
Tu, soberba Castella, entre as ruinas  
De teus muros o choras, o teu susto  
Lá lhe soube tecer o louro augusto,  
Com que apezar de tanto pranto, e magoas  
Ennobreceo do Guadiana as agoas.

Esse ferro, que agora dependura  
Tinto de sangue a fama, te assegura,  
Afflicto Portugal, as leis, e o throno.  
Da tua permanencia o eterno abono  
Deves á aquella espada ; ella se ensaia  
Nos illustres Avós : qual em Cambaia  
O seu nome deixou ! qual em Quilôa  
Debuxa o seu brazão ! lá vive em Gôa  
A memoria do sangue : honrado emblema  
São de tanta virtude em nobre lema,  
Entre as chamas dos bellicos alfanges,  
As ancias do Indo, as lagrimas do Ganges.

Feliz ó Portugal, feliz mil vezes  
Tu, que para esplendor dos Portuguezes  
Deste ferro a memoria tens guardado !  
Se queres ser no mundo respeitado  
Pela virtude, outro brazão não tomes,  
Que ser Patria dos Freires, e dos Gomes.

Quem haverá, que a competir se atreva,

Quando (porque immortal ouvir se deva)  
 Desde o teu berço este pregão respire !  
 Eu te prometto, que por mais que gire  
 O Planeta da luz, outro portento,  
 Outra estirpe maior em todo o alento  
 Da fama se não logre : aqui se estende,  
 Aqui se alcança, aqui se comprehende,  
 Tudo, quanto por gloria, e por vaidade,  
 Engrandece e esplendor da heroicidade.

Mil seculos, e mil se tem passado,  
 Desde que o Ceo com provido cuidado  
 Vem lavrando a feliz genealogia  
 De Varões tão fieis : a Monarquia  
 Os honra no solar de Bobadella  
 Em um Nuno, um Bermudes, um Fruella,  
 Um Rodrigo, um Forjáz, Peres, Fernandes,  
 Um Mendes, um Pauzona, e outros Grandes,  
 Que apontão com espiritos sublimes  
 A Desiderio, Rei dos Longobardos.  
 Estes os immortais progenitores,  
 Que intimando no exemplo dos suores  
 A imitação de um Freire, em gloria estranha  
 Enchem a Portugal, a Italia, e Hespanha,  
 As Barras inculcando por diviza  
 No brazão, que o seu nome solemniza.

Mas como em um só quadro me detenho  
 Admirando o valor ! se o desempenho  
 De outras tantas virtudes tem chegado  
 A encher da fama o generoso brado !  
 Falle a acorde harmonia, com que o vejo  
 Temperando o governo : Aqui do Tejo  
 A Nau soberba se desata ; aonde  
 O valerozo espirito se esconde ;  
 Que ao Antartico clima foi mandado

A governar todo o Paiz dourado.

Este das Minas, este o aureo hemisferio,  
Nobre porção do Luzitano Imperio :  
Aqui, ó Rei, ao meu Heróe confias  
As rédeas do governo. De teus dias  
A dilatar o esplendido progresso  
Terias outro abono ! Eu não conheço.

Vê, qual desinteresse o acredita  
Digno de teu favor : entre a exquizita  
Copia de tanto Ofir, a prata, o ouro,  
O topazio, as safiras, o thezouro  
Dos diamantes, que a terra descentranha,  
Não sabem conceber a empreza estranha  
De attrahir-lhe a ambição : ao seu desprezo  
Serve apenas de objecto o raio accezo  
Do precioso metal : a alma se cria  
Com tão nobre, louvavel rebeldia,  
Que nada menos a molesta, e cança,  
Que sustentar a solida aliança,  
Que fez com a justiça : este progresso  
Ganha em teu peito o luminoso apreço  
De um vassallo fiel, nelle guardando  
De tres governos repartido o mando.

O Rio de Janeiro lhe obedecc ;  
De São Paulo o emporio reconhece  
A alta moderação ; e as Minas d'ouro  
Se esclarecem, tecendo o fausto agouro.  
Mas oh, e com que inteiro movimento  
A propagar do sceptro o Regio augmento,  
Apezar do trabalho, a mão se applica,  
Quando o pco se dobra, ou se triplica !  
Como a sagrada lei primeiro objecto  
De encher a obrigação do cargo illustre  
Quanto na execução lhe esforça o lustre !

De Némesis, parece, que a balança  
Nunca teve outro ponto ; a segurança  
Do fiel observou tão finamente,  
Que se o digno se alegra, o delinquente  
Não accuza o castigo : a pena, o premio,  
Achando na justiça igual o gremio,  
Sahião d'entre as mãos tambem pezados ;  
Que se virão talvez equivocados  
O prazer, e a dôr : louva o afflicto  
A justa punição do seu delicto :  
E chora o benemerito, no susto  
De não ser immortal Heróe tão justo.

Prompta o despacho, a supplica attendida,  
Castigada a maldade, agradecida  
A rectidão, a idéa vigilante  
Não conhece repouzo um só instante :  
Em fim o seu descanso, o seu socego  
É só a instancia do zelozo emprego.

Oh ! que estranha se inculca a nobre idéa  
Deste saudozo Heróe ! Tanto de Astréa  
O espirito igualou, que ao Rei, ao povo  
Soube conciliar por modo novo.  
O vasto emporio das douradas Minas  
Por mim o falará : quando mais finas  
Se derramão as lagrimas no imposto  
De uma capitação, clama o desgosto  
De um Paiz decadente ; e ao seu gemido  
Se enternece piedozo o esclarecido,  
O generozo Heróe : ao Soberano  
Conduz a queixa, representa o damno.

Chega o remedio pela mão piedoza,  
Ministra do favor ; menos penoza  
Já se modera a imposição : contente  
Já ri o povo, já se alegra a gente.

Lizongeiro o prazer cada um descobre,  
Os pequenos, o grande, o rico, o pobre.

Oh alma grande ! oh alma esclarecida !  
Digna de ser guardada, ser nutrida  
Na pompa dos Elizios, entre os bellos  
Espiritos dos Elios, dos Metellos,  
Dos Scipiões, Themistocles, Zopiros,  
E outros, que em felicissimos retiros  
Gozando estão as auras lizongeias,  
Em premio desse amor, com que as primeiras  
Fadigas de um solícito cuida do  
Pelo Rei, pela Patria hão consagrado.

Estes os fructos são dessa doutrina,  
Que bebeste na candida officina  
De uma ethica innata : alli se alcança  
Aquella inalteravel confiança,  
Que em ti sabes firmar, mostrando ao mundo,  
Com desprezo da inveja, o mais profundo,  
Positivo esplendor, que te rezerva,  
Superior á emulação proterva.

Que importa, que de estrada dissonante  
Seguindo outros talvez o curso errante,  
Assegurar pretendão sobre o throno  
De um alto valimento o Regio abono ;  
Se essa idéa injustissima, que os guia,  
Estragando os designios, algum dia  
Fará gemer com lastima importuna  
O mal seguro alento da fortuna !

A idéa mais feliz de ser aceito  
A' vontade de um Rei, éter o peito  
Sempre animado de um constante impulso  
De amar o que for justo : este acredita  
Ao servo, que obedece ; felicita  
Ao Rei, que manda ; este assegura a fama ;

Este extingue a calúnia, e apaga a chama,  
 De um animo perverso, que atropella  
 O precioso ardor de uma alma bella.  
 Pelos degraus desta feliz escada,  
 Subiste, ó Freire exceelso : ao braço, à espada,  
 Ou na civil Minerva, ou na Castrense,  
 Há um Rei, que as fadigas te compense.  
 Triplica-te o governo ; honra-te o cargo :  
 Teus meritos confessa ; um campo largo  
 Aos premios abre ; a General te ehama ;  
 Te fia os seus exercitos ; te acclama  
 Na Regia commissão seu substituto.  
 De tão alta virtude o egregio fructo  
 Respira em fim no esplendido appellido,  
 Titulo grande sim ; mas tão devido,  
 Que inda, que teus serviços ornar venha,  
 Cuido, que a Regia mão não desempenha.

Não te faz grande o Rei : a ti te debes  
 A gloria de ser grande : tu te atreves  
 Sómente a te exceder : outro ao Monarea  
 Deva o titulo egregio, que o demarca  
 Entre os Grandes por Grande ; em ti louvado  
 Só póde ser o haver-te declarado.

Mas que muito, que a tanto Heróe assista  
 Este influxo feliz, se elle conquista  
 Com seus braços o Ceo ! elle dezata  
 Com a mão liberal a copia grata  
 De tantos cabedais : confiado  
 Menos o soldo, para o nobre estado,  
 Que para sustentar com Regio empenho  
 Do coração devoto o desempenho.  
 A dispendios do ardor, que a alma respira ;  
 Alli aquelle portieo se admira ;  
 Por onde se abre ao mundo a excelsa entrada

De uma caza, que a Deos é consagrada.

Tem de Thereza as religiosas filhas  
Alli um santo abrigo : as maravilhas  
De um zelo nunca visto alli se inculcão.  
Buscas o Autor da nobre architectura !  
Queres saber, quem ergue essa estructura,  
O Dorico, o Corinthio frontispicio ?  
Esse marmore o diga : mas o indicio  
Na pedra se não grava : oh que a piedade  
Lhe encortou esse alento na vaidade !

Foi providencia ; não foi erro : ignora  
Esse marmore egregio a mão, que o fôra  
Desentranhando desde a terra dura,  
Que o erguera, e polira. O Heróe procura,  
Que se esconda o seu nome. Em gloria tanta  
O seu mesmo silencio é quem o canta.  
Vê, que o dogma Evangelico encommenda ;  
Que a direita co' a esquerda não se entenda :  
E esta maxima tanto a Freire agrada,  
Que até com Deos a deixa praticada.  
Deu a Dees só por Deos : ao padrão sobra  
Saber que a Dees é consagrada a obra.  
E quem (ó Ceos !) quem há, que não presuma  
Educado este espirito na summa,  
Penitente fadiga dos dezertos !  
Quem há, que estes estimulos despertos  
Não julgue ne Thebaida mais austéra !  
Mas oh quanto a virtude mais se esmera  
Lá cultivada desde a tenra idade  
Entre a perversa, misera vaidade  
Da militar licença ; onde se apura  
Toda a relaxação, toda a soltura !

Outro talvez de escola, que é tão fera,  
Razão de seus escandalos trouxera :

Só acha Gomes da virtude a chama  
 No Mavorcio exercicio : alli se inflamma  
 Na alta meditação de um pensamento,  
 Que só em Deos contempla o fundamento  
 De toda a humana gloria : na vigia,  
 Nos sitios, nos ataques, na porfia  
 Dos choques, dos assedios, lá protesta ;  
 Que a mão é só de Deos : nada lhe resta,  
 Que esperar de si mesmo : neste estudo  
 Tudo se logra, se prospera tudo.  
 Não me suspenda deste templo o objecto ;  
 Discorra a admiração : o ardente affecto,  
 Com que se entrega ao Ceo, que bem se explica  
 Nessas cazas de Deos ! elle se applica  
 A Protector da caridade sancta.  
 Com seu fervor congregações levanta ;  
 Onde aos pobres assista. O Pão Sagrado  
 Se ministra aos enfermos : acha o afflicto  
 No carcere o favor ; para o delicto  
 Se deputa Advogado : ao morto acode  
 Com o supremo officio a mão piedoza.  
 Tu, Villa Rica, tu, a mais saudoza,  
 Nessa caza de Deos, que hoje sustentas,  
 O choras, o suspiras, o lamentas.

Tu o choras, ó mundo : mas que digo !  
 O Ceo o chora, o Ceo ; que o braço amigo  
 Não fez mais grato o mundo, que fizera  
 Agradecido o Ceo : elle quizera  
 Este Heróe immortal ; a lei sagrada  
 Da Providencia, a lei sempre adorada  
 E', quem o rouba da ventura nossa,  
 Quem de nós o separa ; sem que possa  
 Suspende-se a si mesma : é Providencia :  
 Mas que digo ! é decreto ; é obediencia.

E quem sabe, se lá no eterno seio  
Das idades futuras (não o creio)  
Quem sabe, se apesar da estranha inveja,  
Outra alma tornará, onde se veja,  
Para consolação desta ancia aguda,  
A virtude exemplar, que aqui se estuda !  
Em que tão largos seculos prepara  
O Ceo uma alma grande ! o Tejo o diga ;  
Se de Heróes Luzitanos na fadiga  
Deu á Fama, em idade dilatada,  
Outro Freire, outro Gomes, outro Andrada.

Consolação pezada eu te proponho,  
O' Reino, em tal memoria : sei, que choras  
Os breves dias, as ligeiras horas,  
Que lhe cortou o provido destino.  
Ah ! se o viras no susto intercadente  
Do mortal desalento ! o pranto infausto  
Se convertera em jubilo. O holocausto  
De uma alma pura elle feliz votava  
Ao Creador eterno ; e se abraçava  
Com a celeste imagem de Thereza.  
Dos amigos, dos servos a tristeza  
Em melhor sorte converter queria.  
O alento pouco e pouco se extinguia ;  
E seguro da empresa... ah que emudeço !  
Eu pasmo ; eu tremo ; eu choro ; eu desfaleço.

Já roto, já quebrado o nobre escudo,  
Guarda o Genio o Brazão : entre o horror mudo  
O Templo de Thereza já demanda  
Conduzido o cadaver ; surda, e branda  
Se ouve a harmonia do tambor guerreiro :  
Arrastão-se as bandeiras : pregoeiro  
E' o rouco metal : o pó sulfureo  
Em salvas se dispende : uma ancia interna

A pompa funeral rege, e governa.

Cingido dos brandões, que a magoa sofre,  
 Prosegue logo em um dourado cofre  
 O illustre coração. Oh quanto é digno  
 De respirar eterno o ardor benigno,  
 Que o nutrio, que o gerou ! penhor sagrado,  
 Do character de um Freire fiel traslado.  
 Deva ao balsamo, deva o beneficio  
 De triunfar do infausto precipicio  
 Dos annos ; nelle achando a actividade,  
 Que não póde encontrar na humanidade.

Não póde, excelso Heróe, não póde esta ancia  
 Permittir mais esforços á constancia.  
 A registrar de todo não me atrevo  
 O Templo, que busquei : a cifra escrevo ;  
 Porque o mundo já mais de ti se esqueça.  
 Aqui jaz... mas que digo ! aqui começa  
 A nascer a virtude : não se apaga  
 Uma illustre memoria : não se estraga  
 Uma excelsa reliquia ; antes mais templos  
 Se produzem da vida dos exemplos.

Oh ! que enganadamente solicito  
 Achar letra, que explique aquelle invicto  
 Espirito, que choro : em vão se attenda  
 O risco, que lavrei. Tudo se emenda,  
 Tudo já se desfaz. Se o nescio intento  
 Eternizar procura o monumento,  
 Seja tumulo o mundo. A cobertura  
 Seja o Ceo : honre a esplendida figura  
 Das faxas toda a luz, a impulso tanto,  
 Suspiro o fogo, e Oceano o pranto.

*Seu potius*

Pro tumulo ponas orbem, pro tegmine cœlum,  
 Sidera pro facibus, pro lacrimis maria.

A' MORTE  
DE  
SALICIO

## EPICEDIO II

Espirito immortal, tu que rasgando  
Essa esfera de luzes, vaes pizando  
Do fresco Elizio a região bemdita,  
Se nesses campos, onde a gloria habita,  
Centro do gosto, do prazer estancia,  
Entrada se permite á mortal ancia  
De uma dôr, de um suspiro descontente,  
Se lá reliquia alguma se consente  
Desta cançada, humana desventura,  
Não te offendas, que a victima tão pura,  
Que em meus ternos soluços te offereço,  
Busque seguirte, por lograr o preço  
Daquella fé, que ha muito consagrada  
Nas aras da amizade foi jurada.

Bem sabes, que o suavissimo perfume,  
Que arder pôde do amor no casto lume,  
Os suores não são deste terreno,  
Que odorifero sempre, e sempre ameno,  
Em qualhadas porções Chypre desata :  
Mais que os thesouros, que feliz recata  
A Arabica região, amor estima  
Os incensos, que a fé, que a dôr anima,  
Abrazados no fogo da lembrança.  
Esta pois a discreta segurança,

Com que chega meu peito saudozo,  
 A acompanhar teu passo venturozo,  
 Oh sempre suspirado, sempre bello,  
 Espirito feliz : a meu desvello  
 Não negues, eu te rogo, que constante  
 Viva a teu lado sombra vigilante.

Inda que estejas de esplendor cercada,  
 Alma feliz, na lucida morada,  
 Que na pompa dos raios luminoza  
 Pizes aquella esfera venturoza,  
 Que a teu merecimento o Ceo destina ;  
 Nada impede, que a chama peregrina  
 De uma saudade afflicta, e descontente,  
 Te assista acompanhando juntamente.  
 Antes razão será, que debuxada  
 Em meu tormento aquella flor prostrada,  
 Sol em teus resplendores te eternizes,  
 E Clycie em minha magoa me divizes ;  
 Entre raios crescendo, entre lamentos,  
 Em mim a dôr, em ti os luzimentos.

Se porém a infestar da Elizia esfera  
 A continua, brilhante primavera  
 Chegar só póde o lastímozo rosto  
 Deste meu triste, funebre desgosto,  
 Eu desisto do empenho, em que deliro ;  
 E as azas encurtando a meu suspiro,  
 Já não consinto, que seu vôo ardente  
 A acompanhar-te suba diligente :  
 Antes no mesmo horror, na sombra escura  
 Da minha inconsolavel desventura  
 Eu quero lastimar meu fado tanto,  
 Que suffocado em urnas de meu pranto,  
 A tão funesto, liquido dispendio,  
 A chama apague deste ardente incendio.

Indigno sacrificio de uma pena,  
Que chega a perturbar a paz serena  
De umas almas, que em campos de alegria  
Gozão perpetua luz, perpetuo dia ;  
Que adorando a concordia, desconhecem  
Os sustos, que da inveja os braços tecem ;  
Que ignorão o rigor do frio inverno ;  
E que em brando concerto, em jogo alterno  
Gozão toda a suavissima carreira  
De uma sorte risonha, e lisongeira.

Alli, entre os favonios mais suaves,  
A consonancia offenderei das aves,  
Que arrebatando alegres os ouvidos,  
Discorrem entre os circulos luzidos  
De toda a vegetante, amena estancia.  
Alli pois as memorias de minha ancia  
Não entrarão, Salicio : que não quero  
Ser contigo tão barbaro, e tão fero,  
Que um bem, em cuja posse estás ditozo,  
Triste magôe, infeste lastimozo.  
Cá viverá commigo a minha pena,  
Penhor inextinguivel, que me ordena  
A sempre viva, e immortal lembrança.  
Ella me está propondo na vingança  
De meu fado inflexivel, ó Salicio,  
Aquelle infausto, tragico exercicio,  
Que os humanos progressos acompanha.  
Quem cuidara, que fosse tão estranha,  
Tão perfida, tão impia a força sua,  
Que maltratar pudesse a idade tua,  
Adornada não só daquelle raio,  
Que anima a flor, que se produz em Maio ;  
Mas inda de fructiferos abonos,  
Que antecipa a cultura dos outonos !  
Cinco lustros o Sol tinha dourado

(Breves lustros em fim, Salicio amado),  
 Quando o fio dos annos encolhendo,  
 Foi Atropos a têa desfazendo:  
 Um golpe, e outro golpe preparava:  
 Para empregallo a força lhe faltava;  
 Que mil vezes a mão, ou de respeito,  
 De magoa, ou de temor, não pôz o effeito.  
 Desatou finalmente o peregrino  
 Fio, que já tecêra. Ah se ao destino  
 Pudera embaraçar nossa piedade!  
 Não te glorêcs, tragica Deidade,  
 De um triumpho, que levas tão preciozo:  
 Dezar é de teu braço indecorozo;  
 Que inda que a furia tua o tem roubado,  
 A nossa dôr o guarda restaurado.

Vive entre nós ainda na memoria,  
 A que elle nos deixou, eterna gloria;  
 Dispendios preciozos de um engenho,  
 Ou já da natureza desempenho,  
 Ou para a nossa dôr só concedido.  
 Salicio, o Pastor nosso, tão querido,  
 Prodigio foi no raro do talento,  
 Sobre todo o mortal merecimento;  
 E prodigio tambem com elle agora  
 Se faz a magoa, que o lastima e chora.

A luctuoza victima do pranto  
 Melhor, que o immarcessivel amaranto,  
 Te cerca, ó alma grande, a urna triste;  
 O nosso sentimento aqui te assiste,  
 Em nenias entoando magoadas  
 Hymnos saudosos, e canções pezadas.

Quizeramos na campa, que te cobre,  
 Bem que o tormento ainda mais se dolere.

Gravar um epitafio, que declare,  
Quem o tumulo esconde ; e bem que apare  
Qualquer engenho a penna, em nada atina.  
Vive outra vez : das cinzas da ruina  
Resuscita, o Salicio ; dicta ; escreve :  
Seja o epitafio teu : A cifra breve  
Mostrará no discreto, e no polido,  
Que é Salicio, o que aqui vive escondido.

---

A' MORTE  
APRESSADA  
DE  
UM AMIGO

## EPICEDIO III

Commigo falas ; eu te escuto ; eu vejo,  
Quanto apezar de meu lethargo, e pejo,  
Me intentas persuadir, ó sombra muda,  
Que tudo ignora, quem te não estuda.  
Ha poucas horas, que um activo alento  
Te dirigia o ardente movimento ;  
E em breve instante (oh dor !) em breve instante  
Se torna em luto o resplendor brilhante.  
Arrebatado em vão te solicito  
Por qualquer parte, que se estenda o grito ;  
E aos eccos, ao clamor, que aos troncos passa,  
(Funestissimo avizo da desgraça)  
Apenas fala, apenas me responde  
O desengano, que effa penha esconde :

Mas como em te encontrar minha ancia tarda,  
Se só este penhasco é, quem te guarda !  
Elle a saudade tua recommenda ;  
Elle me escute pois, elle me attenda.  
Marmore bruto, que em teu seio encobres  
Triste despojo de reliquias pobres,

Eu me chego a escutar-te : a ouvir-te venho,  
 Talvez de tanto ardor no heroico empenho,  
 Ao credito maior esta alma aspira.  
 Se enlaçado nas redes da mentira  
 Amei té agora o meu profundo somno,  
 De tanto annuncio ao peregrino abono,  
 E quero despertar : volta a falar-me,  
 Ô' dura penha : eu quero aconselhar-me.  
 Comtigo mesmo. Que lições prudentes  
 Hoje me estás dictando ! Oh que eloquentes  
 Falão as sombras, os horrores fallão,  
 Quando os alentos, quando as vozes calão !

Dentro sepultas desse cofre infausto  
 De Aonio o resplendor, o lustre, o fausto.  
 Debaixo jaz dessa fatal dureza  
 Aquelle activo empenho, que a destreza  
 De Minerva polio ; o que esgotara  
 D'alta Jurisprudencia a luz mais rara.  
 Aqui sepultas, oh penhasco duro,  
 (Tudo te digo) aquelle Amigo puro ;  
 Que ausente de minha alma hoje me ordena  
 A companhia só da minha pena.

No teu silencio encontro o desengano  
 Do caduco esplendor do alento humano.  
 Tu me dizes, quam pouco ao mundo importa  
 Esta cançada vida, que supporta  
 Das fadigas o pezo intoleravel.  
 Venturozo Baixel em golfo instavel  
 Me finges, me figuras ; brando o vento  
 Ordenava a carreira ; solto o alento  
 Das vellas, respirava a Nau segura ;  
 Tranquillo o mar com prospera brandura  
 Sustentava o seu pezo : no accidente  
 De ingrata tempestade de repente

Se escandeliza o Ceo ; o mar se altera ;  
Rompem-se as vellas ; pela crespas esfera  
Vaga perplexo o lenho ; absorto vaga ;  
Já perde o rumo, e infeliz naufraga.

E que se espera entre a fatal ruina ?  
Que mais se espera ? se da luz benigna  
Se desperdiça o breve auxilio, ao menos  
Em quanto a nós os Zefiros serenos  
Nos influem propicios, indecizo  
Não vacille o discurso ; o obzequio, o rizo  
Deste misero golfo se aproveite,  
Abominando os vicios, e o deleite  
De tanto ardor profano : a razão venha ;  
E vendo, que no abismo se despenha,  
De seus mesmos horrores triunfante  
Sobre tanto desmaio o ardor constante  
Da antiga Babilonia, que se estraga,  
Novos alentos das ruinas traga.

Tudo, oh bruto penhasco, me insinua  
O teu mesmo silencio, a sombra tua.  
E pois te encontro agora tão propicio,  
Só te quero rogar o beneficio  
De que ao triste cadaver alguma hora  
A ancia ardente, com que esta alma o chora,  
Por ultimo favor lhe communique.  
Peço-te, que de todo o certifiques  
Do muito, que o lastimo ; e se ha piedade  
Nessa estranha região, chegue a saudade,  
Que te consagro, ó extremo Amigo,  
Sempre a viver, sempre a morrer comtigo.

---

*Ao Senhor José Gomes de Araujo, Dezembargador  
do Porto, Provedor da Real Fazenda, e Vedor  
Geral da Gente de Guerra na Capitania  
das Minas Geraes,  
etc., etc., etc.*

## ROMANCE

Sabio, e recto Ministro, aquella idéa,  
Que eu formo desse espirito, alguma hora  
Hade chegar a dispensar-se ao mundo,  
Inda que em sombras de uma imagem tosca.

Ver-se-há, que quanto a mão do Rey Augusto.  
Mais liberal, mais prodiga vos honra,  
Tanto o merito vosso os mesmos premios  
Acredita, ennobrece, e condecora.

Entregue á vossa direcção prudente  
Foi o Erario Real ; e apenas louva  
A fortuna este bem, já vos admira  
Cingir no Porto a Senatoria Toga.

Estes os louros são, que vos prepara  
Vossa egregia virtude : que se de outra,  
Estranha mão brotassem produzidos ;  
Não seria a ventagem tão precioza.

Do Real Decreto as clausulas, que attendo,  
Desta mesma verdade hoje me informão :  
Elle nos insinua, que os serviços  
Com este novo ascenso se coroão.

Outro, que aos cargos do Concelho assiste,  
Vigilante Ministro, assim o abona ;  
Quando nos diz; que do interesse Regio  
Vossa attenção se preoccupa toda.

Mas que muito, que o credito daquelles  
Assim vos busque, assim vos corresponda,  
Se por vós, ó Ministro esclarecido,  
Falão cheias de alento as mesmas obras !

Seguindo os vossos passos, desde quando  
Pizais das Minas as montanhas toscas,  
Que couza ha, que não seja testemunho  
Do zelo, que distingue as acções vossas ?

Diga-o do Sabará na Regia caza,  
Onde do Erario se regula a soma,  
Aquella perspicacia nunca vista,  
Aquella sempre vigilancia prompta.

Velando pelo Rei que segurança  
Não tem os seus Direitos ! menor sombra  
Não póde subsistir no engano indigno,  
Da maldade uma vez cerrada a porta.

Este o theatro foi, onde a virtude  
Mil padrões erigio a vossa gloria,  
Acreditando em diligencias graves  
Do serviço Real vossa pessoa.

Sem temer as distancias, e os perigos  
Por asperos sertões, empreza heroica,  
Desde lá vos conduz a ver os matos,  
Onde o Paracatú seu termo logra.

Alli provendo em equilibrio tudo,  
Quanto acredita da Justiça as normas,  
Desprezaste as calumnias ; e sómente  
Déste á verdade a subsistencia propria.

Vencidas neste giro (quem tal crera !)  
Mais de trezentas legoas, a derrota  
Terminais, respirando sem fadiga,  
Ao ver, que pelo Rei ella se abona.

Não bem cerraste os destinados dias  
Do cargo de Intendente, já sem nota,  
Que infame a residencia, o Rei vos chama,  
Já da Fazenda o Tribunal vos goza.

E para serdés com maior ornato  
Exposto a nossos olhos, vos colloca  
Na Junta da Bahia, entre os que a Béca  
Distingue, illustra, qualifica, approva.

Agora se outro alento me assistira,  
Eu descrevera as peregrinas provas,  
Que fizeste avultar, juntando á aquellas,  
Que a Fama em tanto giro admira absorta.

Eu déra a conhecer, que neste emprego  
Resplendeceo vossa virtude, posta  
No mais distincto gráo : dissera ao mundo,  
Que em vós do Erario se duplica a força.

A força se duplica : pois se aquelle  
Sustenta o Reino dispendido, a nova,  
Interessante economia quanto  
O zela mais, é certo, o augmenta, e dobra.

A practica piedoza, bem que inteira,  
De uma exacção ceder faz a demora  
Dos devedores ; e arrecada o Cofre,  
Quanto a avareza em subterfugios forra.

O excesso das despezas se refrêa,  
O menos util se modera, e poupa ;  
O mesmo, que faltava, agora cuidado,  
Não só não falta já, antes já sóbra.

Revolvem-se esquecidos monumentos,  
Que o tempo sepultava em cinza morta  
E porque tudo ao Regio Erario sirva,  
Por elles se entra em recenceio ás contas,

Oh ! e que fructos deste exame tira  
A Fazenda do Reil quantos se encontrão  
Erros, e vicios, da maldade effeitos !  
Se este se averigua, este se nota.

Nunca das Minas o Paiz dourado  
Com tão crescidas, avultadas formas,  
Honrando o Real sello os cofres, pôde  
Ver tão soberba a Luzitania Frota.

Não só do Tribunal junto á fadiga,  
Vos applicais, Senhor; mas vos remonta  
Novo cuidado a investigar os passos,  
Que abre o extravio por estranhas bocas.

Pela Comarca, aonde os verdes campos  
Tem do Sapucahi banhado as ondas,  
Atravessais, entregue ao Real serviço,  
Os sertões, que inda as feras mal povoão,

Os caminhos do engano só trilhados,  
Por vós pizados são, por vós se cortão.  
Servem ao vosso zelo, ao vosso exame  
O fundo rio, a serra mais medonda.

Nada vos horroriza, nada embarga  
A illustre diligencia; bem que aborta  
Furias o Inverno, cóleras o tempo,  
Rotos os Ceos em tempestades grossas.

Védor Geral, fiada a vosso arbitrio  
A commissão da empreza mais custoza,  
Com quanta reflexão vos encontramos  
Regulando as reclutas para as Tropas !

Attende-se á pobreza, ao desamparo ;  
Com a clemencia a rectidão se informa ;  
A tudo consulais dando os ouvidos  
A' Viuva, ao Irmão, ao Pai, á Esposa.

Mas que muito, Ministro inimitavel,  
Que muito obreis assim, se a vossa propria  
Lingua confessa, que ao serviço Regio,  
Não o interesse, só vos chama a honra !

O amor só da virtude é, que dirige,  
Iguais á vossa idéa as vossas obras :  
Conhecendo, que é ella de si mesma  
O premio, que mais val, que mais importa.

Por isso inda que ao merito distincto  
Falte a retribuição, só vos consola  
Aquella sempre maxima adoravel,  
Que o Pai da liberdade amava em Roma.

Contenta-se Catão, que a estatua sua  
No Capitolio entre outras se não ponha,  
Porque pergunte absorto o passageiro :  
Quem é o que a Catão nega esta gloria ?

Tendes na fantazia sempre impressas  
As imagens do sonho, que ainda aponta  
De Masinissa a Côrte, quando ao Filho  
De Scipião se mostra a esfera toda.

Alli se vos descobre, que a primeira  
Obrigaçãõ de um animo, que adora  
O esplendor da virtude, é, que sómente  
Se ame o seu Rei, a Patria se soccorra.

Daqui vem, que é acerto tudo, quanto  
Imaginais, ou empredeis : suffoca  
A desgraça por vós o seu partido :  
Tudo serve ao prazer, tudo á lisonja.

Oh mil vezes feliz aquelle exemplo,  
Que de vós se deriva ! se estudioza  
A virtude pudera retratarvos,  
Quantas ao mundo repartira copias !

Nellas ensayaria para as Becas  
Illustres Magistrados ; menos pompa  
Trajarão sobre a Fama outros Consultos,  
De que o corpo juridico blazona.

Os Flavios, os Hermogenes, os Elios,  
Os Persios, os Papyrios, os Mendonças,  
Os, Pêgas, os Macedos, os Pereiras,  
Perderão junto a vós a gloria toda.

Vós com justiça igual desempenhando  
De sabio o nome, entre virtudes outras,  
Sois affavel, pacifico, prudente,  
Sois liberal, benevolo ; isto sobra.

Assim dais a saber que o vosso peito  
Alenta aquelle sangue, que se adora,  
De hum Pai, de quem no emprego, que occupara,  
Ha de ser immortal sempre a memoria.

Assim mostrais, que ramo florescente  
Sois de um Irmão, que em dotes, em pessoa,  
Ennobrece do Reino Luzitano  
Tudo, o que o scetro em seus dominios doura.

Porque entre as perfeições, que vos illustrão  
Ainda a mais accidental concorra,  
Até mostrais, o quanto a natureza  
Se desempenha em vós, quando vos fórma.

Cheios de actividade os olhos, dentro  
Dos corações, nos dão, não sei, que mostras  
De uma alma dominante : o que vos busca,  
Ao respeito, ao agrado igual se dobra.

Mas que de balde a examinar me empenho  
Os vossos attributos! Se se agoura  
Pelos principios o progresso, quanto,  
Quanto o destino na esperanza aponta!

Que commissões, que emprezas vos auspica  
O fausto Luzitano! Ah! Cerre embora,  
Cerre a porta o futuro; porque a tanto  
Não sobe a inculta lira, a Muza rouca,

---

# FABULA

## DO RIBEIRAO

### DO CARMO

#### SONETO

A vos, canoras Ninfas, que no amado  
Berço viveis do placido Mondego,  
Que sóis da minha lira doce emprego,  
Linda quando de vós mais apartado ;

A vós do patrio Rio em vão cantado  
O successo infeliz eu vos entrego ;  
E a victima estrangeira, com que chego,  
Em seus braços acolha o vosso agrado.

Vede a historia infeliz, que Amor ordena,  
Jámais de Fauno, ou de Pastor ouvida,  
Jámais cantada na silvestre avena.

Se ella vos desagrada, por sentida,  
Sabei, que outra mais feia em minha pena  
Se vê entre estas serras escondida.

Aonde levantado  
Gigante, a quem tocara,  
Por decreto fatal de Jove irado,  
A parte extrema, e rara

Desta inculta região, vive Itamonte,  
Parto da terra, transformado em monte ;

De uma penha, que espoza  
Foi do invicto Gigante,  
Apagando Lucina a luminoza,  
Alampada brilhante,  
Nasci ; tendo em meu mal logo tão dura,  
Como em meu nascimento, a desventura.

Fui da florente idade  
Pela candida estrada  
Os pés movendo com gentil vaidade,  
E a pompa imaginada  
De toda a minha gloria n' um só dia  
Trocou de meu destino a aleivozia.

Pela floresta, e prado  
Bem polido mancebo,  
Girava em meu poder tão confiado,  
Que até do mesmo Febo  
Imaginava o throno peregrino  
Ajoelhado aos pés do meu destino.

Não ficou tronco, ou penha,  
Que não desse tributo  
A meu braço feliz ; que já desdenha,  
Dispotico, absoluto,  
As tenras flores, as mimosas plantas  
Em rendimentos mil, em glorias tantas,

Mas ah ! Que Amor tiranno  
No tempo, em que a alegria  
Se aproveitava mais do meu engano ;  
Por aleivoza via  
Introduzio cruel a desventura,  
Que houve de ser mortal, por não ter cura.

Vizinho ao berço caro,  
Aonde a Patria tive,  
Vivia Eulina, esse prodigio raro,  
Que não sei, se inda vive,  
Para brazão eterno da belleza,  
Para injuria fatal da natureza.

Era Eulina de Aucollo  
A mais prezada filha ;  
Aucollo tão feliz, que o mesmo Apollo  
Se lhe prostra, se humilha  
Na copia da riqueza florecente,  
Destro na lira, no cantar sciente.

De seus primeiros annos  
Na belleza nativa,  
Humilde Aucollo, em ritos não profanos,  
A bella Ninfa esquivava  
Em voto ao sacro Apollo consagrara ;  
E delle em premio tantos dons herdara.

Trez lustros, todos d' ouro,  
A gentil formozura,  
Vinha tocando apenas, quando o louro,  
Brilhante Deos procura  
Acreditar do Pai o culto attento,  
Na grata aceitação do rendimento.

Mais formozza de Eulina  
Respirava a belleza ;  
De ouro a madeixa rica, e peregrina  
Dos corações faz preza ;  
A candida porção da neve bella  
Entre as rozadas faces se congela.

Mas inda, que a ventura  
Lhe foi tão generosa,  
Permitte o meu destino, que uma dura,

Condição rigorosa  
Ou mais augmente em fim, ou mais atêe  
Tanto esplendor, para que mais me enlêe.

Não sabe o culto ardente  
De tantos sacrificios  
Abrandar o seu Nume : a dôr vehemente,  
Tecendo precipicios,  
Já quaze me chegava a extremo tanto,  
Que o menor mal era o mortal quebranto.

Vendo inutil o empenho  
De render-lhe a fereza,  
Busquei na minha industria o meu despenho :  
Com ingrata destreza  
Fiei de um roubo (oh misero delicto !)  
A ventura de um bem, que era infinito.

Sabia eu, como tinha  
Eulina por costume,  
(Quando o maior Planeta quazi vinha  
Já desmaiando o lume,  
Para dourar de luz outro horizonte)  
Banhar-se nas correntes de uma fonte.

A fugir destinado  
Com o furto preciozo,  
Desde a Patria, onde tive o berço amado ;  
Recolhi numerozo  
Thesouro, que roubara deligente  
A meu Pai, que de nada era sciente,

Assim pois prevenido  
De um bosque á fonte perto,  
Esperava o portento appetecido  
Da Ninfa ; e descoberto  
Me foi apenas, quando (oh dura empreza!)  
Chego ; abraço a mais rara gentileza.

Quiz gritar ; opprimida  
 A voz entre a garganta  
 Apollo ? diz, Apoll... a voz partida  
 Lhe nega força tanta  
 Mas ah! Eu não sei como, de repente .  
 Densa nuvem me põe do bem ausente.

Inutilmente ao vento  
 Vou estendendo os braços:  
 Buscar nas sombras o meu bem intento :  
 Onde a meus ternos laços... !  
 Onde te escondes, digo, amada Eulina?  
 Quem tanto estrago contra mim fulmina?

Mais ia por diante ;  
 Quando entre a nuvem densa  
 Aparecendo o corpo mais brilhante,  
 Eu vejo (oh dôr immensa!)  
 Passar a bella Ninfa, já roubada  
 Do Numen, a quem fôra consagrada.

Em seus braços a tinha  
 O louro Apollo preza ;  
 E já ludibrio da fadiga minha,  
 Por amoroza empreza,  
 Era despojo da Deidade ingrata  
 O bem, que de meus olhos me arrebatava,

Então já da paciencia  
 As rédeas desatadas,  
 Toco de meus delirios a inclemencia ;  
 E de todo apagadas  
 Do acerto as luzes, busco a morte impia,  
 De um agudo punhal na ponta fria.

As entranhas rasgando,  
 E sobre mim cahindo,  
 Na funesta lembrança soluçando,

De todo confundindo  
Vou a verde campina ; e quaze exangue  
Entro a banhar as flores de meu sangue.

Inda não satisfeito  
O Numen soberano,  
Quer vingar ultrajado o seu respeito ;  
Permittindo em meu damno,  
Que em pequena corrente convertido  
Corra por estes campos estendido.

E para que a lembrança  
De minha desventura  
Triunfe sobre a tragica mudança  
Dos annos, sempre pura,  
Do sangue, que exhalei, ó bella Eulina,  
A còr inda conservo peregrina.

Porém o odio triste  
De Apollo mais se accende ;  
E sobre o mesmo estrago, que me assiste,  
Maior ruina emprende :  
Que chegando a ser impia uma Deidade,  
Excede toda a humana crueldade.

Por mais desgraça minha,  
Dos thesouros preciosos  
Chegou noticia, que eu roubado tinha  
Aos homens ambiciosos ;  
E crendo em mim riquezas tão estranhas,  
Me estão rasgando as miseras entranhas.

Polido o ferro duro  
Na abrazadora chama  
Sobre os meus hombros bate tão seguro,  
Que nem a dôr, que clama,  
Nem o esteril desvello da porfia  
Desengana a ambicioza tyrannia.

Ah Mortais! Até quando  
 Vos cega o pensamento!  
 Que maquinas estais edificando  
 Sobre tão louco intento?  
 Como nem inda no seu Reino immundo  
 Vive seguro o Bárathro profundo!

Idolatrando a ruina  
 Lá penetrais o centro,  
 Que Apollo não banhou, nem vio Lucina;  
 E das entranhas dentro  
 Da profanada terra,  
 Buscais o desconcerto, a furia, a guerra.

Que exemplos vos não dicta  
 Do ambiciozo empenho  
 De Polidoro a misera desdita!  
 Que perigos o lenho,  
 Que entregastes primeiro ao mar salgado,  
 Que desenganos vos não tem custado!

Em fim sem esperança,  
 Que allivios me permita,  
 Aqui chorando estou minha mudança;  
 E a enganadora dita,  
 Para que eu viva sempre descontente,  
 Na muda fantasia está presente.

Hum murmurar sonoro  
 Apenas se me escuta;  
 Que até das mesmas lagrimas, que choro,  
 A Deidade absoluta  
 Não consente ao clamor, se esforce tanto,  
 Que mova á compaixão meu terno pranto.

Daqui vou descobrindo  
 A fabrica eminente  
 De uma grande Cidade; aqui polindo

A desgrenhada frente,  
Maior espaço occupo dilatado,  
Por dar mais desafogo a meu cuidado.

Competir não pertendo  
Contigo, ó cristallino  
Tejo, que mansamente vas correndo :  
Meu ingrato destino  
Me nega a prateada magestade,  
Que os muros banha da maior Cidade.

As Ninfas generozas,  
Que em tuas praias girão,  
O' placido Mondego, rigorozas  
De ouvir-me se retirão ;  
Que de sangue a corrente turva, e feia  
Teme Ericina, Aglaura, e Deyopéa.

Não se escuta a harmonia  
Da temperada avena  
Nas margens minhas ; que a fatal porfia  
Da humana sede ordena,  
Se attenda apenas o ruido horrendo  
Do tosco ferro, que me vai rompendo.

Porém se Apollo ingrato  
Foi causa deste enlevo,  
Que muito, que da Musa o bello trato  
Se auzente de meu seio,  
Se o Deos, que o temperado côro tece,  
Me foge, me castiga, e me aborrece !

Em fim sou, qual te digo,  
O Ribeirão prezado,  
De meus Engenhos a fortuna sigo ;  
Commigo sepultado  
Eu choro o meu despenho ; elles sem cura  
Chorão tambem a sua desventura.

## ECLOGAS

# OS MAIORAES DO TEJO

### ECLOGA I

Montano, Corebo, Lize, e Laura

Eu canto os dous Pastores,  
Que o Tejo cristallino  
Na bella margem vio : canto o divino  
Assumpto dos amores,  
Que de inveja, e de agrado  
O Ceo, a terra, o mar tem namorado.

Tambem das Ninfas bellas,  
Que Amor vio abrazadas,  
Os numeros entôo : se entre aquellas  
Cadencias delicadas,  
Rude o som de meu canto  
Se faz digno, Senhor, de obzequio tanto.

Tu do semblante augusto.  
Tu da frente serena,  
Infante generoso, invicto, e justo,  
Em quanto sôa a avena,  
Teu magnanimo alento  
Communica a meu debil, rouco accento.

E Tu, que os Teus altares,  
Princesa soberana,  
Dilatas na extensão de ambos os mares ;  
Que Thetis, mais que humana,  
Em melhor hemisferio,  
Te adoptas do Brazil o grande Imperio.

Em quanto montes d'ouro,  
Brilhante pedraria,  
Desde o Rio da Prata ao Tejo louro  
A America te envia,  
Lá dessa gloria summa,  
A ouvir os meus votos te acostuma.

Aonde o Tejo claro  
Seus braços mais estende,  
Grande a corrente, em circulo mais raro,  
Grande parte comprehende  
Daquella alta Cidade.  
Regio solar da Luza Magestade.

D'um lado, e d'outro lado  
Se estende uma campina,  
Em que traz a pascer o manso gado  
Tanto a formosa Eulina,  
A filha de Silvano,  
Como o destro Corebo, o fiel Montano.

Em uma tarde, quando  
Os musicos Pastores  
Ao som da acorde flauta recitando  
Estavão seus amores,  
Nas vozes, que afinavão,  
Deste modo a cantar se preparavão.

*Cor.* Já que estamos, Montano, neste monte,  
Sem outra companhia, em quanto o gado  
Buscando as doces aguas dessa fonte,

Vem concorrendo d'um, e d'outro lado,  
 Aqui deste salgueiro  
 Sentados junto á sombra, eu te requeiro,  
 Torna-me a repetir aquella historia,  
 Que toda esta minha alma encheo de gloria.

*Mon.* Dos nossos Maiores a grande festa,  
 Corebo, quem a vio, já mais se farta  
 De a contar: mas em quanto a fresca sésta  
 A nós se chega, em quanto o Sol se aparta,  
 Tomando a flauta doce,  
 O cazo contarei; mas ah! se fosse  
 Minha voz tão suave, e tão divina,  
 Como aquella, que pede acção tão digna!

*Cor.* Toma o teu instrumento; elle é tão brando,  
 Que se inda agora Titiro vivera,  
 Porque melhor pudesse ir entoando,  
 No canto de Amarillis o quizera.  
 Parece, que os rochedos  
 Se abalão já do centro: os arvoredos  
 A habitação deixando da espessura,  
 Vem promptos a escutar tanta brandura.

*Mon.* Effeitos são daquelle heroico objecto,  
 Que eu tomo nos meus versos: maravilha  
 Não é, que possa tanto o grande affecto,  
 Com que o meu rendimento o voto humilha,  
 A historia prodigioza  
 Escuta, Pastor meu; ouve a ditoza  
 União dessas almas, que tem dado  
 A' memoria do mundo um tal cuidado.

O dia venturozo  
 Para nós se chegava,  
 O dia, em que no carro luminozo  
 O Sol mais abrazava:

De rizo, e de alegria  
O Ceo, a terra, o mundo se cobria.

Mais que nunca suaves,  
Ao despertar da Aurora,  
De ramo em ramo as sonorozas aves,  
Sobre os campos de Flora,  
Alegres vem saudando  
Da fresca manhã bella o rosto brando.

As arvores copadas  
Orvalho cristallino  
Derramão sobre a relva : restauradas  
Ainfluxo peregrino,  
Do inverno, que as rendera,  
Formão as flores nova primavera.

Os Genios da espessura  
Então mais concertados  
Andão mostrando annuncios da ventura.  
Vem-se os campos cercados  
De avizos superiores,  
Mandados desde o Ceo para os Pastores.

Um salgueiro, que havia  
Deixado a pompa verde,  
De repente (oh assombro !) se vestia  
Das folhas, que em vão perde ;  
E em prodigios maiores  
As mesmas folhas derão logo flores.

Duas rôlas, cantando  
Naquella sovereira,  
Docemente se estavam namorando ;  
Uma, e outra ligeira  
Com suave reclamo,  
De folha em folha vão, de ramo em ramo.

Por entre o trigo louro  
Discorre um vento brando,  
Qual nunca se sentio : um branco touro,  
Entre os outros brincando,  
Trez vezes nessa praia,  
A correr á porfia os mais ensaia.

Até dessa ribeira,  
Que nos fica vizinha,  
Se vio chegar á praia derradeira  
Um Delfim ; o qual tinha  
Sobre a escama enlaçadas  
As ramas de coral, ao Sol qualhadas.

O mar vinha trazendo  
De conchas exquisitas  
Uma grande abundancia : estão-se vendo  
Pérolas infinitas,  
Que no centro occultava ;  
Que de gosto talvez o mar as dava.

De Pan, e de Himeneo,  
Deidades soberanas,  
Se escuta publicar o alto trofeo.  
As glorias mais, que humanas,  
Os Pastores entoão,  
As sacras Divindades apregoão.

Estão por toda a parte  
As tochas incendidas,  
De Himeneo : o festejo se reparte  
Entre as Ninfas luzidas,  
Cercando em rodo as têas  
Naiades, Hamadriades, Napéas.

Pódem ver-se os Silvanos,  
Os Satiros das covas  
Deixar o triste abrigo : mais que ufanos,

Em seus himnos, e trovas,  
Com tal contentamento,  
Que enchião de alegria o mesmo vento.

Qual fiando a memoria  
Ao corpolento cedro,  
Por triunfo da nunca vista gloria,  
Lavra o nome de PEDRO:  
Qual compete á porfia,  
Nas faias entalhando o de MARIA.

Os nomes venturozos  
Se lêm por toda a parte:  
Trabalhão por fazellos mais ditozos  
A natureza, e arte;  
Porque nos troncos cresção;  
Porque nos mesmos troncos reverdeção.

Dametas, e Corino,  
Os muzicos Pastores,  
Que entre nós tem louvor quaze divino,  
Entoando os amores  
Da Ninfa, e caro Espozo,  
Um cantico disserão portentozo.

Aqui sobre estes troncos  
Uma letra se attende,  
Composta por Alcino: inda entre os broncos  
Debuxos se comprende,  
E diz... chega-te, Amigo;  
Mas não: escuta tu; porque eu a digo;

*Cor.* Ao longe eu vejo; espera, meu Montano,  
Eu vejo apparecer, ao que imagino,  
O meu bem, se talvez me não engano:  
Sim a bella Pastora, o peregrino  
Encanto desta vida.  
Ella é: oh que jubilo convida

A face alegre, a vista delicioza  
De Ninfa tão gentil, e tão formoza !

*Mon.* Qual vem com ella, attende, a branca Laura,  
Do côro em fim das Naiades o mimo !  
Formoza é Lize sim, formoza Aglaura ;  
Mais que todas formoza a Laura estimo.  
Cantando vem as bellas,  
Arrastando a seu cantico as estrellas :  
Ouçamos, o que dizem : mas eu creio,  
Que de chegar aqui terão receio.

Esta mata frondoza, esta espessura  
Commodidade dão ; onde escondidos  
As podemos ouvir ; e tu procura,  
Que Lize não perceba os teus gemidos.  
Em quanto ellas cantando  
Para nós descuidadas vem chegando,  
Ao numero Amabeo nos ajustemos ;  
E juntos os seus himnos alternemos.

Entenderão, que os Satiros das covas  
Sua voz acompanhão, ou que as penhas  
Repetem desde longe aquellas trovas,  
Que ellas então lá : não te detenhas ;  
Entra nesta espessura ;  
Que as Ninfas vem já perto : ah que ventura !  
Que gloria para nós não esperada  
Trouxe a sorte esta vez menos pezada !

*Cor.* Já não tardo a seguir-te ; porém temo  
Que fossemos já vistos : é mui alto  
Aquelle oiteiro. Desgraçado extremo  
De um infeliz ; pois tudo é sobresalto !  
Não sei, se dessa gruta  
Seja melhor buscar a estancia bruta,  
Ou se melhor apparecer-lhes seja.

*Mon.* A quem não matará da sorte a inveja!  
Já Laura me diviza: o seu aceno  
Me deu já a entender, que me descobre.

*Cor.* Lize me vio com rosto mais sereno  
E' acertado, que me não soçobre.  
Cheguemos desde agora,  
Cheguemos a encontrallas: erro fôra  
Tão rustica mostrar a natureza,  
Que se negue um Pastor a uma belleza.

*Mon.* Se vens, Ninfa, buscando o verde prado,  
Para lhe dar prazeres, e alegria,  
Tem dó tambem de um peito magoado,  
Que vive só da pena, e da agonia.

*Cor.* Se o pensamento teu vem conduzido,  
Divina Lize, a rogos de minha ancia,  
Eu te quero seguir; que o meu gemido  
Te busca sempre com maior constancia.

*Laur.* Montano, o digno assumpto de meu canto  
Lugar me não consente, para ouvir-te;  
Deixa, Pastor amado, deixa o pranto;  
Prompta me hasde encontrar, prompta a servirte.

*Liz.* Agora é lei forçoza de meu gosto,  
Corebo meu, que tomes o instrumento;  
Deixa as magoas, Pastor, deixa o desgosto;  
E vem acompanhando o nosso accento.

*Mon.* Não es tu a cruel, que em tanta idade  
Já mais ouviste um dia os meus gemidos?

*Cor.* De tua, mais que barbara, impiedade  
Como abrandou meu rogo esses ouvidos?

*Laur.* Montano, não porfies: em meus ecos  
Attende o peregrino, objecto amado;  
A cujo doce accento os troncos seccos,  
Os marmores talvez tenho abalado.

Eu trago de memoria a cantilena,  
Que Corino compôs, quando o seguia  
Dametas, o Pastor, que a doce avena  
No cantico amabeo soar fazia.

Lize, e mais eu a vinhamos agora  
Repetindo ; e tão bella se mostrava,  
Que no acorde trinar da voz sonora  
A alma atraz do canto arrebatava.

*Liz.* Corebo a póde ouvir ; pois que presente  
Não esteve á função do Himeneo sancto :  
Elle nos acompanhe juntamente ;  
Pois tanta suavidade tem no canto.

*Mon.* O Ceo cssa fortuna lhe guardava :  
Porque ha pouco a Corebo eu repetia  
A grande historia ; e quaze se apressava  
A lëlla nesse tronco, aonde a via.

Agora folgarei de acompanhar-te ;  
E para que de ti mais o mereça,  
Este cajado toma ; aonde em parte  
Reconhecer teu merito pareça.

Obra foi do divino Alcimedonte ;  
De flores o engastou : onde a mão dobra,  
Vê, como as pedras une destramente,  
Variando a côr : tu viste melhor obra ?

*Cor.* Pois eu, Lize gentil, inda que ponha  
Quantos gados, e campos eu possua,  
Nada te venho a dar ; porque é vergonha,  
Que outra couza te dê, quando a alma é tua.

A parrelha melhor do meu rebanho,  
Aquella, que é de pelle remendada,  
A flauta, com que agora te acompanho,  
Tudo em fim te darei, se tudo agrada.

*Laur.* Arvores (eu começo) deste oiteiro,  
Que enverdecendo estais na primavera,  
Chegai a ouvir meu canto lisongeiro.

*Liz.* Eu canto aquella Ninfa, que pudera  
Dar vida ás tenras flores, alma ás plantas,  
Como Venus ás rozas já fizera.

*Mon.* Branda corrente, tu, que o gosto encantas,  
Um retrato me pintas nessa fonte  
Do primorozo Ceo de graças tantas.

*Cor.* Eu vi, quando desciação desse monte  
As Ninfas na formoza companhia  
Com o canto alegrando este horizonte.

*Laur.* De gosto os cabritinhos nesse dia  
Deixarão de buscar o succo amado,  
Esquecidos das mães na relva fria.

*Liz.* O trovão, que soava deste lado,  
Agouro era sómente da ventura ;  
Uivar se não ouvia o lobo irado.

*Mon.* O Mòcho não grasnava na segura  
Rama daquelle choupo ; onde outras vezes  
Grasnar se ouvira pela noite escura.

*Cor.* A ti se ha de cortar das nossas rezes  
A victima perpetua : o sacrificio  
De nosso humilde voto não desprezes.

*Laur.* Do culto de um Pastor pequeno indicio,  
Eu tenho de trazer-te o mel dourado,  
Se tanto á minha supplica és propicio.

*Liz.* De propria mão o fructo sazonado  
Eu colherei, levando juntamente  
Dous recentais, que tenho aparelhado.

*Mon.* Se estou ao som da flauta mal cadente

Ensaando esta voz desconcertada,  
É para a dedicar a ti sómente.

*Cor.* Se apascento esta rustica manada,  
É por ver, se entre a misera pobreza  
De um Pastor inda ha couza, que te agrada.

*Laur.* Não foi Glauce formozza : a gentileza  
Da linda Galatéa já não deve  
Da nossa acorde flauta ser empreza.

*Liz.* Por ti já me parece escura a neve :  
Não é tão encarnada a fresca roza ;  
A comparar-se a ti nada se atreve.

*Mon.* Derivada do Ceo prole formozza  
De Jove, que respiras do semblante,  
Sobre a vida mortal, luz mais preciosa.

*Cor.* Ah quanta gloria deste laço amante  
Se espera conseguir ! A paz do mundo,  
A dita dos mortaes por ti se cante.

*Laur.* Para apertar o vinculo jucundo,  
O sangue traz o fio, Amor o tece ;  
Assim se lavra o thalamo fecundo.

*Liz.* Nesta amena campina reverdece  
A memoria dos Reis, segredo raro  
Que de Mantua o Pastor saber mercece.

*Mon.* Logra Amor o triunfo mais preclaro ;  
Que junta a Magestade á formozura,  
Não precisa a virtude de outro amparo.

*Cor.* Tu es do nosso Jove imagem pura ;  
Ao grande Deos do Ceo bem te pareces  
Nesta alma toda afagos, e ternura.

*Laur.* Tu, Ninfa, entre as mais Deozas só mereces  
Este obzequio, que agora satisfaço,  
Que entre ellas sobre todas resplendeces.

*Liz.* Será sempre immortal o terno laço,  
Que o não pôde cortar a morte feia,  
Nem da fortuna o movimento escaço.

*Mon.* Feliz foi o agouro; nem se creia,  
Que me engana de louca a fantazia,  
Ou que o meu pensamento me recreia.

*Cor.* Eu o vi nessa estampa, que luzia  
Na outra parte do Ceo sobre a direita;  
E n'alma trago impressa a profecia.

*Laur.* A memoria feliz nesta alma aceita  
Fixa sempre se guarda, sempre pura,  
Qual não pôde acabar a sorte estreita.

*Liz.* Uma palma triumphal ao Ceo fegura  
Se via remontar, que se enlaçava  
Das ramas de uma vide: uma escritura  
Desta sorte o segredo declarava:

## SONETO

Se este Tronco adorado dos Pastores  
Do tempo está zombando tão robusto,  
Esta vide enlaçada ao Tronco augusto,  
Fará que os seus brazões sejam maiores.

Brotando fructos, sazonzando flores  
Se verá triunfar do fado injusto;  
Sem que da lei mortal se atreva o susto  
A profanar seus claros resplendores.

Feliz do patrio Tejo o aureo terreno,  
Que Amor quiz, que dispôs a sorte avara,  
Fosse de arvores taes o sitio ameno.

Quanta ventura, quanto bem declara  
Este final, que pinta o Ceo sereno!  
Oh Tronco generozo! Oh Planta rara!

*Cor.* Depois que abraza o Sol a secca terra,  
 Não é tão agradavel para as plantas  
 O chuveiro do Ceo, que os ares cerra,  
 Qual foi para a minha alma, quando cantas,  
 Ouvir na tua flauta a doce historia,  
 Com que tu me arrebatas, e me encantas.

Na bella competencia desta gloria  
 Quem me dera passar a noite, e dia,  
 Sem trazer outra couza na memoria !

*Mon.* Comtigo, caro Amigo, eu gostaria  
 De consumir o tempo ; mas o gado  
 Anda correndo solta a relva fria.

Algun se acolhe ao mato emmaranhado ;  
 Fugio-me o meu Barozo ; já não vejo  
 Onde se foi meter o meu Bargado.

*Cor.* Eu vou juntar as cabras ; que desejo  
 Não trepem sobre aquella penha dura,  
 Que fica lá fronteira ao manso Tejo.  
 Adeos, Montano, adeos ; que é noite escura,

Aqui cessava o canto  
 Dos musicos Pastores :  
 E se do teu influxo a esforço tanto  
 Imito estes Cantores,  
 Tu, generoso Infante,  
 Faze que as Tuas glorias sempre cante.

Verás, que ao nosso rio,  
 Verás, que ao campo nosso,  
 Sentado junto ao alamo scmbrio,  
 Se tanto acazo posso,  
 Em suave harmonia,  
 O teu nome repito noite, e dia.

## FILENO

## ECLOGA II

Na margem deleitoza  
Do crystallino Tejo  
Sentado um Pescador, a pobre rede  
Em quanto tem nas praias estendida,  
Ao longe uma harmonia,  
Nunca ouvida já mais, ao longe escuta  
Um canto tão sonoro,  
Que nem Glauco suave, nem o cego  
Amante da formosa Galatéa,  
De Sicilia entoou na branca arêa.

Corino era, que vinha  
Da aldêa já voltando; onde o pescado  
A vender estivera: alli no povo  
Uma noticia achou, a qual em trovas,  
Por um Pastor discreto  
Ordenadas ao som da acorde avena,  
Trazia para o mar; quando aos ouvidos  
Foi mais proximo o som. Eu, que attendia,  
Estas doces cadencias percebia.

Que alegria, que gosto  
Ao mundo communica  
O nosso Maioral! O grato rosto  
Do jubilo se explica

Pela voz dos Pastores,  
Titiro, e Alcimedon, grandes cantores.

Os campos neste dia  
Se cobrem de verdura :  
Pasta o gado contente a relva fria ;  
E na verde espessura  
Novo contentamento  
Desterra toda a sombra do tormento.

Os Satiros das covas,  
Deixando o caro abrigo,  
Do seu rendido amor vem a dar provas :  
Elles trazem comsigo  
De Ninfas delicadas  
Igualmente as mais bellas, e engraçadas.

Em concertados himnos  
Sôa toda a floresta :  
Pastores mais gentis, mais peregrinos  
Concorrendo na sesta  
Do Maioral. oh quanto  
Agradavel se faz seu doce canto !

Um louva a providencia  
Com que a tudo consulta ;  
Outro applaude entre todos a excellencia,  
Com que o seu genio avulta ;  
Tornando venturozos  
Deste campo os Pastores mais ditozos.

Já torna ao nosso mundo  
Aquella idade de ouro :  
O campo sem cultura já fecundo  
Produz o trigo louro.  
Tudo está melhorado  
A montanha, a campina, o valle, o prado.

A nós torna a innocencia  
Do seculo primeiro :  
Torna a Justiça, as Graças, a Clemencia,  
Que do tempo grosseiro  
Desterrara a maldade.  
Oh feliz estação! Oh doce idade !

Assim cantava, quando  
Ao chegar o seu barco  
Junto á margem frondoza  
Um pouco se calou : eis entre tanto  
Dos versos, que lhe ouvia,  
Applicando uma parte ao tosco alento  
Da flauta piscatoria, desta sorte  
A seu modo dispunha,  
Das praias, onde estava,  
Fileno, o Pescador, que o escutava :

## SONETO

Assim como o Pastor, tambem o pobre,  
O rude Pescador lá desde a praia,  
Onde primeiro o Sol nas ondas raia,  
Do seu voto a innocencia não encobre.

Se elle cantando alegre se descobre  
Talvez á sombra da copada faia,  
Igual o nosso canto aqui se ensaia  
Ao susurro do mar, que a penha cobre.

Póde render ao Rei talvez Corino  
Desde a rustica choça o branco leite,  
O mel dourado, o pomio peregrino ;

Mas espero eu tambem, que elle me aceite  
A rama de coral, que por tão fino  
A corôa lhe esmalte, o scetro enfeite.

# ALBANO

## ECLOGA III

*Louva-se a pacificação da guerra, mediante a direcção do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Sebastião Jozé de Carvalho e Mello, Conde de Oeyras, Primeiro Ministro, de Portugal, etc.*

*Offerecida ao mesmo Senhor*

ILL. MO E EX. MO SNR.

Entrou em Roma o Pastor de Mantua : e dos beneficios que lá recebera, tirou a consequencia de que devia adorar por Deos ao seu Augusto. Continuou com o genio dos montes a fazer estimavel a flauta ; e não tardou a equivocar entre os louvores de Augusto as glorias de Pollião. Transportado aos agouros da felicidade promettida, levou o pensamento á dureza dos carvalhos : delles disse : viria tempo, em que das suas vêas nasceria a torrente do mel suave.

Estes dous lugares do Poeta Latino são, Excellentissimo Senhor, os que derão alento á minha Musa ; para fazer chegar á presença de V. Excellencia a Ecloga de Albano. Eu não distingo, se canto de Augusto, se de Pollião : sei, que é constante ao mundo, deveo Portugal na presente guerra todos os principios da sua inexplicavel felicidade á direcção prudentissima de V. Excellencia.

Não é este o unico argumento, que se nos tem dado do zelo, da vigilancia, da actividade, que a nosso beneficio respira em todas as distinctas acções de V. Excellencia. O seu Ministerio felicissimo foi para nós uma nova idade de ouro ; que fez produzir a terra sem fadiga ; tornou innocentes os genios, restituiu ao mundo a Justiça. Estes sã-

os fructos, que se comparão ao mel ; onde tudo é delicia, e tudo suavidade.

Reflectindo no preciozo sobrenome de V. Excellencia, do que noto, e do que admiro, tomo, Senhor, a certeza de estar em tudo comprida a profecia do Mantuano. E mendigando do Poeta Portuguez as expressões, com que disse:

Em quanto do seguro Azambiqueiro

Nos Pastores de Luzo houver cajado,

Passo, com as mais ajustadas circumstancias, a cantar a segurança da Monarquia Portugueza; em quanto do seio de um carvalho fructificar o mel, que fertiliza os campos.

Oh ! e que materia de agouros felicissimos me não prometem as inescrutaveis maximas da alta enciclopedia de V. Excellencia ! Que glorias, que beneficios não assegura a Portugal o seu adoravel Ministerio ! Falem calcados de frotas os mares : diga-o cheia de fabricas a terra Até aqui se adorava o estranho : agora já se faz desperdicio do proprio : amou-se a esterilidade ; já se não estima a abundancia. Epoca mil vezes glorioza aquella, que do nome de V. Excellencia poder ostentar a vaidade !

Este argumento, Excellentissimo Senhor, era mais digno da cithara dos Homeros, que da rudeza da minha flauta. Têção outros as Epopéas dos preciozos louvores, que a V. Excellencia se devem : eu pedirei ás Musas, que por mim o digão ; já que eu não posso.

Saio dos montes ; vivo na incultura ; communico a rusticidade : não é muito, que tudo o que concebo seja dissonancia, e seja barbarismo tudo o que pronuncio. V. Excellencia attenda ao meu animo, e não se offenda do obzequio. Talvez que não sem acordo buscasse o genio do campo, quem pertende na simplicidade do estilo acreditar a innocencia do voto. Deos guarde a V. Excellencia, etc.

De V. Excellencia

O mais humilde servo;

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

## ALBANO

## ECLOGA III

Salicio, Alcino, Melibeo

De Alcino, e de Salicio,  
Áquelles dous cantores,  
Que da voz, e da flauta no exercicio,  
Dão assumpto aos Pastores,  
Benigno Apollo ordena,  
Que eu repita, o que ouvi, na doce avena.

Tu, Muza, que ensaiada  
A' sombra dos salgueiros,  
Esta inculta região viste animada  
Dos eccos lisongeiros,  
Um novo empenho agora  
Commigo entôe a lira mais sonora.

As iras de Amarillis,  
De Licida os extremos  
Basta já de cantar, basta de Filis;  
Couzas dignas cantemos,  
Dignas pela grandeza  
De estampar-se dos cedros na dureza.

Para estender meu brado,  
Igual á aquelle empenho,  
Que eu concebo no assumpto levantado,

Não basta ao tosco engenho  
Nem esforço, nem arte,  
Se Vós no canto meu não tendes parte.

Vós, Conde, que cingido  
De verdes resplendores,  
Sobre a fama levais o vôo erguido,  
Que do peito em ardores  
A virtude alentando,  
O nome á eternidade ides mandando.

Vós, que de alta grandeza  
Brotando ramo illustre,  
Devendo tanto esmalte á natureza,  
Maior augmento, e lustre  
Buscáis ao sangue egregio  
De cada acção, que obraís, no fasto regio;

Se as fortunadas horas,  
Que á minha flauta entrego,  
De vós, Senhor, são dignas, as sonoras  
Driadas do Mondego,  
Vos prometto, que eu veja,  
Cheias por mim d'uma amorosa inveja.

De Meandro, e Caistro  
Cessarão as memorias;  
Do Douro aos Ganges, e do Tejo ao Istro,  
As Luzitanas glorias  
Levará o meu canto,  
Se o patrio Ribeirão me inspira tanto :

Ouvi do grande Albano  
Que bem o nome sôa :  
Ouvi, que se no exemplo não me engano,  
Alcino vos pregôa :  
De vós, Heroe distincto,  
As côres tíro, com que a Albano pinto.

A tarde já cahia ;  
E o Sol mais temperado  
Seu rosto dentro da agua recolhia,  
Quando n'um verde prado  
Salicio se avistava  
Com Alcino, que acazo alli chegava.

Distante está do Tejo  
O sitio peregrino ;  
E bem, que a Alcino atraz do seu dezejo  
Conduzira o destino  
A ver da Còrte o estado,  
Para o campo outra vez tinha voltado.

Largas horas havia,  
Que estavam praticando  
Em Laura, e Dinamene : na porfia  
De conversa mudando  
Salicio assim se avança :  
E Alcino de escutallo se não cança.

*Sal.* Conta-nos, o que ouviste, o que notaste,  
Alcino meu, naquella grande Còrte  
Para onde ha tanto tempo te apartaste.

Explica-nos, Pastor, o como a sorte  
Assim se melhorou ; que já se ausenta  
Do nosso campo a guerra, a fome, a morte.

Deos sabe, quanto susto esta tormenta  
Fez aqui entre nós, ao ver, que vinha  
O inimigo com mão dura, e violenta.

Esses campos d'além, dizem, que tinha  
Destruído, e arrazado ; sem que nada  
Lhe contivesse furia tão damninha.

Todos se forão pondo em retirada,  
Salvando cada qual por modo estranho,

Aquelle o fato seu, este a manada.

Eu, que estava esperando mal tamanho,  
 Não quiz daqui fugir ; porque a pobreza  
 Me não dá, que perder, choça, ou rebanho.

Tu sabes, que não sei, o que é riqueza ;  
 Que passo aqui contente noite, e dia,  
 Zombando da ambição, e da avareza.

Nisto agora conheço a primazia,  
 Que levo aos meus Serranos : elles tremem ;  
 Eu faço do inimigo zombaria.

*Alc.* No mal commum, Salicio, todos gemem :  
 E se tu de fortuna hoje melhoras,  
 Não escarneças tanto dos que temem :

De melhor condição acazo fôras,  
 Se o lobo matador aqui chegasse  
 A tingir no teu sangue as mãos traidoras ?

Imaginas, que só se contentasse  
 Co' a pobreza do fato ? Que sómente  
 Os cabritos comesse, ou os roubasse ?

Disgraçado de ti, que es innocente !  
 Fôras tu, por onde eu andei girando,  
 Tu viras, o que vai por essa gente.

Tu viras um filhinho soluçando  
 Pelo Pai, que lhe morre ; o outro vira  
 Por falta de sustento andar chorando.

Lá vão as sementeiras : que te admiras  
 Tudo levou o fogo : o campo verde  
 Foi posto do inimigo á crueis iras.

Que importa, que este mais devêzas herde !  
 Que aquelle, mais possua, se no estrago  
 Cada um á proporção seu tanto perde !

Eu perco mais que todos : porque trago  
Apenas o meu fato a salvamento ;  
Que a mudança me deu este bom pago.

Cuidei achar melhor acolhimento  
Nos Pastores da serra ; andei errado  
Em deixar deste campo o doce assento.

Depois passei-me á Côrte, a ver o estado  
Das couzas, como lá se governavão :  
Ah ! Que de quanto vi, fiquei pasmado.

*Sal.* Não te falo no tempo, em que pastavão  
Teus gados sobre a serra ; eu sei, que tudo  
Perdeste, como os mais, que lá se achavão.

Mas depois que passou teu genio rudo  
A amparar-se da Corte é, que eu quizera  
Saber, o que lucraste nesse estudo

*Alc.* Inda que outra ventagem não tivera,  
Muitas vzes feliz a minha dita  
Em ver o meu Albano conhecera.

*Sal.* Quem é o teu Albano ? Aonde habita ?  
Que genio, condição, ou qualidade  
Tanto assim entre os nossos o acredita ?

Não sahe Pastor daqui para a Cidade,  
Que em voltando de lá, delle não conte  
Couzas dignas de grande novidade.

*Alc.* E crês tu, que no valle, bosque, ou monte  
Vivirá tronco, ou penha, que algum dia  
As memorias de Albano não aponte !

Qual de nós escapara á morte fria ?  
Quem tornara a ver mais sua devcza ?  
Quem seu gado, ou currais inda acharia ?

Se este Pai dos Serranós com presteza

Não acodira a bem do nosso amparo,  
A vencer do inimigo a fortaleza ?

Corria ensanguentado o Tejo claro :  
Ia levando a espada cortadôra  
Tudo, o que se encontrava sem reparo.

Não houve noite, ou dia, instante, ou hora,  
Que algum grande successo senão visse,  
Ou no ferro, ou na chama abrazadôra.

Miseraveis vaqueiros ! Quem subisse  
Sobre aquella alta serra, ah como creio,  
Que o coração em lagrimas partisse !

Oh como nada farta o sangue alheio  
A aquelle a quem condúz sua maldade,  
A que obre sem vergonha, honra, nem freio !

Como se quebra a fé, ou lealdade  
Só pela vil eobiça ! Da virtude  
Não se faz eazo já, nem da verdade.

*Sal.* Bem que o teu pensamento nisso estude,  
Sempre verás, Aleino, como é certo  
Só vive co' a justiça um genio rude.

Um coração lavado, um peito aberto  
Não se he, o que é traição ; contente gira  
Trazendo sempre o rosto descoberto.

No cortezão sómente anda a mentira  
Fazendo o seu partido : envergonhada  
A honra se acobarda, e se retira.

*Alc.* Já vejo, que na fraze disfarçada  
Caminhas á accuzar, Salicio amigo,  
A tenção dessa gente tão damnada ;

Dessa, a quem dão amparo, dão abrigo  
Os altos Perinêos, que em nosso damno

Trouxe consigo o Rhódano inimigo.

*Sal.* E não tenho razão, para do engano  
Queixar-me, quando vejo, descarrega  
Sobre nós este golpe deshumano ?

*Alc.* A razão, com que falas, não a nega,  
Salicio meu, quem sabe da amizade  
Aonde chega o ponto, onde a lei chega.

Quem approvou já mais a falsidade  
Daquelle, que fingindo alegre o rosto  
Descobre para o fim a crueldade !

Mas eu ponho de parte este desgosto ;  
E só quero louvar aquelle braço,  
Que o nosso Portugal em paz tem posto.

Esse, que nos livrou deste fracasso  
Com sabia providencia, e zelo pio ;  
Que eu nunca de o cantar me satisfaço.

Debaixo deste Plátano sombrio  
Seu nome entoarei por esta praia,  
Até onde se estende o largo rio.

A minha tosca flauta aqui se ensaia  
Para com melhor som, melhor cadencia,  
A Titiro imitar junto da Faia.

*Sal.* Eu te sigo Pastor ; canta a excellencia  
Do grande Albano teu ; aqui sentado  
Inspira-me tambem essa influencia.

O numero amabeo é concertado ;  
Quero-te acompanhar ; vá de certame :  
Tu porás a sanfona, eu o cajado.

Mas lá vem, Melibeo ; justo é, que o chame,  
Para louvado ser desta porfia ;  
Elle do nosso canto faça exame.

*Mel.* A tempo chego em fim, que não queria;  
 Pois já mais foi meu gosto em arte, ou prenda  
 Mostrar, que entre vós outros mais sabia;

• Mas se não decidir esta contenda,  
 Ao menos prompto estou, para escutar-vos;  
 Cantai, que tendes já, quem vos attenda.

*Alc.* Não tenho medo algum de disputar-vos  
 A palma entre vós outros; porque venho.  
 Da Côrte, e trago um canto que ensinar-vos.

Nelle se conta o mal, a guerra, o empenho,  
 Que infestou toda a terra : o estilo é novo,  
 Mui diverso do nosso, obra de engenho.

Não o sabe cantar qualquer do povo;  
 Algum sómente cortezão polido  
 É, que o canta por lá...

*Sal.* Pois eu o approvo.

*Mel.* Não eu; que não me entendo co' ruído  
 De vozes estrangeiras : mas vá feito;  
 Sempre para escutar applico o ouvido.

*Alc.* Aqui nesta cortiça ao modo, e geito  
 Do nosso campo eu a cortei : em tanto  
 Que eu digo o meu, tu lê o teu conceito;  
 E acompanha, Salicio, o novo canto.

*Alc.* Muzas do monte Ménalo, que um dia  
 Com suave harmonia  
 Cantastes brando o peito  
 De Daphne, o Pastor claro,  
 Melhorando o conceito  
 Fazei, que o tempo avaro  
 Só traga na memoria  
 O nome soberano,  
 A nunca vista gloria

Do meu sublime, do meu grande Albano.

*Sal.* Do meu sublime, do meu grande Albano,  
 Vereis se não me engano,  
 Que este monte repete  
 O esforço mais que humano ;  
 Aquelle, que compete  
 Na pompa, e na grandeza,  
 Ao tronco mais luzido,  
 Que alenta a natureza,  
 Que o Ceo tem produzido ;  
 Para ser nestes montes adorado.

*Alc.* Para ser nestes montes adorado,  
 Por elle é renovado  
 Da selva Dodonea  
 O oraculo sagrado :  
 De Nêmesis, e Astréa  
 Com tanta segurança  
 Oh como elle sustenta  
 A espada, e a balança !  
 Com providencia attenta  
 Oh como ampara ao bom, ao mão castiga !

*Sal.* Oh como ampara ao bom, ao mão castiga !  
 Por elle é bem se diga,  
 Que torna a idade d'ouro.  
 A terra sem fadiga  
 Prodúz o trigo louro ;  
 Prodigio, que invejava  
 De Mantua o Pastor bello,  
 Quando vio, que brotava  
 Com provido desvello  
 O mel dourado dos carvalhos duros.

*Alc.* O mel dourado dos carvalhos duros.  
 Os campos mal seguros,  
 A nosso beneficio,

Faz, que brotem maduros  
Seus fructos já sem vicio :  
Elle as furias quebranta  
Do barbaro, que vinha  
Com avareza tanta,  
Que já pizado tinha,  
Quanto erguera a fadiga, e o trabalho.

*Sal.* Quanto erguera a fadiga, e o trabalho,  
O abrigo, o agazalho,  
Tudo a nós restitue.  
A fecundar o orvalho  
Os campos continue ;  
Saia a cortar a terra  
O lavrador afflicto ;  
Que já fugio a guerra ;  
Já se não ouve o grito  
Da miseria, da fome, da penuria.

*Alc.* Da miseria, da fome, da penuria  
Já se desterra a injuria.  
O serro, que aos arados  
Servira, o troca a furia  
Em dardos aguçados ;  
Mas já com melhor sorte  
São da vida instrumentos  
Instrumentos da morte.  
Oh que grandes portentos !  
Que arte feliz do nosso grande Albano !

*Sal.* Que arte feliz do nosso grande Albano !  
Armada em nosso damno  
A gente, que costuma  
Uzar do torpe engano,  
Porque tudo consuma,  
Entrava a ferro, e fogo,  
Quanto banhara o Tejo ;

Mas desmaiando logo  
O malvado desejo,  
Tudo foi confusão, tudo foi susto.

*Alc.* Tudo foi confusão, tudo foi susto ;  
Quando no assalto injusto  
Se vio pela campanha  
O espirito robusto,  
Que lá da Patria estranha  
Em nosso auxilio veio ;  
E mais que a armada gente,  
Vence o damno, e o receio,  
O avizo providente  
Daquelle Heróe, que o Reino governava.

*Sal.* Daquelle Heroe, que o Reino governava,  
A nós se dispensava  
A direcção, o acerto :  
A tudo consultava,  
Vendo crescer o aperto.  
Não ha futil empenho,  
A que não sirva a idéa,  
A que não sirva o engenho :  
O seu conselho enfrêa  
Do inimigo o furor, do ferro a ira.

*Alc.* Do inimigo o furor, do ferro a ira.  
Por elle em fim respira  
Da Paz no doce laço  
O Reino, que se vira  
No funebre ameaço :  
Ao som do bronze rudo  
Já foge o inimigo :  
Tudo se aplaca, tudo  
Torna ao socego antigo.  
Oh doce Paz ! Oh Iris da tormenta !

*Sal.* Oh doce Paz...!

*Mel.* Tem mão, Salicio : attenta  
Bem que se escute, ha uma hora, não me agrada  
Essa vossa cantiga, tão violenta.

Alguem ha de cuidar, que é fraze inchada  
Daquella, que lá se usa entre essa gente,  
Que julga, que diz muito, e não diz nada.

O nosso humilde genio não consente,  
Que outra couza se diga mais, que aquillo,  
Que só convem ao espirito innocente.

A fraze Pastoril, o fraco estilo  
Da flauta, e da sanfona, antes que tudo,  
Será digno, que Albano chegue a ouvillo.

Se Alcino tem lá feito o seu estudo  
Nesses versos, que traz, nós cá cantemos  
Ao nosso modo ; inda que seja rudo.

*Sal.* Vá feito, Melibeo ; é bem pensemos  
Em que não desmereça o nosso canto  
A pobre condição, com que nascemos.

*Alc.* Nada, Amigos, me pôde agradar tanto,  
Como os versos, que trago de memoria,  
De que se faz na Côrte um grande espanto.

Deos sabe, o que custou, que eu toda a historia  
Conservasse de cór : outro não teve  
Dentro em tão pouco tempo tanta gloria.

Laurenio quantos dias não esteve  
A aprendellos commigo ! A bella Anarda  
Que empenho por sabêllos me não deve !

*Mel.* Pois olha tu, Alcino, se não tarda  
De acordar-se a lembrança, eu te asseguro,  
Vejas couza melhor, que um tronco guarda.

*Sal.* Queres talvez mostrar-lhe aquelle duro  
Salgueiro, onde outro dia descreveste  
De Amarillis o nome, sempre puro ?

*Mel.* Não é este o meu verso, não é este.

*Alc.* Pois é acazo a letra decantada,  
Que fizeste ao teu bem, e hontem a lèste ?

*Mel.* Tão pouco.

*Sal.* É a de Angelica adorada,  
Aquella cantilena, que começa :  
Onde te esconderás... ?

*Mel.* Não. É errada  
A vossa presumpção : não se arremeça  
Tão longe da razão meu desatino,  
Que assumpto tão diverso agora peça.

O verso, que mostrar-vos determino,  
É um, que ha poucos dias a esta parte,  
Cortou sobre um carvalho o velho Albino.

Cheios d'engenho são, d'idéa, e d'arte :  
Inda bem se não sabe o seu assumpto ;  
Ou fala com Apollo, ou co' Deos Marte.

*Sal.* Pois anda, Melibeo ; contigo junto  
Vou ver esse carvalho : anda, caminha ;  
Vamos ; que já mais nada te pergunto.

*Alc.* Quaze que de seguir-vos eu não tinha :  
Pois cá no coração me está batendo,  
Que a cantiga não é melhor que a minha.

*Mel.* Pastores, os que andais lá sobre a serra  
Apascentando as pobres ovelhinhas,  
A quem vem perseguindo a dura guerra,  
Desde a gente distante ás mais vizinhas ;  
Se abraza o fogo, se não guarda a terra

Iguais vossas herdades, como as minhas,  
Commigo consolai o vosso pranto ;  
Que eu perco mais que vós, ou perco tanto.

Eu tambem fui senhor de uma manada,  
Que enchia estes currais : o campo amigo  
Tambem me dava a fruta sazoadada,  
As castanhas, a uva, a pêra, o figo :  
Veio (quem crêra tal !) com mão armada  
Sobre nós o faminto do inimigo ;  
Tudo a fogo levou ; pôz tudo a ferro ;  
A mim me coube apenas um desterro.

Desde o Douro ao Mondego não havia  
Nem gado, nem curral, que não gemesse.  
Tudo vinha arrazando a tirannia  
Encoberta na forma de interesse.  
Quem de tamanho mal escaparia,  
Se o grande Deos do Ceo não protegesse  
A gente Luzitana, a gente sancta.  
Que para o seu brazão a cruz levanta !

Elle nos concedeo com mão piedozada  
Uma alta divindade em nosso amparo,  
Que fez segura a sorte duvidozada,  
E a todo o nosso damno pôz reparo.  
Já fugio a tormenta tenebrozada ;  
Já resplendece o Ceo sereno, e claro,  
Feliz, ó Portugal, feliz mil vezes  
O destino dos povos Portuguezes !

Por esta Divindade entrou a cura  
Do contagio fatal, que o Reino via :  
A sua actividade é, que segura  
Toda a conservação da Monarquia.  
Assim como o Piloto em noite escura  
Vence com arte, e modo a névoa fria,

Seguindo sempre o rumo ; assim se assenta,  
Que elle soube guiar-nos na tormenta.

Não sei, como chamar-lhe deva agora ;  
Sei, que o Deos ha de ser dos Portuguezes ;  
A quem co' a machadinha cortadôra  
Se hão de sacrificar as nossas rezes.  
Dia não haverá, instante, ou hora,  
Que seu nome não cantem nossos mezes.  
Digão uns, que é Apollo, outros que é Marte,  
No engenho, no valor, no esforço, e n'arte.

Quem faz fugir a gente Castelhana,  
Quem a França tambem põe duro freio,  
Ha de estender a terra Luzitana,  
Até chegar além do berço alheio.  
O meu gado, se a idéa não me engana,  
Eu pertendo levallo sem receio,  
Por campos nunea vistos, nem pizados,  
Que estão da verde relva carregados.

Plantarei novas vinhas, onde tenha  
O grosso ebedal, que a Côrte estima :  
Terei mil sementeiras, com que venha,  
A ser maior, que todos os do Lima.  
Esta gralha, que canta, é, que me empenha ;  
Este sinal do Ceo é que me anima ;  
Tudo serve de agouro ; porque em tudo  
Anda a minha razão fazendo estudo.

Eu vejo, que por esta Divindade  
O mar se vê de frotas opprimido ;  
Que, sem que do estrangeiro a droga agrade,  
Nos dá o Reino pão, dá o vestido :  
Tudo fica entre nós ; sem que a vaidade  
O tenha de outras gentes recebido.  
Já não vem a roubar-nos o pirata,  
Que daqui nos levava o ouro, a prata.

Não só gira o commercio, que a firmeza  
Dos Reinos assegura : premiado  
Se levanta com brio, e fortaleza  
Do somno, e da preguiça o vil Soldado.  
Tudo já é valor, tudo é destreza  
No cobarde igualmente, e no esforçado.  
Oh quanto pôde a direcção prudente !  
Um forte Rei faz forte a toda a gente.

*Alc.* Por certo, Melibeo, não me atrevera  
A cantar junto a ti, se essa cantiga,  
Antes de t'a escutar, ouvido houvera.

Justo parece, Amigos, que se diga :  
Não pode competir co'a flauta agreste  
Tudo, o que desconhece a idade antiga.

*Sal.* O canto é tão divino, tão celeste,  
Que eu nunca de escutallo me fartara.  
Oh que couzas tão bellas, que diceste !

De Titiro a harmonia doce, e rara  
Assim se imita bem, quando sentado  
Ao Deos, que vira em Roma, lá cantara.

*Alc.* Seja sempre do tempo venerado  
O tronco, onde se imprime esta escritura ;  
Para guardar um verso tão sagrado.

Sua rama se estenda sempre pura,  
Dando sombra ao cançado caminhante,  
Que amparar-se solícito procura.

*Mel.* Primeiro se hade ver o gado errante  
Pastar lá sobre o Ceo ; primeiro a terra  
Será de mil estrellas abundante ;

*Alc.* Primeiro os cabritinhos pela serra  
Deixarão de saltar ; entre os vaqueiros  
O lobo deixará de fazer guerra ;

*Sal.* Os alamos ao rio sobranceiros  
Primeiro deixarão de estar bolindo  
Ao susurro dos ventos lisongeiros ;

*Mel.* Que eu deixe de estar sempre repetindo  
Ao som da minha flauta o louvor sancto,  
Que de ti, sacro tronco, estou ouvindo.

*Sal.* Eu sou tambem contente.

*Alc.* Eu outro tanto.

Ao ver, que a sombra escura  
Os montes já cobria,  
A sua choça cada qual procura :  
E cheia a fantasia  
Do canto soberano,  
Todos cantando vão do grande Albano.

---

## LYSIA

## ECLOGA IV

Se é certo, que inda vive a doce avena,  
Que chorou Coridon, chorou Amintas,  
Tu me tens de escutar, ó Selva amena.

Eu por entre estas sombras mal distinctas,  
Ao resplendor da Lua, que apparece,  
Quero, que tu commigo o meu mal sintas.

Agora pois que o vento se enfraquece,  
Que o susurro do mar está mais brando,  
Que o ar se acalma, o campo se entristece ;

Inclina o teu ouvido : eu entoando  
A minha fraca voz, agreste, e triste,  
Estarei minhas magoas recitando.

Dura consolação ! A quem assiste  
Um fado tão cruel, outra esperança  
Não tem mais, do que a queixa, em que persiste.

Como posso apagar esta lembrança  
Daquelle grande bem, que eu discorria,  
Que já mais poderia ter mudança !

Quem, fortuna, (ai de mim!) quem me diria,  
Que havia de vir tempo, em que faltasse  
Aquelle doce união, em que eu vivia !

Quando Lisia cuidou, que lhe roubasse  
A sorte desigual a Silvio amado,  
Silvio, que outro não ha, que mais amasse !

Que ditozo não via o meu cuidado  
Na posse de um thesouro, onde segura  
Tinha a sorte o meu bem depositado !

Aqui sobre esta penha, onde murmura  
A onda mais quebrada, quantas vezes  
Me não puz a cantar minha ventura !

Sacrificio lhe fiz das minhas rezes ;  
Para elle colhi sómente o fructo,  
Que o Sol sazona nos dourados mezes.

Tudo, o que leva o campo, eu em tributo  
Mil vezes lhe rendi : ah como agora  
O meu rosto não posso ver enxuto !

Deixou-me Silvio ; sim Silvio, que fôra  
Distincto Maioral destas campinas,  
Gloria de Lisia, por quem Lisia chora.

Deixou-me : mas por quem ! Se é que inda atinas,  
Saudozo coração, nesta tormenta,  
Explica de meu pranto as ancias finas.

Deixou-me por aquella, que se ostenta  
Como nome de Rica ; a que sepulta  
Em seu seio os thesouros, que sustenta.

Deixou-me por aquella, que se occulta  
Na parte mais distante ; porque eu tenha  
Inda mais, que sentir na dôr, que avulta.

Ah ! E como é possível, que me venha  
Uma constancia tal, que, instando a magoa,  
A formar minhas queixas me detenha !

Os olhos de saudade razos d'agoa

Que mais hão de fazer, que estar chorando  
A semrazão de tão penosa fragoa !

Vós, campos, que me vistes já gozando  
A delicia do meu contentamento,  
Ide-vos pouco a pouco desmaiando.

Não esperéis já mais o luzimento,  
Que Silvio aqui vos deu : Silvio vos falta :  
De Silvio não ha mais que o sentimento.

Buscou outra campina : outra se exalta  
Na gloria de o gozar : ah que em vão geme  
Dentro em meu coração magoa tão alta !

Mas que de balde agora a boca treme !  
Que de balde se agrava a ancia minha !  
De que contra o meu fado a voz blasfema !

Se a gloria me roubarão, que eu mantinha ;  
Contra o fado, contra essa, que hoje invejo.  
A queixa, a accusação só me convinha.

Infeliz seja sempre o teu desejo,  
Oh ingrata inimiga ; e a aventura  
Não encontres já mais sem magoa, ou pejo.

Teus campos não se cubrão de verdura :  
O dia te amanheça carregado,  
A noite sempre feia, sempre escura !

Consuma a peste vil teu nedio gado ;  
Nunca tenhas Pastor, que o guarde, ou zelo  
Do lobo, que o procura esfamiado.

Pize o chuvozo inverno, e atropelle  
As tuas sementeiras ; leve o rio,  
Quantas herdades tens á margem delle.

Nunca te ampare o álamo sombrio  
Com suas verdes folhas : tudo seja  
Contagio na Pastora, e no armentio.

Caia... porém que digo ! A minha inveja  
Aonde me arrebatava ! E não conheço,  
Que ha ma s alto preceito, que me reja !

Acazo, quando Silvio não mereço,  
Não sei, que elle se ausenta : porque manda  
Sobre a vontade sua um alto excesso !

A cazo outra rival elle demanda,  
Sem que o destine a lei da obediencia,  
A lei que o dividio de Lisia branda ?

Pois Silvio falte em fim : ache a influencia  
Da estrella mais propicia essa, que agora  
Se alenta de meu bem na dura ausencia.

Risonha lhe amanheça sempre a aurora,  
Serena a noite, o gado não lamente  
Sem cura o mal, o damno sem melhora.

Já mais chegue a levar a grossa enchente  
Seus fructos carregados ; noite, e dia  
Vele o cão sobre a ovelha : ande contente.

No monte se oução bailes de alegria ;  
Não pcturbe o socego dos Pastores  
Algum agouro mau deave sombria.

Tudo, Silvio, será : que entre os horrores  
Da pena, do martirio, da tristeza,  
Perdidos chorarei teus resplendores.

Que será de meus campos na pobreza,  
Em que me deixas, Silvio ? Tu me davas  
Todos os meus haveres, e riqueza.

Tu só os mais Pastores consolavas,  
Distincto Maioral com arte, e modo  
Tudo compunhas, tudo moderavas.

Por ti vivia alegre o campo todo.

Ah ! E com quanta dôr nesta lembrança  
A calar minhas penas me accommodo !

Esperar já não posso outra bonança ;  
Que tudo já me falta, ó Silvio amado ;  
Pois que me faltas tu nesta mudança.

De meu pranto no misero traslado  
Vive, Silvio, meu bem : minha saudade  
Te dá um testemunho do cuidado  
Nesta inscrição, que deixa á eternidade :

## SONETO

Guarda, ó tronco, este funebre letreiro,  
Que em ti descreve Lisia : saiba a idade,  
Que todo o coração, toda a vontade  
Dei a Silvio em affecto verdadeiro.

Oh nunca se te atreva o horror grosseiro  
De raio algum ! Mas com feliz vaidade  
Ostenta sempre a fresca amenidade ;  
E em todo o tempo, ó tronco, vive inteiro.

Crescer em tuas ramas veja um dia  
De Silvio o nome : Silvio se remonte  
Dos Cantores na doce melodia.

Assim dizia Lisia : eis que uma fonte,  
Que no seio do tronco se escondia,  
De repente saltou, banhando o monte.

---

## ARUNCIO

## ECLOGA V

Frondozo e Alcino.

*Fron.* Em vão te estás cançando o dia inteiro,  
Alcino, em perguntar, que significa  
Este, que vês cortar, triste letreiro :

Elle não é de balde : aqui se explica  
Tudo, quanto ha de grande, novo, e raro,  
Na pobre aldêa, e na cidade rica.

Nada póde escapar do golpe avaro...  
(Diz esta cifra breve) agora entende ;  
Que deste dito o assumpto eu não declaro.

*Alc.* Se o meu juizo o cazo comprehende,  
Essa letra, que entalhas, e que admiro,  
Com a morte de Aruncio fala, ou prende.

*Fron.* Ah ! Que arrancas um misero suspiro  
Do centro de minha alma ; o nome amado  
Me faz deixar a vida, que respiro.

*Alc.* Eu bem via, que estava o teu cuidado,  
Frondozo meu, lembrando a triste morte  
Desse caro Pastor, tão estimado.

*Fron.* E quando esperas tu, que o fatal córte,  
Que de mim separou tão doce Amigo,  
Possa romper de amor o laço forte !

Primeiro se verá nascer o trigo  
No Ceo ; dará primeiro a terra estrellas,  
Que tenha esta lembrança algum perigo.

*Alc.* Triste, e funesto cazo ! As Ninfas bellas  
Do patrio Ribeirão tanto chorarão,  
Que inda allivio não ha, nem gosto entre ellas.

Os gados largos dias não pastarão.  
E mugindo á maneira de sentidos,  
A pelle sobre os ossos encostarão.

Os Mochos pelas faias estendidos  
Enchendo a terra, e Ceo de mil agouros,  
Espalharão tristissimos grasnidos.

Os campos, que té alli se vião louros  
Com o matiz vistozo das searas,  
Perderão de repente seus thesouros :

*Fron.* Esses sinais, Alcino, se reparas,  
Dizem couza maior, que sentimentos  
Consagrados da morte sobre as aras.

Quando ha mostras no Ceo, quando ha portentos  
Na terra, algum segredo ha, não sei onde,  
Que não é para humanos pensamentos.

Ao meu conhecimento não se esconde  
A grandeza do golpe : mas alcanço,  
Que a tanta perda a dôr não corresponde.

De te buscar exemplos me não canço ;  
Só te lembro porém, que o tronco duro  
Faz mais estrago do que o arbusto manso.

*Alc.* O que queres dizer, eu conjecturo :  
No vime, e no carvalho ha igual ruina ;  
Igual a consequencia eu não seguro.

Aquelle cabe sem damno, este destina

Fatal estrago a tudo, o que esta posto  
Debaixo d'elle. É isto? Ora imagina.

*Fron.* Jove aparte de nós tanto desgosto :  
Baste, para avivar nossa saudade,  
O ser cortado em flor aquelle rosto,

Contente-se da morte a crueldade  
Em nos levar com passo tão ligeiro  
Uma tão bella, tão mimoza idade,

Roubou-nos um Pastor, que era o primeiro  
Entre os nossos do monte; elle nos dava  
As justas leis no campo, e no terreiro.

Elle as duvidas nossas concertava ;  
E sendo Maioral, por arte nova,  
Com respeito o agrado temperava.

De mil virtudes suas nos deu prova ;  
Sempre a bem dirigindo os nossos passos.  
Oh quanto esta lembrança a dor renova !

*Alc.* Ai ! E com quanta magoa nos teus braços  
Eu vi, Frondozo meu, que Aruncio esteve  
Desatando da vida os doces laços !

*Fron.* Meu pensamento, Amigo não se atreve  
A lembrar-se (ai de mim !) da mortal hora,  
Em que vi acabar vida tão breve.

Quem fôra duro seixo, ou bronze fôra.  
Para animar agora na lembrança  
Aquella imagem, com que esta alma chora !

Eu vi, Alcino, eu vi, que na mudança ;  
Que do caduco a Eterno bem fazia,  
A alma tinha cheia de esperança.

Tudo, o que era mortal, aborrecia :  
A copia dos seus gados, o cajado,  
(Bem que era de ouro fino) em nada havia.

Em vão o molestava o doce estado  
Da honra, e da grandeza : a Jove entregue  
O espirito seguia outro cuidado.

Mas ai, Alcino ! A voz já não prosegue ;  
Que tudo, o que a memoria vem trazendo ;  
Receio, Amigo, que a matar-me chegue.

*Alc.* As Ninfas do Mondego estou já vendo  
Descerem para nós com triste pranto.  
Ou eu me engano, ou ellas vem dizendo :

Se do lirio, da murta, e do amaranto  
Cercada deve ser a sepultura  
De Aruncio, a nós nos toea officio tanto.

Nós o creámos, com feliz ternura.  
Dando-lhe o mel, e o leite : a nós nos toea  
Mandar o corpo bello á terra dura.

*Fron.* De outro lado igualmente se provoca  
O Tejo (onde elle vio a luz primeira :)  
E as Ninfas do centro humido convoca.

A mim só se me deve a gloria inteira  
(Falla o soberbo Tejo) eu o demando :  
Minha hade ser esta honra derradeira.

Aqui lhe estou uma urna preparando,  
Coberta de um cipreste ; onde a memoria  
Seu nome vivirá sempre guardando.

Por mais que vòe a idade transitoria,  
Nunca se hade apagar aquelle affecto,  
Que de Aruncio consagro á triste historia.

Durarás entre nós, Pastor discreto,  
Renovando a lembrança de Corino,  
Que da nossa saudade é inda objecto :

Elle te deu o ser ; tu peregrino

Retrato de seus dotes, consolavas  
Nosso desejo, tão constante, e fino.

Aquelle caro Irmão, que tanto amavas,  
Aonio, digo, aquelle, a quem devias  
Toda a felicidade, que gozavas,

Hoje lamenta teus saudosos dias ;  
Hoje chora commigo : eu lhe dezejo  
Allivio á tão cançadas agonias.

*Alc.* Oh! Contente-se embora o claro Tejo  
De haver ao mundo dado, quem lhe ganha  
Fama, e nome a seu Reino assaz sobejo.

Contente-se o Mondego, que na estranha  
Ventura de educallo, deu ao mundo,  
Quem lhe soube adquirir gloria tamanha.

O fado, que conhece inda o mais fundo,  
Quer, que guarde seu corpo a turva arêa  
De outro Rio, mais triste, e mais profundo.

Do Rio, que seu curso não refrêa  
Até chegar, onde entra a grande costa,  
Que banha do Brazil salgada veia.

Rio das Velhas se chama (se reposta  
Buseamos nos antigos, a pintura  
Das Doreades na historia se vê posta.)

Os primeiros, que entrarão na espessura  
Dos asperos sertões, dizem, que acharão  
Tres barbaras, já velhas, nesta altura.

*Fron.* Das tres Pareas melhor elles tomarão  
O nome desse Rio ; se é verdade,  
Que ellas a vida humana governarão.

Triste sejas, ó Rio : a Divindade  
De Apollo, que em ti eria o amavel ouro,  
Se aparte do teu seio em toda a idade.

Não sejas da ambição rico thesouro :  
Girar se veção sobre as praias tuas  
Os brancos cisnes não, aves d'agouro.

Do inverno as enxurradas levem cruas  
As sementeiras, que teus campos crião :  
Deixem só sobre a terra as pedras nuas.

Os pobres navegantes, que se fião  
Dessas funestas agoas, desde agora  
Conheção a traição, que não temião.

*Alc.* E contra quem, Frondozo, inda em tal hora  
Se armão as pragas tuas ! Um delirio  
Sô para extremo tal desculpa fôra.

Se Jove é quem nos manda este martirio.  
Sofframos o seu golpe : ao Pastor bello  
Derramemos em cima o goivo, o lirio.

O nosso Ribeirão traz o modello  
Do enterro, que dispõe : nós entre tanto  
Demos a conhecer nosso desvelo.

Envolto o corpo em um candido manto,  
Que distingue de Deos o brazão nobre,  
Aqui se offr'ece para o nosso pranto,

Em quanto pois o corpo a terra cobre,  
Seguindo o teu principio deixa, Amigo,  
Que hum voto lhe consagre um Pastor pobre,  
Um voto, que se escreva em seu jazigo :

#### SONETO

Nada póde escapar do golpe avaro,  
Alcino meu : que a Parca endurecida  
Corta igualmente os fios de uma vida  
Ao pastor pobre, ao cortezão preclaro.

Cresça embora esse tronco altivo, e raro,  
Ostentação fazendo mais luzida ;  
Viva embora entre humilde, entre abatida.  
Essa planta, a que o nome em vão declaro.

Tudo hade achar o fim : bem que a vaidade  
Em uma, e outra gloria faça estudo,  
Nada escapa á fatal voracidade.

Eu, que chego á pensallo, fico mudo ;  
E só tiro por certa esta verdade :  
ue, se Aruncio acabou, acaba tudo.

## EULINO

## ECLOGA VI

Ao campo alegremente concorria  
Da parte mais vizinha, e mais distante,  
Dos Pastores do Ebro a companhia ;

A's portas dos currais o vigilante  
Perro guardava o bem seguro gado,  
Latindo ao resplendor da Lua errante.

Em fogos todo o sitio illuminado,  
Tornava clara luz a sombra feia  
Do gesto melancolico, e pezado.

Vinhão chegando de uma, e outra aldêa  
As flautas sonorozas ; cujo accento  
O campo todo em jubilos recrêa.

Trazia ao mundo o Sol com passo lento  
O dia, em que do Ebro os moradores  
Celebravão de Tirce o nascimento.

Tirce, que gloria fôra dos Pastores ;  
Que naquella amenissima ribeira  
Assumpto foi de todos os cantores.

Ninfa, de cuja graça lisongeira  
No venturozo engano Alcemo prezo,  
De Pastor se tornou penha grosseira.

Que de um desdém no ingrato fogo accezo  
Por mercê foi dos Deozes transformado,  
Depois de ser de Tirce vil desprezo.

Este penedo alli assignalado  
Era do Ebro a tragica memoria,  
Da devoção silvestre respeitado.

E da Ninfa cruel a viva historia  
Celebravão Pastores, que aprendião  
A ter de um peito barbaro a vangloria.

Um templo para culto lhe erigião ;  
E ornavão delle a fabrica elegante  
Ingratos monumentos, que esculpião.

De Alfêo mostra a parede o curso amante.  
Que de Aretuza o candido thezouro  
Segue no cristallino passo errante.

Negando a mão a Febo, á seu desdouro,  
Vê-se em rama o cabello enverdecendo,  
De Anfrizo a Ninfa transformada em louro.

Tremolamente ao ar se está movendo  
A Semideoza convertida em cana,  
Atraz de si o hirsuto amante vendo.

Em fim outras memorias de inhumana  
Condição um Pastor déstro, e polido  
Ná fabrica esculpira soberana.

Já se escutava o musico ruido  
Das sanfonas, das flautas, dos cantores,  
Em que está todo o campo repartido :

Dispunhão varios jogos os Pastores,  
Por premio consentindo ao que ganhasse,  
Cajados de destrissimos labores.

Porque melhor o baile concertasse,  
Na bella chusma das Pastoras vinha  
Antandra, que por guia as governasse.

Era Antandra a mais bella ; e como tinha,  
Mas do que as outras, coração ingrato,  
Só em matar de amores se entretinha.

Soava o canto harmoniozo, e grato,  
Entoando em o numero cadente  
Memorias do Pastor, desprezo, e trato.

O baile percebendo tristemente,  
Ao longe estava Eulino recostado  
Sobre uma penha afflicto, e descontente.

A Antandra amava; e seu maior cuidado  
Era Antandra, Pastora, que distante  
Vive do campo seu, do seu montado.

Vendo-a presente o desprezado amante,  
E não podendo achar benigno effeito  
No esquivo coração, chora constante.

Desde o penhasco, em lagrimas desfeito,  
Vendo bailar a candida Pastora,  
Que amor atêa em seu rendido peito;

Ingrata Ninfa, diz, se a quem te adora,  
Fazes vaidade de ser impia, e dura,  
Que val a uma alma, quanto geme, e chora?

A tanto chega já minha loucura,  
Que hoje é no campo a infeliz noticia  
A qualquer, que de mim saber procura.

Só por tornar-te a condição propicia,  
É desprezo suave de meu gosto,  
Quanto é do campo mimo, ou é delicia.

Entregue sempre a meu fatal desgosto  
Vejo vagar (sem nelle ter cuidado)  
O meu rebanho, ao voraz lobo exposto.

Que mais queres, cruel, de um desgraçado,  
Que uma alma tendo só, para render-te,  
Uma alma a teu rigor tem consagrado!

De meus ais eu pudera aqui trazer-te  
Por testemunha toda esta montanha,  
Se esperara a ventura de mover-te.

Mas o teu genio, que a piedade estranha,  
Só prezaria ter esta certeza,  
Por dar a teu rigor gloria tamanha.

Conta porém por mais distincta empresa  
Um coração, que tem maior vaidade,  
Quando mais nobre victima despreza.

Eu clamarei, ó Ninfa, aos Ceos piedade ;  
Que pois de Alcemo hoje a memoria existe,  
Sendo motivo á misera saudade ;

Tempo virá, que de meu fado triste  
Emendado se veja o influxo escuro ;  
Que a um fino amor nem inda o Ceo resiste.

Algun penhasco, ou algum tronco duro  
Amor fará, que só conserve o nome  
De Eulino : porque a Antandra amou tão puro.

Por mais, que a sombra vença, o somno dome  
O ardor de uma lembrança, eu te prometto,  
Que ouvindo Antandra, o mundo injuria tome.

Não serás tu, idolatrado objecto,  
Como já n'outra idade Tirce fôra ;  
Por não pagar de Alcemo o amante affecto.

Entre nós hoje amor se não ignora,  
Como naquella mais ingrata idade ;  
Que a mais tiranna era a melhor Pastora.

Pintava-se modestia a crueldade,  
E se attendia com maior decencia,  
A que não se inclinava a ter piedade.

Então o ser ingrata era innocencia ;  
E ao laço de Himeneo se sujeitava  
Uma alma, sem de amor sentir violencia.

Hoje mais gloria é ter uma alma escrava ;

Hoje o trazer um coração sujeito  
É bem, que aquelle seculo ignorava.

Só de um Pastor se vê o nobre effeito  
Em tributar á sua amada bella  
Doces obzequios de seu fino peito :

Render-lhe o cordeirinho, que mais zela,  
Entre os seus recentais ; ter-lhe guardado  
O mimo, em que mais gosto emprega-se ella ;

Offerecer o leite, o mel dourado,  
A fruta saboroza, e a cestinha  
De rozas, que colheo no verde prado ;

Da sua amada (ai bella Antandra minha !)  
Gostoza obrigação he a corôa  
Tecer-lhe de uma, e outra rama-zinha ;

Deve ornar-lhe o cajado ; e se elle entôa  
Entre as Pastoras algum himno, em quanto  
Erra o seu gado, o seu amor pregoa.

Mas eu que nescio advirto obzequio tanto,  
A quem nada ignorando, do que eu sinto,  
Desprezo faz de meu faudozo pranto !

Se só na idéa minhas glorias pinto,  
Que é, o que estou sonhando, ou o que pertendo ;  
Se a tudo, o que te digo, te estás rindo ?

Oh ! Não me vejas sempre estar gemendo.  
Ampare-me este alento que a constancia  
Nos longes da esperanza vem trazendo.

Suffoque-se o tumulto de minha ancia ;  
Se póde haver em tão fatal tormento,  
Quem me encaminhe, Amor, á tolerancia.

Não dê mais meu cansado pensamento  
Tanto esforço ao pezar : essa inimiga  
Veja-te, Amor, cantar o vencimento ;  
E os teus triunfos por despojo siga.

## FIDO

## ECLOGA VII

Aonde um verde monte  
De sombra está servindo á cristallina,  
Sonora, e clara fonte  
Do Mondego suavissimo, a divina  
Cauza de seu gemido  
Misero conduzia ao Pastor Fido.

Depois que o alto cume  
Pizara já suspenso, e fatigado,  
Porque respire o lume,  
Que dentro tem no peito recatado,  
Sobre um duro rochedo  
Imagem se sentou do horror, do medo.

A'parte logo pondo  
O encurvado arrimo, descansando  
Na mão a testa, o estrondo  
Do vento, que socegue, então rogando,  
Ergueo a voz: attento  
A ouvillo parou mais brando o vento.

A ouvir seus clamores  
Correi, ó penhas, suspendei-vos, agoas;  
Que os funebres rumores,  
Que vão formando de seu peito as magoas,  
Neste sitio ferindo,  
Em terno som, piedade estão pedindo.

Ouvi ; que já começa  
 Do afflicto peito a ir desentranhando  
 As justas queixas dessa  
 Perjura Ninfa ; em cujo rosto brando,  
 Em cujo doce agrado  
 Amor os seus venenos tem guardado.

*Fido.* Formosissima Almena, e não duvido,  
 Que o ser cruel sómente hoje te agrade ;  
 Este cançado, e ultimo gemido  
 Ouve, e modéra um pouco a crueldade,  
 Daqui donde diviza o triste Fido  
 O templo dessa ingrata Divindade,  
 Te vem a consagrar, perfida Almena,  
 Puras victimas não, sim mortal pena.

Aquelle rosto affavel de alegria,  
 Que invejarão mil vezes as estrellas,  
 De mudo horror se cobre, e de agonia ;  
 Que tu de todo o enlutas, e atropellas.  
 A fé, que me juravas algum dia,  
 Tudo estragado está porque daquellas,  
 Promettidas um tempo, firmes glorias,  
 Só vivem (ai de mim !) tristes memorias.

Aquella branca mão, em que apertando  
 Tomavas minha mão, se não te esquece,  
 Que ditas não me esteve assegurando,  
 Que agora tudo, infiel, se desvanece !  
 Ora o Ceo, ora a terra provocando,  
 Costumavas jurar ; e te parece,  
 Que tudo na memoria inda não dura ?  
 Ah Pastora inimiga ! Ah vil, perjura !

Dizias-me : verás, ó Fido amado,  
 Primeiro produzir esta montanha  
 Estrellas, e pascer o manso gado

Sobre estas agoas, onde o Sol se banha :  
 Verás esse alto monte levantado  
 Tornar-se em valle humilde ; e mais estranha  
 Couza ainda verás, eu não duvido,  
 Primeiro, do que Almena ingrata a Fido.

Nada se tem mudado : o ser inteiro  
 No Ceo, na terra, e monte inda se adverte :  
 Só teu peito infiel ao lisongeiro  
 Influxo de meu damno se perverte.  
 Estranha couza é só ver, que o primeiro  
 Antigo amor em odio se converte ;  
 Que se trocarão, perfida, os amores  
 Em iras, em violencias, em rigores.

Oh quem esta traição imaginara,  
 Que as promessas falsissimas não erêra !  
 Mas se o immenso amor me não eegara,  
 Certamente, perjura, eu o fizera.  
 Que dor não é o ver, que a Ninfa cara  
 Aos braços de outro amante se rendêra !  
 Que dor não é, que magoa, que tormento !  
 Ah ! Que falta valor ao soffrimento.

Com que impaciencia (oh Ceos !) estou notando.  
 A' torpe laço ingratamente unida  
 Aquella gentil face, aquelle brando  
 Gesto alegre de Ninfa tão fingida.  
 Eu a vi nos meus braços respirando  
 O alento, que animava a minha vida ;  
 Fabrica hoje cruel da alheia sorte  
 O instrumento fatal da minha morte.

Que bem por mais horror da pena minha  
 Parece, que me falla aquelle monte !  
 Que bem esta corrente aqui vizinha

Me está pedindo, que meus males conte !  
Mas se ella a gloria vio, que então eu tinha,  
E se tu me invejaste, ó clara fonte,  
Medi por ella a magoa de perdella :  
Vereis, qual é maior, se a pena, ou ella.

Ah Pastora! Um tão puro sacrificio  
Tu desprezas assim ! Quem te assegura,  
Que não sabe emendar um precipicio  
O horror de minha grande desventura ?  
Se tem a sorte misero exercicio  
N'uma vida infeliz, que pouco dura,  
Eu lhe quero roubar tanta victoria :  
Seja de Fido a lastimoza gloria.

Disse, e sobre a alta penha  
Erguendo-se, da furia arrebatado,  
No rio se despenha,  
Que de horror, ou de susto então parado,  
Vê o pallido amante,  
Entre as ancias da morte agonizante.

Ao successo acodia  
Algano, que de longe o divizara :  
Apressado corria ;  
Mas a cega ambição da Parca avara  
De seu golpe violento  
Já fazia despojo o doce alento.

O Pescador Algano,  
Que a cauza deste mal não ignorava,  
Alli de tanto damno  
Um funesto padrão em letras grava ;  
E nellas deixa impresso  
O triste cazo, o infeliz successo :

## SONETO

Ninfas, que sobre a espuma prateada  
Do Mondego suavissimo cantando,  
Brandas queixas ao Zefiro estais dando,  
Com que fica a campina magoada ;

Esta pira, que vedes levantada  
A'memoria daquelle Pastor brando,  
De funebres ciprestes coroando  
Deixai eternamente venerada.

É de Fido, ó Deidades : bem notoria  
A'truncos, plantas, marmores, e flores  
Tem sido neste campo a sua historia.

Vós, que as iras gemeis, sentis rigores,  
Fazei sómente assumptos da memoria  
De Fido as tristes lagrimas, e amores.

---

## POLIFEMO

## ECLOGA VIII

O' linda Galatêa,  
Que tantas vezes, quantas  
Essa humida morada busca Febo,  
Fazes por esta arêa,  
Que adore as tuas plantas  
O meu fiel cuidado : já que Erebo  
As sombras descarrega sobre o mundo.  
Deixa o Reino profundo :  
Vem, ó Ninfa, a meus braços ;  
Que nelles tece Amor mais ternos laços.

Vem, ó Ninfa adorada,  
Que Acis enamorado,  
Para lograr teu rosto precioso,  
Bem que tanto te agrada,  
Tem menos o cuidado,  
Menos sente a fadiga, e o rigoroso,  
Implacavel rumor, que eu n'alma alento.  
Nelle o merecimento  
Minha dita assegura ;  
Mas ah ! que elle de mais tem a ventura.

Esta frondoza faia  
A qualquer hora (ai triste !)  
Me observa neste sitio vigilante :

Vizinho a esta praia  
Em uma gruta assiste,  
Quem não pôde viver de ti distante.  
Pois de noite, e de dia  
Ao mar, ao vento, as feras desafia  
A voz do meu lamento :  
Ouvem-me as feras, ouve o mar, e o vento.

Não sei, que mais pertendes.  
Desprezas meu desvelo ;  
E excedendo o rigor da crueldade,  
Com a chama do zelo  
O coração me accendes :  
Não é assim cruel a Divindade.  
Abranda extremo tanto ;  
Vem a viver nos mares do meu pranto :  
Talvez sua ternura  
Te faça a natureza menos dura.

E se não basta o excesso  
De amor para abrandar-te,  
Quanto rebanho vês cobrir o monte,  
Tudo, tudo offereço ;  
Esta obra do divino Alcimedonte,  
Este branco novillo,  
Daquella parda ovelha tenro filho,  
De dar-te se contenta,  
Quem guarda amor, e zelos apascenta.

---

## LAURA

## ECLOGA IX

Em fim, bellos amores,  
Doce consolação dos meus sentidos,  
Trocarão-se em rigores  
As finezas de Laura : ancias, gemidos  
Occupão hoje a parte, que algum dia  
A imagem alentava da alegria.

Sem gloria o peito amante  
Se vai rendendo a um funebre delirio,  
Sentindo a cada instante  
Afflicta a idéa do fatal martirio.  
Oh quanto afflige, Amor, oh quanto cança  
De um bem perdido a mizera lembrança !

Buscando o dezafogo  
Ao mal vehemente, subo a um alto monte ;  
Do qual divizo logo  
As bellas margens dessa clara fonte,  
Que em prodiga corrente, em fertil vêa,  
Anima os verdes campos de Amalthéa.

Alli sobre um rochedo,  
Proprio sitio da minha desventura,  
Que de horror, e de medo  
O tempo veste, a sombra desfigura ;

Cujo eterno segredo não altêra  
Racional creatura, ou bruta féra ;

Sentado tristemente,  
Muda estatua da dôr, em vivos eccos  
Convoco ternamente,  
Ao som de meu suspiro, os troncos seccos  
As mudas penhas, as mimosas plantas,  
Que me venhão ouvir em magoas tantas :

Vós, lhes digo, sonoras,  
Doces agoas do placido Mondego,  
Que vedes as traïdoras  
Faces gentis do meu amado emprego ;  
Que vendo estais meu terno rendimento :  
Pois vos duplica as agoas meu lamento ;

Vós, troncos generozos,  
Imagens insensiveis de meu damno,  
Que a laços enganozos  
Talvez fostes arrimo, em vosso engano  
Podeis, ó troncos, já ter alegria ;  
Que a um infeliz alenta a companhia.

Vós, mudas penhas, triste  
Figura da constancia de meu peito,  
Onde o retrato existe  
Daquelle objecto, por quem já desfeito  
Meu fino pranto desperdiço agora,  
Marmore duro, penha vividôra ;

Ouvi-me vós, vós me escutai ; que eu louco  
Busco attenção nos brutos insensiveis.  
Não é meu mal tão pouco,  
Que não possa fazer em vós possiveis  
A compaixão, a magoa, e a piedade,  
Tanto póde da dôr a actividade.

Com vosco, ó penhas duras.  
 Mil vezes o meu bem communieava.  
 Tu, Rio, inda o murmuraras :  
 Seu nome nesta penha se gravava :  
 Alli conserva ainda no horror bronco  
 O nome de meu bem aquelle troneo.

Eu mesino venturozo  
 Neste retiro á muda soledade  
 Communiquei gostozo  
 Aquella singular felicidade,  
 Que, para dilatar minha aneia fina,  
 Só no fim me mostrou, o que é ruina.

Dizia-vos : eu amo  
 A mais bella, a mais rara gentileza ;  
 Por quem tanto me inflamino,  
 Que todo o bem o coração despreza :  
 Corresponde-se grata a meus ardores :  
 Feliz sou eu, felizes meus amores,

Inveja eu de Cupido,  
 Emulação gentil dos Astros ella :  
 Em zelos incendido  
 Gemia Amor ; ehorava cada estrella  
 O seu desprezo : mas oh triste fado !  
 Vingou-se Amor ; o Ceo se tem vingado.

De vietima profana  
 Manehou-se o altar sagrado : da firmeza  
 Cedeo a deshumana,  
 A perjura, a inconstante gentileza :  
 E forão suas vozes (oh tormento !)  
 Faceis lisonjas do ligeiro vento.

Affavel, earinhoza,  
 (Mas que digo !) infiel, falsa, fingida,

Já procura enganoza  
Outro Pastor : e a seu favor convida  
Um nescio amante, a quem talvez espera  
Na gloria, que hoje goza, a ruina fêra.

Para desvanecer-te,  
O enganado amante, bem discorro,  
Que se chego a deverte  
Inteira fé das penas, em que morro,  
Verás dessa inimiga a vil mudança :  
E inda eu de ser feliz tenho esperança !

Eu me vi levantado  
Ao mais soberbo cume dessa dita ;  
E medi despenhado  
A distancia, (ai de mim !) que era infinita ;  
Como pódes julgar, que advirto louco  
Na mesma gloria, que perdi ha pouco.

Essa mesma, que agora  
Branda te acolhe, te recebe affavel,  
Já me entregou uma hora  
A bella mão, dizendo : nunca instavel  
Tu me verás, Pastor : a experiencia  
Mostrou bem desigual correspondencia.

Mais feliz te contemplo,  
Do que fui ; porque tens a minha sorte ;  
Onde seguro exemplo  
Tema a tua ventura : o peito forte  
Oh não a creia não ; que eu quando a cria,  
Mil vezes cada hora me mentia.

Quem emendar pudera  
O sacrilego impulso da vontade,  
Quando rompi a austera,  
Segura condição da liberdade,

Sempre izenta de amor ! Mas que resisto  
Só o fizera, não te havendo visto.

Goza, goza esse emprego,  
Que tanto o teu cuidado te desvela ;  
É digno, não o nego ;  
Desempenha o teu gosto : mas, ó bella,  
Ve, lhe não guies a fortuna escura  
Pelos passos da minha desventura.

Ah barbara belleza,  
Produzida nos montes de Ampeluza !  
Nasceste entre a fereza  
Da Magica Medéa, ou de Meduza ?  
Bebeste, dize, a natureza insana  
Da Libica serpente, ou tigre Hircana ?

Mas que exemplares trago  
De injusta tirannia ? O tigre fero  
Talvez o brando affago  
Humilde reconhece : eu desespero,  
Ingrata, que, por ser mais feia a culpa,  
Um exemplo se quer te não desculpa.

Repara convencida  
Naquella amante vide que enlaçada  
Este tronco convida  
A' mais suave união : vê apertada  
A debil planta, como se fizesse  
Em cada folha uma prizão, que tece.

Nada verás, perjura,  
Que imagens da constancia, e da firmeza  
Te não proponha : oh dura,  
Vil condição da femenil belleza !  
Tu só, tu só estragas com jactancia  
O natural dictame da constancia.

Tudo tem destróçado  
Da vil mudança a semrazão injusta :  
E eu triste, cançado  
Da violenta paixão, quanto me custa,  
Quanto, quanto a lembrança fatigada  
De uma dôr tão profunda, e tão pezada !

Quizera (ai doce emprego !)  
Que nunca despertara o estrondo infame ;  
E a pena, a que me entrego,  
Já mais te accuze, ingrata, já mais clame ;  
Porque no esquecimento da mudança  
Conheças, que inda é minha esta vingança.

E vós, as que me ouvistes,  
Mudas penhas, em vosso escuro seio  
Sepultai estes tristes  
Eccos, que a minha dôr expulsar veio :  
Não deis sinal algum de minhas magoas,  
Caducos troncos, e mimosas agoas.

---

## ANGELICA

## ECLOGA X

Frondelio, e Umbrano.

*Fron.* Valha-me o Ceo; e como estou pasmado  
De ver quam brevemente  
Um Pastor, que mostrava tanto avizo,  
Que era aqui respeitado  
Da nossa pastoril, sincera gente  
Pelo mancebo de melhor juizo,  
Em louco transformado, o campo todo  
Admira, de tal modo,  
Que já fogem de ouvir seu triste enredo  
Alguns de compaixão, outros de medo!

Ah grande Umbrano! E quem entenderia,  
Que a desatino tanto  
Uma alma conduzia Amor injusto!  
Quem eu golpe creeria  
De tal vigor, de tal esforço, quanto  
Neste Pastor se emprega a tanto custo!  
A' margem desse lago macilento,  
Pallido, e sem alento  
Anda girando este infeliz amante,  
Absorto sempre, e sempre delirante.

Que loucuras, a idéa fatigada  
Não persuade a um triste  
Na saudoza lembrança do perdido!  
A alma, que estampada  
Traz a imagem do bem, que mal resiste  
Da infausta pena ao funebre ruido!  
Deste Pastor tão bello bem sabemos,  
Com que finos extremos

De Angelica adorava o doce encanto :  
A sua ausencia é cauza de seu pranto.

Mas bem que ouvir ingratos desatinos  
Mais parece impiedade,  
Que compaixão, que alente humano peito,  
A ouvir os peregrinos  
Desconcertos me chego, que a saudade  
Dicta em seu coração, de amor desfeito.  
Agora que tem posto  
Dentro do lago os olhos, e o desgosto  
No semblante se vê mais declarado,  
Chegar-me quero a ouvir o seu cuidado.

*Umbr.* Não são agoas mimosas  
Estas correntes, não : eu nellas vejo  
As desfolhadas rozas  
Das faces de meu bem : o meu desejo  
Com enganoza tinta  
Esta gloria nas agoas me não pinta.

Vós, olhos, que serenos,  
Representais as lucidas estrellas,  
Que suaves venenos  
Alimentando estais nas faces bellas ;  
Venenos, que bebidos  
Sempre hidropicos tem os meus sentidos ;

Enredados cabellos,  
De donde Amor me despedia as settas,  
Fostes a meus desvelos  
As correntes mais doces, e inquietas ;  
Que em mãos de suavidade  
Me prendem para sempre a liberdade.

Choras ? Ou te estás rindo ?  
Se choras, a saudade te agradeço ;  
Se te ris, eu sentindo  
Fico o mal desta ausencia, que padeço.

Quem fôra premiado  
Em tão illustre fé, em tal cuidado!

Aqui vagando vivo  
A' margem deste lago ; aqui discorro  
Confuzo, e pensativo,  
Buscando sempre a cauza, porque morro :  
O seu divino rosto  
O Ceo, por consolar-me, aqui tem posto.

Dentro desta corrente  
Habita a minha Angelica ; o semblante  
Rico, e resplendente,  
Aqui vejo nesta agoa a cada instante.  
Em Ninfa transformada  
Aqui quiz eleger sua morada.

Mil vezes no despenho  
Me lembra Alfêo rendido, e namorado ;  
A seguillo me empenho ;  
E me impede, não sei, se Amor, se o Fado :  
Buscára a sua sorte ;  
Mas delle não invejo mais que a morte.

Consolação pezada  
É seguir este allivio ; senão gozo  
A face delicada,  
Termo de meu destino venturozo :  
Quanto o ver me atormenta,  
Que o mesmo, que possuo, se me auzenta !

Nesse lago do Averno  
É bem sabido, como um desgraçado  
Vive em tormento eterno,  
Só por lhe ser (oh dura lei !) negado  
O licor da corrente,  
E o pômo, que se mostra flore cento.

Retrata o meu martirio  
De Tantaló infeliz a desventura :

Qual lhe chama delirio,  
 Qual excesso da dor! Mas se a loucura  
 Vem tão discretamente,  
 Louco me espere sempre toda a gente.  
*Fron.* Não ha, nem pôde haver mais desconcerto,  
 Que o deste infausto amante:  
 Quam grande é o poder da fantazia!  
 Julgar, que tem tão perto  
 Aquelle bem, que vive tão distante,  
 Delirio é só da misera porfia.  
 Imagina presente o bem amado  
 O triste desgraçado.  
 Ah ditoza loucura! Pois na idéa  
 Trazes aquelle alento, que recrêa.

Porém oh que delirio a alma alcança!  
 Como nunca o destino  
 Nos conduz para o bem de uma ventura!  
 Pacifica bonança  
 Encontrára este amante peregrino,  
 Se obrasse uma hora igual a sorte escura:  
 Mas para mais desgosto  
 Todo o prazer na idéa está disposto:  
 E seu tormento infiel por derradeiro  
 Tanto é mais duro, quanto verdadeiro.

A noite vem cahindo: eu me retiro:  
 Pois querer dar socego  
 A quem tem no seu erro o seu descanso,  
 Que é tirania, infiro,  
 Só natural a um coração tão cego,  
 Que ignora o desconcerto, que eu alcanço.  
 Que triste anda um amante,  
 A quem traz seu cuidado delirante!  
 Pois para ser maior sua agonia,  
 Tem todo o seu prazer na fantazia!

## DALIZO

## ECLOGA XI

Dalizo, Algano, Agrario e Eulina.

*Dal.* Deixa-me : não admitto, Algano amado,  
Socego algum no misero accidente  
De tão profunda dor, mal tão pezado.

Como queres, que chegue a estar contente.  
Vendo tão mallograda aquella idade  
Do meu Pastor, do meu Salicio ausente !

Tu sabes, que nos laços da amizade  
Mais estreita, mais fina, e mais segura,  
Unica em nós havia uma vontade :

Do genio á suavidade, e a brandura  
Me conformava eu tanto, que violencia  
Me faz em não levar-me a morte dura.

Que fico eu cá fazendo nesta ausencia,  
Se haver não póde allivio, que conforto  
A grave dor da minha impaciencia !

Errou o golpe barbaro da morte :  
A inveja bem mostrou no desacerto,  
Podendo em duas vidas ser mais forte.

Ai doce Algano meu ! E que concerto  
Póde achar o discurso naufragante  
Deste damno fatal no golfo incerto !

Roubou-me a Parca de meu peito amante  
Um bem tão precioso, que na terra  
Não espero ver outro semelhante.

Sabes, que entre os Pastores desta serra  
Era o meu bom Salicio o mais amado  
De todos, quantos a montanha encerra.

Era do velho Alfemo respeitado ;  
Elle nos recordava cada dia  
De Salicio as acções, genio, e agrado.

Quando entre nós algum certame havia.  
Este sabio Pastor com arte, e modo,  
Os duvidozos cazos rezolvia.

Em concorrendo o nosso campo todo,  
Era Salicio a flor : nesta lembrança  
A soffrer tanto mal não me accomodo.

Em todo o baile, em todo o jogo, ou dança.  
Que convidasse o genio da floresta,  
Elle excedia sempre a esperança.

*Alg.* Não sei, Dalizo meu, que lei é esta,  
Tão dura, tão cruel, que em nosso damno,  
Na parte mais mimoza é mais molesta.

Ha poucos dias, que ao Pastor Montano  
Lhe morreu uma ovelha, a mais formoza,  
De quantas lhe tragára o lobo Hircano.

Bem sabes, que entre todas mais vistoza  
Era dos dous novilhos a parelha,  
Que eu tinha ; e deu-lhe a peste venenoza.

Esta de cor dourada desde a orelha  
De inveja aqui trazia os mais Pastores :  
Morreu uma ; e ficou outra mais velha.

Bem vemos nós do campo os moradores.

Que no anno, em que é Ceres mais fecunda,  
Dando mais abundancia aos lavradores;

Quando o terreno fertilmente inunda  
Na copia das searas carregadas,  
Onde o agricultor seus dotes funda;

Então, ou vem as agoas mais pezadas,  
Ou vem o Sol ardente, e tudo morre,  
Ficando as plantas pelo chão prostradas.

Esta disposição, se se discorre,  
Dalizo, com acerto, e com prudencia,  
Que é só misterio occulto, á idéa occorre;

Misterio, que não vê mortal sciencia,  
Que não alcança humana conjectura,  
Por lei da inescrutavel providencia.

*Dal.* Algano, assim será: porém que cura  
Queres, que tenha um golpe tão violento,  
Que me roubou tão breve uma ventura!

Se alheio de si mesmo o entendimento,  
O que vê, não comprehende, nem alcança.  
Como hade agora discorrer attento!

Eu vejo, Amigo, a misera lembrança,  
Da que eu imaginava, gloria minha,  
Prostrada a baze infiel da segurança.

Que fosse eterno tanto bem convinha:  
Ou que durar pudesse mais idade,  
Segundo os raros dotes, que em si tinha.

Para que nos vem dar felicidade  
Jove, o grande senhor da humana vida,  
Se hade acabar com tanta brevidade!

Entregar-nos uma alma enriquecida  
De prendas tão gentis, só para effeito  
Póde ser de lograda, e possuida.

*Alg.* Quanto nesse discurso erra o conceito !  
E sempre nessa credula ignorancia  
O desengano achamos mais estreito.

Chamarmos nosso bem é vã jactancia ;  
Que entre nós os mortais só é preciozo  
O inestimavel dote da constancia.

Tudo é de Jove : em throno luminoso  
Elle as maiores graças nos dispensa ;  
Sea nós se inclina o rosto seu piedozo.

Dos seus raios despede a chama intensa ;  
E quando nos parece, que é castigo,  
O faz por nosso bem, não por offensa.

Bem lhe podemos crer o rosto amigo ;  
Inda quando em vingança do innocente  
O imaginamos nós mais inimigo.

Este segredo a nós não é patente :  
E se o fôra, faltara a Divindade,  
E o privilegio a Jove Omnipotente.

Não cabe na mortal calamidade  
Exceder tanta misera fraqueza,  
E menos nesta vil rusticidade.

Aqui notamos só, como a fereza  
Do lobo, animal feio, monstro indigno,  
Offende a ovelha, que a innocencia preza.

Vemos aquelle genio, mais maligno,  
Que está cheio de fructos abundantes,  
Entre todos havido por mais digno :

Não são as suas prendas tão brilhantes,  
Que offusquem o maior merecimento  
De outros, que vimos abatidos antes.

Jove, que lá criou o firmamento,

A certos Astros deu mais resplendores,  
Deixando a outros menos luzimento.

*Dal.* Discorres muito livre : as tuas dores :  
O teu pezar, a tua pena, e magoa,  
Desconhece estes mizeros horrores.

A pena inconsolavel, que na fragoa  
Da memoria me augmenta a desventura,  
Mal se suffoca em dous diluvios d'agoa.

Ai Salicio infeliz ! Ai morte dura !  
Como pôde esquecer tua lembrança,  
A quem te consagrava fé tão pura !

Minha saudade tomará vingança  
Dessa perfida, infame tirannia,  
Que de affligir os homens não se cança.

Aqui entre estas penhas á porfia  
Hei de chorar, Amigo, a tua morte,  
Thé se abalar a mesma serrania.

Será de minha dor, será tão forte  
Aquelle impulso, com que eu fira as brenhas,  
Que as mesmas féras á piedade exhorte.

Os Faunos nesses concavos das penhas  
Hão de escutar meu funebre gemido,  
Clamando em vão por ti, que ouvir me venhas ;

Que deixes esse throno appetecido,  
Aonde estás sentado em teu descanso ;  
E me seja teu rosto concedido ;  
Que venhas escutar com gesto manso  
Aquella minha lira descontente,  
Que tanto em affinalla hoje me canso ;

Confessavas um tempo, Amigo auzente,  
Que o meu canto sonoro, e lizongeiro  
Só abrandava a tua magoa ardente.

Mas ah ! que nesse throno derradeiro,  
Neste centro de luzes mal ouvido  
O meu canto será tosco, e grosseiro.

Quebrar te quero, em vão de mim possuido,  
Instrumento infeliz : que me aproveita  
Da torpe voz o dissonante ruido !

Ah ! Se fôras aquella voz eleita,  
Para trazer do Tartaro a formoza  
Deidade, cujo pacto Jove aceita !

Se fôras tão feliz, tão poderosa,  
Que outra vez repuzesses nesta esfêra  
Do meu Salicio a alma venturoza !

Não acabara a verde primavera  
Destes campos : nas arvores, nas flores  
Senão vira a campina tão austera.

Ao dominio dos rusticos Pastores  
Obedecendo a cabra, a ovelha, o touro,  
Pastarão, dando gosto aos guardadores :

Não mostraria tudo infausto agouro ;  
Os Genios não andarão todos tristes ;  
Febo não escondêra os raios d'ouro.

*Alg.* No teu lamento, Amigo, em vão persistes :  
Porque não é Salicio inda o primeiro,  
Que do Lethe ás ribeiras baixar vistes.

Em cada faia em fim, cada salgueiro  
Se lê um epitafio a qualquer morto :  
Discorre, e assim verás o campo inteiro.

No commum sentimento ache conforto  
O mal communicado ; o teu gemido  
Assim do allivio se recolha ao porto !

*Dal.* Ai Alcano... ! porém se o meu ouvido  
Senão engana, eu ouço d'esta parte  
Um canto harmoniozo, e mui-sentido.

*Alg.* Eu estava tambem para avizar-te  
Da minha suspensão : daqui mais alto  
Podemos ver, se queres levantar-te.

*Dal.* Ai que divizo já de alentos falto  
O velho Agrario, e a consorte amada,  
Eulina, a quem rendera o sobresalto !

São de Salicio os Pais : oh lei pezada  
Da morte crua ! Que fatal desgosto  
Se vê na face de ambos magoada !

Elle no Ceo os olhos tem já posto ;  
Ella de grave magoa combatida  
Abaixa á terra o peregrino rosto.

*Alg.* O funesto espectaculo convida  
A romper, caro Amigo, o peito em pranto,  
E a consumir em seu tormento a vida.

Não ha pena maior, nem dor, que tanto  
Possa aggravar a humana desventura.  
Quem vio golpe maior, maior quebranto !

Affogão-se meus olhos de ternura,  
Meu coração em mil pedaços feito  
Chora o golpe cruel da sorte dura.

Ouçamos o seu canto : mas que peito  
Póde haver tão constante, e endurecido !  
Eu não me exponho a lance tão estreito.

Adeos, Dalizo : em vão compadecido  
Me atrevo a consolar-te ; antes discorro,  
Que vim buscar mais cauza a meu gemido.

*Dal.* Tambem, Amigo, cu a seguir-te corro :  
 Mas que faço infeliz ! Onde pertendo  
 Esconder esta magoa, com que morro !

Já os amados Pais a voz erguendo,  
 Vão consolando a pena : os seus pezares  
 Tambem co' a minha dor irão tecendo.

Que bem de compaixão ferindo os arcs,  
 Acompanhar o espirito saudozo  
 Sabem do pranto seu nos ternos mares !  
 Que fado tão crucl, tão rigorozo !

*Agrar.* A mizera fortuna  
 Não maldigas, Esposa ; que a suprema  
 Sagrada mão não sofre a dor blasfema :

Ignorante, e importuna  
 Accuzas de impiedade,  
 Dispozições da eterna Divindade.

Vive a humana fraqueza,  
 De Jupiter sugeita ao raio activo :  
 E de seu braço o golpe executivo  
 Empregando a fereza,  
 Bem que o effeito descobre,  
 A providencia summa nos encobre.

Salicio, o nosso amado,  
 Penhor da casta fé, querida Eulina.  
 Eu bem vejo, consorte peregrina,  
 Que era do nosso agrado  
 Digno objecto : mas este,  
 Que o Ceo nos rouba, foi penhor celeste.

É livre aos lavradores  
 Recolherem do campo a sua planta :  
 Ninguem disso se admira ; nem se espanta ;  
 E só nas nossas dores

Nos confunde, que leve  
Jove, o que é seu, e em nós guardado teve.

De Jove era creatura  
Salicio, o nosso filho ; Jove o guia  
A' eterna luz, á eterna Monarquia ;  
Aonde em paz segura  
Aquella alma ditoza  
Zombe da nossa sorte lastimoza.

*Eulin.* Jámais contentamento,  
Alegria, ou prazer será loucura,  
Que eu espere na minha desventura ;  
Porque perdido o alento,  
Na falta de Salicio,  
Só lhe faço da pena sacrificio.

Sacrificio violento,  
Se bem que enternecido ; pois de todo  
A chorar esta perda me accommodo :  
Sem que do meu tormento  
Outro allivio pertenda,  
Mais que o termo fatal desta contenda.

Que vença o meu martyrio,  
Só espero ; e lhe cedo voluntaria  
Qualquer constancia, ou força temeraria,  
Que em meu nescio delirio  
Me persuada alento,  
Sobre tão porfiado sentimento.

*Agrar.* Que debalde procuro  
Consolarte, querida, se conheço,  
Que delira tambem no mesmo excesso  
O meu tormento duro !  
Ah Salicio ! Ah memoria !  
Faltaste-me ; faltou-me toda a gloria.

*Eulin.* Em quanto na floresta  
Der alma a primavera ás tenras flores ;  
Em quanto o secco outono aos lavradores  
Com mão nunca molesta  
Conceder carregadas  
As searas, que o Sol deixou douradas.

*Agrar.* Em quanto na montanha  
Pela fresca manhã a aurora bella  
Espalhar os orvalhos, que congela ;  
E na verde campanha  
Brotarem soccorridas  
As plantas do calor amortecidas.

*Eulin.* Em quanto neste monte  
Se ouvirem os balidos saudosos  
Dos tenros cabritinhos, e sequiozos  
Buscando a pura fonte  
Deste sitio sombrio  
As' ribeiras descerem desse rio ;

*Agrar.* Não verás, filho amado,  
Adorado meu bem, caro Salicio,  
Não verás este amante sacrificio  
Torpemente apagado,  
Por despojo violento,  
Com que se orne o altar do esquecimento.

*Eulin.* Verás a minha pena,  
O' sempre inestimavel, filho amado,  
Agitando o rumor do meu cuidado :  
Até que em paz serena  
Presente á tua vista  
Na tua amada companhia assista.

## AMARILLIS

## ECLOGA XII

Salicio, Frondelio, Amarillis e Feliza

A funebre harmonia,  
Dissonante lamento  
Dos estragos de Amor, escuta um dia,  
Adorada occasião de meu tormento ;  
E em misera figura  
Verás do teu Pastor a desventura.

Dalizo sou, que canto  
De Salicio a desdita ;  
A ver, se deixo pela voz do pranto,  
A minha magoa duramente escrita,  
Tomando a sombra alheia ;  
Por não fazer a magoa inda mais feia.

Em um bosque sombrio,  
Funesto sitio, escuro,  
Levado do seu louco desvario  
Salicio, a quem o duro,  
Ingrato fado havia  
Roubado em Amarillis a alegria ;

Apascentava o gado  
De si tão esquecido,  
Que todo pelas serras espalhado,  
Qual ficava perdido,

Qual entre as garras era  
Despojo triste de maligna féra.

Em quanto o Sol guiando  
Para o berço das agoas  
O luminoso carro vai girando,  
Coberto o rosto, e cheio em fim de magoas,  
Em si mesmo attendendo,  
Assim falando vai, assim dizendo.

*Sal.* Aonde vou guiando o meu rebanho  
Pobre de mim sem tino, e sem cautela,  
Por tão escuro bosque, sitio estranho !

Como perdida a minha amada bella,  
Me conduz meu tormento á esta estancia,  
Se apenas o segredo habita nella !

Acazo o desafogo de minha ancia  
Acharei entre os troncos, e penedos,  
Que são imagens da maior constancia !

Acazo estes sombrios arvoredos  
Poderão divertir a infausta historia,  
Dos, que Amor me teceu, tristes enredos !

Mal feito, que o tumulto da memoria  
Recobre algum socego, quando lida  
Com as lembranças da passada gloria.

Tão viva n'alma a dôr desta ferida  
Está, que hade igualar da eternidade  
A larga serie, a duração comprida :

E o pensamento meu, que se persuade  
De querer apagar da idéa a chama,  
Cada vez mais se cobre de saudade.

Não se desmaia assim, de quem bem ama,  
O extremoso affecto ; o fogo activo  
Com immortal ardor o peito inflamma.

Leva da morte o golpe executivo  
Para os campos do Elizio a luz inteira  
Do fino amor, que n'alma arde tão vivo :

Lá dizem, que se estende uma ribeira ;  
Por onde andão as almas vagabundas,  
Seguindo a sorte ingrata, ou lisongeira :

Tu, brando Rio, mansamente inundas  
Os ferteis campos, onde a opposta via  
O passo inclina ás regiões profundas.

Neste Paiz saudozo a luz do dia  
Perpetua sempre, sempre vigilante,  
Põe em desterro as sombras da agonia.

Se pois só lá desçança um triste amante,  
Se nem ainda a mesma morte apaga  
O voto fiel de um coração constante ;

Como é possível, que eu á idéa traga  
O delirio infeliz, de que alguma hora  
Allivio tenha minha infausta chaga !

Morra minha loucura : que eu já agora  
Seguir-te espero, ó peregrino enleio  
De um coração, de uma alma, que te adora.

Perdido o tino, e da razão o freio  
Torpemente estragado, me disponho  
A viver sempre de pezares cheio.

Toda a gloria, e prazer terei por sonho ;  
E crendo só na minha desventura,  
Já no meu damno a ponderar me ponho.

Dar não quero a meu mal outra mais cura,  
Que trazer sempre impresso na lembrança  
Todo o passado bem, toda a ventura.

Vamos pois recordando esta mudança ;

E não me esqueça do suave alento,  
Que achei de amor na placida bonança.

Quero esse bem lembrar ao pensamento,  
Em eujo ser depositado eu via,  
Cruel Amor, o teu contentamento.

Vamos desentranhar da einza fria  
As imagens do gosto, que apagadas  
Tem do destino a dura aleivozia.

Que peregrina em tudo...! Ah! que embargadas  
São minhas vozes de um Pastor, que chega,  
E vem talvez seguindo-me as pizadas.

Quanto eommigo é a fortuna eega!  
Pois até este bem da soledade,  
Sómente porque é bem, gozar me nega.

Debalde é esperar, que haja piedade;  
Que vai da sorte o mizero progresso  
Abrindo sempre o seio da crueldade.

Quem será! É Frondelio: eu o conheço;  
Importuno Pastor, inda que amigo:  
Já não posso esconder-me: eu lhe appareço.

*Fron.* Valha-me o Ceo, Salicio! que inimigo,  
Que ingrato, que maligno influxo é este,  
Quétanto é contumaz em teu castigo!

Não é preeizo, que eu te manifeste  
A forçoza razão, que me aecompanha,  
Para o sentir: ha muito, que a soubeste.

Tem assombrado a toda esta montanha  
Este semblante teu tão carregado,  
Coberto de uma dôr, e magoa estranha.

Vaga sem guarda o teu faminto gado,

Feito dos lobos innocente preza,  
Pelos agrestes matos espalhado.

Foges de todo o trato ; e até te peza,  
Que um amigo os teus passos vá seguindo ;  
Por saber a razão dessa tristeza.

Fala, dize ; que tens ? Que estás sentindo ?  
Mas tu dás um suspiro, e emudecendo  
Co'a face sobre o peito vás cahindo !

Explica-te commigo ; eu estou vendo,  
Que esperas, que os teus males nos declare  
De alguma grande dôr estrago horrendo.

*Sal.* Primeiro a doce vida dezampare  
Este fraco despejo, que hoje anima,  
Que eu de outro algum, senão de ti, me ampare :

Se o ver-me, caro Amigo, te lastima,  
Arranca-me esta vida ; que eu não quero  
Um bem, que sem ventura não se estima.

Eu morro ; eu enlouqueço ; eu dezespero :  
E só da morte dura o horror maligno  
É. Frondelio, a piedade, que hoje espero.

Já me entrego de todo ao desatino :  
Pois a tanto pezar, a tanto susto  
Allivio algum não ha, bem que imagino.

Nada faço em penar : a tanto custo  
Quero morrer, Amigo ; arranca, arranca  
Este meu coração : é justo, é justo.

*Fron.* Se a corrente da magoa não se estanca,  
Pela falta talvez do desafoço,  
Por negar-te a piedade a porta franca ;

Commigo estale embora o ardente fogo,

Que recatas zelozo : ao doce affeito  
Menos activa a magoa verás logo.

*Sal.* Quero fallar, Frondelio ; mas desfeito  
O coração em lagrimas, desmaia  
Balbuciante a lingua, a voz no peito.

*Fron.* Cobra socego um pouco ; e em quanto raia  
O Sol já menos quente nessa esfera,  
Para fallar-me o teu valor ensaia.

*Sal.* Custozo me será ; mas ouve, espera,  
Escuta, meu Frondelio : ah quanto é duro  
Sentir de uma lembrança a lei severa !

Perdoa-me, Amarillis : eu te juro,  
Que amor sim, não a falta de decoro  
Rompe de meu silencio o voto puro :  
Eu te respeito em fim, te amo, e te adoro,

Conheces a Amarillis,  
A Pastora mimoza,  
Mais bella do que Almena, e mais que Filis,  
Amarillis formoza,  
Meu Idolo adorado,  
Filha de Alfemo, gloria deste prado ?

Lembras-te, quantas vezes  
Convidando a floresta  
As bellas noites dos dourados mezes,  
A pompa manifesta  
De seus dotes se via,  
E cada vez mais bella parecia ?

Acordas-te de quando  
N'uma noite daquellas  
Uma flor para o jogo ella tomando,  
Colhida entre as mais bellas,  
Fingindo, que eu ganhara,  
Risonha me entregou a Ninfa clara ?

Aqui, Frondelio amado,  
O giro principia  
De meu ingrato, meu injusto fado :  
Tomou naquelle dia  
Por sua empreza a sorte  
Lavar na minha gloria a minha morte.

A inveja macilenta,  
Filha do monstro indigno,  
Começou a espalhar com mão violenta  
O barbaro, o maligno  
Contagioso veneno,  
Que hoje é cauza das magoas, em que peno.

No bosque prado, e valle,  
Não ha, quem de Salicio  
Depois daquelle dia já não falle :  
Daquella flor no indicio  
Já conhecido o engano  
Se faz universal para meu damno.

A romper-se começa  
Pouco e pouco o segredo,  
Em quanto a bella Ninfa, que travessa  
De nada tinha medo,  
Nutria os meus amores  
Com o doce alimento dos favores.

Ah quem, Frondelio, agora  
Lembrar-se não pudera  
Daquella dita, aquella enganadora  
Gloria, que detivera  
Toda a minha ventura  
Sobre a baze gentil da formozura !

Mas se está meu tormento  
Tam patente, e tam claro,  
Quero lembrar o meu contentamento.

Cegamente reparo  
Em dar maior valia  
No decoro ao pezar, do que á alegria.

Rocolhião-se os raios  
Ao centro caistallino  
Desse eterno Planeta ; a seus desmaios  
Succedia o benigno  
Influxo de Diana,  
Emula de Amarillis soberana.

A estas horas, quando  
Ao somno se rendia  
O velho Alsemo, a Ninfa o véo tomando,  
A um jardim descia ;  
Aonde alegre Flora  
Espalha as agoas, que uma fonte chora.

Tu, dize, tu mimoza,  
Sonora fontezinha,  
Que regas a campina delicioza,  
Que piza a Ninfa minha,  
Tu dize aquella gloria ;  
Se inda a guardas impressa na memoria.

Dizei-o vós, ó plantas,  
Vós o dizei, ó flores ;  
Que vós testemunhastes vezes quantas  
Propicia á meus amores  
Amarillis, a bella,  
No vosso campo pareceo estrella.

Mas não digais ; e antes  
Discretamente attentas  
Observai sempre os votos vigilantes ;  
Que as leis da dôr violentas  
Tem de todo estragado  
No recato infeliz de meu cuidado.

OBRAS POETICAS

Pois que a dita alcançaste,  
Ouve, Frondelio, a pena ;  
Tu mesmo o meu pezar desafiaste ;  
Teu respeito me ordena,  
Ou a amizade tua,  
A que te faça narração tão crua.

Esta gloria gozava,  
Amigo, quando a inveja  
Aos ouvidos de Alfemo se avançava :  
E como ver deseja  
Vivamente o seu damno,  
No descuido da Ninfa tece o engano.

Comprehende o delicto ;  
Accuza a ligeireza ;  
E com impio rigor lhe tem perscrito,  
Que em um carcere preza  
Pague a culpa, que eu tenho  
De a ter rendido ao amorozo empenho.

Vê ; considera, e dize,  
Com quanta dôr, com quanta  
Supportará minha alma este castigo !  
Lembrar-me gloria tanta  
Perdida em um instante !  
Ah que dôr tão cruel a um peito amante !

Estar na minha idéa  
Pintando a tirannia,  
Que opprime a bella Ninfa ! A alma cheia  
De angustia, e de agonia  
Em tanto sentimento  
Suffoca-se no horror do pensamento.

Como hade estar aquella,  
Formosa como o dia,  
Cerrada em sombra escura ? Como a bella

Imagem da alegria,  
 No funebre apozento,  
 Dormirá entre os sustos do tormento !

Ora a fineza minha  
 De cobarde accuzando,  
 Ora a piedade, que em minha alma tinha,  
 De ingrata condemnando ;  
 Tudo opposto em meu damno,  
 Convertida a esperança em desengano !

Ah ! Quando em tal discorro,  
 Frondelio meu, a vida  
 Me enfada, e me aborrece ; expiro, e morro  
 Entre a confuza lida  
 De tão profunda pena,  
 Que injusto Amar em meu martirio ordena.

Vê tu, quanto hei perdido,  
 E quanto em fim me resta !  
 De Amarillis o encanto appetecido,  
 A minha dôr funesta,  
 A gloria, a dita, o gosto,  
 A desventura, a magoa, e o desgosto.

*Fron.* Na verdade, Salicio, o teu successo  
 Notavel compaixão me tem devido.  
 Sei, onde chega o barbaro progresso  
 De uma dôr na lembrança do perdido :  
 Porém não devo desculpar o excesso  
 A tempo que parece o teu gemido  
 Algum remedio tem : vê, discorramos ;  
 Podemos-lo applicar, se acazo o achamos.

*Sal.* Pertendes, que nos laços da esperança  
 Outra vez, caro Amigo, a vida ponha !  
 Queres, que entre as ruinas da mudança  
 Para novo tormento me disponha !

Heide ser, como aquelle, que a bonança  
 No meio da tormenta acazo sonha,  
 E os olhos desatando o somno amigo,  
 Se acha infeliz no centro do perigo ?

Já não creio, que póde haver ventura  
 Para o pobre Salicio decretada ;  
 Salvo se vêm com mascara perjura  
 A desgraça impiamente disfarçada :  
 Eu, que em tantos triunfos vi segura  
 A gloria, que hoje é sombra, é fumo, é nada,  
 Posso esperar, que torne a minha dita ?  
 Quem tão grande loucura inda acredita !

*Fron.* Se em laço de Himeneo o velho Alfemo  
 Te une á bella Amarillis, eu confio,  
 Que passando um extremo á outro extremo,  
 Não terás de culpar teu fado impio.

*Sal.* Ah ! Que nessa lembrança, Amigo, gemo ;  
 Pois é nescia loucura, é desvario  
 Aspirar um Pastor humilde, e pobre,  
 A' ventura de um bem tão rico, e nobre.

O que faz o tormento mais dobrado,  
 É ver a lei sagrada do decóro,  
 Impondo-me um silencio tão pezado  
 No que soffro, suspiro, peno, e choro :  
 Eu um triste Pastor, triste o meu gado ;  
 Ella Pastora de um divino côro ;  
 Não póde haver igual correspondencia ;  
 Sempre temo os excessos da violencia.

Mas se Amor é das almas harmonia,  
 Que o peito escuta, o ouvido não entende,  
 Esperar posso ainda, que algum dia  
 Seja pago este amor, que assim me accende,  
 Mas em quanto a soberba tirannia

De Alfemo os meus gemidos não attende,  
 Como allivio terei, como descanso ?  
 Como andarei com gesto alegre, e manso ?

*Fron.* Sitio sei eu, de donde me parece,  
 Que supposto Amarillis preza esteja  
 Póde ser, se de ti se não esquece,  
 Que inda chegue á escutar-te, e que te veja.

*Sal.* Guia-me tu, Frondelio : qual é esse  
 Venturozo retiro, occulto á inveja ?  
 Eu quero vêllo : vamos, vai diante.

*Fron.* Vem ; e não te demores um instante.

Vês este valle ? Para aquelle assento  
 Fica um pequeno oiteiro ; e se diviza  
 Vizinha a elle a choça, o apozento  
 De Alfêmo, de Amarillis, e Feliza.

*Sal.* Sagrado sitio, a meu gemido attento,  
 Se é, que amparas propicio, a quem te piza,  
 Mostra a minha Amarillis : dize aonde  
 Amarillis, meu bem, em ti se esconde.

*Fron.* Que mais queres ? Aquella é a belleza  
 Da tua amada Ninfa : o seu semblante  
 Coberto está de funebre tristeza.

*Sal.* Triste vem que pezar a um pobre amante  
 Alguem vio, como eu vi, a gentileza  
 Daquelle rosto, mais que a luz, brilhante,  
 Mais bella, do que a roza matutina,  
 Engraçada, gentil, e peregrina !

*Fron.* A seu lado Feliza está sentada ;  
 Ambas na historia triste discorrendo :  
 Talvez de teus amores magoada  
 A formosa Amarillis vai dizendo.

*Sal.* Escuta : nesta estancia retirada  
Irei, o que ambas dizem, percebendo ;  
Ah ! Que um ai Amarillis deu sentida !  
Triste fadiga ! Lastimoza vida !

*Amar.* Mal haja a feminil loucura minha,  
Que de um homem na falsa ligeireza  
Imaginou firmeza.  
Mal haja o cego monstro, que me tinha  
Na louca fantazia debuxado  
Tão bello o meu cuidado ;  
Para comprar meu desengano agora  
Nas mãos da experiencia roubadora.

Habitar esta sombra, ver o dia,  
Cheia a alma de horror, de assombro o peito,  
Trazer sempre sujeito  
O coração á vil melancolia,  
Oh quanto me atormenta, Amor, oh quanto !  
Ah misero quebranto,  
Fiscal de meu amante rendimento !  
Só porque soube amar, sinto o tormento.

Estas erão, Salicio fementido,  
As lagrimas, que eu vi banhar teu rosto !  
Artificio disposto,  
A contrastar o Nume desabrido  
De minha condição ! Ah ! se eu não fôra  
Tão crédula á traidora,  
Lisongeira efficacia de teu pranto,  
Engenhoza em meu mal não fôra tanto.

Quantas vezes, ingrato, esta montanha  
Girando por buscar-me á calma, ao frio  
Com generoso brio,  
Vieste, para empreza tão estranha !  
Quantas a noite te deixou no prado !

Quantas o rosto amado  
Da Aurora te encontrou, perfido amante,  
A's portas desta choça vigilante !

Que inventos não achaste peregrinos,  
Para me contrastar ! Que eédro, ou faia,  
Que ao tempo não desmaia,  
Não guarda ainda os sonoros himnos,  
Que na bem temperada, acorde avena,  
Para tecer-me a pena,  
Entoaste depois em meu tormento,  
O veneno occultando no instrumento !

*Fel.* Amarillis, o tempo tem mostrado,  
Que a palavra do amante apenas dura,  
Em quanto da ventura  
Corre propicio o giro acelerado.  
Verás, Irmaã, mudar-se aquelle outeiro  
De seu lugar primeiro,  
Que se veja nos homens algum dia  
Segura á fé, que um delles prometia.

*Sal.* Onde, Frondelio meu, me has conduzido ?  
Que ao escutar da minha amada a queixa,  
Tão magoado me deixa  
A constante razão de seu gemido,  
Que ao passo, que igualando o seu estrago  
Lhe recompenso, e pago  
O martirio, que o fado lhe destina,  
E' maior, que o seu mal minha ruina.

Quero, que ella me veja : eu lhe appareço.  
Que importa aventurar-me a seus rigores,  
Se chegão minhas dôres  
Do ultimo golpe ao lastimozo excesso !  
Se hei de morrer distante á sua vista,  
Onde é força resista,

Por lograr este bem, da morte ao laço ;  
Vá-se o temor, o susto, o embaraço.

*Fronde.* Chega-te muito embora : arrependido  
Já de minha piedade bem me peza,  
De que a tua tristeza  
Encontre aqui motivo mais crescido.  
Mal haja compaixão, que enganadora  
Me persuadio, que uma hora  
Quartada a tua pena, quebraria  
(Presente o bem, que adoras) a porfia.

*Amar.* Se a fantazia acazo não me engana,  
E a luz já menos firme no Horizonte,  
Vizinho a este monte  
Vejo um vulto chegar de fôrma humana.

*Fel.* Se de meu triste horror não é pintura,  
Nelle se me figura,  
Amarillis, presente o teu Salicio.

*Amar.* Será : oh que funesto precipicio !

*Sal.* Silicio fou, querida ; não te espantes ;  
Se bem, que de meus males a aspereza,  
Qual nunca a vil fereza  
Igualou da fortuna nos amantes,  
Mudado tem de todo a humana fôrma :  
E este corpo se infôrma  
Da magoa, dos pezares, da amargura,  
Das sombras, da afflicção, da desventura.

Tão outro em fim me vejo, do que fôra,  
Que uma estatua da pena me contemplo.  
Dos martirios exemplo  
Me proponho á vingança ; esta alma ignora  
O uzo de razão ; se bem, querida,  
Ao passo, que duvida

Minha alma, se do corpo o moto ordena,  
 Conheço, que só vivo para a pena.

Vivo só para a pena ; e também vivo  
 Para sempre te amar, Ninfa formosa.  
 Consulta esta amorosa,  
 Viva estampa de Amor; no fogo activo  
 Verás a tua imagem, que respeita  
 Tão pura, e tão perfeita  
 A minha adoração, verás prostrado  
 Ateu desprezo duro o meu cuidado.

*Amar.* Inda a meus olhos vens, perfido amante,  
 As traiçoens escondendo em teu gemido?  
 Tu, mostro fementido,  
 Tu, coração mais duro que diamante,  
 Escandalo, e horror destas montanhas!  
 Nas asperas entranhas  
 Da Hyrcania o humor primeiro achar pudeste,  
 Onde a fereza indomita bebeste.

Crês, que inda, ingrato, o cego dezatino  
 De meu primeiro amor me tem cerrada  
 Na illusão adorada  
 De acreditar-te verdadeiro, e fino?  
 Vens privar-me do allivio, que ainda gozo  
 No desterro penozo,  
 Sendo força, que allivio considero,  
 Quando ver-te, cruel, já mais espere!  
 Vens protestar finezas? Que esperança  
 Tão delirante, e louca desordena  
 A faça tão serena  
 Dessa tibieza tua? Vai, descança,  
 Segue o socego teu; deixa, que eu triste  
 Na magoa, que me assiste,  
 Deva á piedade tua o grande excesso  
 De escuzar-me este horror, com que faleço.

*Sal.* Não venho, amada, não ; porque tyranno  
 Fiscal de teu martirio me imagines ;  
 Só para que me ensines,  
 A vencer de meu fado o deshumano,  
 Ingrato giro, venho ; da firmeza,  
 Da fé, que guardo illeza,  
 Eu venho assegurar-te a chama activa,  
 Mais fina, cada vez, mais pura, e viva.

*Amar.* Vai-te, inimigo, vai : o dezemparo.  
 Em que viva me tens, morta me deixa :  
 Verás, que a minha queixa  
 Fóra de mim não busca outro reparo.  
 O desengano meu, que me acompanha,  
 Sera de tão estranha,  
 Tão inflexivel sorte ultima cura.  
 Fóra de mim não quero outra ventura.

Desta só breve luz, que me permite  
 (Por melhor ver a sombra macilenta)  
 Um Pai, que me atormenta,  
 Afflicta gozarei, pondo limite  
 Neste occulto retiro ao meu cuidado.  
 Memorias do passado  
 Entrada não terão neste apozento,  
 Habitação da sombra, e do tormento.

*Fel.* Ausentou-se Amarillis : ah ! Que errado  
 A contrastar, Salicio, se aventura  
 De uma paixão tão dura  
 A posse, que em seu peito tem tomado !  
 Mal haja o monstro cego ; que mantinha,  
 Irmã querida minha,  
 Teu enganozo passo ; onde tão crua  
 Vejas a face da desgraça tua.

Mas em quanto o voluvel movimento  
 Dessa Deuza inconstante não descança.

A' rapida mudança  
Me conformo do giro seu violento.  
Já agora seguir quero o curso ingrato  
De seu ligeiro trato ;  
Se póde ainda o fado pór baliza  
Aos cazos de Amarillis, e Feliza.  
*Sal.* Onde foges. cruel? Onde, adorada,  
Bellissima occazião de meu gemido,  
Occultas essa face delicada?

Em que tenho, Amarillis, delinquido?  
Porque fazendo aggravo da fineza  
Me ordenas um rigor tão desabrido ?

Foi crime o adorar tua belleza?  
Seria : mas o Ceo só é culpado  
N'um delicto. (ai de mim!), que não me peza :

Elle deixou em ti recopilado  
De seus astros a face peregrina ;  
A pompa de seu rosto prateado.

Elle por influencia nos destina  
A adoração de um bem, cuja luz pura  
A liberdade em carceres domina

Se a minha estrella pois infausta, e escura  
Me conduz a teus olhos, destinada  
Victima de tão rara formozura;

Aos Ceos hade chamar minha ancía irada ;  
Porque dando-me amor tão peregrino,  
Me ordenarão fortuna tão pezada.

Injusto, ó Ceo, commigo te imagino :  
Ou não fóra Amarillis tão querida,  
Ou fóra mais feliz o meu destino :

Mas se era todo o bem da minha vida

Aquella rara idéa da belleza,  
Aquella formozura tão crescida ;

Como injuriando o obzequio da fineza ;  
Inda resiste meu cançado alento  
Aos assaltos da perfida fereza !

Quero encúrtar da vida o passo lento,  
desgraça igualando, que Anaxarte  
Testemunhou no funebre instrumento.

Terás, bella Amarillis, terás parte  
Na minha ingrata sorte : eu o consinto  
Pela gloria, que tenho de adorar-te.

Frondelio meu, do triste labyrintho,  
Em que já suffocada está minha alma,  
Resgata este despojo tão distincto.

Nesta, que os membros gira, mortal calma,  
Já nada me consola ; nada quero,  
Mais que em fé deste Amor render-lhe a palma.

*Fron.* Socega, meu Salicio ; eu ainda erepos,  
Que daquella que ves, ingrata, e dura,  
Possas ver o semblante menos fero.

Do tempo a direcção branda, e madura  
Tudo sabe mudar : a natureza  
É varia ; e em variar sempre é segura.

Amarillis, que barbara despreza  
O teu suspiro agora (eu o discorro),  
Hade um dia ceder dessa aspereza.

*Sal.* Ah ! Que pede meu mal outro soccorro  
Mais prompto, mais ligeiro : eu imagino,  
Que te contenta, Amigo, o ver, que eu morro.

Sim, meu Frondelio, sim : que onde tão fino  
De Amor se atêa o fogo, outro concerto  
Não ha mais, do que um cego desatino.

Quando não foi de Amor no golfo incerto  
A naixão, o delirio, e a loucura,  
O norte, que conduz ao desacerto !

Apenas escapou da força dura  
De Amor a liberdade que anda atada  
A direcção de uma prudencia pura.

Jove, o senhor da esplendida morada,  
Deixa do eterno Olympo a estancia amena.  
E deixa a Divindade abandonada ;

De Europa, Danae, Leda, e mais Almena  
Vê, como foi despojo aquelle raio,  
Que a soberba de Encelado condemna.

Em quantos desatinos faz ensaio  
Aquelle activo iucendio, que nos peitos  
Imprime Amor com um mortal desmaio.

Gira esses campos ; vê os seus effeitos  
Tão raros, que estampados na memoria  
Nunca do tempo se verão desfeitos.

Mas esta de Amor barbara victoria  
Hade crescer mais peregrina, e rara  
Na que pertendo dar-lhe, immortal gloria.

Tudo já me roubou a sorte avara :  
Nenhum bem eu espero já, perdida  
A melhor gloria, que o meu peito amara.

Aqui quero acabar, Frondelio, a vida,  
Dando novas memorias, que este monte  
Respeitará na idade mais crescida.

Girando Ecco saudoza este Orizonte,  
Eu espero, que ainda em rouco accento  
A minha infausta historia ao mundo conte.

Horrorizando a todo o pensamento

Vivirei ; aos amantes desatinos  
Mil desenganos dando em meu tormento.

E trazendo em lembrança os peregrinos  
Excessos de um amor, no bosque inculto  
Serei assumpto a numeros divinos.

De hirsutos Faunos no retiro occulto  
Permittida a saudoza cantilena,  
Logrará meu amor perenne culto.

E tu, por desafogo á minha pena,  
Em quanto meu espirito tornado  
Em cysne vòa á região serena;

Ao triste caminhante encommendado  
Um padrão erguerás compadecido,  
Naquelle monte agreste, e descalvado.

Nelle fique por ultimo esculpido :  
Aqui jaz... (diga assm a cifra breve)  
Salicio, por amante perseguido :  
Foi infeliz: seja-lhe a terra leve.

Isto dizia, quando  
Já desmaiado o alento,  
Nos braços de Frondelio descansando  
O pezo triste, em fé do sentimento,  
Apenas um gemido  
Despedio na lembrança do perdido.

Então o Sol ausente  
Aos pouzos convidava ;  
Já de pastar a relva florescente  
O seu rebanho cada qual chamava ;  
Frondelio era um penedo,  
Triste, mudo, pasmado, absorto, e quedo.

## SYLVIO

## EGLOGA XIII

Silvio e Alcano.

*Ag.* Que é isto, Silvio? Aqui tão solitario  
A sombra deste freixo! Já não vejo  
Na tua companhia o amado Agrario,  
Pastor tão bello, que no fresco Tejo  
O repete a saudade a cada instante,  
Por onde quer, que gire a vista errante,  
Valles correndo, atravessando serras!  
Como tambem da nossa companhia  
Tu, a quem tanto amamos, te desterras,  
Com tão triste, e fatal melancolia,  
Que tudo já teu mal tem estranhado,  
Os Pastores, o monte, e o mesmo gado!

Tão differente estás, tão outro admiro  
O teu genio, Pastor, e o teu aspecto,  
Que cuido, neste funebre retiro  
Do fado injusto o barbaro decreto  
Te hade usurpar a vida, se entregando  
Toda a alma ao sentimento, em ocio,brando  
Não divertes a magoa: e se allivia  
Qualquer pena, que a um misero atormentia,  
Do amigo, que lhe assiste, a companhia;  
Aqui me tens, Pastor, commigo alenta  
Essa dôr; bem que a vejo tão profunda,  
Que temo que este allivio mais confunda.

Que mal, ó Silvio, foi tão penetrante,  
Que este penhasco immovel da constancia  
Póde abalar ? Que dôr ha, que quebrante  
Um peito, aonde nunca a mortal ancia,  
O cuidado impaciente, a magoa afflicta  
Entrar puderão ? cuido, que exquisita  
Causa tens para tal : se é que a funesta,  
Dura ausencia daquelle Pastor caro  
Teu coração amante assim molesta,  
Não chores, não, ó Silvio : pois reparo,  
Que em todos nós geral é a saudade :  
E o mal commum allivio persuade.

Não eras aquelle, que occupando  
Entre os Pastores o logar primeiro,  
Em doce estilo os versos entonando,  
Te fazias ao monte lisongeiro !  
Que de vezes as arvores, e os montes,  
As duras penhas, as sonoras fontes,  
Correndo atraz do canto, que entoavas,  
Te vimos attrahir, sendo verdade  
Então, o que tu mesmo nos contavas  
Da harmoniosa, e cadente suavidade  
Do Musico feliz, que já houvera ;  
Cuja voz os Delfins render soubera !

Agora já dos versos esquecido,  
Que alternaste contente, só lembrado  
Da insopportavel magoa do sentido,  
Tão entregue te vejo a teu cuidado,  
Que já não sòa o lirico instrumento :  
Antes alli de um choupo corpulento,  
Como se elle de tédio te servira  
Na tosca rama o vejo estar pendente.  
É tu (ai triste ! ) como se ferira  
Teu coração um intimo accidente,

Confuso estás, pasmado, mudo, absorto,  
E menos vivo ainda, do que morto!

Que tens, Pastor ? A causa me declara.  
Se da minha amizade emfim te fias ;  
De tão grande tristeza eu desejara  
Dar-te todo o prazer ; e se porfias  
Em ir dobrando a dôr, maior excesso  
Tens na imaginação ; eu te confesso,  
Que daqui não me aparto, em quanto a dura  
Paixão, que te maltrata, e te exaspera,  
Me não matar também. Ouve ; procura  
Suavizar, Amigo, a pena fera ;  
Ou conta-me se quer : na mesma historia,  
Que aviva a dôr, diverte-se a memoria.

*Sil.* Quem se não tu, Algano, quem pudera,  
Se não tu, que os meus passos sempre alcanças,  
Achar-me nesta soledade austêra,  
Onde me conduzio entre esperanças  
De allivio não, mas sim de cruel morte,  
Do incerto fado o duvidoso norte !  
Aqui estava eu só ; e se podia  
Haver algum prazer, que ainda lograsse  
Na desigual fortuna, eu te diria,  
Sem que nisso o teu trato desprezasse,  
Que nenhum outro fóra ; mas sómente  
Seria o estar só, e não ver gente.

Mas já que tu vieste, e póde tanto  
Commigo a tua supplica, a corrente  
Suspenderei um pouco ao largo pranto ;  
Em quanto rompo a dôr, que o peito sente.  
Sabe, Pastor Amigo, que me custa  
Dizer-te a minha queixa : mas se é justa  
Esta expressão, escuta o desafogo,  
Que entre os largos espaços da saudade

Descobrio o martyrio ; e só te rogo,  
Se alguma compaixão te persuade  
Este horroroso, misero progresso,  
Culpa a causa, desculpa-me o excessso.

Querendo lisongear-me por taes modos,  
Tu mesmo á aggravar vens a ferida.  
Que importa ser geral a magoa em todos,  
Se em quem mais ama, a pena é mais crescida!  
Agrario sim de todos era amado ;  
Porém de mim foi quasi idolatrado :  
A qualquer hora, ou fosse noite, ou dia,  
Nos vias sempre juntos: a frequencia,  
O cuidado, o desvelo, e a porfia  
De um grande amor é certa consequencia.  
Se Agrario ao monte alguma vez faltava,  
Tambem de Silvio a ausencia se notava.

Fosse de amor segredo, ou sympathia,  
Que influe cada estrella na creatura,  
Vi-o uma vez ; e desde aquelle dia  
Larga amizade em nós se fez segura.  
Pódes de seu amor ter por certeza,  
Que em mim quasi venceo a natureza.  
Um genio me assistia solitario  
Até então de sorte, que sómente  
O doce trato do fiel Agrario  
Me fez communicavel entre a gente.  
Entre todos vivi ; mas occupado  
De Agrario era sómente o meu cuidado.

Como não póde haver bem tão seguro,  
Que o não estrague a barbara mudança,  
No mar incerto do destino escuro,  
Tornou-se horror a placida bonança.  
Interpôz-se uma ausencia, com que abrindo  
Oc aminho á saudade, consumindo

Esta constancia foi, que me animava;  
Que tu me louvas tanto : já de todo  
Eu, que do fado nada receava,  
A arrastar o seu carro me accomodo,  
Prostrado já, desfeito, e destruido,  
O templo, que á vaidade tinha erguido.

*Alg.* Bem vejo, Silvio, a causa do tormento  
É justa : eu sei, Amigo, que a amizade  
Não se atreve a abrandar-te o sentimento!  
E é offensa o allivio, que persuade.  
Mas se nos longes vês de uma esperança  
O bem, que choras, ó Pastor, descança;  
Que se a dita não póde estar segura,  
O mesmo é a desgraça : igual Astréa  
Ao peso da balança mede, e apura  
Tanto, o que afflige, como o que recréa.  
Aqui tens o instrumento; da-me o gosto  
De ouvir os versos, que ahí tens composto.

*Sil.* Na casca deste tronco, onde feria  
Mais livremente a ponta deste estilo,  
Ao meu Agrario uns versos escrevia;  
Duro tormento; e tu queres ouvillo!  
Mui differentes são do antigo estado;  
É triste o estro; o genio é magoado.  
Não são, os que Fileno me ensinava,  
A louvar de Amarillis a divina  
Belleza, que outro tempo me arrastava;  
São porém os que a magoa hoje me ensina  
A lisongear meu mal : mas se tu queres,  
Ouve; que eu leio os tristes caracteres.

Caro Pastor ausente,  
Que o teu retrato deixas na lembrança,  
Por lograr-te presente,  
Quem na memoria mais tormento alcança;

Com que contentamento eu te asseguro  
No centro d'alma o meu affecto puro!

Tão louca é, e tão cega  
De amor a natureza, que sabendo,  
Que o allivio, a que se entrega,  
O seu maior martirio está tecendo,  
Gostoso o segue, e adorando o estrago  
De ver, que o logra, vive muito pago.

Qual aspide se affigura  
A lembrança do ausente, que lhe assiste;  
Pois entre a pompa escura,  
Como entre a flor, o seu veneno triste  
Se forja, se alimenta, se fabrica;  
E em vez de allivio, morte communica.

A morte, digo : oh antes  
O encurvado ferro separara  
O alento ; mas constantes  
Os espiritos (pena inda mais rara!)  
Como alegres, do mal atormentados,  
Na mesma pena vivem obstinados.

Estes discursos fórma,  
Não a razão (que toda está perdida) ;  
A dôr, que se conforma  
Com a causa, trazendo repetida  
A lembrança do bem, é, que discorre ;  
E a idéa de outro bem lhe não occorre.

Contempla as prendas raras  
De um Pastor, que na rustica palestra  
Tu, monte, assinaláras  
Entre todos dictincto, quando a destra  
Barra jogava, ou quando mais activo  
Corria atraz de um Tigre fugitivo.

Adverte o genio bello,  
Com que o geral agrado concilia,

Podendo ser modello  
De quantos dons a natureza cria:  
Lembra-te do sonoro, acorde accento,  
Com que entoava o metrico instrumento.

Porém onde me guia  
A cançada memoria, se conheço,  
Que esta minha agonia  
Na mesma fragoa, onde os allivios peço!  
Destrua-se a memoria: acabe embora  
Lembrança, que me afflige a toda hora.  
*Alg.* De teu canto foi tal a suavidade,  
Que enchendo de prazer este arvoredado,  
Tornou alegre a mesma soledade,  
Que estava de horror cheia, e mais de medo,  
Moveo-se aquelle tronco de piedade;  
Abalou-se este rustico penedo;  
Não será de teu mal o rigor tanto,  
Que o não mova tambem teu doce canto.

*Sil.* Para lisonja de meu triste damno  
Esta expressão, bem vejo, que retrata,  
Não teu conhecimento, amado Algano,  
Mas teu amor, que tão fiel me trata,  
Se as duras queixas de meu mal tiranno  
Ouvir tua attenção, cousa é tão grata,  
O coração, que cheio está de pena,  
Repetir outras mais ainda me ordena.

*Alg.* Bem te quizera ouvir: mas estou vendo.  
Que já o pardo crepusculo do dia  
Por entre as serras asperas rompendo,  
A luz espalha pela sombra fria.  
Já o ferro do arado vem gemendo;  
Os bois tornão á misera porfia;  
E todos os Pastores despertando,  
Da pobre choça as portas vão cerrando.

*Sil.* Bem sinto, que me dê tal novidade;  
Porque eu vivo de sorte em meu tormento;  
Que inda que despertasse a claridade,  
Distinguir não pudera o luzimento.  
Mas já que este successo te persuade,  
Que a sorte até me quarta o sentimento;  
Por não lograr um bem, vamos: mas onde  
O meu rebanho (ai misero!) se esconde.

Não sei, por onde pasta o triste gado,  
Que eu hontem neste monte apascentava:  
Tanto me arrebatou o meu cuidado,  
Quenem de mim, nem delle me lembrava;  
Vai tu, Alcano; cêrca deste lado;  
Que eu vou bater aquella mata brava,  
Onde o trilho é talvez mais perigoso.  
Anda, busca o Bargado, e o Baroso.

## ALCINO

## ECLOGA XIV

Em região distante,  
Aonde o Sol dourado  
Mal os raios estende sobre os mon  
Em um sitio funesto, e carregado,  
Alcino que de Thisbe foi amante.  
Dos olhos duas fontes  
Derramava em seu liquido lamento  
Dura, e precisa lei do seu tormento.

A rustica floresta  
Apenas habitada  
Era do rude genio dos Pastores;  
A quem a doce flauta desagrada,  
A quem o baile, o jogo mais molesta.  
Os suaves Amores  
Não parão á escutar Ninfas mimosas,  
De adorno inculto, sem louvor, formosas.

Turvo e feio um ribeiro  
O campo dividia  
Por entre as penhas com medonho estrondo.  
A vista se assustava, quando via  
Baixar seu curso de um soberbo oiteiro,  
Os troncos descompondo,  
As profundas raizes arrancando,  
Por onde a crespa enchente o vai levando.

Se os olhos levantava  
A's altas serranias,  
O peito de uma nuvem de tristeza,  
(Qual se vira da noite as sombras frias),  
Ancioso em triste luto se occupava :  
E sempre a chama acceza  
Da memoria propunha o bem perdido,  
Para maior verdugo do sentido.

Nesta cançada vida  
Se achava aquelle amante  
Pastor, que já nas margens florescentes  
Do Mondego guiara o gado errante,  
Trocado o antigo bem na infausta lida  
De fadigas vehementes,  
Transformando-se em pena aquelle gosto,  
Que em braços da ventura o teve posto.

A um penhasco, que os ares  
Igualeava na altura,  
Uma tarde subia o pobre Alcino,  
Alli depois, que a sua desventura  
Chorando esteve em dous amargos mares,  
Seu loco desatino  
Rompe o silencio gravemente mudo ;  
E para ouvillo suspendeo-se tudo.

Alegres praias, humidas ribeiras  
Do Mondego, que placido discorre,  
Que do olmo a copa em ramas lisongeiras  
Com a sombra suavissima socorre ;  
Vós, que pelas campinas mais grosseiras,  
Que hoje o meu gado sem ventura corre,  
Trocadas fostes, quando a inveja tinha  
Postos os olhos na fortuna minha;

Mimozas agoas, deliciozo hospicio  
De Ninfas, que na espuma prateada  
Fazendo estão gostoso desperdicio  
De uma belleza docemente amada;  
Vós, que ouvis de Palemo, e de Salicio  
A flauta braudamente temperada,  
Quando um a rede estende, o outro colhe  
Em seus currais o gado, que recolhe;

Dizei-me vós ; se acazo aquelle pranto,  
Com que estou a chorar esta saudade,  
Tem tanto impulso, tem esforço tanto,  
Que vos empenhe a conceber piedade.  
Dizei-me vós ; se aquelle amado encanto.  
Que laço foi de minha fiel vontade ,  
Vive alegrando essa mimoza esfera ;  
Como no campo faz na primavera.

Dizei-me ; se entre os rusticos Pastores  
Na floresta o rebanho inda apascenta :  
Se ainda ornada de vistozas flores  
Ella entre todas mais gentil se ostenta ;  
Qual foi o emprego em fim de seus amores ;  
Quando o misero Alcino se lamenta ;  
Alcino, que da sua formozura  
Desterrado suspira sem ventura.

Dizei-me, se inda cresce na belleza :  
Porque, segundo meu cuidado via,  
Cheguei a imaginar, que a natureza  
Mil perfeições lhe dava cada dia :  
Vendo-a eu muitas vezes, a alma preza  
Em tanta gentileza se sentia ;  
Crescendo a admiração, logo encontrava  
Belleza, que de novo se admirava.

Dizei-me, se ao cahir da fresca tarde

Sahe a gozar do vento, que respira ;  
Quando o maior Planeta menos arde,  
Quando aos currais o gado se retira.  
Se do seu bello encanto faz alarde,  
Sentada á sombra do álamo, onde ouvira  
Muitas vezes os éccos de meu pranto,  
Nas vozes sentidissimas do canto.

Dizei-me ; se inclinando suavemente  
Os ouvidos ao toque lisongeiro,  
De algum Pastor escuta a voz cadente,  
Que o gado guia desde o crespo oiteiro.  
Se alguma compaixão se lhe persente,  
Girando os olhos, como no primeiro  
Movimento do nosso amor ouvia,  
Ou quando olhava, ou quando me attendia.  
Porém vós vos calais: ah! Que a distancia,  
Ninfas do brando Rio, vos impede  
Ouvir os tristes éccos de minha ancia,  
Que a mortal agonia tanto excede.  
Sem duvida a ruina da constancia,  
Que a mim me prometteo, Ninfas, vos pede  
Este silencio. Ah! quanto em uma ausencia  
Periga a mais segura perzistencia!

Mas se tanto em vós póde a lei sagrada  
Do modesto decóro, e á singileza  
De vossos corações sómente agrada  
Encobrir as traições dessa belleza;  
Minha alma, que nas fragoas abrazada  
De tanto ardente amor suspira aceza,  
Vingança clamará, dando o segredo  
Ao bosque escuro, ao funebre arvoredó.

Aqui me escutará esta corrente,  
Que despenhada os duros troncos banha :

Ouçá-me este penhasco ; aonde ausente,  
Me vejo a lamentar traição tamanha.  
Tenha este Rio em fim sempre presente.  
Presente sempre tenha esta montanha  
De Thisbe ingrata a perfida memoria,  
De Alcino amante a lastimoza historia.

E aqui desta alta penha,  
(Que se remonta aos ares), de um amante  
Sempre firme, e constante,  
A quem seu mal despenha,  
Da mais infiel Pastora na mudança,  
Se recommende a misera lembrança ;

Sabei, ó rochas duras ;  
Que de quantas o Ceo alenta, e cria,  
Tão bellas, como o dia,  
Perfeitas creaturas,  
Nenhuma é, do que Thisbe, mais formosa,  
E nenhuma tambem mais aleivoza.

---

## BELIZA E AMARILLIS

## ECLOGA XV

Corebo e Palemo

*Cor.* Agora, que do alto vem cahindo  
A noite aborrecida, e só gostoza  
Para quem o seu mal está sentindo.

Repitamos um pouco a trabalhoza  
Fadiga do passado ; e neste assento  
Gozemos desta sombra deleitoza.

O brando respirar do manso vento  
Por entre as frescas ramas, a doçura  
Dessa fonte, que move o passo lento ;

A doce quietação dessa espessura,  
O silencio das aves, tudo, Amigo,  
Ouvir a nossa magoa hoje procura.

Principia, Palemo ; que eu comtigo  
A' memoria trarei, quanto deixamos  
No socego feliz do estado antigo.

Que esperas, caro Amigo ? Sós estamos :  
Bem podemos falar : porque os extremos  
De nossa dôr só nós testemunhamos.

*Pal.* Não vi depois, que o monte percorremos,  
Ha tantos annos, sempre atraz do gado,  
Noite tão clara, como a que hoje temos :

Mas muito estranho ser de teu agrado,  
Que despertemos inda a cinza fria  
Da lembrança do tempo já passado.

Oh ! não sei, o que pedes : bom seria,  
Que desse qualquer bem não cobre alento  
O estrondo, que talvez adormecia.

Loucura é despertar no pensamento  
O fogo extinto já de uma memoria :  
Não sabes, quanto é barbaro o tormento.

Em nos lembarmos da perdida gloria  
Nada mais conseguimos, que ao gemido  
Dar novo impulso na passada historia.

Não se desperte o misero ruido ;  
Que veremos, Amigo, o desengano  
De um bem caduco, de um prazer fingido.

*Cor.* Debalde é a cautela ; que o tiranno,  
Continuo atormentar de uma lembrança  
Não o pôde abrandar o esforço humano.

Vê, como o teu ardor em vão se cança ;  
E quanto mais te negas a meu rogo,  
Despertas mais dos fados a mudança.

Buscar no esquecimento o desaforo  
E' não saber, que neste infausto empenho  
Se atéa da memoria mais o fogo

*Pal.* Diga-o minha alma : porque nella tenho  
Impressa sempre a imagem de uma dicta.  
Em que firmava o gosto o desempenho.

Recompensa uma dor quazi infinita.  
A grandeza do bem ; a minha historia  
Deixando em vivo sangue n'alma escrita.

Quero estragar mil vezes a memoria,

Meu amado Corebo, e a cada instante  
Torna mais viva a imagem de uma gloria.

Oh tiranna pensão de um peito amante!  
Que só fôra feliz, se a agoa bebera,  
(Quando perde o seu bem) do Lethe errante ;

Se na idéa pintada não trouxera  
A continua lembrança de um veneno,  
Que Amor dissimulado offerecera.

Ah ! Que soluço, Amigo, estalo, e peno ;  
Quando me lembra a hora, em que o tiranno  
Fado roubou-me estado tão sereno.

*Cor.* Caminhas, ó Palemo, de teu damno  
Como insensivel : vês, que não tem modo  
Da funesta lembrança o golpe insano.

*Pal.* Bem me advertes, Corebo: eu me accommodo  
Ao pensamento teu ; e divertida  
Fique a memoria minha já de todo.

*Cor.* Ao cantico sonoro te convida  
Esta flauta, que é fama em nós guardada,  
Que foi de Alfeo um tempo possuida.

*Pal.* Eu a tomo, e com ella se te agrada,  
Alterno o verso ; e seja aquelle, que antes  
Cantamos lá na nossa retirada.

*Cor.* Se me lembra, assim era : Vinde, errantes  
Sombras, a suffocar-nos : porque a inveja  
E' só fiscal dos miseros amantes.

*Pal.* Ficai, bellas ovelhas : assim seja  
Comvosco mais propicio o duro fado ;  
Que Pastor mais feliz vos guie, e reja.

*Cor.* Aqui te deixo, rustico cajado ;  
Que algum tempo, a pezar do empenho cego,  
De ninguem, só de mim, foste logrado.

*Pal.* Tu ,Amarillis, adorado emprego,  
Toma conta de duas ovelhinhas,  
Que mais que todas amo: eu't'as entrego.

*Cor.* Verás, Beliza, entre essas prendas minhas,  
Que eu teci junto ás margens dessa fonte,  
De vime desigual duas cestinhas.

*Pal.* De ti, que ficas pois, saudozo monte,  
Me despeço; e talvez sem esperança  
De tornar a ver mais este Orizonte.

*Cor.* Fleai-vos em pacifica bonança,  
O'Ninfas; que perdido o vosso agrado,  
Me ausento a lamentar tanta mudança.

*Pal.* Adeos, Pastores; vós, que em doee estado  
Tantas vezes nos bailes, na floresta  
Me vistes sempre alegre, e socegado ;

*Cor.* De vós me aparta agora a lei funesta ;  
E o tormento, a que esta alma está rendida,  
Bem o meu sentimento manifesta.

*Pal.* Heide trazer na idéa sempre unida  
A imagem de Amarillis, que venero,  
E que estimo inda mais, que a propria vida.

*Cor.* Alegria jámais nenhuma espero ;  
Antes nesta saudoza soledade,  
Por ultimo remedio, a morte quero.

*Pal.* Adeos bella Amarillis ; a vontade,  
Por ser unieo bem, levo abrazada  
Na chama inextinguivel da saudade.

*Cor.* Adeos, Beliza, adeos, Ninfa adorada :  
Veja-se neste campo eternamente  
A tua formozura celebrada.

*Pal.* Basta já de cantar : que do Oriente

Já rompe o Sol vermelho, e o manso gado  
Os balidos esforça de impaciente.

As nuvens vão correndo, e a este lado  
O resplendor se vê com que a Aurora  
Vai escondendo o rosto magoado.

Das lagrimas saudozas com que chora,  
Se derrama o orvalho; aves e plantas  
Despertão, levantando a voz sonora.

*Cor.* Eu guiarei o gado se tu cantas;  
Que proseguindo tu, de meu tormento  
O excesso ao menos, e o rigor quebrantas.  
Não me negues, si pódes, esse alento.

---

## PESCADORES

## ECLOGA XVI

Alicuto e Marino.

Já vinha a manhã clara  
Dourando os Horizontes,  
E os empinados montes  
Com a rozada luz, que os prateara;  
Mostravão na campina  
O lirio, o goivo, a roza, e a bonina.

Nas ondas scintilava  
O rosto luminoso,  
Com que de Cinthia o Espozo  
A' pobre terra a clara luz mandava,  
Formando um transparente,  
Na verde relva, resplendor luzente.

Ambos os Pescadores,  
Alicuto, e Marino,  
A quem o Deos Menino  
Ateou na agoa o fogo dos amores;  
As redes recolhião;  
E de bastante peixe o barco enchião.

A praia procurando  
Vinhão tão mansamente,  
Que nem o mar se sente

Ferido de um, e outro remo brando,  
Quando do seu destino  
Começou a queixar-se assim Marino.

Alicuto o acompanha  
Co'a sonora harmonia,  
Que, ha tempos, aprendia  
De um Pastor, que viera da montanha;  
E a seu modo vertendo  
Para a Ninfa do mar, ia dizendo.

*Mar.* Se assim como a manhã clara e brilhante  
É da minha adorada o bello rosto,  
Como naufraga o peito vacilante,  
No incerto mar de um funebre desgosto !  
Eu vejo, que se alegrão neste instante  
Cheios de gloria, de prazer e gosto,  
Este mar, esta praia, esta ribeira :  
Só não ha couza, que alegrar me queira.

*Alc.* Deiopéa adorada, a luz do dia,  
Como funesta nasce a um desgraçado !  
Quanto me foi suave a noite fria,  
Tanto o rosto da Aurora me é pezado :  
O silencio da noite dirigia  
O socego tambem de meu cuidado ;  
E apenas foge o horror da sombra escura,  
Quando mais viva toco a desventura.

*Mar.* Que importa, qu'em continua sentinella  
Eu ande os crespos mares descobrindo,  
Se ingrata sempre a luz da minha estrella  
Me vai desses teus olhos dividindo !  
O vento, que suave entéza a vella,  
A meu ligeiro barco a estrada abrindo,  
Solicito me guia a esta praia;  
Onde sem vêr-te o coração desmaia.

*Alic.* Tres dias ha, que giro, amada minha,  
Desesperado nesta mortal ancia  
De ver o premio, que guardado tinha  
A meu peito fiel tua inconstancia.  
Outra ventura, outra mercê convinha,  
De tanto amor á fatigada instancia  
E quando o não mereça na verdade,  
Quem ha, que não te estranhe a falsidade!

*Mar.* Abrazadas as ondas deste pégo  
Tenho já com meus ais, com meus suspiros:  
Elle me escuta; eu cada vez mais cego  
Accuzo a semrazão de teus retiros.  
De meus males ao passo, que o navego,  
O pezo sente, e se revolve em giros;  
E até as brutas penhas mais pezadas  
Estão de meu tormento magoadas.

*Alic.* Qual o peixe innocente, que enganado  
Bebe no curvo anzol a morte feia,  
Sem ver, que o Pescador lhe tem armado  
Escondida prizão, em que se enlêa;  
Ou qual o navegante, que clegado  
No canto está da perfida Serêa;  
E prova sem cautella a morte dura  
Entre os penhascos, onde o mar murmura.

*Mar.* Qual foge o grande monstro, qu'o mar cria,  
Do arpão ferido, em sangue o mar banhando;  
Quando cuida, que escapa á morte fria,  
O alento pouco e pouco vai deixando;  
O destro Pescador, que a preza fia  
Do agudo ferro, a linha então largando,  
Quando de todo já exangue o sente,  
O barco chega, e o colhe mais contente.

*Alic.* Tal eu, doce inimiga, sem cautella  
Adorava a traição de um falso engano,

Que no teu rosto, ó sempre ingrata, e bella,  
Soube dissimular Amor tyranno ;  
Acreditando aquella industria, aquella  
Mal escondida imagem de meu damno,  
Imaginei, que o que era aleivozia,  
De um fino e puro coração nascia.

*Mar.* Não de outra sorte a barbara destreza  
Dessa homicida mão, dessa alma ingrata,  
Depois de assegurar minha firmeza,  
De mim se ausenta e com rigor me mata :  
Ah ! quanto temo, Ninfa, que a fereza  
De tua condição, que assim me trata,  
Nestas ondas em penha convertida,  
Pague o delicto de roubar-me a vida !

*Alic.* De que serve, que eu traga do mar fundo.  
A preço de fadiga tão pezada,  
Esta, que em tal excesso estima o mundo,  
Rama, que fóra d'agoa é encarnada ?  
De que serve ; que lá do mais profundo  
Venha offercer-te a perola engraçada,  
Se encontro semrazeos, iras, rigores ?  
Se os teus desprezos sempre são maiores ?

*Mar.* Para trazer-te o peixe delicado,  
No rio escondo as naças, Ninfa minha ;  
E ao levantar seu pezo desejado,  
Vejo saltar a truta e a tahinha :  
Não me fica tambem no mar salgado  
O retorcido buzio e a conchinha ;  
Que suppondo ser couza que te agrade,  
Tudo te vem render minha vontade.

*Alic.* Em pensamentos mil eu me desfaço,  
Ao ver traição tão barbara e tão crua ;  
Rompo o vestido, o corpo despedaço,  
Quando me lembra a falsidade tua :

Loucuras mil, mil desatinos faço,  
Sem pejo e sem vergonha; em pelle nua  
Corro esta praia, giro esta ribeira;  
E ninguem ha que socorrer me queira.

*Mar.* Mas que é isto, Alicuto? O nosso canto  
Quazi que vai passando a impaciencia.

*Lic.* Que ha de ser, se o meu misero quebranta  
Se apodera de mim com tal violencia?

*Mar.* Mal haja o ter amor, que pôde tanto.

*Alic.* Mal haja o conhecer uma inclemencia.

*Mar.* Que intentar-lhe fugir é desatino.

*Alic.* Que assim o sinto eu, e tu, Marino.

*Mar.* Temos chegado ao porto : larga o remo ;  
Salta na praia tu ; que eu aqui fico ;  
A ver, se vejo a Ninfa, por quem gemo,  
E a quem as minhas lagrimas dedico.

*Alic.* Não fiques não, Marino : porque temo  
Maior magoa ; que a dôr, que sacrifico.  
Carreguemos o peixe ; que na Aldêa  
Talvez estejam Glauce e Deiopêa.

Assim se accomodavão;  
E o peixe dividindo  
Entre ambos, vão subindo  
Um levantado oiteiro, a que chegavão,  
Deixando em tanto posta  
No barco a vara, a rede ao Sol exposta.

---

## LIZE

## ECLOGA XVII

Laurenio e Lize.

*Laur.* Aqui tens, minha Lize, o teu vaqueiro,  
Que vem pelo calor do Sol ardente,  
A suspirar por ti o dia inteiro.

Com a gloria, meu bem, de ter presente  
A meus olhos a tua formozura,  
Passo de pezarozo a estar contente.

Toda esta noite vi tua figura  
Em uma sombra vã, que me fingia  
A minha inconsolavel desventura.

Só nisto fui feliz : porque te via  
Tão branda, tão suave, como aquella,  
Que a natureza em outra convertia.

Abracei-te, Pastora ; e tu mais bella,  
Mais compassiva ouviste o meu lamento,  
Tornando venturoza a minha estrella.

*Liz.* Bem puderas, Laurenio, desse intento  
Desvanecer-te já : pois é sabido,  
Que não posso attender a teu tormento.

Tu conheces mui bem, que em meu sentido  
Só vive aquella lei, que me sujeita  
A não ser livre, como tenho sido.

*Laur.* Eu conheço : mas sei, que n'alma aceita  
Póde ser a fineza de um serrano,  
Que adora uma Pastora tão perfeita.

Se entre os amantes teus é só Montano  
O ditozo Senhor de um tal thesouro ;  
De que anda entre nós outros tão ufano :

Soprou-lhe a sorte com melhor agouro :  
Que o seu gado não foi de mais estima,  
Nem o cajado seu de prata, ou ouro.

É um tosco vaqueiro, que de cima  
Da serra aqui desceo : nós o alcançámos  
Em tempo de Natercia, tua prima.

De bois uma só junta lhe contámos,  
Quando entrou neste campo : triste e pobre  
Aqui fez uma choça entre estes ramos.

Agora o seu rebanho os valles cobre :  
Talvez, que o fazer mal isso lhe desse,  
E que co'alheio bem hoje os seus dobre.

Miseravel daquelle, que os perdesse !  
Que elle só, porque é rico, teve a dita,  
De que tão bella mão teu Pai lhe desse.

Oh muitas vezes condição maldita  
Esta, que fez no mundo differença  
Entre aquelle, que tem, ou necessita !

*Liz.* Laurenio, o meu decoro não dispensa  
Nessa practica tua : a honestidade  
Tem a mais leve sombra por offensa.

Inda que o meu Pastor te não agrade,  
Ou seja murmurada a minha sorte ;  
É sua esta minha alma, esta vontade.

A lei, que me prendeo, sómente a morte

A pôde desatar : culpa o destino:  
Que eu tenho sobre mim poder mais forte.

*Laur.* Pois nem se quer, meu bem, meu destino  
Te chega a merecer uma esperança,  
De ser pago algum dia amor tão fino ?

*Liz.* Não emprendas de mim mais segurança.  
Que aquella, que te dou : ao Ceo protesto,  
Que em meu obrar não hade haver mudança.

E tu, se me não queres ser molesto,  
Deixa de repetir-me essa loucura :  
Pois viste o meu desgosto manifesto.

*Laur.* O' barbara, ó cruel, ó impia, ó dura !  
Que em vez de agradecer-me, te conspiras  
Contra uma alma, que amar-te só procura.

Se quem te ama, merece as tuas iras,  
Quem pôde estar seguro desses raios,  
Que contra tantos mil, cruel, atiras ?

Só quem não vê, nem morre nos ensaios  
Do cego Deos de amor. Tudo te adora :  
Que em tudo influe Amor os seus desmaios.

Eu só (triste de mim !) eu só, Pastora,  
Te adoro mais que todos : que Amor cego  
Quiz, que eu dos tiros seus victima fôra.

Lá desde as verdes margens do Mondego  
Fez Amor, que na lira eu me ensaiasse,  
Para cantar de ti, meu bello emprego.

Mas ah tyranno Amor ! Quem te arrancasse  
Essas azas, com que teu vôo elevas ?  
Quem arco, aljava, e flexas te quebrasse !

Como é possível. Monstro, que te atrevas

A pôr teu pensamento em tanta altura,  
Para cahir depois no horror das trevas ?

Que bem se diz ; que vens da massa dura  
Do Rhodope, ou do Mauro ! Que bem creio,  
Ignoras, cego Amor, nossa brandura !

Tu me condemnas a chorar sem freio  
Por aquella, que zomba do meu pranto ;  
Que farta o seu rigor do sangue alheio.

*Liz.* Ah ! Não, Laurencio, não : não passe a tanto  
Esse ingrato delirio : eu inda espero,  
Que tenha a tua dôr algum quebranto.

A pouco a pouco me entra o golpe fero  
A traspasar esta alma ; bem que ignoro,  
Se é piedade, se amor, o que pondero.

Verei, se sem offensa do decoro,  
Posso achar algum modo de pagar-te  
Esse suspiro teu, esse teu choro.

Em todo aquelle alento, aquella parte,  
Que da casta prizão se julgue izenta,  
Eu prometto, Laurencio, de estimar-te ;  
Vai : leva esta esperança : e te contenta.

---

## FRANCELIZA

## ECLOGA XVIII

Menalca e Licida.

*Lic.* Queres, Menalca amigo, que sentados  
Debaixo destes álamos um pouco  
Entremos a cantar nossos cuidados ?

*Men.* E crês, Licida meu, que sou tão louco,  
Que me anime a fazer-te companhia  
Ao som da minha flauta, que é tão rouco ?

Se em outra idade, amigo, eu o fazia,  
Ou Franceliza a flauta me animava,  
Ou desculpa nos annos merecia.

*Lic.* Enfada-me o teu modo : eu esperava  
Achar-te, amigo, menos enfadonho,  
Lembrado do que um tempo em nós passava.

*Men.* Queres que torne a entrar naquelle sonho  
Da nescia mocidade ? Ah ! que do inverno  
Já um novo retrato em mim componho.

Imito já no branco ao cysne terno :  
E daquellas vaidades longe o engano,  
Com estas cãs maduras me governo.

Já fiz galla, já fiz alegre e ufano  
Gosto de jogo e bailes : mas agora  
Vivo só de escutar o desengano.

*Lic.* Estou prompto a ouvir-te; inda que fôra  
 Importuno a meus annos, bem quizera  
 Ouvir de um velho a musica sonora.

Canta, o que te agradar; mas considera,  
 Que me alegrára muito, se os amores  
 Da tua Franceliza ouvir pudera.

*Men.* Eu tomo a flauta; e tu canta os louvores  
 Tambem da tua Nize; que algum dia  
 Foi adorado emprego dos Pastores.

*Lic.* Já esta alma os suspiros desafia:  
 Já entro a perguntar, onde encontrar-te  
 Póde de meus clamores a porfia.

Nize? Nize? Meu bem? Ah! De qual arte  
 A flauta se afinava, que o lamento  
 ffavel a meu rogo soube achar-te!

Este mesmo suavissimo instrumento,  
 Este mesmo entoou aquelle canto,  
 Que tanto foi de teu contentamento.

Na montanha se ouviu, com grande espanto,  
 A vez primeira, que soou, nascida  
 Abranda voz das fragoas de meu pranto.

*Men.* Que direi eu tambem da despedida,  
 Que fiz da minha cithara! Ao desprezo  
 Lançando-a já de todo aborrecida.

O peito, que de amor ardia accezo,  
 Acodia a emendar, o que entoava  
 Em diversas paixões a um tempo prezo.

Que busco, infausta lira...? já clamava.  
 Vem adorada lira... de outro modo,  
 A mesma cantilena já trocava.

*Lic.* Ao valle, ao monte, ao bosque, ao campo todo

Por Nize só pergunto . . .

*Men.* Na mudança

A meu martyrio o cantico accommodo.

*Lic.* Entro na festa, baile, jogo ou dança;

Se não vejo de Nize a gentileza:

Minha alma um só instante não descança.

*Men.* Tanto por Franceliza esta alma préza

Morrer de puro amor, que o valle, o monte

Assombrados deixou minha fineza.

Testemunha me seja aquella fonte ;

Onde estive a chorar toda uma tarde,

Que não me appareceo alli defronte.

*Lic.* O incontrastavel impeto, com que arde

Este meu coração, diga-o Montano;

Que um dia me chamou fraco e cobarde.

Disse-me que não deve um peito humano,

Render-se com tal força ao golpe indigno,

Com que nas almas fere Amor tyranno.

*Men.* Foi o primeiro amor : tem o destino

De cada um forjado aquelle laço,

Que obra a seu tempo com rigor maligno.

Pastoras desprezei : pouco embaraço

Achava n'uma e n'outra : escarnecia

Daquelle, que accusava a Amor escaço.

*Lic.* Vês tu no despertar da Aurora fria

O gosto, com que os passaros, e as flores

Saüdão docemente o novo dia ?

Assim, não de outra sorte, os meus ardores

Ao vèlla tão gentil a cada instante . . .

*Men.* A cada instante crescem meus amores.

De um tronco sempre verde e vegetante  
Sobre a cortiça dura, em um letreiro,  
Alli gravado o nome...

*Lic.* O gado errante  
Perdido, e sem Pastor sobre este oiteiro  
Mil vezes o deixei : desta montanha  
O sabe inda o mais rude pegureiro.

*Men.* Não mais, Licida ; basta : é couza estranha  
Esta ancia, que em mim vês : entende, amigo,  
Que está zombando assim, quem te acompanha.

*Lic.* Tu zombas, quando eu choro ?

*Men.* Em vão prosigo ;  
Lembrando-me de um bem, que é já passado :  
Leve-o, quem tudo o mais levou comsigo.

Seja tua esta flauta : este cajado  
Toma, Pastor, tambem : se esta alma queres,  
Recebe-a ; mas sopporta o seu cuidado.

*Lic.* Feliz Menalca tu, no que proferes ;  
Se o tempo já te deve desenganos :  
Que eu te acredite, amigo, não esperes :  
A Amor só vence a morte, não os annos.

## VIDA DO CAMPO

## EGLOGA XIX

Oh doce soledade !  
Oh patria do descanso !  
Da paz, e da concordia  
Grosseira habitação, tosco palacio !

Quantos a meus delirios  
Tu dictas desenganos,  
Oraculos fazendo  
Das arvores, dos troncos, dos penhascos !

Não fere os meus ouvidos  
O estrondo cançado,  
Que levanta a lisonja,  
Junto aos porticos d'ouro em regio Paço.

A macilenta inveja  
Não derrama o contagio  
Nas innocentes almas,  
Que são de seu furor misero estrago.

Dos olhos se retira  
O objecto sempre ingrato  
Dos que suspirão mudos,  
Em vez do premio, as semrazões do damno.

Aqui tem a virtude  
Erguido o seu theatro ;  
E nas rusticas scenas  
Aqui mostra a pobreza os apparatus.

As mal seguras canas,  
Que move o vento brando.  
Da pobre rede tecem  
Ao misero Pastor o abrigo caro.

Colhida a tenra fruta  
Vem de seu proprio ramo,  
A adornar a choupana,  
Em vez dos altos capiteis dourados.

Oh sitio venturozo !  
Quanto te invejo, quanto !  
Ditozo quem possui  
O suave prazer de teu descanso !

Se tu bem alcançaras,  
Pastor, um bem tão raro,  
Não cessára o teu culto  
De consagrar obsequios a teu fado.

Infeliz, o que envolto  
No trafego inhumano  
Da aborrecida còrte,  
Só vê da confusão o rosto infausto.

Imagina do amigo  
Seguir os doces laços,  
E a torpe aleivozia  
Lhe abre o sepulchro, onde buscou o amparo.

Se o valimento encontra,  
Teme com justo espanto,  
Quanto é grande a subida,  
Que o despenho tambem seja mais alto.

Não ha frente segura,  
Que em fim dissimulando  
Não veja os seus affectos ;  
Como a flor entre os aspides ingratos.

Ah ! mede, Pastor bello  
O bem, que alcanças : tanto  
Dar-te não pôde a còrte ;  
Só pôde a soledade deste campo.

## LIRA

## ECLOGA XX

Aqui deste salgueiro  
Pendente ficarás, ó lira minha!  
Tu que foste primeiro,  
Em quanto á Amor convinha,  
Allivio de meus males,  
Ferindo os montes, abalando os valles.

De todo já deixada,  
Nem se quer nas imagens da memoria  
Vivirás retratada ;  
De tanta antiga gloria  
Se consultada fores,  
As delicias aponta nos horrores.

Será lingua eloquente  
A mesma face macilenta : o resto  
De meu mal inclemente  
Pela voz do desgosto,  
Com a muda harmonia  
Poderá declarar minha agonia.

De Arachne o enredo escuro,  
Em ti as debeis linhas estendendo,  
Cubra teu centro impuro,  
Que aeorde respondendo  
Do verso ás consonancias,  
Tantas vezes ouviu as minhas ancias.

Genio funesto inspire  
Sempre em teu damno; e por maior tristeza  
De ti não se retire  
A funebre aspereza,  
Daquelle horror maligno,  
Que os passos acompanha a meu destino.

Ludibrio sejas feio  
De todos os Pastores deste monte :  
O mudo infausto enleio  
Teu mudo gesto conte,  
De um triste, e desgraçado  
Tosco instrumento, inutil, desprezado.

E se lá quando o dia  
Desmaiando-se o Sol ao mar se ausenta.  
Lá na tarde sombria,  
Lizarda, que se ostenta  
Destes campos senhora,  
Baixar acazo, dando inveja a Flora ;

Seu vestigio dourado,  
Mais bello do que os goivos, e açucenas,  
Se inclinar seu cuidado  
A este centro de penas ;  
E aqui te achar pendente,  
Triste lira, deixada, e descontente ;

Quando chegue curioza,  
Sem horror de te ver, ao tronco duro  
A Ninfa mais formosa,  
Lêa o epitafio escuro ;  
Que em funebre letreiro  
Guardará para sempre este salgueiro.

Breves vozes a historia  
Explicarão da minha desventura ;

Quando empenhe a memoria  
Dessa tão impia, e dura  
Belleza, em vão amada,  
Em vão de meus extremos contrastada.

Aqui vivo (este o lema,  
Que no funebre tronco fique escrito)  
Para que sempre gema  
O tormento infinito  
De perder uma ingrata,  
Que perjura, e cruel me offende, e mata.

---

# EPISTOLAS

---

## ALCINO A FILENO

### EPISTOLA I

A vós, Pastor distante,  
Bem que presente sempre na lembrança,  
Saudeenvia Alcino, que a vingança,  
Da fortuna inconstante,  
Do barbaro destino,  
Chora na propria terra peregrino.

Se a flauta mal cadente  
Entôa agora o verso harmoniozo,  
Sabei me communica este saudozo  
Influxo a dôr vehemente,  
Não o genio suave,  
Que ouviste já no accento agudo, e grave.

Entorpeceo-se o canto ;  
E a Muza tristemente enrouquecida  
Se vio, depois que a sorte desabrida  
Trocou o doce encanto  
Das Ninfas do Mondego,  
Pelo deste retiro inculto emprego.

Como presente vejo,  
Fileno, para estrago da memoria

Aquelle doce bem, que a maior gloria  
Formava a meu desejo!  
Como na estampa grata  
Da lembrança o perdido se retrata!

Pela margem frondoza  
Desse, que corre, vagaroso rio,  
Quantas vezes, Pastor, a calma, o frio  
Vencemos na gostoza,  
Alegre sociedade,  
Que alentava do canto a suavidade!

Quantas vezes rompendo  
Das claras agoas a corrente fria,  
Das Ninfas do Mondego a companhia  
A ouvir se estava erguendo,  
Por entre a espuma bella,  
Que uma hora se desfaz, e outra congela.

Quantas vezes parava  
A doce Filomena o triste accento!  
E do álamo frondozo (em quanto o vento  
As folhas meneava)  
Os numeros ouvia,  
Que a nossa acorde flauta repetia!

Que mudança importuna  
Hoje diverso faz o genio antigo!  
Negando á Muza o generoso abrigo  
Da placida fortuna;  
Porque habite uma estancia,  
Em que só vive a pena, a magoa, a ancia

O genio antes festivo,  
Prompto no baile, jogo, e na floresta  
Quanto se opprime, quanto se molesta  
Ao golpe executivo

Do fado, que tem posto  
Tanto empenho em tecer o meu desgosto!

O seu giro, ó Fileno,  
Não seja em vosso damno assim violento:  
Discorra só no bem, no obzequio attento:  
Porque no mais ameno  
Campo, e entre os Pastores,  
Vos consagre Amarillis seus amores.

Não erre o vosso gado,  
Qual vaga o meu, sem dono: antes contente  
Paste do campo a relva florecente.  
O pomo sazonado  
Colhei; e na floresta  
Tende fortuna mais ditoza, que esta.

E se no prado, ou monte  
Pastor vive, que guarde inda a memoria  
Da minha triste, lastimoza historia;  
Dizei-lhe vós; que conte  
O seu verso canoro  
Meu cazo triste no silvestre côro.

A minha tosca avena  
Sempre hade respirar na actividade  
Da, que me arde no peito, impia saudade  
E creio, á minha pena  
Se hade ver algum dia  
Respirar estes bosques alegria.

---

## FILENO A ALGANO

## EPISTOLA II

Depois, Algano amado,  
Que por mais verde, e placido terreno,  
Deixaste o sitio ameno,  
Onde alegre pascia o manso gado,  
Tomou minha saudade  
Triste posse no horror da soledade.

De todos os Pastores  
Foi mui sentida a tua ausencia dura :  
Que o bem de uma ventura  
Se se perde, inda os mesmos moradores  
Da choça, que os abriga,  
Sabem sentir : oh quanto a dôr obriga !

Poco importa a cultura,  
E agudeza maior do pensamento :  
Que a força do tormento  
Sobre a mesma rudeza o estrago apura ;  
E quem melhor discorre,  
É, quem buscando allivio, menos morre.

Talvez mais lisonjêa  
Esta no meu pezar nescia jactancia ;

Por ser minha ignorancia  
Alimento, em que a magoa mais se alça :  
Que a ser mais entendido,  
Não fóra o meu tormento tão crescido.

Não sómente o effeito  
De tão ingrato mal em nós sentimos;  
Mas, se bem advertimos,  
Tudo ao grande pezar ficou sujeito :  
Que fez a ausencia tua  
A saudade em nós razão commua.

O rio, que algum dia  
Liquida habitação das Ninfas era,  
A côr, que a primavera  
Nestes frondozos álamos vestia,  
Tudo perde o seu brio :  
Não tem o álamo côr, Ninfas o rio.

Não se ouvem já sonoras,  
(Quando arguindo o adultero condemna),  
Queixas da Filomena,  
E até do tempo as carregadas horas  
Correm mais dilatadas;  
E parece, que a dôr as faz pesadas.

É tudo horror; é tudo  
Uma palida imagem da tristeza.  
Habita esta aspereza  
O funebre silencio, o assombro mudo,  
Que tanto póde, tanto  
De tua ausencia o misero quebranto,

Ah meu Alcano caro,  
Doce consolação do campo ameno !  
O teu triste Fileno

Busca debalde allivio : que o reparo  
Da saudade está posto  
Na imagem só de teu alegre rosto :

Não só o seu alento,  
Porém inda dos campos a alegria,  
A clara luz do dia,  
Das aves o canoro, e doce accento,  
E quanto tem mudado  
Da tua auseneia o deshumano estado.

Apressa, apressa o passo,  
Com que hoje alegras as regiões do Tejo :  
Rompe já o embaraço,  
Que se interpoem á vista do desejo :  
E possa alegre ver-te,  
Algano meu, quem sabe merecer-te.

---

## DALIZO A' SALICIO

## EPISTOLA III

A vós, Pastor amado,  
Que lá do patrio rio  
Nas frescas praias, humidas ribeiras,  
(Qual debaixo de um álamo sombrio  
Titiro, que abrazado  
De Amarillis suspira), as lisonjeiras  
Horas lograis, no metrico exercicio,  
Propicio seja o fado, ou impropicio ;

Saude vos deseja,  
E placido descanço  
Dalizo, o Pastor triste ; cujo emprego  
É mal tocada lira, e gado manso ;  
Que nem maligna inveja,  
Nem emula porfia em seu socego  
Altéra, atravessando o bosque inculto,  
Desde o monte frondoso ao valle occulto.

Aquella harmonioza,  
Nunca no bosque ouvida,  
Cithara, que regia o vosso canto,  
Com que activo desejo me convida  
A pena mais saudoza !  
Se souberas, Salicio amado, quanto  
Me chega a arrebatrar aquelle accento,  
Duvidareis vós mesmo do tormento.

Então vi sem mentira,  
Ou fabuloso engano,  
Possível, o que Alfemo nos contava,  
Do amante, que do Averno deshumano  
Ao som da acorde lira,  
A já perdida esposa resgatava.  
O vosso canto, Amigo, se quizera,  
O mesmo inferno adormecer pudera.

Não duvidei, que houvesse  
Accento tão divino,  
Que enternecendo o barbaro pirata,  
Fiasse todo o bem do seu destino  
A um Delfim, que pudesse,  
Rompendo as ondas, que esse mar desata,  
Conduzir de Arion a amada vida,  
Sobre os hombros, á praia appetecida.

Tudo possível cria ;  
Que aquelle acorde accento,  
Que arrebatando a idéa contemplava,  
De vossa voz no doce movimento,  
Dar ao mundo podia  
Exemplos de prodigio : oh qual rasgava  
Nunca imitado canto o vento leve !  
Como o Zefiro a ouvillo se deteve !

Crede-me : eu suspirando  
Mil vezes a ventura  
De ver-vos, a um Pastor dessa montanha  
Perguntava por vós ; e a doce cura  
Do desejo buscando  
Da noticia, que tinha em nada extranha,  
Da que notei, feliz realidade,  
Maior motivo achava á saudade.

Quando verei, dizia,  
Um Pastor tão amado,  
Que no baile, na dança, na carreira,  
Ou perseguindo a fera, sempre ao lado  
Por companheiro via?  
Oh! Queira o brando fado, a sorte queira  
Que esta tão larga, tão cruel distancia,  
Não venha a perverter sua constancia.

Hydropico meu peito  
Sempre ver-vos suspira;  
E por lisonja desta ausencia dura  
Ao doce, e acorde som da vossa lira  
Invoca o terno effeito.  
Fazei, que eu logre o bem desta ventura.  
Em quanto fica com attento avizo,  
Pará servir-vos o Pastor Dalizo.

---

## MELIZO A SALICIO

## EPISTOLA IV

Ao duro tronco atado  
O Grego enganador da Ninfa bella,  
Ouvindo o som daquella  
Consonancia do côro levantado,  
Foge á ruina, teme o precipicio.

Mas se o canto, Salicio,  
Que alternastes no verso harmonioso,  
No golfo perigoso  
Das humidas Deidades se entoara,  
Do acorde accento á suavidade rara,  
Que alegre cederia  
Ulysses, aos encantos da harmonia !

Hydropico bebendo  
A liquida corrente, nunca tanto  
Se vê com o quebranto  
Do Sol ardente o gado, que descendo  
Vem de uma, e outra parte da floresta.

Quanto se manifesta  
Ancioso o meu desejo, achando agora  
A lisonja sonora  
Desse canto, Salicio, que respira  
Tão doce, que por mais que a alma ferira  
O impulso harmonioso,  
Sempre o meu peito suspirara ancioso.

Oh ditoso salgueiro  
Aquelle, Pastor bello, em que pendente  
A cithara cadente  
No silencio me vio por derradeiro,  
Em quanto choro a vossa ausencia dura !

Quanto maior ventura  
É ver da solitaria sombra fria  
A perdida alegria,  
O gosto desmaiado, expôr brilhante,  
Mais risonho esta vez o seu semblante,  
Bem como a tenebrosa  
Noite, que a luz do Sol faz mais formosa !

Do musico instrumento  
O espirito té agora suffocado  
Bebeo mais esforçado,  
O que respira, harmonioso alento :  
Deva-se tanto obsequio á saudade.

De Pan a Divindade,  
Que unio primeiro a cera á debil cana,  
Nunca tão soberana  
A voz ergueo ; nem lá no Idalio monte  
Ao murmurar feliz do Xanto a fonte,  
Respirou tão suave,  
De Enone bella no tormento grave.  
Só vós, Pastor querido,  
As sombras desterrando da tristeza,  
Podeis lograr a empreza  
De suffocar os eccos do gemido,  
Com tão acorde, sonoro excesso !

A tanto bem confesso,  
Que do campo os prodigios celebrados  
Serão mal comparados ;  
Inda quando a memoria os eternize  
Pelos troncos de faias ; bem que avize

Um, e outro letreiro,  
Qual o segundo foi, qual o primeiro.

Se pois é de Salicio  
Tão poderosa a voz ; se a mão tão destra  
No jogo, na palestra  
Tem a gloria maior ; se no exercicio  
Do canto o verde louro elle consegue ;

Salicio não me negue,  
Que desigual a competencia fica,  
Quando a seguir se applica  
Do misero Melizo a mal pulsada  
Cithara ; que é sómente acompanhada  
De Faunos da espessura,  
Não de branca Napéa, ou Ninfa pura.

Turva, e feia a corrente  
Deste ribeiro nosso não habita  
Dryada, que repita  
Em branda voz o numero cadente :  
Que tudo nelle triste fez o fado

Ditoso aquelle estado,  
Em que pobre pastor me contentava  
A terra, que lavrava,  
O gado, que a pastar guiava errante  
Desta montanha á aquella : ah que inconstante  
Fortuna em mim figura  
De Melibeo a triste desventura !

Mas eu cuido, que vejo  
Aquella carregada sombra feia,  
De gosto, que recrêa,  
(Se não mo finge a imagem do desejo)  
Ir a face vestindo já mais clara.

Oh que mudança rara  
Estou nesta ribeira contemplando !  
Pouco, e pouco dourando  
Se vai o escuro valle, e o alto monte :  
Nova chama illumina este orisonte.  
Tanto gosto se deve  
Do sonoro Salicio ao canto leve.

Vivei, ó Pastor grato ;  
E o vosso campo eternamente seja  
Dos Elifios inveja,  
Ditosa copia, placido retrato  
Daquelle, que o Pastor pisou de Andrizo :  
E vive para gloria de Melizo.

---

## EURILLO A ALCIDO

## EPISTOLA V

Recebo, Alcido amado,  
O transumpto feliz, o delicado,  
Numeroso desenho  
Do vosso bello, peregrino engenho.  
Nelle respira aquella suavidade,  
Com que outro tempo a Delfica Deidade,  
Pelas ribeiras do saudoso Anfrizo,  
Tornava todo o monte de improvizo,  
De Thebaida alegre, Chipre amena,  
Centro da magoa, habitação da pena.

A imagem da saudade retratada  
Qual se descobre aos eccos animada  
Da vossa acorde lira !  
Alli geme, alli chora, alli suspira  
O rosto macilento,  
Reclinando com brando movimento  
Já sobre a mão, já enxugando o pranto,  
Que os olhos vertem com mortal quebranto.

Menos suave, menos elegante  
Pintou o Portuguez a fragoa amante,  
Em que Venus dispunha aos Luzitanos  
A dourada lisonja dos enganos ;  
Quando aos olhos descobre a feliz Ilha,  
Do mar d'Atlante occulta maravilha.

Mas que muito respire tão activo  
O fogo da saudade executivo,  
Se da razão no intrinseco conceito  
Bebe a força efficaz do agudo effeito !

É sempre menos dura  
A pena, que na rustica cultura  
Ao Pastor acompanha  
Na choça, no redil, que aquella estranha  
Paixão, que segue o cortezão polido,  
Na civil sociedade introduzido.

Assim o vosso engenho agudo, e raro  
Concebe em grande excesso o estrago avaro  
Do saudoso tormento ;  
Dando-lhe tanto mais crescido alento,  
Que ao vigor do discurso ponderada  
É em vós a saudade mais pezada.

Oh se a guerra implacavel, que se accende  
Por dentro de minha alma, e que se estende  
Pelo campo espaçoso da lembrança,  
Pudera retratar-vos ! que mudança,  
Tão contraria, tão funebre, tão dura  
Em mim verieis da fortuna escura !

Aquelle aspecto affavel da alegria,  
Que o coração brotava, quando via  
Presente em vós o bem, que adora tanto,  
Apenas pelas clausulas do pranto,  
Pelas syllabas mudas do gemido,  
Hoje publica o funebre ruido,  
Que ergue a dôr nas imagens da memoria,  
Tentando em sombras a passada gloria.

O confuso girar de meu cuidado  
Encontro vivamente retratado  
Em um baixel vagando ; que sem norte  
Guia com varia sorte  
A onda impetuosa  
No golfo Egêo, soprando a tormentosa  
Furia dos ventos, que na estranha guerra  
O crespo Eólo no penhasco encerra.

Mas cesse de meu mal aquella activa  
 Tyranna agitação, que se deriva  
 Do tormento fatal da vossa ausencia,  
 Já parece desmaio esta violencia,  
 Quando do vosso espirito suave  
 A bella producção canora, e grave  
 Enche os ares de acorde melodia,  
 Que arrebatada de todo a fantasia.

Dos nossos fieis amigos, que a lembrança  
 Vossa com tão gostoso excesso alcança,  
 Testemunho a plausivel recompensa,  
 Enviando-vos d'um a copia immensa  
 Desses, de Apollo gratos desperdicios ;  
 D'outro interpretes sendo os sacrificios,  
 Que repete nas chamas da saudade  
 A vossa, em tudo candida, amizade.

Mas desta, que deixaste tão saudoza,  
 Ribeira, em outro tempo venturoza,  
 Quando animada do sonoro accento  
 Do vosso acorde, harmonico instrumento,  
 Como é possivel, que eu traslade as vozes,  
 Que entre os ais, e suspiros mais velozes,  
 Me estão recommendando a cada instante  
 As lembranças do seu obsequio amante ?

Ella me pede (que discreto rogo !)  
 Que aquelle generoso, ardente fogo,  
 Em que por vós se abrasa, vos refira ;  
 E que outra vez do vosso plectro, e lira  
 (Porque a pena suffoque, extinga a ancia)  
 O toque busque, empenhe a consonancia.

Eu o supplico assim, meu caro Alcido,  
 E a vossos pés rendido  
 Offereço a vontade ; com que posso  
 Dizer que sou fiel amigo vosso.

## SYLVIO A ALGANO

## EPISTOLA VI

Pediz-me, Algano, que do meu destino  
O enredo peregrino  
Vos conte, desde o dia, em que deixada  
A pobre choça, a habitação amada,  
Para tão triste mal, tão cruel guerra,  
Deixei esta montanha, e aquella serra  
Busquei ; onde jamais o manso gado  
Havia apascentado  
Dalizo, nem Alfemo,  
Pastores, que nas prendas eu nã temo,  
Que competir-lhes possa  
Cousa alguma, a não ser a gloria vossa.

Ai quanto, caro Amigo,  
Esta obediencia custa ! Mas se digo,  
Que me suffoca a voz o sentimento  
De uma ardente paixão, o meu tormento,  
Só na vossa amizade,  
Que a compaixão promete, a atrocidade  
Moderar pôde de um profundo damno ;  
Que no intimo arcano  
De meu afflicto peito  
Não menos que o respeito,  
Amor tem encerrado.

Este Monstro vendado,  
Gigante, que sem pôr sobre a grandeza  
De um monte o outro monte, a redondeza  
Do Olympo tem postrado,  
E ao soberano Jove despojado  
Do raio fulminante ;

Este estrago incessante,  
A quem valor não basta, nem escudo ;  
Porque tudo destroe, e estraga tudo,  
Sendo a sua impiedade  
Verdugo infiel da pobre liberdade ;  
E o misero alvedrio,  
Perdida a gloria, despojado o brio,  
Serve de ornar com precipicio infausto  
De seu triunfante carro o ardente fausto ;

Naquelle dia, Alcano, em que apartada  
Do rebanho a melhor, a mais amada,  
Branca, e tenra ovelhinha,  
Solicito me tinha,  
Levou-me o Monstro cego,  
Desde as humidas margens do Mondego,  
Habitação gostosa,  
Ou já pela corrente deliciosa,  
Ou pela verde sombra dos salgueiros ;

Por asperos oiteiros  
Levou-me o Monstro cego. Entenderias  
A cada instante, Alcano,  
Vendo eminente o damno,  
E a face da ruina tão presente ;  
Que aquelle escuro sitio era sómente,  
Ou de enigmas deposito sombrio,  
Ou tumulo fatal do somno frio.

Alli não florescia o lirio brando,

Nem ovelha pastando  
Alli se divisava ;  
De esteril producção da pedra brava  
A terra se cobria.  
Um risco, e outro risco discorria  
Assim o meu cuidado :  
E Amor já tão ligado  
A seu carro fatal me tinha, que indo  
A noite as azas sobre o monte abrindo,  
Da sombra carregada  
Nada me acobardava : porque nada  
Poder tão raro tinha, e tão activo,  
Como de Amor o raio executivo.

Depois em fim que a Aurora  
Foi accendendo a tocha brilhadora  
Do luminoso Febo,  
Diviso de Corebo  
O campo dilatado ;  
Corebo, esse Pastor tão nomeado,  
Não só pela riqueza ;  
Mas inda pela graça, e gentileza  
Das Ninfas, e Pastoras,  
De sitio tão feliz habitadoras.

Pelo prado, e floresta  
Cada uma tão gentil se manifesta,  
Que não á fresca rosa  
Que possa competir-lhes, por formosa.

Cobertas andão todas de um pelico  
Mais candido, e mais rico,  
Que a pelle de um arminho esbranquiçado ;  
Por um e outro lado  
Tecem as flores bellas,  
Qual mostra o firmamento aureas estrellas.

Porém maior espanto  
 É ver o cajadinho, que com tanto  
 Capricho vão movendo ;  
 Ora sobre elle tendo  
 A branca mão, ora encostando a face,  
 Em que Amor, era força, se abrazasse.

Ovelhas vem guiando ;  
 E em vario som cantando  
 Os miseros amores  
 De Ninfas, e Pastores ;  
 Que naquella floresta  
 Vio a sorte funesta,  
 Ou o soberbo fado,  
 Em venturozo, ou infeliz estado.

Não á Ninfa mimoza,  
 A quem de Amor a setta venenoza  
 Não penetrasse o peito,  
 De Corebo o respeito  
 A todas suffocava :  
 Cada uma, o que sentia, mais callava :  
 Porque o Pastor tyranno,  
 Por zelo, ou crueldade (ai, caro Algano !)  
 A todas tinha posto  
 Violenta escravidão na lei do gosto.

Dalizo desterrado  
 Gemia a infausta pena de um cuidado ;  
 Que para o sentimento  
 Vivo tem na memoria o seu tormento,  
 Anfrizo sem ventura  
 Suspirava a perdida formosura,  
 Em carcere cruel, que em dura pena  
 Corebo, o Pastor barbaro, lhe ordena ;  
 Imaginando ser culpa, que infama,  
 Arder de Amor na venturoza chama.

Eu, que os exemplos via,  
De tanto estrago, e tanta tyrannia,  
Em Galatêa pondo o pensamento,  
Adorava por gloria o meu tormento.

Tão bella era a Pastora, que sómente  
Ella fazia o campo estar contente.  
Nos seus olhos Amor depositava  
Um veneno tão doce, que, se olhava,  
Atraz do seu ligeiro movimento  
Levava os corações, e o pensamento.

Porém já de meu peito terno, e brando  
A dôr fera, e cruel me está chamando,  
A que, Algano, vos conte  
Os suspiros, que ao Ceo, ao valle, ao monte  
Inutilmente dados,  
Forão da ingrata Ninfa desprezados.

A ancia continuava ;  
Proseguia o gemido ; não cessava  
Meu excessivo pranto :  
Mas a dispendio tanto,  
Compravão meus ardores  
Ingratas semrazões, duros rigores.

Um mez quasi corria ;  
E esperanças de um dia, e outro dia  
Guiavão meu desvelo  
Atraz do seu rigor, só por vencêllo.  
Ah quem vozes tivera,  
Algano meu, que referir pudera,  
Qual foi o excesso então daquelle dia,  
Quando cedendo á força da porfia  
De um coração, que entre rigores arde,  
Interpretes seus olhos n'uma tarde,  
Fez de não sei que incognita piedade,  
Que recatava menos a vontade !

Desde então... mas que emprendo !  
Logo Amor aleivoso um golpe horrendo  
Contra mim fulminou, roubando a gloria  
De tão alta victoria,  
De Corebo á noticia,  
Fez que chegasse o jubilo, a delicia,  
Que provava minha alma. O Pastor fero,  
Mais cruel, mais severo,  
A pena repartindo  
Entre dous corações, ao gesto lindo  
Da Ninfa mais mimoza  
Ordena uma tristeza rigorosa ;  
E a mim por maior pena  
Um desterro durissimo me ordena.

Deixei-a desmaiada,  
Triste, desconsolada,  
Seu rizo convertido em vivo pranto :  
E eu (triste de mim !) martirio tanto  
Sopperto neste funebre retiro ;  
Que a meus ais, a meu pranto, a meu suspiro :  
Enterneço os rochedos,  
Môvo as feras, os troncos, e os penedos.  
Quem me dissera, Alcano,  
Que o fado deshumano,  
Fingindo-se propicio,  
Me encaminhava a tanto precipicio !

E já que foi tão duro,  
Que com rosto perjuro  
Me póde conceder um breve instante  
De alegria, e de gosto ao peito amante,  
Que causa teve o fado  
Para me não levar traz meu cuidado,  
Conspirando a fereza  
De Corebo cruel contra a firmeza

De minha adoração, deixando affavel  
Do golpe inexoravel  
Da Parca enfurecida,  
Extincto o meu amor na minha vida !

Mas ah ! Que em não matar-me  
O fado mais cruel se quiz mostrar-me :  
Assim mais se acredita  
A furia, que meu peito debilita :  
Pois louco, e delirante  
Vivo sempre em tormento. Astro inconstante.  
Maligno, desigual, sempre em meu damno  
(Ai carissimo Algano !)  
Ordenará, que eu seja  
Victima do rigor, e mais da inveja.

FIM DO PRIMEIRO TOMO

# INDICE DO PRIMEIRO TOMO

---

|  |    |
|--|----|
| ADVERTENCIA. . . . .                                     | I  |
| CLAUDIO MANOEL DA COSTA. — Sua vida e suas obras . . . . | 1  |
| BIBLIOGRAPHIA . . . . .                                  | 46 |
| CHRONOLOGIA. . . . .                                     | 48 |
| DOCUMENTOS. . . . .                                      | 50 |

## SONETOS

|  |     |
|--|-----|
| A cada instante, Amor, a cada instante. . . . .      | 125 |
| Adeos, Idolo bello, adeos, querido. . . . .          | 128 |
| Altas serras, que ao Ceo estaes servindo. . . . .    | 131 |
| Apenas rebentava no Oriente . . . . .                | 136 |
| Apre Giano il gran Tempio ; orrido, e nero . . . . . | 144 |
| Apressa-se a tocar o caminhante . . . . .            | 116 |
| Aquella cinta azul, que o Ceo estende . . . . .      | 111 |
| Aquelle, que enfermou de desgraçado . . . . .        | 120 |
| Aqui sobre esta pedra aspera, e dura . . . . .       | 119 |
| Assim como o Pastor, tambem o pobre . . . . .        | 203 |
| A vós, canoras Ninfas, que no amado . . . . .        | 180 |
| Ai de mim! Como estou tão descuidado ! . . . . .     | 112 |
| Ai Nize amada! Se este meu tormento . . . . .        | 117 |
| Bella imagem, emprego idolatrado . . . . .           | 131 |
| Brandas ribeiras, quanto estou contente . . . . .    | 105 |
| Breves horas, Amor, ha, que eu gozava . . . . .      | 122 |
| Breves horas, que em rapida porfia . . . . .         | 137 |
| Campos, que ao respirar meu triste peito . . . . .   | 111 |

|   |     |
|---|-----|
| Clara fonte ; teu passo lisongeiro . . . . .        | 140 |
| Continuamente estou imaginando . . . . .            | 121 |
| Corino, vai buscar aquella ovelha . . . . .         | 112 |
| De cosi degno Eroe la Regia fronte . . . . .        | 145 |
| De um ramo desta faia pendurado . . . . .           | 113 |
| Deixa, que por um pouco aquelle monte . . . . .     | 111 |
| Deixemos-nos, Alcano, de porfia . . . . .           | 133 |
| Del tuo Fileno a la incerata avena . . . . .        | 150 |
| Destes penhascos fez a natureza . . . . .           | 151 |
| Dolci compagni mi-i, dolce mia cura . . . . .       | 148 |
| Dolce parole, or piu non siete quelle . . . . .     | 149 |
| Emfim te heide deixar, doce corrente . . . . .      | 140 |
| Em profundo silencio já descança . . . . .          | 130 |
| Entre este álamo, ó Lize, e esta corrente . . . . . | 142 |
| Erra d'intorno a me l'ombra onorata . . . . .       | 150 |
| Esci d'inganno, ó Nice ; io non t'adoro . . . . .   | 147 |
| Este é o rio, a montanha é essa . . . . .           | 106 |
| Estes braços, Amor, com quanta gloria . . . . .     | 120 |
| Estes os olhos são da minha amada . . . . .         | 118 |
| Eu cantei, não o nego, eu algum dia . . . . .       | 138 |
| Eu ponho esta sanfona ; tu, Palemo . . . . .        | 107 |
| Fatigado da calma se acolhia . . . . .              | 108 |
| Faz a imaginação de um bem amado . . . . .          | 116 |
| Formosa é Daliana ; o seu cabelo . . . . .          | 108 |
| Formozo, e manso gado, que pascendo . . . . .       | 110 |
| Guarda, ó tronco, este funelre letreiro . . . . .   | 227 |
| Ha quem confie, Amor, na segurança . . . . .        | 124 |
| Já me enfado de ouvir este alarido . . . . .        | 134 |
| Já rompe, Nize, a matutina Aurora . . . . .         | 138 |
| Ingrata foste, Eliza ; eu te condemno . . . . .     | 135 |
| Injusto Amor, se de teu jugo izento . . . . .       | 123 |
| Junto desta corrente contemplando . . . . .         | 143 |
| Lêa a posteridade, ó patrio Rio . . . . .           | 103 |
| Lembrado estou, ó penhas, que algum dia . . . . .   | 132 |
| Memorias do presente, e do passado . . . . .        | 127 |
| Misera rimembranza che mai tenti ? . . . . .        | 147 |
| Morféo doces cadêas estendia . . . . .              | 123 |
| Musas, canoras Musas, este canto . . . . .          | 152 |
| Nada pôde escapar do golpe avaro . . . . .          | 233 |

|  |     |
|--|-----|
| Não de Tigres as testas descarnadas . . . . .        | 115 |
| Não ha no mundo fé, não ha lealdade. . . . .         | 141 |
| Não se passa, meu bem, na noite, e dia . . . . .     | 117 |
| Não te assuste o prodigio : eu, Caminhante. . . . .  | 135 |
| Não te cases com Gil, bella Serrana. . . . .         | 136 |
| Não vês, Lize, brincar esse menino . . . . .         | 125 |
| Não vês, Nize, este vento desabrido. . . . .         | 115 |
| Neste álamo sombrio, aonde a escura . . . . .        | 113 |
| Ninfas gentis, eu sou o que abrazado . . . . .       | 129 |
| Ninfas, que sobre a espuma prateada . . . . .        | 244 |
| Nize? Nize? onde estás? Aonde espera. . . . .        | 109 |
| Non lasciarmi, crudel ; quella, cb'io rendo. . . . . | 149 |
| Non ho valor, che basti ; io corro in vano. . . . .  | 146 |
| Non parlarmi d'amor, ingrata Nice . . . . .          | 148 |
| Onde estou ! Este sitio desconheço . . . . .         | 106 |
| Os olhos tendo posto, e o pensamento. . . . .        | 127 |
| Ou já sobre o cajado te reciines. . . . .            | 129 |
| Para cantar de Amor tenros cuidados . . . . .        | 103 |
| Parece, ou eu me engano, que esta fonte. . . . .     | 152 |
| Pastores, que levais ao monte o gado. . . . .        | 104 |
| Piedozos troncos, que a meu terno pranto . . . . .   | 143 |
| Polir na guerra o barbaro Gentio . . . . .           | 144 |
| Pouco importa, formozza Daliana . . . . .            | 107 |
| Quando cheios de gosto, e de alegria . . . . .       | 142 |
| Quando, formozza Nize, dividido . . . . .            | 121 |
| Que feliz fora o mundo, se perdida . . . . .         | 119 |
| Que inflexivel se mostra, que constante . . . . .    | 126 |
| Que molesta lembrança, que cançada . . . . .         | 128 |
| Que tarde nasce o Sol, que vagarozo. . . . .         | 134 |
| Quem cbora auzente aquella formozura . . . . .       | 122 |
| Quem deixa o trato pastoril, amado . . . . .         | 109 |
| Quem es tu ? Ai de mim ! Eu reclinado . . . . .      | 124 |
| Quem se fia de Amor, quem se assegura. . . . .       | 139 |
| Questo, che la mia Musa oggi a te rendi . . . . .    | 151 |
| Se á memoria trouxeres algum dia. . . . .            | 137 |
| Se este tronco adorado dos Pastores . . . . .        | 199 |
| Se os poucos dias, que vivi contente . . . . .       | 118 |
| Se sou pobre Pastor, se não governo. . . . .         | 105 |
| Sombrio bosque, sitio destinado . . . . .            | 139 |

|   |     |
|---|-----|
| Sonha em torrentes d'agoa o que abraçado. . . . .   | 114 |
| Sorpreso de cosi sonori accenti . . . . .           | 146 |
| Sou Pastor, não te nego; os meus moutados . . . . . | 104 |
| Sposi felici, per la vostra face . . . . .          | 145 |
| Toda a mortal fadiga adormecia . . . . .            | 110 |
| Torno a ver-vos, ó montes; o destino . . . . .      | 133 |
| Traidoras horas de enganozo gosto . . . . .         | 126 |
| Tu, Ninfa, quando eu menos penetrado . . . . .      | 130 |
| Tu, sonora corrente, fonte pura. . . . .            | 114 |
| Valha-te Deos, cansada fantazia. . . . .            | 132 |

## EPICEDIOS

|   |     |
|---|-----|
| I. — A' morte do Senhor Conde de Bobadella. . . . . | 153 |
| II. — A' morte de Salicio. . . . .                  | 165 |
| III. — A' morte de um Amigo . . . . .               | 170 |

## ROMANCE HEROICO

|  |     |
|--|-----|
| Ao Senhor Jozé Gomes de Araujo . . . . . | 173 |
|--|-----|

## FABULA

|                                |     |
|--------------------------------|-----|
| Do Ribeirão do Carmo . . . . . | 180 |
|--------------------------------|-----|

## ECLOGAS

|                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| III. — Albano . . . . .             | 204 |
| XIV. — Alcino. . . . .              | 296 |
| XII. — Amarillis . . . . .          | 267 |
| X. — Angelica. . . . .              | 253 |
| V. — Aruncio. . . . .               | 228 |
| XV. — Beliza, e Amarillis . . . . . | 301 |
| XI. — Dalizo . . . . .              | 257 |
| VI. — Eulino. . . . .               | 235 |
| VII. — Fido . . . . .               | 240 |
| II. — Fileno . . . . .              | 201 |
| XVIII. — Franceliza . . . . .       | 315 |

INDICE

351

|   |     |
|---|-----|
| IX. — Laura . . . . .                     | 247 |
| XX. — Lira. . . . .                       | 321 |
| XVII. — Lize . . . . .                    | 311 |
| IV. — Lysia. . . . .                      | 223 |
| I. — Os <b>Maioraes</b> do Tejo . . . . . | 188 |
| XVI. — Pescadores. . . . .                | 306 |
| VIII. — Polifemo. . . . .                 | 245 |
| XIII. — Silvio. . . . .                   | 288 |
| XIX. — Vida do campo. . . . .             | 319 |

EPISTOLAS

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| I. — Alcino a Fileno . . . . .    | 324 |
| III. — Dalizio a Salicio. . . . . | 330 |
| V. — Eurillo a Alcido . . . . .   | 337 |
| II. — Fileno a Alcano. . . . .    | 327 |
| IV. — Melizo a Salicio. . . . .   | 333 |
| VI. — Silvio a Alcano . . . . .   | 340 |

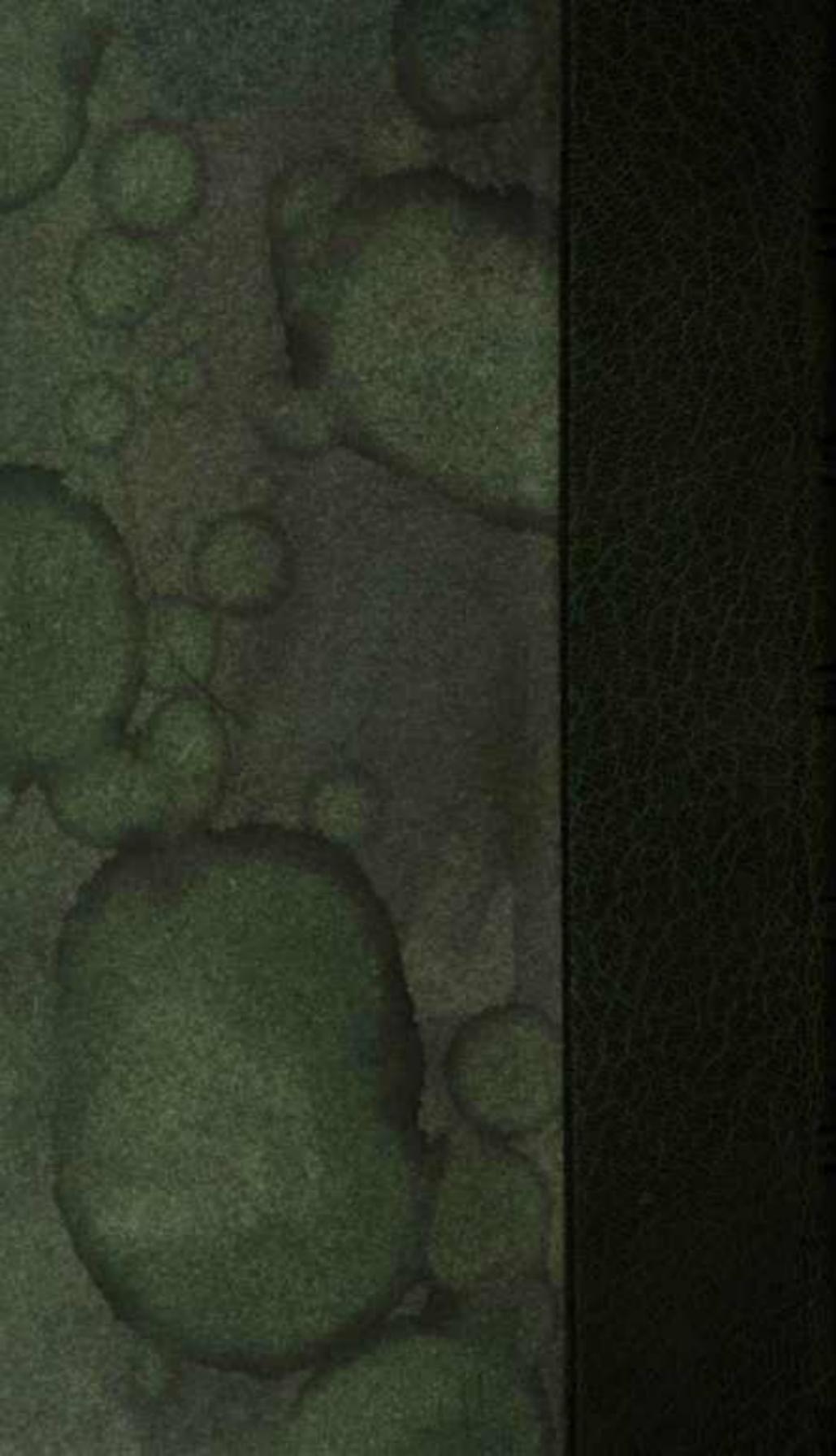
---











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).